

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

RODRIGO FILETO CUERCI MACIEL

**A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PELA ANÁLISE DE
INTELIGÊNCIA NA CRISE DOS MÍSSEIS DE CUBA**

Belo Horizonte

2013

RODRIGO FILETO CUERCI MACIEL

**A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PELA ANÁLISE DE INTELIGÊNCIA NA
CRISE DOS MÍSSEIS DE CUBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Gestão da Informação e do Conhecimento

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta Macedo Kerr Pinheiro

BELO HORIZONTE

2013

Maciel, Rodrigo Fileto Cuerci.

M152c A construção do conhecimento pela análise de inteligência na
Crise dos Mísseis de Cuba [manuscrito] / Rodrigo Fileto Cuerci
Maciel. – 2013.
188 f. : il., enc.

Orientadora: Marta Macedo Kerr Pinheiro.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Escola de Ciência da Informação.
Referências: f. 178-188.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Serviço de inteligência –
Estados Unidos – Teses. 3. Política informacional – Teses. I. Título.
II. Pinheiro, Marta Macedo Kerr. III. Universidade Federal de Minas
Gerais, Escola de Ciência da Informação.

CDU: 355.40



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

"A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PELA ANÁLISE DE INTELIGÊNCIA NA
CRISE DOS MÍSSEIS DE CUBA"

Rodrigo Fileto Cuerci Maciel

Dissertação submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de **"mestre em Ciência da Informação"**, linha de pesquisa **"Gestão da Informação e do Conhecimento"**.

Dissertação aprovada em: 30 de agosto de 2013.

Por:

Prof. Dra. Marta Macedo Kerr Pinheiro - Profa. Aposentada - ECI/UFMG
(Orientadora)

Prof. Dra. Priscila Carlos Brandão - FAFICH/UFMG

Prof. Dra. Cátia Rodrigues Barbosa - ECI/UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI

Prof. Renata Maria Abrantes Baracho Porto
Coordenadora

Versão final Aprovada por

Prof. Marta Macedo Kerr Pinheiro
Orientadora



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE **RODRIGO FILETO CUERCI MACIEL**,
matrícula: 2011710663

Às 14:00 horas do dia 30 de agosto de 2013, reuniu-se na Escola de Ciência da Informação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 23/08/2013, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **A construção do conhecimento pela análise de inteligência na Crise dos Mísseis de Cuba**, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Gestão da Informação e do Conhecimento. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Marta Macedo Kerr Pinheiro, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

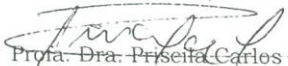
Profa. Dra. Marta Macedo Kerr Pinheiro - Orientadora	APROVADO
Profa. Dra. Priscila Carlos Brandão	APROVADO
Profa. Dra. Cátia Rodrigues Barbosa	APROVADO

Pelas indicações, o candidato foi considerado APROVADO. A banca destaca a relevância e o mérito do trabalho e indica a dissertação para concorrer aos prêmios de melhores dissertações da UFMG, CAPES e ENANCIB.


O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2013


Profa. Dra. Marta Macedo Kerr Pinheiro
Profa. Aposentada - ECI/UFMG


Profa. Dra. Priscila Carlos Brandão -
FAFICH/UFMG


Prof. Dra. Cátia Rodrigues Barbosa
ECI/UFMG


Prof(a) Renata Maria Alvares Paracho Porto
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.

AGRADECIMENTOS

No desenvolvimento de uma dissertação de mestrado passamos muito tempo sozinhos. A interação com outros colegas e professores durante as aulas, e de maneira mais próxima com a orientadora da pesquisa, concentra um tempo desproporcionalmente menor se comparado com aquele que gastamos individualmente com leituras, redação de textos e autorreflexão.

Se não tomarmos cuidado quando envolvidos em atividades desse tipo, seremos iludidos. Inclinaremos-nos ao egocentrismo, pois passamos a achar que realmente podemos fazer tudo solitariamente e sem depender de ninguém. Mas ao terminar a dissertação nos damos conta que durante toda a jornada diversas pessoas estiveram ao nosso lado, apoiando e participando, cada qual a sua maneira. Então, superado o risco da ilusão da autossuficiência, chegamos à conclusão que o projeto só foi possível porque estas pessoas estavam lá, tornando-o não apenas viável, mas acima de tudo, prazeroso.

Dessa forma, gostaria de começar agradecendo a companhia e orientação acadêmica de Marta Pinheiro, não apenas pelas devidas correções epistemológicas, mas, principalmente, por incutir perguntas tão necessárias à reflexão.

Aos meus pais, Daniel e Vera, e minha irmã, Raquel, pelo carinho nunca ausente, e pelo apoio diante da minha mudança de residência, saindo do norte e chegando ao sul do país, fazendo com que o processo fosse menos traumático e não afetasse o andamento da pesquisa.

Aos grandes amigos e colegas de trabalho Henrique Silva, Rodrigo Gesteira, Rodrigo Porto e Vladimir Brito com os quais tive o prazer de aprender muitas coisas relativas à prática da inteligência e por se tratarem de pessoas cujo exemplo me impulsionou na busca de conhecimento acadêmico.

Também não posso esquecer o apoio que recebi dos Peritos Oficiais em impressões digitais do Núcleo de Identificação da Polícia Federal em Santa Catarina, Gabriel, Medrano, Müller, Nazareno e Sabrina. Somente com a flexibilização do horário de trabalho que esses colegas viabilizaram foi possível o deslocamento para a cidade de Belo Horizonte para defender a dissertação diante da banca avaliadora.

Por fim, gostaria de afetuosamente agradecer o apoio dado por Amorina, a qual apareceu na minha vida no desenvolvimento do trabalho e que trouxe, com seu carinho e atenção, a leveza e serenidade necessária não somente para a conclusão da dissertação, mas para a condução da vida.

“Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.”

Charles Chaplin¹

¹ O grande ditador. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=LfbTYhX6Dqs>

RESUMO

A presente pesquisa estuda a atividade de análise de inteligência que consiste na construção de conhecimento sobre um ator adverso ao Estado. Para isso, aborda-se a prática da atividade nos Estados Unidos de modo a perceber suas características principais desde a Segunda Guerra Mundial. Parte-se da premissa que a análise de inteligência nesse país baseou seus métodos nos parâmetros positivistas de ciência, de forma que para uma melhor consideração de como se desenvolve atualmente, propôs-se estudá-la a partir dos parâmetros da epistemologia científica. Para isso, foi observado como se deu o desenvolvimento da análise de inteligência na crise dos mísseis de Cuba de 1962 de forma a reconstruir os procedimentos de coleta, tratamento e análise de informação, e perceber se crenças e pressupostos afetaram a produção analítica. Verificou-se então que a concepção positivista de ciência demandou que todas as informações fossem processadas antes que chegassem aos profissionais responsáveis pela elaboração de análises estratégicas, o que atrasou o fluxo informacional. Da mesma forma, a concepção positivista bloqueou a formulação de novas hipóteses para a questão. Além disso, as pré-concepções estavam presentes e influenciaram a produção analítica, entretanto, elas não foram explicitadas ou questionadas já que a formulação teórica da análise de inteligência advogar que os analistas se mantivessem livre delas.

Palavras-chave: serviço de inteligência; inteligência governamental; análise de inteligência; construção do conhecimento; Estados Unidos, União Soviética, Cuba.

ABSTRACT

This present research investigates the practice of intelligence analysis, which consists of the construction of knowledge related to any player who can possibly be acting against the State. For such, the intelligence analysis in the United States of America was approached as a means to understand its major characteristics. The present work found that intelligence analysis in the U.S. has based its methods on the positivist parameters of science. Therefore, to better understand how it functions nowadays, intelligence analysis was studied according to the parameters of scientific epistemology. Thus, the development of the U.S intelligence analysis practiced during the Cuban Missile Crisis in 1962 was investigated in order to reconstruct the procedures of collection and analysis of information, and also to verify whether beliefs and assumptions affected analytical production. As a result, it was noted that the positivist conception of science determined that every piece of information should be first processed and only then sent to the personnel in charge of strategic analysis. Such procedures delayed the information flow. Likewise, the positivist conception blocked the formulation of new hypotheses throughout the event. Moreover, beliefs and assumptions were actually present and affected analytical production. However, they were neither made explicit nor questioned because the theoretical formulation of intelligence analysis advocated that the analyst must not be influenced by beliefs or assumptions.

Keywords: intelligence service; government intelligence; intelligence analysis; knowledge construction; United States of America, Soviet Union, Cuba.

Lista de Figuras

Figura 1: Crise dos mísseis de Cuba	17
Figura 2: Pirâmide de acumulação para se chegar ao saber	21
Figura 3: Ciclo de inteligência proposto pelo FBI	29
Figura 4: Relação sujeito-objeto.....	35
Figura 5: Processo de conhecimento humano do mundo empírico.....	38
Figura 6: Inteligência e a captação de imagens do mundo exterior	58
Figura 7: Pirâmide do Conhecimento de Sherman Kent	74
Figura 8: Palavras formando pensamento e vice-versa	86
Figura 9: Pirâmide de construção de conhecimento de George Pettee.	94
Figura 10: Ciclo de inteligência-comando-ação de Pettee	96
Figura 11: Posição de míssil SAM em construção em fotografia tirada pelo avião U2 em 29 de agosto de 2013.....	114
Figura 12: Navio carregando caixas com dimensões para carregar fuselagem de bombardeiros soviéticos.....	116
Figura 13: Rotas de sobrevoo do U2 em Cuba	118
Figura 14: Fotografia do U2 do comboio perto de Los Palacios.....	120
Figura 15: O segundo míssil nuclear ofensivo em Cuba	121
Figura 16: Local com míssil nuclear IRBM em processo de implementação.	122
Figura 17: Alcance dos mísseis soviéticos instalados em Cuba	123
Figura 18: Quantidade estimada de material entregue para Cuba.....	129
Figura 19: Insígnias de unidades militares Soviéticas em Cuba	146
Figura 20: Método indireto para análise de propaganda	160

Lista de Quadros

Quadro 1: estimativas nacionais de inteligência analisadas	104
Quadro 2: comunicações diplomáticas analisadas.....	106
Quadro 3: Pontos considerados pela NIE e por McCone	143
Quadro 4: Confrontação entre os paradigmas	164

Lista de Abreviaturas

BNE	–	Board of National Estimates
CI	–	Ciência da Informação
CIA	–	Central Intelligence Agency
COI	–	Coordinator of Information
DCI	–	Director of Central Intelligence
EUA	–	Estados Unidos da América
FBI	–	Federal Bureau of Investigation
FEA	–	Foreign Economic Agency
ICAF	–	Industrial College of the Armed Forces
ICBM	–	Intercontinental Ballistic Missile
LOC	–	Library of Congress
MIT	–	Massachusetts Institute of Technology
MRBM	–	Medium-Range Ballistic Missile
NDRC	–	National Defense Research Comittee
NIB	–	National Intelligence Board
NIC	–	National Intelligence Council
NIE	–	National Intelligence Estimates
NPIC	–	National Photographic Interpretation Center
NSC	–	National Security Council
OSS	–	Office of Strategic Services
OSRD	–	Office of Scientific Research and Development
OTAN	–	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PDB	–	President Daily Brief
R&A	–	Research and Analysis Branch
SAM	–	Surface-to-Air Missile
SNIE	–	Special National Intelligence Estimate
U2	–	Avião de reconhecimento em alta altitude
URSS	–	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	POLÍTICA DE INFORMAÇÃO DO ESTADO E INTELIGÊNCIA	20
2.1	ELEMENTOS DA ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA.....	28
2.2	NÍVEIS DE APLICAÇÃO.....	32
3	CONHECIMENTO, CIÊNCIA E INTELIGÊNCIA	34
3.1	ACESSO AO CONHECIMENTO ATRAVÉS DA CIÊNCIA	41
3.1.1	<i>Concepção positivista de ciência</i>	42
3.1.2	<i>Concepção paradigmática</i>	44
4	O PARADIGMA DA INTELIGÊNCIA	50
4.1	ORIGENS PARADIGMÁTICAS	51
4.2	DIMENSÃO METÓDICA.....	56
4.2.1	<i>A relação com a política</i>	57
4.2.2	<i>Modelo teórico para manipulação da informação e construção de conhecimento</i>	67
4.2.3	<i>Dimensão cosmológica</i>	74
4.3	CONTRAPONTO PARADIGMÁTICO DE GEORGE PETTEE	83
4.3.1	<i>Concepção disciplinar e a relação com o tomador de decisão</i>	95
5	ESTUDO DE CASO: A CRÍSE DOS MÍSSEIS DE CUBA EM 1962	100
5.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	103
5.2	O MODO PELO QUAL A INTELIGÊNCIA COLETOU E PROCESSOU INFORMAÇÕES	106
5.3	O SOBREVOO E O DESCOBRIMENTO DOS MÍSSEIS.....	114
5.4	A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO PELA ANÁLISE DE INTELIGÊNCIA	123
5.4.1	<i>Estimativas nacionais de inteligência de 1960 a agosto de 1962</i>	125
5.4.2	<i>Estimativa Nacional de Inteligência de 19 de setembro de 1962.</i>	131
5.5	A INTENÇÃO PARA A INSTALAÇÃO DOS MÍSSEIS	143
5.5.1	<i>A defesa de Cuba</i>	147
5.5.2	<i>Política da Guerra Fria</i>	148
5.5.3	<i>Poder dos mísseis</i>	150
5.5.4	<i>A questão de Berlim</i>	152

5.6	CONCLUSÕES ANALÍTICAS SOBRE A CRISE DOS MÍSSEIS DE CUBA	157
6	CONCLUSÃO	165
7	REFERÊNCIAS	178

1 INTRODUÇÃO

O trabalho atual tem como parâmetro pesquisa realizada em 2010². No estudo buscou-se descrever a inteligência de estimativa, atividade promovida por agências de segurança específicas do governo estadunidense tendo em vista a coleta, processamento e análise de informações para construção de conhecimento voltado para ação e formulação política na área de segurança. Embora os parâmetros gerais da atividade possam ser transpostos para assessoramento informacional em outras áreas, como na atividade policial, nos Estados Unidos, especificamente, inteligência de estimativa significa auxílio ao processo decisório do mais alto nível governamental nas questões internacionais que envolvam algum grau de conflito (MACIEL, 2010).

A inteligência de estimativa é um dos produtos analíticos da inteligência estratégica. É voltada preponderantemente para a produção de conhecimento sobre o futuro, de modo que uma ação governamental possa intervir nos eventos para que esses sejam favoráveis ou menos ameaçadores. A inteligência de estimativa depende, portanto, de outros tipos de conhecimentos: a) elementos básicos descritivos que dizem respeito ao passado; b) informações correntes que tratam das alterações cotidianas dos eventos.

O processo de produção dos documentos formais nos quais são registrados os conhecimentos produzidos engloba a participação de diversas agências da comunidade de inteligência dos Estados Unidos de modo que nenhuma percepção ou informação disponível e que seja relevante para uma dada questão seja desconsiderada.

Deste modo, tratar da inteligência de estimativa como ponto de chegada de todos os esforços da comunidade de inteligência apresentou um panorama de como funciona nos Estados Unidos a atividade de *análise de inteligência*. Porém, a limitação da pesquisa anterior é que ela se mostrou altamente descritiva e dogmática. Ou seja, se traçou o “que é” a atividade e “como” ela funcionava.

Tal limitação apresentou algumas dificuldades quando se abordou novamente o tema *análise de inteligência* nesse trabalho. As amarras naturalmente criadas aos fatores já conhecidos não permitiam uma maior reflexão sobre o tema e

² MACIEL, Rodrigo Fileto Cuerci. *Inteligência de Estimativa: a experiência estadunidense*. Monografia (Especialização em Inteligência de Estado e Inteligência de Segurança Pública). Escola Superior do Ministério Público de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

novas considerações sobre como a atividade de inteligência coletava e analisava informações para a produção do conhecimento. Além do mais, a descrição de um objeto, muitas vezes, não leva em conta os processos pelos quais ele passou até tomar a forma atual e dessa maneira acredita-se que ele sempre foi da maneira que é apresentado.

Entretanto, alguns *insights* foram absorvidos gradualmente ao longo do curso de mestrado que ampliaram os horizontes do pesquisador e forneceram as ferramentas analíticas necessárias para, através do contraste, realçar elementos da análise de inteligência cuja história passara despercebida e cuja função não estaria tão bem identificada.

O principal deles foi a questão do método científico em si. Existiria algum método a ser afirmado como o verdadeiro e apropriado para o progresso da ciência? Ao se perceber que não existe consenso sobre métodos e o que é a ciência dentro da comunidade científica, passou-se a indagar se não haveria discordâncias dentro da comunidade de inteligência de como esta deveria funcionar no que diz respeito ao modo de tratar e analisar as informações.

É importante ressaltar que durante a Segunda Guerra Mundial, inúmeros cientistas sociais migraram para a atividade de inteligência nos EUA para produzir conhecimento sobre as capacidades e intenções dos inimigos. Após a guerra, a *análise de inteligência* se institucionalizou naquele país e tomou contornos profissionais ao absorver pessoas que haviam prestado serviços anteriormente. E o principal argumento era de que a adaptação do método científico para a inteligência efetuaría uma sistematização no processo de análise de informações além de garantir a necessária objetividade no trato com o mundo exterior. A partir dessa constatação questiona-se: se existe emprego de métodos científicos na área de inteligência, que métodos são aplicados? A inteligência em seus aspectos dogmáticos – tratado no trabalho anterior desse pesquisador – poderia ser outra caso fosse baseada em um método científico diferente? Daí então que, ao invés de tomar como ponto de partida o trabalho anterior, teria que se voltar às suas origens para entender qual concepção científica embasou os processos de análise de inteligência e como isso se refletiu no tratamento e percepção da informação.

Deste modo, inicia-se a presente pesquisa a partir da Segunda Guerra Mundial. Porém, não somente a atividade de inteligência foi influenciada por este conflito, mas muito da sociedade atual é resultado dos esforços empreendidos pelos

países beligerantes para prevalecerem perante aos demais. Foi quando o Estado se aliou à ciência para produzir armas inovadoras e mais destrutivas de forma a propiciar surpresa ao adversário a cada combate. Nos Estados Unidos, Vannevar Bush foi um dos personagens centrais na coordenação da comunidade científica para o esforço de guerra. Seu trabalho *As we may think* propôs uma série de questões a serem pensadas tendo em vista a organização para a rápida recuperação de um manancial crescente de informação. Esse fator, o da inovação tecnológica, também apresentaria íntima relação com o modo de se pensar a análise de inteligência. Diante de um excesso informacional propiciado pelo avanço das técnicas de coleta de informações, o foco passou da busca dos segredos para a integração e avaliação conjunta de informações.

Utilizar-se-á então a concepção paradigmática de ciência para estabelecer os principais elementos da análise de inteligência de forma a consolidá-los dentro do conceito de *paradigma da inteligência*, o qual teria seu nascedouro na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e se consolidado durante a Guerra Fria (1945-1991). Um paradigma por sua vez, pressupõe uma visão de mundo adjacente, e esta foi dada por uma cosmologia específica, compartilhada pelos integrantes do governo estadunidense, incluindo os profissionais da inteligência, que consistiria numa visão ideológica do mundo de forma a estabelecer critérios para se definir quem seriam os aliados e adversários, e serviria como um modelo interpretativo dos eventos, o qual ditou o modo de agir dos governos estadunidenses perante a União Soviética. Dessa forma, para ressaltar os elementos do *paradigma da inteligência*, será feita uma avaliação a partir de um estudo de caso: a crise dos mísseis de Cuba de 1962.

Deste modo, o problema de pesquisa pode ser formulado através da seguinte pergunta: de que forma o paradigma da inteligência influenciou a construção de conhecimento na Crise dos Mísseis de Cuba de 1962?

Para construir uma resposta para esta pergunta tomam-se como pressupostos norteadores dois fatores que influenciaram os julgamentos realizados pela inteligência estadunidense: a) um método científico específico que determinaria os procedimentos de coleta e análise de informações, bem como a formulação e verificação de hipóteses sobre um dado evento futuro; b) concepções de mundo abstratas ditariam o modo pelo qual fenômenos concretos seriam ordenados seletivamente, suas conectividades lógicas e como interpretá-los.

Sendo assim, o objetivo geral é perceber a influência do paradigma da inteligência na análise de inteligência na crise dos mísseis de Cuba. Tentar-se-á alcançá-lo cumprindo os seguintes objetivos específicos:

1. Definir o conceito de inteligência para os propósitos deste estudo;
2. Descrever as partes do ciclo de inteligência;
3. Descrever os principais eventos relativos à crise dos mísseis de Cuba de 1962;
4. Delimitar o conceito de conhecimento;
5. Definir o conceito de ciência em suas concepções positivistas e paradigmáticas;
6. Reconstruir a dimensão metódica e cosmológica do paradigma da inteligência;
7. Reconstruir o paradigma de inteligência alternativo;
8. Analisar o método científico empregado na coleta de informações, formulação e verificação de hipóteses no estudo de caso proposto;
9. Analisar a visão de mundo subjacente às interpretações das informações no estudo de caso proposto.

Antes de justificar o presente estudo, faz-se necessário responder a uma pergunta: por que tomamos os Estados Unidos como exemplo paradigmático? Existem três motivos principais: o primeiro é porque é a maior potência bélica e com o maior aparato de inteligência da atualidade (CEPIK, 2003). Em números, o orçamento aprovado para ser gasto em 2012 sob a rubrica do *Programa Nacional de Inteligência* foi de cinquenta e cinco bilhões de dólares (ODNI, 2011). Para se ter uma noção comparativa do montante envolvido, cabe citar que o total de gastos militares do Brasil em 2011 foi de trinta e um bilhões de dólares (SILVA FILHO; MORAES, 2012).

Por último, de caráter pragmático, diz respeito a grande disponibilidade de documentos oficiais desclassificados e disponibilizados ao público em geral pela *internet* e pelo acesso a material bibliográfico produzido por profissionais da análise de inteligência daquele país. Em relação aos documentos, avaliar-se-á neste trabalho as estimativas nacionais de inteligência, documentos produzidos pela comunidade de inteligência estadunidense que registram o conhecimento das

agências numa dada situação internacional. Já com relação às fontes bibliográficas, têm-se as produções de Sherman Kent (1967; 1994) e Kenneth Absher (2009), personagens que participaram diretamente da produção analítica na crise dos mísseis de Cuba. Não se pode deixar de destacar também a extensa pesquisa realizada por Allison e Zelikow (1999) sobre o evento em questão bem como sobre as hipóteses sobre a intencionalidade da União Soviética para a instalação dos mísseis nucleares.

Para se compreender a escolha desse tema, será traçado um breve histórico profissional do pesquisador. São oito anos de experiência na atividade de análise de inteligência dentro do Departamento de Polícia Federal do Brasil participando de atividades de investigação policial e inteligência estratégica em Manaus e interior do Amazonas. Logo, foi criado um círculo pessoal que congregou um pequeno grupo de profissionais que perceberam que um salto de produtividade só seria possível caso à prática se agregasse conhecimento crítico-teórico sobre a atividade de inteligência. Dessa forma, o que se iniciou com encontros informais para discussões de textos acadêmicos ganhou novo fôlego quando se passou a procurar formação acadêmica. Ou seja, de certo modo, o presente estudo extrapola o aspecto individual e pode ser tomado como uma busca conjunta de profissionais para estabelecer novos parâmetros de discussão da atividade de inteligência no cenário nacional.

Sendo assim, os esforços aqui empregados apreendem as duas primeiras prescrições realizadas por Hall e Citrenbaum (2010, p. 39, tradução nossa³):

Primeiro, o analista individualmente é responsável por seu desenvolvimento pessoal como pessoa, não como parte de um time. Isto significa que na maioria do tempo ele tem que aprender gastando seu próprio tempo. Depois, analistas de inteligência devem repetidamente, porém de forma gradual, acessar escolas e colégios para avançar seu treinamento e educação individualmente e em grupo. Finalmente, ele deve ter uma vibrante, contínua, e organizado programa de treinamento e educação em sua unidade ou organização.

Deste modo, a busca pela produção acadêmica, além de promover treinamento pessoal, visa explicitar conhecimento e apresentar novas reflexões, bem

³ First, the individual analyst is responsible for their intellectual development as a person, not as a part of a team. This means most of the time they have to learn on their own time. Next, intelligence analysts must have repeated but graduated access to schools and colleges for advanced individual and team training and education. Finally, they must have a vibrant, continuous, and organized training and education program in their unit or organization.

como o retorno crítico aos profissionais de inteligência que estejam envolvidos nas tarefas cotidianas de análise de informações. Naturalmente, os Estados Unidos não são apresentados como um modelo, sua estrutura e processos não são um ponto de chegada, mas sim, um meio para entender algumas nuances sobre a inteligência que possam estar passando despercebidas para os profissionais brasileiros.

A atividade de inteligência poderia ser trabalhada a partir de diversos enfoques. Dilemas a respeito da ameaça que os órgãos de inteligência acometem à privacidade dos cidadãos numa sociedade democrática podem render estudos na Ciência Política. Do mesmo modo, a partir da psicologia pode se estudar perfis profissiográficos necessários e que devem ser aperfeiçoados aos integrantes de um determinado órgão. Entretanto, a aproximação epistemológica do presente estudo se dá através da Ciência da Informação. A CI possui um campo disciplinar em evolução, mas, mais ou menos estável na inteligência competitiva que aborda também a coleta, tratamento e análise de informações pelas empresas no processo de criar sentido sobre o seu ambiente externo. Buscar-se-á assim formular as características do paradigma da inteligência e perceber como ele influenciou a percepção e interpretação das informações no estudo de caso proposto.

Após esta introdução, no capítulo 2 será estabelecida a definição geral de inteligência como atividade mediadora de informação para um usuário. Porém, esse conceito será delimitado para que atenda o propósito de abordar a atividade informacional realizada por agências do Estado de modo a diminuir a incerteza nos conflitos com os quais ele se depara no campo das relações internacionais. Serão pontuados então os elementos principais a partir do *ciclo de inteligência* e os níveis de aplicação conforme as informações apoiem ações do nível tático, operacional ou estratégico. Aqui será traçada uma visão dogmática, ou seja, os conceitos estáveis que se apresentam a partir da visão estadunidense do que seria a atividade.

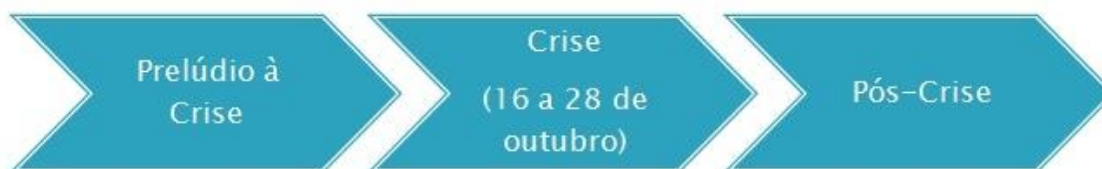
No capítulo 3 serão abordadas as questões relativas ao conhecimento humano. No que ele consiste? Uma fiel representação da realidade ou simples reflexo da mente humana a partir de estímulos externos? Algumas correntes de pensamento filosóficas que perpassam a questão da possibilidade do ser humano apreender a realidade exterior e o papel dos sentidos na captação de estímulos externos serão abordadas. Uma das formas de se entender a realidade nos é dada pela ciência, de forma que serão abordadas duas concepções divergentes no

subcapítulo 3.1: a concepção positivista e a concepção paradigmática de ciência. Cada uma apresenta diferentes métodos para lidar com a realidade.

A partir da segunda concepção, no capítulo 4 será reconstruído o paradigma da inteligência desde suas origens na Segunda Guerra Mundial até os elementos que se encontram mais ou menos estáveis até os dias atuais. Esse consistiu em elementos metódicos que ditaram procedimentos de como a atividade deveria tratar e analisar as informações. Em paralelo, avaliar-se-á também a parte metafísica do paradigma, que delimita a visão de mundo e interpretação das conexões por parte da inteligência durante a Guerra Fria. Fechando o capítulo, será abordada a concepção paradigmática alternativa dada por George Pettee, que embora tenha origens comuns, não teve a mesma influência que o paradigma vigente junto aos profissionais e acadêmicos da área.

O capítulo 5 trata dos procedimentos metodológicos. Esta pesquisa se apoiará no método qualitativo aplicado ao estudo de caso no intuito de perceber aspectos característicos e relevantes, consonantes com os objetivos propostos, que afetaram a percepção e interpretação das informações, bem como as conclusões analíticas efetuadas pela inteligência dos Estados Unidos na crise dos mísseis de Cuba de 1962. Este foi um evento crítico no cenário mundial da Guerra Fria que colocou as duas maiores potências nucleares, Estados Unidos e União Soviética, perto da confrontação nuclear.

Figura 1: Crise dos mísseis de Cuba



FONTE: elaborada pelo autor

A crise dos mísseis de Cuba pode ser didaticamente classificada nas três fases descritas na figura 1. O prelúdio tem início em maio de 1962 quando o premiê da União Soviética (URSS), Nikita Khrushchev assinou a ordem para instalação dos mísseis nucleares ofensivos em Cuba. Em agosto de 1962 os Estados Unidos passaram a identificar a construção de mísseis antiaéreos (SA-2 ou SAM) de alta tecnologia na época e capazes de atingir um avião U-2, que voava em grandes

altitudes. No dia 08 de setembro, o primeiro míssil nuclear adentrou em território cubano, porém, só foi descoberto pelos Estados Unidos no dia 14 de outubro de 1962.

O período da crise propriamente dita se inicia no dia 16 de outubro de 1962 quando o presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, foi avisado pelo Assistente de Segurança Nacional McGeorge Bundy da existência dos mísseis nucleares em Cuba. No dia 22 de outubro, John Kennedy envia uma carta para Khrushchev avisando-o que já sabia da existência dos mísseis nucleares e que faria um pronunciamento televisivo sobre tal constatação naquela noite bem como anunciaria também um bloqueio naval em Cuba para que mais nenhum artefato militar adentrasse na ilha. Após diversas tratativas entre esses chefes de Estado, no dia 28 de outubro Khrushchev anunciou que iria retirar os mísseis de Cuba, encerrando-se a crise dos mísseis de Cuba.

Naturalmente, mesmo sobre esse evento em específico, várias abordagens podem ser empregadas que resultarão em conhecimentos para as mais diversas áreas do saber. Entretanto, em consonância com os objetivos propostos, será feito um recorte sobre a crise dos mísseis de Cuba sob o enfoque do papel informacional, a partir das estimativas nacionais de inteligência produzidas até o momento em que foram descobertos os mísseis nucleares. Tal escolha se dá pelo fato de que embora os frequentes desembarques soviéticos em Cuba estivessem sendo acompanhados pela comunidade de inteligência, foi publicada uma *Estimativa Nacional de Inteligência* no dia 19 de setembro de 1962 com a conclusão de que era improvável que ocorresse o emprego de mísseis nucleares ofensivos já que a União Soviética teria receio de elevar as tensões com os Estados Unidos.

Sendo assim, o processo político que originou a decisão dos Estados Unidos em efetuar um bloqueio naval ao invés de uma invasão na ilha de Cuba, embora relevante para entender as tensões envolvidas na ocasião que quase se desdobraram numa guerra nuclear de grandes proporções, por exemplo, não serão tratados neste trabalho, bem como outros aspectos da crise dos mísseis de Cuba.

A análise do presente estudo de caso recairá em dois pontos: primeiramente, a partir da dimensão metódica, será reconstruído o processo através do qual as agências de inteligência dos Estados Unidos coletaram e processaram informações para que essas chegassem ao escritório nacional de estimativas, órgão responsável pela elaboração de julgamentos formais sobre as possibilidades futuras

dos eventos do mundo exterior. Em seguida, serão verificadas quais foram os procedimentos para formulação e verificação de hipóteses.

A outra dimensão abordada será a cosmológica. Este termo abrange pressupostos e crenças de como o mundo funciona, que podem ou não ter embasamento factual, mas que devido à racionalidade humana limitada são utilizados nos julgamentos analíticos promovidos pela atividade de inteligência. Tentar-se-á assim extrair as premissas factuais envolvidas nos julgamentos e a maneira pela qual elas delimitaram a interpretação das informações na crise dos mísseis de Cuba.

2 POLÍTICA DE INFORMAÇÃO DO ESTADO E INTELIGÊNCIA

Procurar-se-á, neste capítulo, uma definição dogmática do que se entende por inteligência numa perspectiva estadunidense, ou seja, quais os contornos teóricos gerais que se amoldam e definem a atividade nos dias de hoje. Antes, porém, uma aproximação do termo será efetuada à maneira pela qual ele é comumente utilizado na Ciência da Informação.

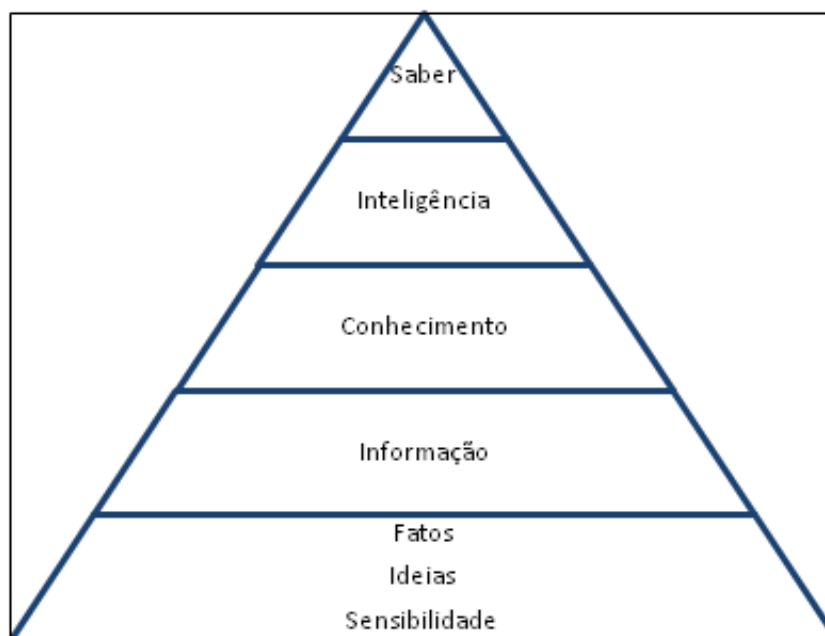
O termo inteligência é utilizado em diversas disciplinas, sendo ainda comum a formação de expressões a partir da combinação com outros vocábulos. Pode ser utilizada na psicologia levando-se em conta as habilidades cognitivas de um indivíduo, por exemplo. Será descartado assim o seu sentido polissêmico, procurando abordar o seu uso na CI.

Barreto (2006) discorre do sentido de inteligência como um fluxo estruturado obtido a partir de agregações sucessivas de fatos, ideias, informação e conhecimento. Para ele, inteligência é a ação de introduzir dinamicamente:

[...] um conhecimento assimilado na realidade, que pode ser caracterizada como uma ação social, política, econômica ou técnica e representa um conjunto de atos voluntários pelo qual o indivíduo reelabora seu mundo e tenta modificar o seu espaço (BARRETO, 2006, p. 05-06).

Ilustrando essa assertiva, Barreto elabora uma pirâmide, na qual, ao se subir de nível, agregam-se camadas analíticas.

Figura 2: Pirâmide de acumulação para se chegar ao saber



Fonte: BARRETO, 2006, p. 05

O conceito aplicado ao campo empresarial gera estudos teóricos e empíricos de conformação da disciplina “inteligência competitiva” entendida como:

[...] processo sistemático de coleta, tratamento, análise e disseminação da informação sobre atividades dos concorrentes, fornecedores, clientes, tecnologias e tendências gerais dos negócios, visando subsidiar a tomada de decisão e atingir as metas estratégicas da empresa (ROEDEL, 2006, p. 77-78).

Já na sociologia de organizações complexas, Wilensky (1967) aborda quatro problemas fundamentais que merecem a atenção dos administradores. Um desses é a inteligência⁴ que concerne no problema de “coletar, processar, interpretar e comunicar as informações técnicas e políticas necessárias no processo de tomada de decisão” (WILENSKY, 1967, p. 05). Em seu trabalho, Wilensky não faz diferenciação se esta atividade está sendo exercida na esfera pública ou privada, ou se na área econômica ou de segurança, por exemplo. A preocupação do autor era explicar as barreiras sociais que emperram o fluxo informacional, ou diminuem a qualidade da informação relacionada ao processo decisório, num sentido amplo.

⁴ Os outros três são: escolha de metas e objetivos, controle e inovação.

Ou seja, de maneira geral, pode-se entender inteligência como uma atividade de refinamento informacional através da qual se realiza a coleta e tratamento de dados e informações brutas para que se realize a síntese do mundo exterior de maneira palatável ao processo decisório, pois, pelo contrário, um tomador de decisão estaria inapto para a ação devido ao excesso informacional. É o que Almeida Júnior (2008, p. 41) chama de *mediação da informação* considerada como a ação do profissional da informação “direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional”.

O papel de mediação é necessário num ambiente de excesso informacional devido ao princípio da racionalidade limitada proposto por Herbert Simon (1997). Segundo este estudioso, o ator racional procura maximar seus resultados sopesando os meios menos custosos para alcançar seus objetivos. Deste modo, a tarefa da decisão racional consistiria em listar todas as alternativas possíveis, a consequência de cada uma delas e as avaliações comparativas entre cada conjunto de consequências. Porém, Simon afirma ser impossível que um indivíduo possa realizar tal tarefa, pois não consegue avaliar todas as nuances envolvidas devido às restrições cognitivas do homem. Desta forma, a racionalidade limitada advém do fato que o tomador de decisão selecionará somente aqueles fatores proximamente conectados com o assunto em questão.

Embora estas considerações gerais se apliquem ao objeto de estudo desta dissertação, o propósito desse estudo é abordar a inteligência como atividade mais restrita. Não será tratada toda e qualquer atividade governamental ou empresarial que coleta e analisa informações objetivando a mediação do processo decisório, mas a que subsidia ações específicas na arena em que o Estado conflita com outros atores internacionais.

Tratar-se-ia de um subdomínio da política de informação do Estado, que como tal, busca promover meios de vantagem e de defesa informacional perante outros atores. Para entender o que são políticas de informação, cabe referência ao trabalho de Sandra Braman (2006) no qual são estabelecidas as relações entre informação, política e poder. Este último é descrito pela autora como um composto de quatro facetas: instrumental, estrutural, simbólico e informacional. O primeiro está associado ao uso da força física quando utilizada para moldar o comportamento humano por aquele que a exerce. Já o poder estrutural regula o mundo social

através das regras e instituições. Conformar o comportamento através da manipulação de palavras e imagens é característica do poder simbólico. Este é também chamado de poder brando por Joseph Nye (2012). E por fim, o informacional age sobre a manipulação das bases informacionais das outras formas de poder, alterando como eles são exercidos e modificando a natureza de seus efeitos (BRAMAN, 2006).

Adicionada às formas tradicionais de poder, a faceta informacional incrusta-se e dilui-se nas outras. O poder informacional para Braman (2006) está relacionado ao surgimento do Estado Informacional, o qual se utiliza do “controle sobre a informação para produzir e reproduzir lócus de poder e para gravar áreas autônomas de influência dentro do ambiente em rede”⁵ (BRAMAN, 2006, p. 36, tradução nossa). As ações deste tipo de Estado seriam categorizadas dentro do escopo da política de informação, que num sentido amplo do termo, segundo a autora, comportaria todas as leis e regulações que lidam com alguns dos aspectos relacionados à cadeia de produção da informação.

Torna-se importante nos tempos atuais entender esta nova faceta do poder estatal já que as relações conflituosas entre os Estados não seriam mais definidas estritamente pelos fatores bélicos (embora eles ainda sejam um fator importante na equação). Isto porque “em uma era da informação, as estratégias das comunicações tornam-se mais importantes, e os resultados são moldados não somente por qual exército vence, **mas também por de quem é a história que vence**” (NYE, 2012, p. 42, grifos nossos).

Dentro do conceito de política informacional pode-se categorizar então, de forma não exaustiva, quatro subdomínios que se encontram relacionados ao exercício do poder estatal num contexto ambiental de conflito político na esfera internacional junto a outros Estados e atores transnacionais.

- a) Infraestrutura informacional: tratam-se dos dispositivos e objetos físicos, assim como usuários e fluxos que os estados dispõem e regulam para trafegar informações públicas e privadas;

⁵ Informational states use control over information to produce and reproduce loci of power and to carve out areas of autonomous influence within the network environment.

- b) Inovação tecnológica: conjunto de medidas tendo em vista a produção científica, e o fluxo dessa informação para alavancamento tecnológico de bens e serviços, de uso civil e militar, para o desenvolvimento da sociedade em geral e superação bélica dos outros atores, respectivamente;
- c) Identidade: manipulação de símbolos e sinais tendo em vista a coesão ideológica e formação de uma identidade nacional;
- d) Inteligência: dupla finalidade no campo informacional. A primeira se detém nas ações voltadas para a coleta de informações sobre os adversários, numa relação com a arena do *poder coercitivo*, para posteriormente serem produzidos conhecimentos acerca de tendências futuras do cenário conflitivo e subsidiando a ação. O objetivo é aumentar a racionalidade das decisões dos agentes políticos nas questões afeitas à segurança nacional. Em segundo lugar, no campo do *poder simbólico*, saindo de um papel consultivo para o campo das ações tipicamente informacionais, as agências de inteligência têm intervindo decisivamente através do emprego de agentes de influência e operações de mídia para moldar o comportamento dos entes através do convencimento e persuasão. Para que seja eficiente, o receptor da ação deve pensar que está agindo por sua vontade sem que tenha conhecimento da manipulação (BRITO, 2011).

Deste modo, entende-se a inteligência como política informacional *stricto sensu*, ou seja, um subdomínio dentro de um conjunto maior de políticas de informação do Estado. Neste trabalho, nos limitaremos a estudar a atividade a partir de sua função de assessoramento ao processo decisório.

Sendo assim, estabelecidas as aproximações teóricas necessárias e o seu posicionamento dentro da política informacional do Estado, transfere-se o foco à revisão de literatura sobre o que se entende pelo termo inteligência.

Dentro dos limites teóricos aqui propostos, Sherman Kent (1967) concebeu que ao termo inteligência podem ser atribuídos três significados. O primeiro é referente aos tipos de conhecimentos buscados, ou seja, aos assuntos tratados numa situação concreta de conflito na arena internacional que demandam um estudo. O segundo, diz respeito às organizações e, por consequência, as

respectivas divisões funcionais e hierárquicas do Estado moderno cujo objetivo é otimizar a coleta, processamento e análise de informação a qual servirá como base para construção dos conhecimentos. Por fim, o terceiro, trata-se das próprias atividades desempenhadas pelas organizações tendo em vista a consecução de seus objetivos dentro do sistema (KENT, 1967).

Por sua vez, Robert Clark (2006) discorre que inteligência é sobre um conflito e dá apoio informacional à operações militares, negociações diplomáticas, políticas e comerciais no estrangeiro e aos órgãos de repressão penal. De maneira similar, Schmitt e Shulsky (2002) argumentam que inteligência se refere à “[...] informações relevantes para formulação e implementação da política nas áreas de interesse da segurança nacional bem como lida com ameaças de atuais ou potenciais adversários”⁶ (SCHMITT; SHULSKY, 2002, p. 01, tradução nossa).

Torna-se então que a tendência é de que os alvos da inteligência não sejam cidadãos do próprio país. Neste sentido, Michael Herman (1996) escreveu que “[...] a maioria dos alvos são estrangeiros. [...] Inteligência é sobre ‘eles’, não sobre ‘nós’. Ela não é auto-conhecimento”⁷ (HERMAN, 1996, p. 34, tradução nossa). Entretanto, por vezes, as ameaças trespassam as fronteiras do Estado e agem dentro do território nacional e em cooperação com seus cidadãos, o que poderá demandar ações dos órgãos de inteligência dentro de seu próprio território. Mesmo assim, esses alvos puramente domésticos, “compartilham a condição de ‘outro’ aos olhos do arcabouço constitucional e da ordem política constituída” (CEPIK, 2003, p. 29).

Desta forma, pode-se arriscar uma generalização, os alvos da inteligência serão iminentemente estrangeiros havendo restrição para o acompanhamento e registro das atividades dos cidadãos do próprio país. Tal prescrição teórica vem acompanhada de diretrizes que restringem acesso à dados de cidadãos estadunidenses.

As Diretrizes incorporam alguns desses aspectos, impedindo o FBI de manter arquivos em atividade não relacionados com a atividade criminosa. Este aspecto das Diretrizes tem sido interpretado pelo Departamento de Justiça no contexto de outras leis que governam as preocupações com a privacidade dos cidadãos. Especificamente, a Lei de Privacidade estabelece que a Agência Federal não manterá "nenhum registro descrevendo o exercício de direitos individuais

⁶ Intelligence refers to information relevant to a government's formulation and implementation of policy to further its national security interests and to deal with threats from actual or potential adversaries.

⁷ (...) most of its targets are foreign. (...) Intelligence is about 'them', not 'us'; it is not self-knowledge.

garantidos pela Primeira Emenda, a menos que expressamente autorizado" a fazê-lo. Além disso, o *Privacy Act* e o *Freedom of Information Act* fornecem certos direitos de acesso aos registros e exigem que as agências federais apresentem uma lista das bases de dados que as agências mantêm (PANNER, 2012, p. 13)⁸.

Embora hajam tais diretrizes, teóricas e legislativas, há que se fazer uma ressalva pois ao longo da consolidação de seu sistema de inteligência desde a Segunda Guerra Mundial, houve ações por parte das agências que redundaram na investigação e no armazenamento de dados de cidadãos estadunidenses. Na década de 60, por exemplo, o *Federal Bureau of Investigation* chegou a armazenar 432.000 arquivos de indivíduos ou grupos do Partido Comunista Americano ou afiliados à agremiações de esquerda. Depois deste fato, junto com a instalação indevida de escutas por ex-agentes da CIA⁹ no comitê do partido Democrata a mando do presidente Nixon, foi criada uma comissão de investigação do Senado Federal para apurar tais irregularidades. Desde então há uma comissão permanente do Senado dos Estados Unidos para fiscalizar a atividade de inteligência (BRITO, 2009). Depois do atentado de 11 de setembro regras para monitoramento de alvos, ainda que cidadãos estadunidenses, foram flexibilizadas, caso haja indício de ligação com terroristas estrangeiros.

Dessa forma, ainda que a inteligência tenha como mandamento teórico, dentro de uma sociedade democrática, se ater ao acompanhamento de questões internacionais e o monitoramento de ameaças estrangeiras, as considerações acima apontam que o limite interno/externo não é tão claro e dependerá do contexto histórico e político de determinada época¹⁰.

Depois dessa breve explanação sobre o conceito de inteligência que será trabalhada ao longo desse estudo, cabe apontar ainda duas características delimitadoras. A primeira, que se desdobra pelo ambiente em que a atividade está envolta, de conflito entre atores estatais e transnacionais, no qual a informação é um

⁸ The Guidelines incorporate some aspects of these regulations by, among other things, preventing the FBI from maintaining files on activity not related to criminal activity, beyond a conventional reference library.²⁸ This aspect of the Guidelines has been interpreted by the Department of Justice in the context of other laws that govern privacy concerns of citizens. Specifically, the Privacy Act sets out that a Federal Agency shall maintain "no record describing how any individual exercises rights guaranteed by the First Amendment unless expressly authorized" to do so.²⁹ Moreover, the Privacy Act and the related Freedom of Information Act both provide certain access rights to records (limited by law enforcement needs) and require federal agencies to file a list of the databases that the agencies maintain.

⁹ Outra medida para resguardar a privacidade dos cidadãos estadunidenses é proibição imposta à CIA de agir em território dos Estados Unidos. As atividades de inteligência de segurança ficam a cargo do FBI cujas ações mais intrusivas devem ter autorização judicial.

¹⁰ Um fato bem recente nesse sentido diz respeito aos vazamentos de informações promovidos pelo ex-analista da CIA, Edward Snowden, os quais indicam um amplo programa de monitoramento efetuado pela National Security Agency sobre as comunicações globais (internet), mesmo àquelas que envolvam cidadãos dos Estados Unidos.

diferencial competitivo, é o aspecto do segredo governamental. Conhecer os planos dos adversários antes que estes tomem a forma de ações possibilita ao Estado a realização de contramedidas, seja no campo diplomático angariando aliados políticos ou então no campo bélico através de medidas defensivas ou plano de contingências. Assim, inerente à atividade estão associados os métodos de coleta de informações sem cooperação ou consentimento do lado adverso (CEPIK, 2003, p. 27).

Outra característica é posta a partir de sua dimensão analítica com capacidade explicativa e/ou preditiva (CEPIK, 2003, p.28). Como apontamos anteriormente, inteligência pode ser entendida como a função de coletar e analisar informações realizada por qualquer organização. Um exemplo disso é a Shell no início da década de 1970, quando seus executivos utilizaram o “conhecimento sobre a possibilidade de uma escassez de petróleo para iniciar inovações que o ajudaram a resistir à crise (do aumento de preços que ocorreu em 1973)” (CHOO, 2003, p. 58)¹¹.

Entretanto, as análises de inteligência emitidas pelas organizações estatais se diferenciam das realizadas por outras organizações, não apenas pela existência de informações “secretas”, mas pela necessidade de se manter em segredo as próprias políticas governamentais, já que estas podem ser inferidas por um adversário caso observe o interesse do Estado por determinado assunto. Além disso, busca-se evitar embaraços diplomáticos. Vejamos isso com um caso exposto por Thomas Fingar (2011) sobre a criação de um produto analítico acerca de mudanças globais (ODNI, 2008)¹².

O assunto por si só, não seria objeto da inteligência, e a própria elaboração deste documento contou com inúmeros profissionais de ciências

¹¹ Pierre Wack e outros planejadores da Shell, ao examinarem detidamente a situação do petróleo, verificaram que alguns sinais apontavam para o crescimento do preço, tais como: a) esgotamento das reservas americanas, acompanhado de um crescente aumento da demanda; b) dependência no fornecimento de petróleo dos países membros da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), que detinham grande parcela da produção mundial; e c) o descontentamento destes países com a política dos Estados Unidos em apoiar Israel depois da Guerra dos Seis Dias (ocorrida entre árabes e israelenses). Estabelecidas estas premissas foram elaborados dois cenários, explicando detalhadamente as variáveis que caso ocorressem, determinariam as ações a serem empreendidas no caso de um acontecimento ou outro. Ao compararem as duas, os planejadores da Shell compreenderam que os árabes tinham motivos para aumentarem o preço do petróleo, sendo a única incerteza, o momento em que isso seria feito. Avaliaram que tal evento teria como data provável o ano de 1975, quando antigos acordos acerca do preço do petróleo seriam renegociados. O preço do petróleo subiu em outubro de 1973 após a guerra de Yom Kippur no Oriente Médio. Por ter pensando antes sobre esta hipótese e levá-la em consideração em seu planejamento, a Shell respondeu rapidamente à crise dos preços de petróleo e durante os anos seguintes, saiu da última posição entre as sete maiores empresas de petróleo do mundo, passando a ser uma das maiores e, talvez, a que tenha apresentado os maiores lucros na ocasião (SCHWARTZ, 2004, p. 18-19).

¹² O produto analítico em questão é intitulado de *National Intelligence Assessment on the National Security Implications of Global Climate Change to 2030*. Disponível em: <http://www.fas.org/irp/congress/2008_hr/062508fingar.pdf>. Acesso em 13 out. 2012.

climáticas estranhos às organizações de inteligência e seu resultado contou com informações científicas não secretas¹³. Porém, o que foi determinante para a requisição de um estudo deste tipo por parte do Congresso estadunidense para o *National Intelligence Council* foi o fato de incluir a geopolítica internacional e ação governamental externa como variável de estudo. De forma que o questionamento passou a ser o seguinte: como os efeitos das mudanças climáticas, mecanismos governamentais de enfrentamento, movimentos populacionais e outros fatores podem afetar os Estados Unidos e seus interesses?

Na ocasião, Thomas Fingar, presidente do *National Intelligence Council* foi contrário à criação de uma versão deste documento de livre acesso ao público. O produto analítico gerado não continha informações classificadas, porém, não é a existência dessas que condiciona a restrição de acesso, sendo suas duas principais razões as seguintes: a) evitar desgaste diplomático entre os Estados Unidos e os países que participaram da avaliação, mas com menor capacidade de lidar com os efeitos das mudanças climáticas; e b) que o produto analítico iniciasse a emigração de pessoas moradoras dos países onde se previa impactos que iriam além da habilidade dos governos locais em lidar com o problema (FINGAR, 2011)¹⁴.

Este exemplo por sua vez, é compatível com entendimento de Cepik (2003, p. 30) de que as fronteiras analíticas da inteligência, junto a outras atividades governamentais correlatas, precisam ser traçadas “em relação a alguma conexão com a relevância dos conteúdos analisados para os processos de decisão governamental em política internacional, defesa nacional e provimento de ordem pública”.

2.1 Elementos da atividade de inteligência

Para destacar os principais elementos da atividade de inteligência, torna-se necessário destacar seu *regime de informação* (FROHMANN, 1995, tradução nossa¹⁵), ou seja, a forma mais ou menos estável de seu sistema, no qual “as

¹³ Para estabelecer uma linha científica, especialistas do *Joint Global Change Research Institute* (JGCRI) foram questionados acerca de quais países e regiões seriam severamente afetados pelas mudanças climáticas até 2030. Em seguida, buscou-se a assistência da *Columbia University's Center for International Earth Science Information Network* (CIESIN) para levantar dados específicos de escassez de água, vulnerabilidade climática, dentre outros, para estabelecer como tais efeitos seriam sentidos em cada país e região específica.

¹⁴ Não obstante a posição contrária de Thomas Fingar o relatório foi desclassificado. O autor atribui tal procedimento a disputas políticas entre Republicanos e Democratas.

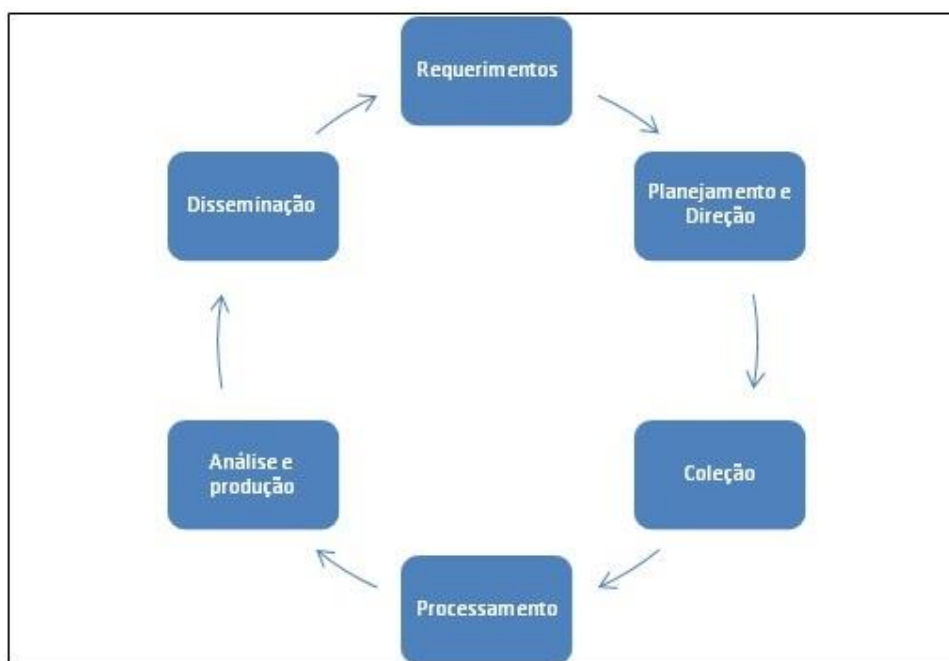
¹⁵ information flows through determinable channels from specific producers, via specific organizational structures, to specific consumers or users a régime of information.

informações fluem através de determinados canais e produtores, via estruturas organizacionais específicas, para consumidores específicos”.

Um modelo que descreve satisfatoriamente para os nossos propósitos o regime de informação da atividade é o *ciclo de inteligência*. Este, porém, deve ser considerado como uma metáfora e não necessariamente como a representação de um modelo real de um sistema de inteligência existente. Mesmo assim, ele se torna uma simplificação útil já que explicita os principais elementos da atividade (CEPIK, 2003; CLARK, 2006).

O modelo que se adotou como referência é aquele proposto pelo FBI o qual contempla cinco fases descritas na figura abaixo:

Figura 3: Ciclo de inteligência proposto pelo FBI



Fonte: FBI (2009).

Esse estudo não tem a pretensão de realizar uma descrição exaustiva de todos os elementos. Considera-se que isso foi feito de maneira minuciosa nos trabalhos de Brito (2011) e Cepik (2003). Porém, será feita uma breve explanação para pontuar a posição em que se encontra a etapa de *análise e produção* cujo entendimento será aprofundado no capítulo 04 quando o paradigma da inteligência e o estudo de caso serão tratados.

A etapa de *requerimentos* é aquela na qual são identificadas as necessidades informacionais do tomador de decisão atreladas à área de segurança. De acordo com Miranda (2006) esta surge da falta de sentido percebida nas situações enfrentadas, causando uma lacuna que se busca preencher com o uso de informações. Os requerimentos nem sempre serão redigidos na forma de questões específicas, cabendo então aos próprios profissionais da inteligência traduzirem as necessidades em proposições para ações de coleta e de busca. Deste modo, o requerimento possuiu muito mais a forma de autorização do que de mandamento.

A fase de *planejamento e direção* é necessária pelo fato de que mesmo o maior aparato de inteligência do mundo, como é o caso dos Estados Unidos, não possui capacidade para monitoramento de todo o globo terrestre. Além do mais, como será comentado mais a frente, o excesso informacional pode travar o processo decisório. Torna-se importante então que sejam traçadas diretrizes com os assuntos a serem tratados pela inteligência e planos de coleção e análise para atendimento das questões mais importantes da agenda da ação e formulação política.

A fase de *coleção especializada* absorve entre 80% e 90% dos recursos da área de inteligência investido pelos países centrais do sistema internacional (CEPIK, 2003). Trata-se da coleta de dados brutos a partir de disciplinas especializadas que por vezes envolvem agências cuja única finalidade é o desenvolvimento tecnológico em determinada ferramenta de monitoramento do mundo exterior. No jargão estadunidense, tais disciplinas são descritas a partir do acrônimo *int* que segue o radical referente à coisa que é fonte da informação de modo que se pode traçar aqui o paralelo com o conceito de *informação como coisa* de Buckland (1991). As principais disciplinas são:

- a) *Humint*: oriunda de fontes humanas sendo a mais barata e mais antiga fonte de informação. Engloba tanto as atividades relacionadas com a espionagem propriamente dita, quando se busca o recrutamento de uma pessoa que tenha acesso a segredos do ator adverso, ou então, a coleta sistemática de informações de pessoas que tenham uma relação subsidiária com o processo decisório do ator alvo, tais como refugiados, desertores ou turistas;
- b) *Sigint*: obtida através da interceptação de sinais comunicacionais sendo divididas em duas categorias: *sinais comunicacionais (comint)* cujo objetivo é

a decodificação e tradução das mensagens; e sinais eletrônicos (*elint*) que consistem nos sinais eletromagnéticos não comunicacionais que possam identificar as características e localização geográfica de equipamentos militares do ator adverso;

c) *Imint*: a inteligência de imagens é aquela na qual informação sobre o terreno, instalações e/ou equipamentos são obtidas através de imagens. Principalmente após a Segunda Guerra Mundial, sofisticados sistemas de fotografias aéreas e monitoramentos de satélites foram desenvolvidos aumentando o potencial de informações nesta área. Como serão abordados no estudo de caso, os mísseis nucleares da União Soviética em solo cubano foram descobertos através de fotografias tiradas pelo avião U2;

d) *Osint*: inteligência de fontes abertas consiste na busca de documentos que não possuem restrição de segurança, tais como publicações acadêmicas registro de patentes, além de monitoramento de mídias televisivas e rádio. Hoje em dia, o monitoramento da rede mundial de computadores (*internet*) aumentou ainda mais o volume informacional dessa disciplina.

Saindo da fase da coleção de dados brutos, se segue o *processamento* destes na forma de torná-los disponíveis aos analistas. Desta forma, são realizadas ações de decodificações das mensagens comunicacionais, traduções de materiais em línguas estrangeiras, e relatórios com os resultados do monitoramento tecnicamente especializado, tais como sinais eletrônicos.

Análise e produção é o processo pelo qual a atividade de inteligência busca integrar as informações oriundas das diversas fontes de coleta tendo em vista avaliá-las, sintetizá-las, e construir conhecimento e reflexão sobre os assuntos que afetam a segurança nacional. Esta fase possui paralelos com a pesquisa científica, entretanto, além das questões de sigilo envolvidas, possui lapso temporal pouco controlado pelo analista.

A última fase é a *disseminação* através da qual os produtos analíticos chegam ao tomador de decisão. Diferente do que a impressão gerada pela metáfora do ciclo de inteligência, nem toda informação/conhecimento chegam ao tomador de decisão passando pela fase da análise. Por exemplo, informações que demandem ação imediata, como por exemplo, imagens de satélites que dispõem sobre o

ordenamento das tropas inimigas num campo de batalha podem ir diretamente para o comandante do local.

Embora seja uma explicação sucinta sobre o ciclo de inteligência, será possível ver como se sucedeu a interação destes elementos de modo a compor um regime de informação da atividade no momento em que se abordará o estudo de caso e a forma como as informações fluíram entre o mundo exterior e o escalão político.

2.2 Níveis de aplicação

Para finalizar esta descrição teórico-dogmática da inteligência, serão expostas algumas considerações sobre os níveis de aplicação dos conhecimentos produzidos pela atividade. Assim como a metáfora do ciclo de inteligência, as categorizações a seguir são modelos teóricos que ajudam a entender a atividade e racionalizar a produção analítica, entretanto, não apresentam limites rigidamente definidos. Deste modo, Clark (2006) realiza uma categorização com base no espectro do conflito subdividindo a atividade em inteligência estratégica, operacional e tática.

A inteligência estratégica lida com questões de longo alcance. O lapso temporal tende a ser de longo prazo e abrange assuntos que tenham um alto impacto e mereçam atenção, formulação política e ação do mais alto escalão governamental. É conhecimento que propiciará ao Estado saber de como é composto o exército adversário e qual a estrutura do sistema econômico de outro país, por exemplo. Os assuntos tratados por esta esfera geralmente se mantêm como alvos por um longo período de tempo, como foi o caso da União Soviética durante a Guerra Fria.

Já a inteligência operacional diz respeito ao conhecimento fornecido para a realização de operações contra alvos específicos. Sendo assim, é necessário saber as forças e fraquezas do adversário para que a ação, seja ela militar, política, econômica ou informacional, seja eficiente com relação aos fins propostos.

Já a inteligência tática, está intimamente ligada com o aparato de coleta e objetiva o acompanhamento, se possível em tempo real, dos alvos escolhidos pelos outros dois espectros de conflito. Trata-se, por exemplo, da vigilância de um

terrorista através da interceptação de suas comunicações ou pelo monitoramento de sua movimentação via imagens de satélite.

Como se verá no estudo de caso da crise dos mísseis de Cuba de 1962, o espectro do conflito não apresenta limites muito claros, ou seja, a transição de um para outro está longe de ser algo plenamente discernível. Por exemplo, a União Soviética, suas capacidades e movimentações políticas ao longo do globo terrestre era um assunto de nível estratégico que merecia importante atenção da comunidade política e de inteligência. Quando houve a revolução cubana em 1959, esta também passou a ser um assunto estratégico devido sua aliança ao bloco comunista, de forma que foi instaurada a Operação Mongoose para desestabilizar o regime político recém-instaurado o que demandou então informações do nível operacional por parte dos planejadores da ação. No momento em que se acentuaram os embarques militares da União Soviética para Cuba, os três níveis se mesclam já que havia a preocupação de que estavam sendo instalados mísseis nucleares que poderiam afetar o balanço estratégico de força entre os soviéticos e os Estados Unidos. Demandou-se ainda uma operação de acompanhamento e monitoramento dos desembarques aliados e sobrevoo sobre Cuba para a identificação de mísseis.

3 CONHECIMENTO, CIÊNCIA E INTELIGÊNCIA

Ao se estabelecer a conceituação do termo inteligência para os propósitos deste trabalho, posiciona-se esta atividade entre o mundo exterior e o tomador de decisão cuja capacidade cognitiva impõe limitações à sua racionalidade. Desta forma, a inteligência realizará o papel de mediação entre a realidade e o indivíduo responsável pela ação fornecendo conhecimento sobre as relações empíricas que se sucedem para que as ações alcancem resultados com o emprego dos meios menos custosos.

Esta explanação geral contém alguns elementos que precisam de um melhor esclarecimento de forma que se procurará estabelecer parâmetros mínimos sobre o que se considera por conhecimento e informação. Porém, o entendimento de que tais vocábulos são construções teóricas, intrinsecamente relacionadas, cuja conceituação se altera de acordo com o ponto de vista do observador ou da prática informacional. Por vezes pode-se pensar a informação como sendo um objeto. Em outros momentos, informação pode estar denotando algo que está na mente de um sujeito cognoscente prestes a ser comunicada, confundindo-se assim com a própria noção de conhecimento.

Esta distinção problemática é abordada por Valentim (2008) que evita “separar informação e conhecimento, visto que um alimenta o outro, ou seja, é um processo dual necessário para a evolução do sujeito.” (VALENTIM, 2008, p.20). Assim irá se estabelecer a relação entre estes termos como resultado de um processo *continuus et intermittenium*, ao mesmo tempo em que atribui-se à inteligência, a finalidade de produzir conhecimento, criar *insights* sobre questões afeitas à segurança nacional do Estado, ou seja, uma função epistemológica voltada para atividades reais.

Mas o que significa conhecer algo? Conhecer alguém? Tais indagações são decorrências naturais da própria natureza reflexiva dos homens e das mulheres, e desde a filosofia desenvolvida na Grécia antiga, as teorias sobre o conhecimento consistiam em diálogos, princípios e pressupostos materiais e transcendentais deste mundo. Porém, as reflexões epistemológicas sobre o conhecimento da antiguidade e da idade média só conduziram à fundamentação conceitual na Idade Moderna, precisamente em 1690 com o filósofo inglês John Locke, com sua obra *An Essay Concerning Human Understanding* (HESSEN, 2012).

Considerando os aspectos fenomenológicos para se trabalhar o conceito de conhecimento, há que se pressupor a existência, e principalmente a relação, entre um *sujeito* cognoscente e um *objeto*, quando o primeiro apreenderia as determinações do segundo. Neste processo, o objeto continua transcendente e não é absorvido pelo sujeito, pois a relação é entre a cognição, o pensamento deste com as *imagens* daquele. Neste sentido, Johannes Hessen (2012) ensina:

O objeto é o determinante, o sujeito é o determinado. É por isso que o conhecimento pode ser definido como uma determinação do sujeito pelo objeto. Não é porém o sujeito que é pura e simplesmente determinado, mas apenas a imagem, nele, do objeto. A imagem é objetiva na medida em que carrega consigo as características do objeto. Diferente do objeto, ela está, de um certo modo, entre o sujeito e o objeto. Ela é o meio com o qual a consciência cognoscente apreende seu objeto (HESSEN, 2012, p. 21).

Figura 4: Relação sujeito-objeto



FONTE: Elaborada pelo autor

Desta forma, as principais questões circulam entre as incógnitas de termos ou a não capacidade de conhecer a real essência dos objetos coisas ou, de outro modo, se se estaria aprisionado à sua aparência. Ou então, qual o método próprio para a apreensão do conhecimento: se através da fé (conhecimento religioso), intuição ou através da razão (método científico). As posições são deveras antagônicas e sua discussão aprofunda com definições conclusivas e é campo controverso da Filosofia. Entretanto, passar-se-á por alguns pensamentos acerca deste assunto para ao final se estabelecer algumas diretrizes mínimas acerca do que se considera conhecimento para os propósitos deste estudo e o papel da inteligência no processo de mediação dele.

Heráclito, Parmênides e Demócrito, filósofos pré-socráticos, passaram a analisar a questão de como era o mundo e a natureza. O primeiro a tomava como um fluxo perpétuo de coisas e acontecimentos e adotava esse fluxo como resultado da harmonia dos contrários, e é da colisão dos entes antagônicos que surge sempre

um novo estado. Já Parmênides discordava de Heráclito por entender que só se pode pensar sobre aquilo que é imutável, não podendo discorrer daquilo que o é e que depois o deixa de ser. Desta forma, Parmênides pensa na dicotomia entre o pensar e o perceber. Este é direcionado pelos sentidos que captam estímulos do mundo em constante mudança, mas conhecer é pensar nos entes em suas identidades imutáveis. Por último, Demócrito, como filósofo da Escola da Pluralidade, articulou a teoria conhecida como o atomismo, discorrendo que a realidade é composta de substâncias mínimas e indivisas e que as características resultantes das infinitas combinações possíveis produzem a variedade de seres, suas mudanças e desaparecimentos as quais são percebidas pelos sentidos. Porém, “somente pelo pensamento poderíamos conhecer os átomos que são invisíveis para nossa percepção sensorial” (CHAUÍ, 2000, p. 138).

Comparando a filosofia desses três pensadores em relação ao conhecimento, tem-se que:

Demócrito concordava com Heráclito e Parmênides em que há uma diferença entre o que conhecemos através de nossa percepção e o que conhecemos apenas pelo pensamento; porém, diversamente dos outros dois filósofos, não considerava a percepção ilusória, mas apenas um efeito da realidade sobre nós (CHAUÍ, 2000, p.139)

Com relação à origem do conhecimento, a teoria filosófica ao longo do tempo vem oscilando sua ênfase entre estes polos. Assim, por um lado tem-se o *racionalismo* que adota o ponto de vista epistemológico no qual todo o conhecimento advém da mente humana e “os juízos baseados no pensamento, provindos da razão, possuem necessidade lógica e validade universal” (HESSEN, 2012, p. 49). No extremo oposto, verifica-se o *empirismo*, que determina a experiência como única (e limitadora) fonte do conhecimento.

Existem também concepções intermediárias que reconhecem a experiência como fornecedora de estímulos para os sentidos, mas que de outra forma, não negam o papel da mente humana para interpretar tais estímulos e capacidade para criar outros eminentemente abstratos.

Uma concepção intermediária sobre as fontes de conhecimento é dada por Schopenhauer (2005) que, tomando como base a doutrina de Immanuel Kant, concebeu o *mundo como representação*. Este é composto de duas metades inseparáveis: o sujeito e o objeto; a fonte de conhecimentos do *mundo como*

representação advém da captação de imagens representacionais dos objetos do mundo exterior, e também, da capacidade humana de fundamentar conhecimentos essencialmente racionais, cujo alicerce reside por si só no pensamento, como por exemplo, aqueles advindos da formulação lógica e matemática. Esta posição intermediária Hessen (2012) chama de *apriorismo*, a qual entende o pensamento ante a experiência nas formas da intuição: espaço e tempo. Estas formas, conectadas através do princípio da causalidade, e juntamente com este, são instrumentos possibilitadores da experiência e do conhecimento humano acerca da realidade empírica.

Kant considerava como vantagem de sua epistemologia não partir de “uma opinião preconcebida sobre a estrutura metafísica da realidade, mas abster-se de toda e qualquer hipótese metafísica” (HESSEN, 2012, p. 91). De um lado então estaria a representação, objeto da teoria do conhecimento, e de outro, a *coisa em si*. Schopenhauer (2005) não tomou este caminho e ligou as representações apreendidas pelos sujeitos do conhecimento aos efeitos de uma causa metafísica chamada de “*Vontade*”.

No mundo físico, segundo Schopenhauer (2005), os humanos constroem dois tipos de representações: as intuitivas e abstratas. As primeiras são aquelas oriundas dos estímulos do mundo exterior sobre os sentidos humanos. Entretanto, e este é um dos pontos principais para os nossos propósitos, Schopenhauer argumenta que tais representações só tomam sentido para o sujeito após a mediação do intelecto.

O que o olho, o ouvido e a mão sentem não é intuição; são meros dados. Só quando o entendimento passa do efeito à causa é que o mundo aparece como intuição, estendido no espaço, alterando-se segundo a figura, permanecendo em todo o tempo segundo a matéria, pois o entendimento une espaço e tempo na representação da MATÉRIA (SCHOPENHAUER, 2005, p. 54).

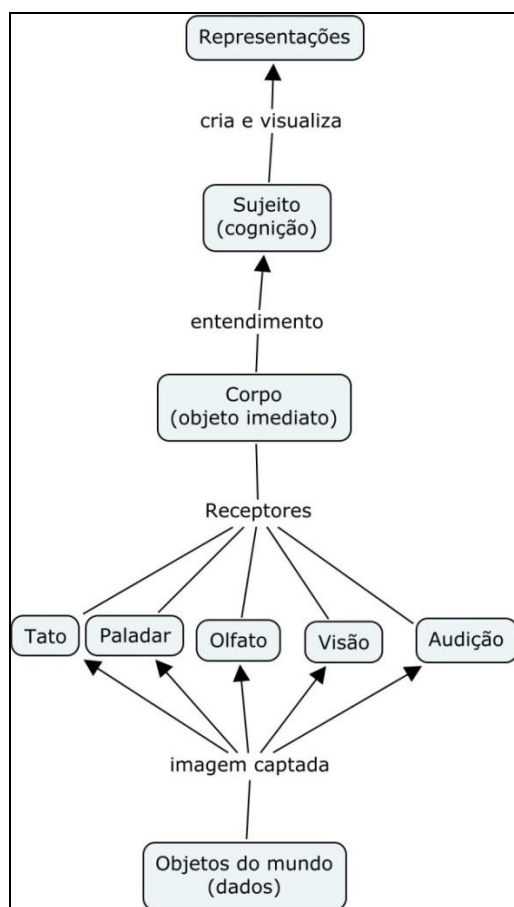
Dessa forma, no contexto do *mundo como representação*, as imagens intuitivas, advindas da experiência e produzidas pelos objetos materiais e por eles determinadas, sofreriam influências subjetivas. Estariam assim condicionadas tanto ao modo de captação sensorial (o corpo e seus sentidos) quanto ao pensamento¹⁶.

¹⁶ Para Schopenhauer, o termo representação possuiria ainda um significado. O mundo visível para ele seria uma representação, um fenômeno do mundo como *Vontade*, cuja lógica é justamente o incessante nascer e perecer, criar e destruir,

Mantendo assim a direção de determinação anteriormente proposta, do sujeito pelo objeto, podem-se agregar mais elementos ao processo de conhecimento advindos da experiência de modo a formar a Figura 5 que se encontra mais adiante.

Um ponto importante nesta consideração é a interação entre a mente e a percepção na formulação das representações. Por exemplo, se há fumaça no céu, e esta cria um efeito visual sobre a visão do sujeito, este imputaria sentido àquela representação e imaginaria que a causa seria fogo baseado em experiências passadas, ou seja, a partir de conteúdo previamente existente em seu pensamento.

Figura 5: Processo de conhecimento humano do mundo empírico



FONTE: elaborada pelo autor

entre as forças da natureza objetivadas como fenômeno da Vontade. "O cenário e o objeto dessa batalha é a matéria, que eles [entes do mundo] se empenham por arrebatar uns dos outros, bem como o espaço e o tempo, cuja união, pela forma da causalidade, é propriamente a matéria" (SCHOPENHAUER, 2005, p. 28). Não sem razão, Jair Barbosa aponta que o pano de fundo da filosofia Schopenhaueriana é o pessimismo metafísico, no qual a razão humana seria refém de uma Vontade promotora da autodiscórdia. Por sua vez, Schopenhauer reconhece o conhecimento humano do tipo racional discursivo (científico), porém o limita ao entendimento do mundo como representação. A chave da metafísica é obtida a partir do aprimoramento da visão espiritual (intuição) (HESSEN, 2012, p. 104; SCHOPENHAUER, 2005).

O segundo tipo de representações são as *abstratas*, tratando-se daquelas produzidas pela mente humana através da formação de conceitos, que poderão ser “*catalogados*” a partir das representações intuitivas, ou seja, reflexo do mundo natural captado e absorvido na mente humana, ou então, articulados a partir de regras fundamentadas na própria razão. Neste ponto, Schopenhauer faz uma diferenciação. Enquanto ao primeiro grupo de representações o filósofo atribui à capacidade de captação por todos os animais, já com relação às representações abstratas diz ser um elemento do conhecimento tipicamente humano, e é a sua existência que condiciona a capacidade do homem de se comunicar. Isto porque o que é captado pelos órgãos sensoriais não é comunicável, pois diz respeito ao presente e ao *entendimento* individualizado de cada ser. Entretanto, os conceitos podem ser articulados através da linguagem e transferidos para outros seres humanos.

Schopenhauer (2005, p. 113) argumenta ainda que as representações *abstratas* venham a ser tipicamente o objeto do conhecimento científico já que “todo conhecimento elevado *in abstracto* à consciência, está para a CIÊNCIA propriamente dita como uma parte está para o todo”.

Essa nova consciência, extremamente poderosa, reflexo abstrato de todo intuitivo em conceitos não intuitivos da razão, é a única coisa que confere ao homem aquela clareza de consciência que tão decisivamente diferencia a sua da consciência do animal e faz o seu modo de vida tão diferente do de seus irmãos irracionais. De imediato o homem os supera em poder e sofrimento. Os animais vivem exclusivamente no presente; já ele vive ao mesmo tempo no futuro e no passado. Eles satisfazem as necessidades do momento; já ele cuida com preparativos artificiais do seu futuro, sim, cuida do tempo em que ainda não vive (SCHOPENHAUER, 2005, p. 83).

Adicionar-se-ia ainda que o papel principal da ciência, nesse processo de construção do conhecimento humano, seria justamente a articulação entre as representações empíricas com as abstratas. Um racionalista entenderia que a articulação científica seria teórica por natureza e que o mundo exterior seria um mero desdobramento. Um empirista, pelo contrário, daria maior ênfase no que fora observado e que todo conhecimento criado somente seria válido se as proposições científicas obtivessem correspondência imediata com o empírico. Na posição, intermediária o empírico e o pensamento se articulariam conjuntamente, numa via de mão dupla.

Além destes dois tipos de representações, que englobariam o conhecimento do mundo visível, existiria um pressuposto formal, ou seja, destituído de conteúdo, possibilitador do próprio conhecimento. Trata-se do princípio da causalidade, existente *a priori*, que vai permitir a articulação das sucessivas alterações da matéria no tempo e no espaço (HESSEN, 2012).

Deste modo, sintetizando a discussão referente à filosofia do conhecimento, assume-se a posição que o conhecimento é resultado da formulação de representações, que podem ser: a) resultado da atividade criativa da mente humana; b) reprodução da realidade; e, c) apreensão de uma realidade não dada, mas que, entretanto, é inferida através do que é dado (HESSEN, 2012).

Então, para a atividade de inteligência, o que entenderíamos como conhecimento? E como informação?

A palavra conhecimento na inteligência tem conotação parecida com a de sua aplicação na filosofia: *realidade*. Conhecer algo é buscar o entendimento de sua verdadeira realidade. Embora a filosofia se preocupe também com as condições metafísicas da existência, o que não é mutável, o que se encontra fora do plano da causalidade ou as causas primeiras, a inteligência, como atividade de auxílio ao exercício do poder dos homens, busca justamente conhecer a realidade dessas mudanças para que possa descrevê-la, entender seus mecanismos, e agir sobre elas. Sobre a questão metafísica, a práxis da inteligência, assim como fez Kant, procurou estabelecer um critério de demarcação restrito, porém, conforme se tratará adiante, por vezes algumas crenças deste tipo influenciaram a construção de conhecimento.

Restrito ao mundo das representações deve-se ainda levar em conta que numa relação adversária, grande parte das ações é intencionalmente dissimulada e oculta, de forma que a inteligência procurará descobrir o que realmente está se passando por trás das diversas imagens captadas, algumas falseadas intencionalmente, do que realmente se passa no mundo exterior.

Assim, entende-se a inteligência como atividade do Estado responsável em coletar informações sobre o mundo exterior, e auxiliá-lo na condução da ação, podendo-se imaginar inicialmente seu papel como agente que capta as *imagens* sensoriais de modo a formular representações que possam indicar capacidades militares e intenções políticas de outros Estados. Trata-se aqui do que se vê e se ouve de modo a saber o que um adversário comprovadamente tem e almeja.

Porém, tais representações por si só não são suficientes. Por maior que seja a amplitude de coleta de informações/representações, estas não serão completas, não apresentarão toda a porção de mundo visível que uma suposta, e utópica, onipresença estatal poderia captar. Então, cabe uma aproximação dessa realidade e uma antecipação dos efeitos que dela advirão segundo as leis de causa e efeito, tanto no mundo natural e, principalmente no campo sociopolítico. Assim é que a atividade de inteligência buscará analisar as representações intuitivas, integrá-las num quadro coerente e articular formulações teóricas especulativas sobre a realidade que não se vê a partir do que é dado. Obviamente, esta busca de conhecimento da realidade não apresentará alguma espécie de previsibilidade perfeita dos eventos sociais, porém, trará aos tomadores de decisão informações importantes sobre as dinâmicas em curso para que possam intervir sobre o ambiente para que alterações decorrentes sejam de acordo com seus interesses.

3.1 Acesso ao conhecimento através da ciência

A sociedade ocidental moderna deposita grande confiança na ciência como ferramenta de acesso ao conhecimento da realidade física. Diversos avanços tecnológicos foram devidos ao estudo sistemático da comunidade científica assim como catástrofes para a humanidade se sucederam devido ao aprimoramento técnico de armas que se tornaram mais destrutivas, como por exemplo, a bomba atômica.

E no contexto estadunidense, a partir da Segunda Guerra Mundial, o paradigma da inteligência adotou uma característica distinta presente até os dias atuais que consistiu em emprestar métodos das:

[...] ciências sociais para entender a natureza fundamental da inteligência, explicar a história dos sucessos e falhas, compreender as organizações e processos da atividade, e avaliar e melhorar a análise de inteligência por si mesma (WIRTZ, 2009, p. 31-32, tradução nossa¹⁷).

¹⁷ The intelligence paradigm developed by the American scholarly community is an effort to apply analytic methodologies and insights drawn from the social sciences, to understand the fundamental nature of intelligence, to explain the history of intelligence successes and failures, to understand intelligence organizations and process, and to assess and improve upon the craft of analysis itself.

Tal abordagem teve impulso inicial dado por Sherman Kent (1994) que desde o início de sua vida profissional e teórica na inteligência clamou pela profissionalização e cientificidade da atividade. Deste modo, ele identificou a falta de uma literatura específica que pontuasse: a) O estabelecimento de princípios gerais relativos à missão e o método empregado; b) definição de termos; e c) fomento do debate de alto nível (KENT, 1994, p. 39-45).

Porém, as vertentes na filosofia do conhecimento sucintamente apresentadas acima geram concepções diferentes de ciência, de maneira que torna-se necessário pontuar alguma destas. Para os propósitos desse estudo, duas classificações serão efetuadas. A primeira é sobre a concepção positivista de ciência e a segunda é sobre a concepção paradigmática.

3.1.1 Concepção positivista de ciência

A concepção positivista de ciência está relacionada com a necessidade de que todo o julgamento sobre um estado de coisas esteja fundado sobre os alicerces do mundo sensorial (DOMINGUES, 2004). Esta definição é mais um guia do que uma delimitação, pois existem algumas divergências entre as afiliações positivistas.

Francis Bacon (1990) pode ser considerado um dos precursores da concepção positivista de ciência. Sua metodologia científica, que utiliza o método indutivo partindo-se do experimento para as generalizações¹⁸, é traçada na obra intitulada *Novum Organum*, publicada no século XVII, na qual é assegurada a ciência como ferramenta para se alcançar a verdade do mundo físico e social. Ele confronta a idealismo platônico, criticando a posição daqueles que colocam:

[...] fora do limite do possível tudo o que tenha permanecido ignorado e inatingível para si e para seus mestres, e declaram-no incognoscível e irrealizável [...]. Assim, a Nova Academia professou a acatalepsia e condenou os homens à perpétua ignorância. (BACON, 1990, p. 50).

¹⁸ Mais informações a respeito dos procedimentos metodológicos de Francis Bacon serão descritas no capítulo em que se tratará da metodologia de construção de conhecimento de George Pettee, já que este, cita expressamente o primeiro com influente em seu pensamento.

Declarando expressamente ter sido influenciado por Bacon, Augusto Comte, em sua obra *Curso de Filosofia Positiva*, de 1842, subordina a argumentação e imaginação à observação. Ele estabelece três estágios de desenvolvimento humano. No primeiro, o estado teológico, o espírito do homem busca as causas primeiras e essência íntima da existência atribuindo a um ser sobrenatural intervenção contínua sobre o universo. O estado metafísico é uma variação do primeiro, porém, os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas da natureza. Já no terceiro estágio, o estado positivo, o espírito humano desiste de conhecer as causas primeiras e se atém a “descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e similitude” (COMTE, 2000, p. 22). Embora rígido de que os fatos devem ser positivamente confirmados através da observação, Comte abre um espaço, ainda que estreito, para a formulação teórica,

[...] pois, se de um lado toda teoria positiva deve necessariamente fundar-se sobre observações, é igualmente perceptível, de outro, que para entregar-se à observação, nosso espírito precisa de uma teoria qualquer. (COMTE, 2000, p. 24).

Porém, o autor passa a impressão que formulação teórica seria um estágio transitório, necessário até o momento em que tivessem sido afirmados positivamente todos os fatos e suas sucessivas relações no mundo exterior.

Em tempos mais recentes, uma vertente da concepção tratada neste subtítulo é o positivismo lógico cujo principal representante é Rudolf Carnap. Este buscou reconstruir a ciência numa base puramente lógica, através da tradução da observação numa linguagem natural, desvinculada de uma teoria prévia. Deste modo, as teorias seriam alcançadas indutivamente a partir do processo de acumulação de fatos observáveis (GALISON, 1987). Como será abordada adiante, esta vertente seria a mais próxima do método científico adotado por Sherman Kent para a construção do conhecimento na inteligência.

Por fim, considera-se Karl Popper na concepção positiva de ciência. Ele também é uma vertente do positivismo lógico, entretanto, ao invés da indução, adota o método hipotético dedutivo. Neste, as observações empíricas já estariam previamente enunciadas nas hipóteses propostas na teoria. O meio de prova se daria então entre um enunciado científico que já conteria os resultados esperados, e o papel do cientista seria realizar experimentos para verificar se os fatos observáveis

estariam de acordo com a teoria. Caso o experimento desse uma resposta negativa, a teoria deveria ser modificada ou descartada.

Assim como fez Immanuel Kant, Popper efetua uma rígida demarcação entre a ciência e a metafísica adotando para tal objetivo o critério da falseabilidade, ou seja, os enunciados científicos deveriam ser formulados de maneira que pudessem ser falseados e não necessariamente confirmados (POPPER, 2007). O princípio da falseabilidade já existia em Bacon de forma que ele asseverou: “O intelecto humano tem o erro peculiar e perpétuo de mais se mover e excitar pelos eventos afirmativos que pelos negativos, quando deveria rigorosa e sistematicamente atentar para ambos” (BACON, 1999, p. 42). Porém, Popper elegeu este como princípio basilar de sua metodologia científica, pois afirmou que não se poderia determinar uma teoria positivamente já que seria impossível percorrer todo o universo para saber que algo não existe. Em decorrência disso, ele negou o método indutivo, aquele que parte da acumulação sistemática de enunciados singulares (resultados de observações e experimentos) em direção à construção de enunciados universais. E por esse motivo Popper não se declara positivista.

Entretanto, e por isso considera-se Popper como positivista, ele tomava os experimentos como instância validadora das teorias como se pudessem existir independente delas (GALISON, 1987). Ou seja, Popper assumiu que uma teoria científica não pudesse ser positivamente confirmada, entretanto, as observações o seriam. Desta forma, afastam-se crenças pessoais e fatores psicológicos da observação dos eventos e só admite como meio de prova fatos que possam ser compreendido por todos, ou seja, “intersubjetivamente submetidos a teste” (POPPER, 2007, p. 46). O resultado é um único sistema científico, composto de teorias não falseadas pela observação, representativo de nosso mundo da experiência (POPPER, 2007).

3.1.2 Concepção paradigmática

O contraponto da prática científica anteriormente adotada nos é dado por Thomas Kuhn (2001) e Paul Feyerabend (2011). A concepção positivista de ciência tem como regra geral a preponderância da observação e do experimento como adjudicadores da teoria ou até mesmo da própria realidade, sem levar em conta que o que se considera como fatos observáveis pode ter alguma parcela de construção

realizada pela mente humana ou pelas teorias tomadas como verdadeiras¹⁹. Porém, neste item, abordar-se-á a concepção paradigmática de ciência que considera que a prática científica não seria uma jornada estritamente epistemológica, mas sofreria influências de elementos de cunho social e psicológico que afetam o seu desenvolvimento, a construção do objeto de estudo e a interpretação da realidade.

Thomas Kuhn (2001) foi quem trouxe para o debate da comunidade científica o termo paradigma. Enquanto pesquisador da física teórica, em determinado ponto de sua vida acadêmica abordou a evolução das teorias e experimentos ao colocar uma nova perspectiva na forma de se fazer ciência olhando-a pelo enfoque histórico. Foi quando identificou certa regularidade no modo de funcionar da comunidade científica.

Primeiro, os cientistas tomariam a rota da *ciência normal*. Quando estivesse funcionando desta forma, a “pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas” (KUHN, 2001, p. 29) estaria assentada em regras e procedimentos relativamente estáveis sobre o fazer ciência. O conjunto dessas regras, que consistiriam numa rede de acordos teóricos, sociológicos e instrumentais entre os membros de uma dada comunidade científica, associada com a respectiva visão de mundo subjacente seria chamado de paradigma.

Tal paradigma haveria de ser mais bem sucedido com relação a outros na resolução de problemas considerados graves ou importantes numa dada ocasião. Não se trata de abranger todas as questões, pelo contrário, “para ser aceita como paradigma, uma teoria deve parecer melhor que suas competidoras, mas não precisa (e de fato isso nunca acontece) explicar todos os fatos com os quais pode ser confrontada” (KUNH, 2001, p. 38).

De fato, o objetivo da ciência normal é resolver os problemas por ela delimitados e acordados entre a comunidade científica, e também, seus financiadores, de forma que aqueles que não se encaixem dentro dos limites estabelecidos não são sequer vistos (KUHN, 2001). A partir do seu critério de escolha, a própria teoria ditará os resultados que deverão ser alcançados pelo cientista após percorrer o caminho metodológico previsto. Nas palavras de Kuhn (2001), a ciência normal toma a forma de uma atividade de *resolução de quebra-cabeças*. Neste, a habilidade do jogador não está em alcançar um novo final, pelo

¹⁹ Francis Bacon discorreu sobre fatores humanos na observação do mundo exterior, porém, seu método buscou escamar a realidade de forma a se alcançar o “dado verdadeiro”. Mais considerações sobre tal ponto serão abordadas no subtítulo 4.3.

contrário, a imagem já é sabida de antemão. O papel do cientista passa a ser então o de montar experimentalmente os pedaços do mundo exterior para construir um quadro cuja imagem ele já sabia previamente, ou seja, estaria descrita na teoria. Desta forma:

[...] se alguma indeterminação residual da teoria ou algum componente não-analisado de seu equipamento impedi-lo de completar sua demonstração, seus colegas poderão perfeitamente concluir que ele não mediu absolutamente nada (KUHN, 2001, p. 62).

Além disso, em sua rota de reconstrução experimental dos quebra-cabeças descritos na teoria, a ciência normal vai tomando um aspecto cumulativo de fatos e conhecimentos, e paralelamente a comunidade científica fortalece a rede de acordos teóricos, metodológicos e instrumentais.

Desse modo, a ciência, como uma atividade humana, não seria independente das relações sociais. Ou seja, a conformação dos assuntos a serem estudados bem como a maneira pela qual eles serão abordados passará por negociações pela comunidade científica junto com os demais entes que com ela se relacionam, como por exemplo, o Estado²⁰. A influência de fatores externos, não necessariamente epistemológicos, também é defendida por Peter Galison (1987) quando expõe com exemplos de pesquisas na física como se dá o trabalho dos experimentalistas. O trabalho desses cientistas começa como uma rede de crenças, algumas metafísicas, e outras relacionadas com o programa no qual está inserido. Além disso, os instrumentos existentes ou não no laboratório guiam e delimitam a abordagem do objeto de estudo. Além do mais, a decisão para encerrar o experimento e apresentar os resultados também passa por pressões sociológicas relacionadas à competição e hierarquia.

Porém, ao longo do desenvolvimento da *ciência normal* ocorrem as revoluções científicas, quando a comunidade toma a consciência da anomalia, ou seja, o reconhecimento de que algum evento observado não está de acordo com os preceitos paradigmáticos existentes, o que vai demandar uma maior atenção dos cientistas para o próprio fato e para as áreas de estudo relativas (KUHN, 2001, p. 78).

As revoluções paradigmáticas, por sua vez, não seriam resultado de um acúmulo sistemático de fatos observáveis, mas sim de alterações nas respectivas

²⁰ No capítulo 4 será abordada a aliança entre o Estado e a comunidade científica nos Estados Unidos para potencializar a produção de armas mais destrutivas tendo em vista a superação bélica dos adversários.

crenças e concepções de mundo compartilhadas pela comunidade científica enquanto estivesse na *rota da ciência normal*. E com as mudanças de paradigmas, os estímulos sobre os sentidos tornam-se diferentes quando trabalhados na percepção humana, pois, aquilo “que um homem vê depende tanto daquilo que ele olha como daquilo que sua experiência visual-conceitual prévia o ensinou a ver” (KUHN, 2001, p. 148).

Alguns experimentos psicológicos apontam para tal afirmativa. Num deles, um conjunto de cartas de baralho foram mostradas a sujeitos experimentais com tempo de exposição constante entre uma e outra. Dentre elas, existiam algumas anômalas, como seis de espada vermelho e um quatro de copas preto. Após a apresentação, pergunta-se ao sujeito o que ele acabara de ver. As cartas normais eram reconhecidas facilmente, entretanto, as anômalas, quase sempre eram identificadas como normais. Depois de saberem da existência destas cartas diferentes elas passaram a ser identificadas, entretanto, o tempo para isso era maior do que aquele gasto para identificar uma carta normal (GALISON, 1987, p. 09; HEUER, 2006, p. 22; KUHN, 2001, p. 89-90). Diante disso, Kuhn (2001) comenta que as determinações dos objetos, mais do que uma apreensão pura das formas pelos sentidos, seriam estabelecidas “conjuntamente pelo meio ambiente e pela tradição específica de ciência normal na qual o estudante foi treinado” (KUHN, 2001, p. 146). Deste modo, há que se ter em conta que a percepção humana consultaria no intelecto um repositório de informações previamente armazenado, no caso da comunidade científica, advindos da prática da *ciência normal*.

Na psicologia, tal repositório é chamado de *mapas mentais* ou *modelos mentais*. Os mapas mentais são alimentados durante toda a vida de acordo com as experiências vividas e interações sociais, gerando crenças e pressupostos que servirão como base para a avaliação do ambiente. “A facilidade corriqueira que temos para generalizar nossos conhecimentos é uma prova de que possuímos diversos tipos de representações de dados em nossa cabeça” (PINKER, 1998, p.100).

Richard Heuer (2006) em seu livro *Psychology of Intelligence Analysis* discorre que o processo de percepção é mais ativo do que passivo, de forma que o sujeito age construindo a imagem do objeto mais do que apenas registrando os estímulos que chegam aos sentidos. Tais imagens vão se consolidando na mente humana a partir de padrões de percepção e são assimiladas inconscientemente de

forma a construir no intelecto de cada pessoa um mapa mental (*mind-set*), que serviria como uma lente através da qual as imagens do mundo exterior seriam recebidas.

Este mecanismo se deve ao fato de que a capacidade de armazenamento do cérebro humano é limitada, sendo o mapa mental um artifício evolutivo através do qual as pessoas reúnem e criam significado às informações do ambiente externo sobre as quais não possui capacidade de confirmar uma por uma. “Mapas mentais são fundamentais aos indivíduos para processar o que feito de outra maneira seria um volume incompreensível de informação” (CENTER FOR THE STUDY OF INTELLIGENCE, 2009, p. 01, tradução nossa²¹). Deste modo, na ausência de informações completas o cérebro se utiliza desta arquitetura para completar as informações que estão faltando (PINKER, 1998).

Posicionando o papel perceptivo como dependente de operações mentais, e avaliando tais ocorrências como o modo pelo qual ocorrem as revoluções na ciência, Kuhn (2001) extrapola os mapas mentais do plano individual para o conjunto da comunidade científica de forma que atribui a estabilização das percepções entre as diversas pessoas envolvidas como um dos elementos da rede de acordos, que passa a conformar uma dimensão mais abstrata, nem sempre explicitada, de crenças e valores sobre como o mundo funciona. Desta forma, “na medida em que os indivíduos pertencem ao mesmo grupo e, portanto compartilham a educação, a língua, a experiência e a cultura, temos boas razões para supor que suas sensações são as mesmas” (KUHN, 2001, p. 239). Então, após uma revolução paradigmática, embora o mundo exterior por si só não mude, o cientista trabalha em mundo diferente (KUHN, 2001).

Deste modo, o conceito de paradigma teria também como elemento uma cosmologia, uma visão de mundo tomada no sentido metafísico no qual pressupõe ligações entre os eventos – ainda que não confirmados ou excessivamente abstratos – tomadas como certas que darão unidade de entendimento para a pesquisa científica que é seccionada em matrizes disciplinares. Paul Feyerabend (2011), que diz ser sua concepção de ciência praticamente idêntica a de Kuhn (2001), coloca tal questão da seguinte forma:

²¹ Mental models are critical to allowing individuals to process what otherwise would be an incomprehensible volume of information

Os padrões que usamos e as regras que recomendamos só fazem sentido em um mundo que tem certa estrutura. Em um domínio que não exibe essa estrutura, eles se tornam inaplicáveis, ou passam a funcionar ociosamente (FEYERABEND, 2011, p. 296).

Desta forma, o resultado da pesquisa científica não pode ser um único cenário, a qual chamou de mundo ou realidade, mas uma ampla gama de respostas que constitui uma realidade especial para aqueles que a originaram. Trata-se assim do *relativismo cosmológico* (FEYERABEND, 2011).

Embora a práxis da inteligência remonte à concepção positivista de ciência à qual preconiza como método científico capaz de se alcançar a verdade um processo informacional de acumulação sistemática de fatos observáveis, apontar-se-á as características da construção de conhecimento da atividade por contraste, ou seja, utilizando como anteparo teórico o conceito de paradigma. Este, por sua vez será composto de crenças e valores de como a atividade funciona, ou deveria funcionar, e servirá também como uma lente cognitiva que inclinará os analistas a prestar “particular atenção para certos tipos de informação e organizar e interpretar esta informação de certas maneiras” (HEUER, 2006, p. 23, tradução nossa²²).

²² Expectations have many diverse sources, including past experience, professional training, and cultural and organizational norms. All these influences predispose analysts to pay particular attention to certain kinds of information and to organize and interpret this information in certain ways.

4 O PARADIGMA DA INTELIGÊNCIA

Ao introduzir nas ciências o termo paradigma, Thomas Khun (2001) buscou apresentar uma teoria que consistia num ponto de vista sobre a natureza da ciência e do próprio agir da comunidade científica. Porém, ele mesmo argumenta que “na medida em que o livro retrata o desenvolvimento científico como uma sucessão de períodos ligados à tradição e pontuados por rupturas não-cumulativas, suas teses possuem indubitavelmente uma larga aplicação” (KUHN, 2001, p. 255).

E o objetivo deste capítulo é justamente esse: transpor as características paradigmáticas da ciência para a comunidade de inteligência dos Estados Unidos. Ou seja, utilizar a concepção de paradigma como anteparo teórico para perceber as características estáveis da inteligência.

Como foi visto anteriormente, paradigma, para a comunidade científica pressuporia uma rede de acordos sobre métodos e visão de mundo subjacente, porém, é necessário decompor um pouco mais seus componentes para realizar a transposição do conceito para a inteligência de modo a construí-la como uma atividade paradigmática, assim como Kuhn fez com a ciência.

O primeiro componente é a *estrutura da comunidade científica* que é formada por praticantes de uma especialidade, os quais, no início e ao longo de sua vida profissional, são submetidos a treinamento e similares aos demais membros. Tal comunidade vai se consolidando e cria uma estrutura própria de comunicação e difusão de suas pesquisas (KUHN, 2001). O conceito de inteligência como concebido por Sherman Kent (1967) possui relação direta com esse componente paradigmático, pois, ele a definiu em três facetas, sendo uma delas, inteligência como organização: “as informações (inteligência) são uma instituição; consistem em uma organização de pessoal ativo que busca uma categoria especial de conhecimentos” (KENT, 1967, p. 77)²³.

O segundo, mais importante para os propósitos desse estudo, é a constelação de compromissos do grupo os quais giram em torno não apenas de uma teoria, mas também, de um conceito mais amplo chamado por Kuhn (2001) de *matriz disciplinar* a qual seria composta, exemplificativamente e não exaustivamente, de três elementos:

²³ As outras duas são conhecimento e atividade como explicado anteriormente.

- a) Generalizações simbólicas: tratam-se das expressões utilizadas sem discussões pelos membros de um paradigma e que podem ser facilmente formalizáveis numa equação lógica;
- b) Crenças: é a parte metafísica do paradigma que consiste num entendimento de como o mundo funciona e serve como modelo interpretativo da realidade, de modo a fornecer as analogias e metáforas preferidas ou permitidas;
- c) Valores: consistem em regras existentes que determinam a forma válida pela qual os cientistas exercem a atividade. Desse modo, podem englobar aspectos de método ou então, critérios para o julgamento de novas teorias;
- d) Exemplos compartilhados: tratam-se das soluções concretas que os estudantes alcançam nos laboratórios ou nos manuais científicos, bem como as soluções técnicas encontráveis nas publicações científicas. Tais exemplos indicam assim aos novos entrantes como eles devem realizar sua atividade.

Tendo em vista esses elementos, o paradigma da inteligência será traçado a partir de duas dimensões: a metódica e a cosmológica. A primeira abordará as generalizações simbólicas e valores e a segunda terá como foco principal as crenças metafísicas e cosmológicas. Entretanto, antes disso, no próximo subtítulo, as origens do paradigma da inteligência estadunidense serão abordadas.

4.1 Origens paradigmáticas

Para traçar o paradigma da inteligência estadunidense, torna-se necessário entender suas origens e o contexto histórico e tecnológico que existiam no momento de sua formação. Neste ponto, notou-se que a atividade dita como *análise de inteligência* como entendida nos Estados Unidos possui origens compartilhadas com a Ciência da Informação.

Ambas vieram para solucionar novos problemas advindos do fenômeno da *explosão informacional*, conceituado por Saracevic (1996, p. 42) como sendo o “irreprimível crescimento exponencial da informação e de seus registros”. Da mesma forma, as duas surgiram num contexto de guerra. A inteligência já era uma atividade

tipicamente estatal dando suporte informacional para as atividades da diplomacia, guerra e policiamento (HERMAN, 1996; CEPIK, 2003). A CI, por sua vez, passou a ser resultado da aliança entre Estado e Ciência para tornar mais eficiente as ações do primeiro num ambiente de conflito. Para traçar as origens destas duas atividades, vamos tomar como ponto de partida a vida científica de Vannevar Bush, considerado um dos precursores da CI (SARACEVIC, 1996).

Antes de começar a Segunda Guerra, Bush já possuía o título acadêmico de doutorado em engenharia, sendo premiado por seu trabalho tanto por Havard quanto pelo MIT (*Massachusetts Institute of Technology*). Permaneceu neste instituto de pesquisa entre os anos de 1919 a 1938, quando, juntamente com sua equipe, desenvolveu alguns trabalhos científicos voltados para área militar. Deste modo, trabalhou na detecção de submarinos e patenteou um dispositivo que fornecia soluções para equações diferenciais posteriormente utilizado na segunda guerra mundial, para calcular tabelas balísticas (MIT, 2002).

Pode se perceber assim a apropriação do ferramental científico pelo Estado. Sinais da institucionalização²⁴ desta parceria são notados em junho de 1940, ano em que é criado o *National Defense Research Committee* (NDRC), sendo Bush nomeado o presidente desta organização, cuja função era “coordenar, supervisionar, e conduzir pesquisas científicas nos problemas relacionados ao desenvolvimento, produção, e uso de mecanismos e dispositivos de guerra”²⁵ (LOC, 2012).

Em 1941 o NDRC, em relatório assinado por Vannevar Bush, apresenta ao presidente Franklin Roosevelt os resultados obtidos em seu primeiro ano de funcionamento. Os assuntos bélico-tecnológicos tratados foram os seguintes:

- a) Detecção aérea;
- b) Controle de armas;
- c) Detonação por proximidade;
- d) Dispositivos antissubmarinos;
- e) Gases e explosivos;
- f) Urânio.

²⁴ Esta não foi a primeira iniciativa já que na ocasião da Primeira Guerra Mundial um esforço similar foi empreendido no *Council of National Defense*.

²⁵ “to coordinate, supervise, and conduct scientific research on the problems underlying the development, production, and use of mechanisms and devices of warfare”.

A título exemplificativo observar-se-á as conclusões sobre as pesquisas científicas relativas ao Urânio. De acordo com o relatório, ainda não havia consenso na comunidade científica sobre a criação de um explosivo nuclear, porém, afirma-se contundentemente que “se tal explosivo fosse feito poderia ser milhares de vezes mais poderoso que os existentes, e seu uso pode ser determinante” (NDRC, 1941, p. 34, tradução nossa²⁶).

No mesmo mês, Franklin Roosevelt criou o *Office of Scientific Research and Development (OSRD)* o qual absorveu as funções do NDRC, e com a finalidade similar de:

[...] servir como centro para a mobilização de pessoal e recursos científicos da nação de forma a assegurar o máximo de utilização de tais recursos no desenvolvimento e aplicação dos resultados da pesquisa científica para propósitos de defesa²⁷ (THE AMERICAN PRESIDENCY PROJECT, 2011, tradução nossa, grifo nosso).

Embora o foco desse estudo seja especificamente as medidas tomadas pelos Estados Unidos – tendo em vista a produção de conhecimento científico voltado para a Guerra – o mesmo ocorreu nos demais países. A Inglaterra, por exemplo, em cooperação com matemáticos poloneses, alavancou a produção de métodos para quebrar as cifras produzidas pelo enigma, dispositivo que mesclou mecânica com eletricidade e produzia mensagens embaralhadas e de difícil decodificação (SINGH, 2001). Da mesma forma, cientistas alemães promoveram o estudo das bombas voadoras (V1 e V2), que eram lançadas de bases terrestres e percorriam grandes distâncias com sistema de abastecimento autônomo à base de combustível. Pioneira na época, esta tecnologia serviu como parâmetro para o lançamento de satélites no pós-guerra (KEEGAN, 2006).

Deste modo, a lógica deste conflito foi bem diferente dos até então ocorridos, principalmente pelo fato dos Estados terem usado a ciência como alavancagem da inovação tecnológica, servindo como diferencial competitivo na disputa bélica. Nas palavras de Bush (1946):

A Segunda Guerra Mundial foi a primeira na história da humanidade a ser afetada decisivamente por armas desconhecidas na eclosão das hostilidades. Este é provavelmente o fato militar mais significativo de nossa década: que com a atual evolução dos instrumentos de

²⁶ If such an explosive were made it would be thousands of times more powerful than existing explosives, and its use might be determining.

²⁷ Serve as the center for the mobilization of the scientific personnel and resources of the Nation in order to assure maximum utilization of such personnel and resources in developing and applying the results of scientific research to defense purposes.

guerra, as estratégias e táticas devem ser agora condicionadas. Na Segunda Guerra Mundial esta nova situação demandou uma estreita relação entre militares, cientistas e industriários, que nunca fora antes requerida, primariamente pelo fato das novas armas, cuja evolução determina o curso da guerra, são predominantemente produtos da ciência, como é natural numa era essencialmente científica e tecnológica²⁸ (BUSH, 1946, p. IX).

Foi neste ambiente, pouco acadêmico e muito bélico, que Vannevar Bush imaginou o *memex*, um dispositivo no qual um indivíduo armazenaria todos os seus livros, registros e comunicações, para consulta posterior com rapidez e agilidade. A preocupação era de que conhecimentos acumulados não fossem perdidos, como Bush (1945) argumenta ter acontecido com a lei de Mendel sobre a genética, pois isto se desdobraria na falta de aproveitamento de uma nova capacidade bélico-tecnológica. Consoante com esta ideia, o primeiro paradigma da CI, o físico, tem como foco principal a *recuperação da informação (information retrieval)*, termo este cunhado por Calvin Mooers (1951). Mais adiante, será relacionado mais intimamente o paradigma físico da CI com a construção do conhecimento na inteligência.

Em consonância com esse desenvolvimento científico, aumentaram-se expressivamente as ferramentas disponíveis ao Estado para coletar informações sobre os planos de guerra de seus adversários. Por exemplo, com o surgimento do rádio no final do século XIX, aumentaram-se exponencialmente as comunicações dentro de uma força armada, permitindo que comandantes se comunicassem com suas tropas distantes. Entretanto, “a primeira guerra mundial demonstrou como o uso do rádio pela marinha e exército forneceu a seus oponentes comensuráveis oportunidades de inteligência”²⁹ (HERMAN, 1996, p. 67). Já Na Segunda Guerra, a importância do rádio como meio de comunicação se acentuou, tendo que se adicionar as emissões eletrônicas de sinais não comunicativos. Um exemplo desta última é o balizamento por rádio, através do qual uma base emana emissões eletromagnéticas específicas aos pilotos de aeronaves. Conforme a codificação deste sinal o piloto identificaria a direção dos alvos terrestres (HERMAN, 1996, p. 67).

²⁸ World War II was the first war in human history to be affected decisively by weapons unknown at the outbreak of hostilities. This is probably the most significant military fact of our decade: that upon the current evolution of the instrumentalities of war, the strategy and tactics of warfare must now be conditioned. In World War II this new situation demanded a closer linkage among military men, scientists, and industrialists than had ever before been required, primarily because the new weapons whose evolution determines the course of war are dominantly the products of science, as is natural in an essentially scientific and technological age.

²⁹ The First World War demonstrated how armies' and navies' use of radio provided their opponents with commensurate intelligence opportunities.

De maneira similar ao rádio, que propiciou a interceptação de comunicações, a evolução tecnológica em outras áreas ampliou as possibilidades para a coleta de informações sobre os adversários. Foi o caso do desenvolvimento da fotografia, que já tinha sido acoplada em balões na Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865), que começou a ser utilizada como o maior elemento de inteligência na Primeira Guerra Mundial para localização e bombardeamento de trincheiras. Porém, a utilização de imagens teve um maior impacto na Segunda Guerra Mundial, com o aumento do alcance do avião. Conforme explica Michael Herman (1996)³⁰:

Embora tenha recebido menor atenção que o sucesso de quebra de códigos, as imagens de reconhecimento dos aliados do oeste advindas do reconhecimento aéreo na segunda metade da guerra foi uma importante parte de sua superioridade de inteligência (HERMAN, 1996, p. 72, tradução nossa).

Assim, para responder a esse novo cenário a Inteligência começou a se institucionalizar dentro do aparelho burocrático estatal. Até meados do século XIX, exceto pela diplomacia, a Inteligência não contava com instituições permanentes voltadas para a coleta e processamento de informações. Além disso, não havia uma distinção da atividade com a etapa de tomada de decisão, pois inteligência, “[...] em todos os seus aspectos era parte do estadismo, inseparável do exercício do poder”³¹ (HERMAN, 1996, p. 13, tradução nossa). Neste ponto, o papel principal da inteligência era obter um item de informação altamente significativo, um segredo do adversário, que não requeria interpretação. O problema era desenvolver técnicas de espionagem para captar planos e informá-los aos tomadores de decisão (PETTEE, 1946b, p. 34).

Porém, no contexto estadunidense, durante a Segunda Guerra Mundial surgiu a disciplina de *análise de inteligência estratégica* criada pelos acadêmicos e especialistas que começaram a trabalhar no R&A, “inspirados pela visão do General Donovan de um serviço que poderia colecionar dados de fontes abertas e de todos os departamentos do governo [...]” (CIA, 2007a, tradução nossa).

³⁰ Though it has received less attention than the cipher-breaking successes, the Western Allies' imagery from reconnaissance aircraft in the second half of the war was an important part of their intelligence superiority.

³¹ Intelligence in all its aspects was part of statecraft, inseparable from the exercise of power.

Nesse contexto, nasceria uma nova visão sobre a atividade de inteligência, já que, com o aumento do fluxo informacional sobre os adversários devido ao desenvolvimento tecnológico alcançado pelo Estado na coleta de informações, a Inteligência se deparou então com um problema novo, saindo da escassez, para uma posição de relativa abundância de informações, ainda que estas fossem entrópicas, fragmentadas e ambíguas (HERMAN, 1996; SCHMITT; SHULSKY, 2002; PETTEE 1946). Em resposta, junto à busca dos segredos, foi adicionada uma nova perspectiva: a de conhecer o adversário pela via indireta, a partir da análise de informações disponíveis. Neste sentido, Kent (1967, p. 18) argumenta que “alguns desses conhecimentos (sobre o ator adverso) podem ser adquiridos através de meios clandestinos, mas o grosso deles deve ser obtido pela pesquisa e observação de dados ostensivos e amplamente divulgados, sem lances românticos.” Isto não quer dizer que os métodos clássicos de espionagem devam ser esquecidos, já que em outra passagem do mesmo trabalho, Kent explica que na busca de informações o Estado deve lançar mão de “todos os artifícios imagináveis – sujos, não ortodoxos, ‘incorretos’, segundo os termos clássicos, e ilegais – se desejar realmente colher todos os resultados” (KENT, 1967, p. 64). Tal mudança de perspectiva também é pontuada por George Pettee (1946b):

Tudo isso significa que o foco dos problemas da inteligência foi transferido da coleção de informação bruta para o ponto da análise e interpretação. O problema da coleção foi tão completamente resolvido que muito mais informação era disponível do que adequadamente examinada (PETTEE, 1946b, p. 34, tradução nossa³²).

4.2 Dimensão metódica

Pode-se dizer que o grande expoente na formação e consolidação dos aspectos que serão explicados a seguir com relação ao paradigma da inteligência foi Sherman Kent. Acadêmico renomado de *Yale*, com conhecimentos em história e política francesa do século XIX, ele atendeu em 1941, então com trinta e sete anos, ao chamado do governo para que intelectuais dessem sua contribuição no esforço

³² All this meant that the focus of intelligence problem was transferred from the collection of raw information to the point of analysis and interpretation. The collection problem was so thoroughly solved that far more information was available than was even adequately examined.

de guerra. Foi recrutado então para o *Research & Analysis*, braço analítico do *Office of Strategic Services*. Seus trabalhos tiveram notoriedade, principalmente nas pesquisas de apoio ao planejamento da invasão aliada no norte da África em 1942. Destacaram-se suas habilidades para gerenciamento de equipes, principalmente em fazer com que acadêmicos trabalhassem como um time e cumprindo exíguos prazos para a produção de seus estudos. Tal feito impressionou os consumidores militares destes produtos analíticos pela riqueza de detalhes obtidas através de documentos, incluindo materiais bibliotecários da *Library of Congress* (CIA, 2007; DAVIS, 1992).

Unindo seu histórico de acadêmico ao de analista de inteligência, Sherman Kent publicou em 1949 o livro *Strategic Intelligence for American World Policy*, o qual foi traduzido ao português em 1967 com o título de *Informações Estratégicas*³³.

Dentro de sua formulação teórica, vários temas foram abordados. Sherman Kent não descreveu uma atividade que existia, mas hipotetizou sobre uma que deveria tomar corpo no futuro. Especificamente, de seu corpo teórico, as seguintes questões, que permanecem mais ou menos estáveis até os dias atuais e tornam-se relevantes para a análise que se efetuará no estudo de caso serão aqui discutidas: a) relação com a política e objetividade; b) modelo teórico para manipulação da informação e produção de conhecimento.

4.2.1 A relação com a política

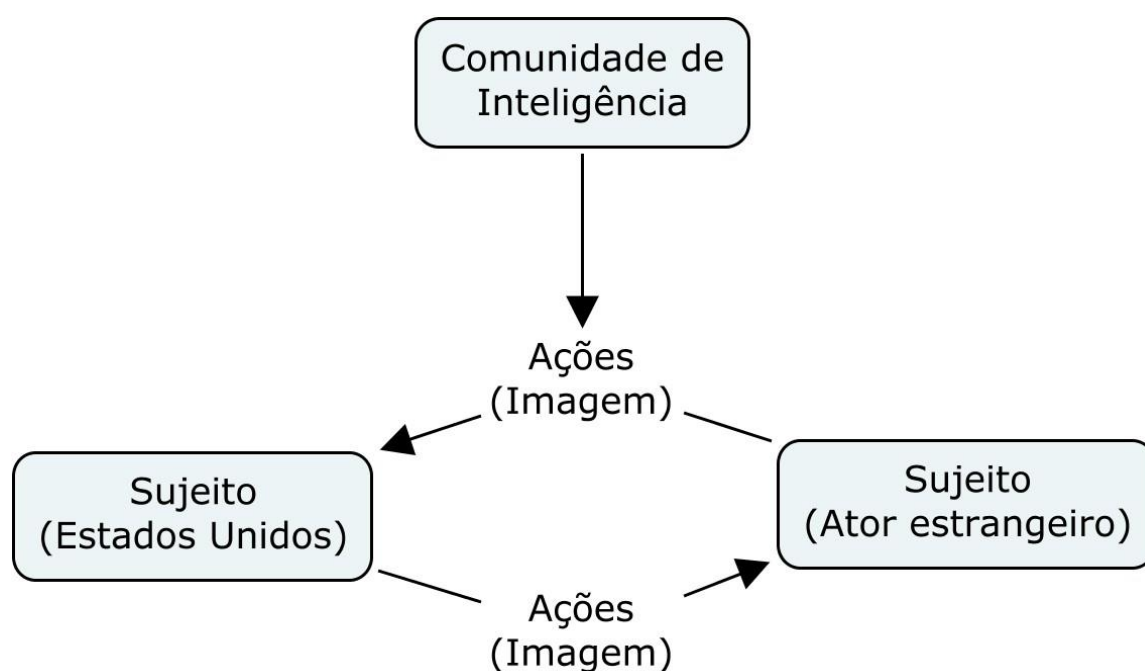
Para explicar a relação entre os profissionais da inteligência e os tomadores de decisão, remonta-se à questão fenomenológica entre sujeito e objeto. Entretanto, nas questões internacionais, de fato, não existem sujeito e objeto, mas sim dois sujeitos interagindo num contínuo de ações ora cooperativas, ora conflitivas, e por vezes com elementos mesclados. Assim, Estados podem se desafiar firmemente em questões comerciais ao mesmo tempo em que constituem sólidas alianças militares.

Constatado o relacionamento sujeito-sujeito, com base no que se apresenta a seguir, pode-se afirmar que no paradigma da inteligência estadunidense

³³ Interessante notar que na capa deste livro, em forma de subtítulo, vem descrito o original em inglês. Levando-se em conta o contexto de golpe, ou revolução, militar de 1964, pode-se perceber uma sutileza de influência ideológica ao se levar em conta o termo "*American World Policy*" como uma política que naturalmente poderia ser aplicada para o contexto brasileiro (talvez, para toda a América). A tradução do livro foi feita pela editora Biblioteca do Exército.

o papel da atividade é avaliar as *imagens* emanadas pelo outro sujeito. Mas para isso, e esta é a tônica da análise de Inteligência estadunidense desde a Segunda Guerra Mundial, a atividade deve se abster de participar da interação de forma que sua *objetividade*, ou seja, apreensão precisa das características do objeto (o outro sujeito), não fosse afetada. Deste modo, a inteligência se retira do processo de interação se colocando como uma observadora passiva da evolução dos fatos. Esta questão será abordada por dois aspectos: como resultado da formulação teórica e como consequência de disputas burocráticas.

Figura 6: Inteligência e a captação de imagens do mundo exterior



FONTE: Elaborada pelo autor.

4.2.1.1 O argumento teórico

Sherman Kent (1994) atribui grande ênfase e confiança na ciência e no método científico como ferramentas necessárias para a busca da verdade:

A pesquisa é o único meio que, nós de tradição liberal, desejamos admitir como capaz de proporcionar a verdade ou uma grande aproximação da verdade.

Um filósofo medieval satisfazia-se ao obter sua verdade extrapolando-a da Sagrada Escritura, um chefe africano consultando seu “doutor”, ou um místico, como Adolfo Hitler, em comunhão com sua própria

intuição. Mas insistimos, por gerações, que havemos de nos aproximar, ou mesmo atingir a verdade através da pesquisa orientada por um método sistemático. Nas ciências sociais, que em grande parte constituem o assunto das informações estratégicas, há um método dessa natureza. Esse é parecido com os métodos das ciências físicas. Não se trata do mesmo método, mas é, nada mais nada menos, que um método (KENT, 1994, p. 151-152)

Desta forma, pode-se inferir que suas proposições possuem paralelos com argumentos teóricos que delimitam algum aspecto da metodologia científica. Observa-se algumas considerações neste sentido no capítulo intitulado “Produtores e utilizadores de informações” do livro *Informações estratégicas*. Neste, Sherman Kent criou o conceito de *orientação (guidance)*, o qual normatiza as relações entre os dois atores, pois, “se a equipe de informações for estante em relação ao mundo em que a ação é planejada e executada, os conhecimentos por ela produzidos não serão úteis” (KENT, 1967, p. 174).

Entretanto, haveria certa dosagem na *orientação*. A inteligência não torna parte do processo decisório, ela o auxilia. Desta forma, seu papel não se confunde com a ação:

As informações não são formuladoras de objetivos, não traçam a política, não elaboram os planos nem executam as operações [...] sua função é fazer com que os executores sejam bem informados, e postar-se diante deles com livro aberto na página certa, chamar sua atenção para os fatos importantes que podem estar negligenciando, e – a seu pedido – analisar outras linhas de ação sem indicar uma preferência (KENT, 1967, p. 175).

Realizadas estas considerações, Kent (1967) argumenta que uma aproximação excessiva entre produtores e utilizadores causará determinados perigos para a produção do conhecimento na inteligência em decorrência da quebra das barreiras administrativas entre eles.

Primeiro, os profissionais de inteligência provavelmente serão absorvidos em seções responsáveis pela formulação política ou ações operacionais se desviando de sua tarefa essencial que seria o estudo profundo de tópicos relativos à segurança nacional. Em segundo lugar, passará a realizar tarefas de apoio informacional que não teriam a ver com a inteligência. Kent (1967, p. 187) exemplifica da seguinte forma: “os problemas de minúcias de um órgão executivo podem ser muitos e absorventes. Um grande número exige pesquisas do tipo ‘pergunte ao Sr. Foster’”. O terceiro ponto, é que caso os profissionais de análise de

inteligência sejam dispersos entre as diversas seções de planejamento e operações, restará prejudicará a *integridade substantiva* da atividade. Ou seja, os assuntos abordados seriam estudados de maneira fracionada por especialistas em apenas uma área (na qual esteja trabalhando) sem se articular com as demais. Além disso, a dispersão causaria a quebra da qualidade e padronização dos produtos analíticos.

A última consideração, é que uma aproximação excessiva afetaria a objetividade dos estudos da inteligência, pois esta passaria a buscar apoiar políticas específicas das suas organizações. Após citar a diferença de opiniões num dado assunto, Kent (1967):

O fato de existirem tais diferenças de opinião entre estudiosos supostamente objetivos e imparciais que tinham acesso praticamente ao mesmo material de informações, é a prova de que qualquer um sucumbe a suas pressões externas. Essas diferenças de opinião surgiram em organizações de informações que eram administrativamente separadas dos órgãos a que serviam (KENT, 1967, p. 190).

Tal característica da doutrina de Sherman Kent residiria no fato de uma autoprocamação de uma elite acadêmica como a classe que por ser capaz de se chegar mais perto da verdade não precisa ser dirigida por outro ente estatal (OLCOTT, 2009, p. 24).

Deste aspecto, que toma a inteligência como atividade não valorativa da ação, desdobra-se também, em termos teóricos, a rígida separação entre assuntos domésticos e questões de políticas internacionais. Ou seja, o paradigma em questão delimita o universo de observação tomando dele a amostra de mundo que considera mais significativa. Assim é que o grau de conhecimento sobre as próprias forças e das linhas de ação cogitadas pela política não fazem parte do conjunto informacional da inteligência (KENT, 1967).

Em torno dessas considerações, Sherman Kent toma por finalidade da inteligência estratégica as informações positivas de alto nível do exterior, excluindo assim qualquer consideração sobre os planos e ações do próprio Estados Unidos. É uma rígida divisão entre doméstico e estrangeiro cabendo à inteligência apenas conhecer o segundo. Tal posição foi criticada por Kendall (1949), já que isso faria com que a inteligência não pudesse avaliar os efeitos e mudanças ocasionadas no cenário internacional cujas causas fossem políticas e ações dos Estados Unidos.

Esta é uma distinta característica da visão de inteligência estratégica proposta por Kent e que continua válida até os dias atuais na inteligência estadunidense (HERMAN; 1996; OLCOTT, 2009; TURNER, 2008). Isto pode ser verificado a partir da obra de outros autores mais contemporâneos. Neste sentido, destaca-se trecho escrito por John McLaughlin (2008) o qual esclarece o papel da atividade dentro do processo decisório. Para ele, a inteligência, como atividade de apoio deve “[...] **informar a política, não prescrever políticas** [...]”. O que os analistas produzem deveria ajudar aos responsáveis pela política pensar completamente nas questões e escolhas que estão postas”³⁴ (MCLAUGHLIN, 2008, p. 75, grifo nosso, tradução nossa). Thomas Fingar³⁵ coloca a questão de uma maneira similar quando dita que a:

[...] inteligência não é propensa a advogar específicos cursos de ação. [...] Os propósitos primários dos insumos de inteligência dentro do processo de tomada de decisão é reduzir incerteza, identificar riscos e oportunidades³⁶ (FINGAR, 2011, p. 25, tradução nossa).

Esta rígida separação entre ação e observação, entre quem executa e quem estuda, apresenta paralelos em algumas concepções de ciência. Embora Sherman Kent não as tenha relacionado diretamente com seus argumentos, não podemos deixar de traçá-las já que ele atribui que a base de seu trabalho é a metodologia científica. Neste sentido, observa-se que Comte classificou que toda a atividade humana pode ser de duas categorias: especulação ou ação, cabendo a ciência (positiva, em seu caso) apenas estudar a primeira. Realizada esta etapa, daí a capacidade de previdência para só então ocorrer a ação sobre a natureza e sociedade. Neste processo, há que se abster das relações com o objeto, o que não seria possível caso estivesse agindo sobre ou com ele. Comte exemplifica com o fenômeno paixão.

[...] o espírito humano pode observar diretamente todos os fenômenos, exceto os seus próprios. Pois quem faria a observação? [...] Ainda que cada um tivesse a ocasião de fazer sobre si tais observações, estas, evidentemente, nunca poderiam ter grande

³⁴ The Key thing is that such support is always about informing policy, not prescribing policy. [...] First and most general level, what analysts produce should help policy officials think through the issues and the choices facing them.

³⁵ Thomas Fingar foi, de 2005 a 2008, o primeiro vice-diretor do *National Intelligence for Analysis* e também presidente do *National Intelligence Council*. Para esta última entidade, foi transferida da *Central Intelligence Agency*, as atribuições de coordenação junto às demais agências de inteligência para fins de produção de produtos analíticos.

³⁶ Intelligence is not supposed to [...] advocate specific courses of action. [...] the primary purpose of intelligence inputs into the decision-making process is to reduce uncertainty, identify risks and opportunities[...].

importância científica. Constitui o melhor meio de conhecer as paixões sempre observá-las de fora. Porquanto todo estado de paixão muito pronunciado, a saber, precisamente aquele que será mais essencial examinar, necessariamente é incompatível com o estado de observação (COMTE, 2000, p. 34-35).

Max Weber (2006) também delimita a separação, mas com um motivo diferente. Segundo este estudioso, “uma ciência empírica não tem como ensinar a ninguém sobre o que deve, somente sobre o que pode e – eventualmente – sobre o que quer” (WEBER, 2006, p. 17). Deste modo, procede-se a uma separação entre o conhecimento empírico, genuíno objeto da ciência, e os *juízos de valores*, os quais não poderiam ser descobertos nem definidos através do estudo científico. Não se quer dizer que os pesquisadores estejam livres de juízos de valor, porém, estes só adentrariam na pesquisa no momento da escolha do objeto de estudo, mas não poderiam servir como critérios de *avaliação ética* (tal fato é bom ou ruim?)³⁷.

Por sua vez, a *avaliação prática* seria concebível. Esta significa analisar e entender se os meios utilizados numa determinada atividade estariam lógica e empiricamente coerentes com os fins pretendidos (para que tal fato ocorra é preciso realizar tal procedimento?):

As ciências, tanto as normativas como as empíricas, podem prestar apenas um *único* e inestimável serviço aos políticos e aos partidos concorrentes, que é informá-los:

- a) de que perante determinado problema prático apenas são *concebíveis* esta ou aquelas tomadas de posição “últimas” diferentes; e
- b) de que a situação que há de ter em conta no momento de escolher entre essas determinadas posições se apresenta desta ou daquela maneira (WEBER, 2003, p. 86, grifos do autor).

O resultado, conforme dispõe Christians (2006, p. 144), é uma ciência amoral, voltada apenas para articulação do *know-how* necessário para se alcançar fins previamente estabelecidos pelos cidadãos e políticos. Os métodos desta ciência “devem ser imparciais quanto à substância e ao conteúdo, limitando-se rigorosamente aos riscos e aos benefícios dos possíveis cursos de ação” (CHRISTIANS, 2006, p. 144).

³⁷ Comte (2000, p. 78) não concordava com esta posição, para ele, a ciência positiva “sem deixar de ser teórica e prática, deve também tornar-se moral e colher no sentimento seu verdadeiro princípio de universalidade. Somente então poderá afastar todas as pretensões teológicas [...]”

4.2.1.2 A influência de obstáculos organizacionais sobre a formulação teórica

Sherman Kent (1967) delimitou assim algumas regras para a inteligência. Porém, o argumento não é estritamente teórico. Tratá-lo assim pode passar a falsa impressão que a prática da análise de inteligência fora prescrita abstratamente e então seguida pelos profissionais. Existem algumas questões afeitas ao processo histórico de institucionalização da atividade que também exerceram alguma influência na sua conformação paradigmática.

O conhecimento necessário para a tomada de decisão e formulação política na seara internacional é necessariamente abrangente. Envolve a coleta e análise de informações em áreas das mais distintas. E neste processo, os Estados Unidos, como a maioria dos Estados modernos, promoveram a racionalização burocrática de seu aparato tendo em vista tornar mais eficiente tal tarefa. Se se levar em conta ainda que são milhares de pessoas envolvidas, com diferentes perspectivas de visualização do objeto de estudo, ocorre uma descentralização e pulverização do conhecimento. Na década de 1940, avaliando as relações econômicas, Friedrich Hayek (1945) chegou a esta constatação:

Fundamentalmente, em um sistema onde o conhecimento de relevantes fatos está dispersado entre muitas pessoas, preços podem agir para coordenar as ações separadas de diferentes pessoas da mesma maneira como valores subjetivos ajudam o indivíduo a coordenar as partes do seu planejamento (HAYEK, 1945, p. 526, tradução nossa³⁸).

O mecanismo resultante é a *especialização funcional*, a qual, típica das grandes e médias organizações, é necessária para a racionalização e melhor gestão das atividades. Entretanto, este processo cria barreiras organizacionais entre as partes, fenômeno chamado por Simon (1997) de *lealdade organizacional*, no qual membros de um determinado grupo tendem a se identificar com aquele grupo, e as alternativas das decisões passam a ser avaliadas a partir das consequências geradas para o grupo, mais do que para o propósito geral da organização. Isto

³⁸ Fundamentally, in a system where the knowledge of the relevant facts is dispersed among many people, prices can act to coordinate the separate actions of different people in the same way as subjective values help the individual to coordinate the parts of his plan.

porque os valores embutidos nas tarefas específicas passam a ser considerados mais importantes do que àqueles de outras áreas.

Estas barreiras são transpostas para o plano da troca informacional intraorganização, de forma que a regra geral neste caso é que quanto maior a especialização, maior a quantidade de fronteiras burocráticas, e por sua vez, maior a resistência em compartilhar a informação (WILENSKY, 1967).

Especificamente no caso dos Estados Unidos verifica-se que conflitos organizacionais existentes no nascedouro do paradigma exerceram influência sobre a práxis da atividade. Prova disto é que em 1941, antes dos Estados Unidos efetivamente participarem da Segunda Guerra como país combatente, foi criado o *Office of the Coordinator of Information*³⁹ (COI). Para sua chefia, o presidente Franklin Roosevelt nomeou Willian J. Donovan. As funções do COI eram as seguintes:

[...] coletar e analisar todas as informações e dados, que dão suporte à segurança nacional: correlacionar informações e dados, e tornar essas informações e dados disponíveis ao Presidente bem como aos departamentos e oficiais do Governo na forma como o Presidente poderá determinar; e realizar, quando solicitado pelo Presidente, atividades complementares que possam facilitar a obtenção de informações importantes para a segurança nacional não disponíveis ao Governo⁴⁰ (CIA, 2007, tradução nossa).

Willian Donovan foi tenente-coronel do exército na Primeira Guerra Mundial combatendo na França, sendo condecorado com medalhas e recebendo o apelido de *Wild Bill*. Era uma pessoa de iniciativa política e possuía a intenção de capilarizar as informações das diversas agências e fornecê-las com acesso direto ao presidente dos Estados Unidos. “Como era de esperar, a proposta de Donovan atraiu ataques dos serviços militares, pressagiando uma luta entre a inteligência centralizada e os militares que continua até hoje” (TURNER, 2008, p. 32). Neste sentido, o oficial responsável pela inteligência do exército, General Brigadeiro Sherman Miles, disse que do ponto de vista do departamento da guerra a existência da proposta de Donovan era desvantajosa, se não calamitosa (FORD, 1993, p. 10-11).

³⁹ Escritório do Coordenador de informação (tradução nossa).

⁴⁰ [...] collect and analyze all information and data, which may bear upon national security: to correlate such information and data, and to make such information and data available to the President and to such departments and officials of the Government as the President may determine; and to carry out, when requested by the President, such supplementary activities as may facilitate the securing of information important for national security not now available to the Government.

Assim, não obstante a diretriz de centralização de esforços e coordenação das atividades de inteligência, que na ocasião estavam espalhadas em grande parte no corpo do exército, da marinha, e do FBI, ao longo da guerra o quadro organizacional ainda era composto sem uma instância central de análise.

Credita-se à falta dessa instância analítica centralizadora como um dos motivos para a falta de alerta sobre o ataque japonês à base militar dos Estados Unidos de Pearl Harbor, na ilha de Oahu, numa manhã de domingo em novembro de 1941. Na ocasião, as agências de inteligência dos Estados Unidos, consistiam em células no Departamento de Estado, exército, marinha e FBI que se mantinham virtualmente autônomas. Por exemplo, as comunicações de rádio japonesa que eram interceptadas, cujo programa foi apelidado de MAGIC, eram mantidas em segredo ao COI e compartilhadas apenas entre o Presidente, Secretários de Guerra e militares de alta patente devido a aspectos de segurança, mas principalmente pela resistência em compartilhar informações para um novo ator organizacional que surgia (FORD, 1993; TURNER, 2008).

Ainda durante a Segunda Guerra Mundial, como resultado dos conflitos burocráticos com os militares e com o FBI, o COI perdeu atribuições, principalmente as mais operacionais, dentre elas a da propaganda de guerra psicológica. Sua estrutura remanescente passou a se chamar de *Office of Strategic Services*⁴¹ (OSS) no dia 13 de junho de 1942 passando então a atuar sob o comando do Estado-Maior conjunto das forças armadas.

Dentro de sua estrutura, a OSS contava com o *Research and Analysis Branch*⁴² (R&A) o qual produziu excelentes estudos de vários tipos e para diversos clientes de alto nível governamental. Suas análises produziam conhecimento relativo a recursos econômicos de Estados estrangeiros, sistema logístico, moral, geografia militar, capacidades, intenções dentre outros. Ao fim da guerra, de modo geral, este braço analítico contou com grande prestígio junto aos agentes políticos e militares devido às informações prestadas para apoio do planejamento militar. Mesmo com a dissolução da OSS em 1945, grande parte dos seus membros foram para o Departamento de Estado para continuar trabalhando com atividades de inteligência.

Porém, as disputas organizacionais acima relacionadas também influenciavam os estudos analíticos como é explicado por Turner (2008):

⁴¹ Escritório de Serviços Estratégicos (tradução nossa).

⁴² Braço de Pesquisa e Análise (tradução nossa).

Os analistas perceberam algo que escapara a Donovan: o OSS não tinha qualquer poder verdadeiro ou posição própria. Se pessoas do R&A faziam recomendações estratégicas, inevitavelmente, alguém discordava delas. Se esse alguém estava numa posição de poder – digamos, alguém nomeado politicamente ou, pior, um secretário de gabinete –, então, essa pessoa fazia da supressão do OSS sua missão pessoal. A única maneira de sobreviver era permanecer neutro (TURNER, 2008, p. 45).

Deste modo, tendo participado deste ambiente de disputa organizacional e buscando autonomia administrativa de modo que a atividade de inteligência não ficasse subordinada aos órgãos de defesa existentes, Sherman Kent teria estabelecido algumas conformações de modo a minimizar o conflito com outras organizações. De certo modo, a doutrina de Kent veio neste sentido justificar em termos teóricos perante aos outros órgãos executores de políticas, como o Departamento de Estado, Exército e Marinha, que a inteligência não iria influenciar a tomada de decisões e as políticas nas respectivas áreas dos diferentes comandos. Além do mais, a separação entre política externa e doméstica minimizaria os argumentos públicos de que uma agência de inteligência com amplos poderes ameaçaria a própria democracia e os direitos individuais dos cidadãos estadunidenses (DAVIS, 1992). Assim, levando-se em conta um dos preceitos da guerra de Sun Tzu (2008), que demanda conhecimento do adversário e de si próprio para não perder nenhuma batalha, o papel da inteligência ficou adstrito ao primeiro.

Como resultado, o *National Security Act*⁴³ de 1947 efetuou diversas mudanças no sentido de reorganizar a política estrangeira e organizações militares do governo dos Estados Unidos sendo criada a *Central Intelligence Agency* (CIA) que serve até hoje como a agência civil de inteligência do governo estadunidense com o papel de coletar inteligência externa através da disciplina de fontes humanas, exercer a atividade de contrainteligência no exterior e executar operações encobertas autorizadas pelo presidente. A CIA não teve atribuição de ação ou formulação política sendo proibida de agir em solo estadunidense.

⁴³ Ato de Segurança Nacional (tradução nossa).

4.2.2 Modelo teórico para manipulação da informação e construção de conhecimento

Passadas algumas considerações que determinaram as regras paradigmáticas entre a relação da inteligência com a política, passar-se-á então ao método de produção de conhecimento que determina o modo de manipulação e tratamento da informação.

Uma das características está na preponderância do método de *scanning* para rastreamento do maior volume possível de informações como forma de resolver um específico problema analítico. Como exemplo, observamos que Kent (1967, p. 159) escreveu que um órgão de informação não “pode subsistir sem uma ampla e sistemática atividade de busca”, pois a varredura de um maior volume de informações seria o meio para se obter esclarecimentos sobre o ator adverso, principalmente em momentos de guerra.

Tal questão pode ser entendida a partir de paralelos com a formação do paradigma físico da Ciência da Informação o qual atribui valor central aos fatores matemáticos dos processos comunicacionais e possui raízes contemporâneas com a formação do paradigma da inteligência aqui discutido. Tem como expoente o trabalho de Shannon e Weaver de 1949, no qual abordaram a Teoria Matemática da Comunicação, sendo o primeiro esforço teórico na definição de informação. Foi neste ano que Sherman Kent também publicou seu principal trabalho.

Para Shannon e Weaver (1964), o processo comunicacional pressupunha um emissor que enviaria uma mensagem selecionada dentre tantas outras para um receptor utilizando-se de um canal específico. Haveriam três aspectos relacionados à informação: técnico, semântico e o social. Entretanto, Shannon e Weaver (1964), abordaram apenas o primeiro, pois, a preocupação principal seria a reconstrução de processos comunicacionais que pudessem ser quantificados (CORNELIUS, 2002). Essa quantificação permitiria que a informação fosse tratada como um objeto para os sistemas tecnológicos (BUCKLAND, 1991). Esta teria sido uma das formas que a ciência utilizou para resolver os problemas advindos do crescimento exponencial da informação e de seus registros, de forma que a origem da Ciência da Informação é considerada a partir deste período (SARACEVIC, 1996). Tanto que os primeiros testes de recuperação de informação foram efetuados na escola da Força Aérea Britânica, nos quais a informação foi tomada como um objeto que pudesse ser

quantificado para se estabelecer as devidas relações matemáticas e estatísticas e assim alcançar um grau de precisão na sua recuperação (ELLIS, 1996). Isto delinea um pouco mais o contexto de confiança nas ferramentas tecnológicas que ora surgiam no pós-guerra, para resolver a questão do excesso e posteriormente de entropia informacional, algo que também teria influenciado Sherman Kent.

A confiança nos dados empíricos e na tecnologia para sua recuperação também é verificada em trecho de outro artigo de Kent (1994, p. 39, tradução nossa⁴⁴) quando afirma: “por agora, nós temos salas de arquivos ordenados de nossas descobertas voltando da guerra, e nós temos métodos para aumentar a utilidade de tais arquivos”.

Embora a lógica de Sherman Kent se baseie numa acumulação frequente de dados, há que se fazer a ressalva que em determinados casos, o excesso de informação e sua massificação não reduzem incertezas (CAPURRO, 2007; CORNELIUS, 2002; WERSIG, 1997), mas, por seu caráter entrópico, retiram a sua capacidade de construção e de representação em conhecimentos.

Para continuar as explicações, utilizar-se-á a metáfora da pirâmide do conhecimento, a qual fora descrita por Kent. Ela é dividida em três extratos: o primeiro diz respeito ao elemento descritivo básico que toma o passado como lapso temporal. Trata-se do conjunto de informações que emprestará significação às alterações diárias dos acontecimentos sendo composto de informações enciclopédicas, catalogadas num grande arquivo ou reunidas na forma de livro. Sherman Kent propõe aglutinar neste tipo de categoria uma base objetiva, estritamente descritiva, sobre questões relativamente imutáveis (terreno, hidrografia e clima) com outras mutáveis, mas que quase não sofrem alterações ao longo do tempo (população). Além disso, procura-se descrever também assuntos mais transitórios como organização política e econômica dos Estados (KENT, 1967). Seu modo de obtenção: “será largamente fruto de nossos próprios esforços na coleta da inteligência e assim, constituirá um corpo de material que nós estaremos melhor informados do que nosso cliente” (KENT, 1994, p. 62, tradução nossa⁴⁵).

Interessante notar que a classificação enciclopédica possui parâmetros à ciência positivista. Bacon (1999, p. 109-110), por exemplo, propõe relacionar sobre

[⁴⁴] By now we have orderly file rooms of our findings going back to the war, and we have methods of improving the usefulness of such files

[⁴⁵] The factual stuff of the base of the pyramid is likely to be largely the fruit of our won intelligence-gathering efforts and so constitute a body material about which we are better informed than our consumers.

uma determinada natureza as *instâncias* que “concordam com uma mesma natureza, mesmo que se encontrem em matérias dessemelhantes. E essa coleção deve ser feita historicamente, sem especulações prematuras ou requinte demasiado”. Deste modo, ao tomar como exemplo o calor, Bacon (1999) cataloga algumas instâncias concordantes tais como os raios do sol, erupções de chamas e sólidos em combustão que delimitam sua natureza. Assim como Bacon fez com a natureza do calor, Kent proporia a catalogação da natureza dos países comparados em dimensões e números a partir de dados sobre extensão de território, população, clima e aspectos culturais contundentes.

Comte (2000) também utiliza o conceito de coleção enciclopédica, porém, com algumas diferenças. Para ele, a escala enciclopédica começa com a divisão em cinco ciências fundamentais que estariam naturalmente dadas e inter-relacionadas independentes de qualquer opinião hipotética (COMTE, 2000). Pode-se visualizar a coleção enciclopédica de Sherman Kent também desta maneira, como subdivisões naturalmente existentes nas entidades de estudo, ou seja, os países estrangeiros.

Para um exemplo sobre o que consistiria este tipo de elemento de conhecimento, segue citação de uma situação da Segunda Guerra Mundial (1939-1945):

O oficial de transportes responsável pelo desembarque de nossos homens e equipamento no pôrto de Alger, imediatamente após o assalto, estava bem provido com a mais minuciosa descrição do pôrto, mas as informações falharam para êle pelo menos a respeito de duas coisas. Não lhe disseram que cada metro quadrado existente nas docas estava ocupado por enormes barris de vinho e fardos de palha, igualmente grandes e difíceis de manusear. [...] Isso foi o caso de uma contingência imprevista. A outra falha era difícil de desculpar. Uma das obrigações do oficial de transportes era a de providenciar para que um certo número de aviões de combate fôssem descarregados e conduzidos para o aeródromo de Maison Blanche, situado nas proximidades, no mais curto prazo. [...] Todavia, como não estava certo da largura das ruas ao longo dos itinerários possíveis, removeu as asas dos aparelhos. Se as informações tivessem proporcionado êsses dados, o oficial teria adotado outra solução e economizado tempo, uma vez que, pelo menos um dos itinerários era suficientemente largo (KENT, 1967, p. 28).

Realizada a catalogação de acordo com os elementos objetivos do país estrangeiro, torna-se necessário atualizá-la de modo a acompanhar o rumo das alterações que se processam. Tal categoria é chamada por Kent de informações

correntes. Este tipo de conhecimento deu embasamento para a criação do *President Daily Brief*, documento que é entregue diariamente ao Presidente dos Estados Unidos que consiste numa compilação dos principais assuntos do momento que possam vir a afetar a Segurança Nacional e que demandam conhecimento imediato do tomador de decisão⁴⁶ (KENT, 1967, p. 43-50).

A partir do preenchimento da base da pirâmide com os fatos descritivos do país adversário, caberia então alcançar o cume da pirâmide que consistiria em hipóteses preditivas acerca das prováveis linhas de ação que um adversário pode tomar numa dada situação objetiva. Nas palavras de Sherman Kent consiste em passar do conhecido para o desconhecido, em direção ao futuro. Este tipo de conhecimento é chamado de especulativo-avaliativo (KENT, 1967), ou então, estimativo (KENT, 1994), e põe à prova a capacidade analítica dos profissionais da inteligência, sendo necessário para sua consecução que eles utilizem:

[...] um conjunto de técnicas e maneiras de pensar, e com a ajuda delas você se esforce lógica e racionalmente (você espera) para desvendar o desconhecido, ou pelo menos grosseiramente definir alguma área de possibilidade pela exclusão de uma grande quantidade do impossível (KENT, 1994, p. 61, tradução nossa⁴⁷).

As perguntas chave neste tipo de conhecimento são as seguintes: quais as linhas de ação que o estado estrangeiro adotará por sua própria iniciativa e quais serão induzidas por ação de outrem? Aqui observa-se como Sherman Kent monta seu quebra-cabeça analítico de forma a especular tais linhas de ação, tomando estas como resultado de uma equação matemática cujas variáveis seriam os fatores objetivos relativos às capacidades e vulnerabilidades do adversário.

A primeira coisa a ser identificada, ou então imaginada, é o contexto da situação, pois, somente após identificar o “adversário, o tempo, o lugar e os meios prováveis a serem usados, podemos justificar os cálculos” (KENT, 1967, p. 56).

A partir deste, caberia identificar, separadamente dois fatores: estatura estratégica e vulnerabilidades específicas. Para ambos, torna-se necessário a recuperação dos dados previamente catalogados na forma do elemento descritivo básico e constantemente atualizados pelas informações correntes.

[⁴⁶] Para exemplos de documentos deste tipo já desclassificados e tornados públicos consultar: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/pdbnews/index.htm#pdb>

[⁴⁷] [...] a group of techniques and ways of thinking, and with their help you endeavor logically and rationally (you hope) to unravel the unknown or at least roughly define some area of possibility by excluding a vast amount of the impossible.

Por estatura estratégica, Sherman Kent (1967, p. 53) designou o fator positivo na equação, sendo composto da “soma total de meios coatores e suasórios que o Grande Frusina (país hipotético concebido pelo autor) possui ao qual deve adicionar a vontade de usá-los e sua adaptação ao seu uso”. Ela se divide em dois tipos de capacidades: os instrumentos não militares, que abrangem todas as armas políticas, econômicas e psicológicas que o Estado adversário pode usar para influenciar numa dada situação. O outro é o potencial de guerra, que diz respeito a toda força⁴⁸ mobilizada, ou possivelmente mobilizável, através da qual o adversário possa fazer valer seus interesses através da força bélica.

O outro fator, de sinal negativo na equação, são as vulnerabilidades específicas, as quais consistem nas facetas que identificam setores do país adverso vulneráveis à ação de armas bélicas, políticas, econômicas ou psicológicas. A ideia é identificar pontos fracos que caso sejam atacados, apresentem resultados positivos desproporcionalmente maiores que o próprio custo do ataque⁴⁹.

Deste modo, os elementos acima descritos seriam as variáveis independentes na equação. O papel do analista de Inteligência, tal qual o de um matemático, seria de efetuar a subtração dos fatores negativos dos positivos para assim prever as prováveis linhas de ação que o ator adverso poderia tomar numa dada situação objetiva. Pode-se estabelecer tal equação matemática como a generalização simbólica do paradigma, conforme explicada anteriormente.

Porém, deveriam ainda ser levados em conta dois volumes adicionais de conhecimento: as linhas de ação tomadas no passado, cabendo uma relativização já que o momento presente pode ser o ponto de rompimento com uma tradição; e como o adversário se vê na situação dada, quais os resultados ele acredita que alcançará e quais se pretende evitar.

Estes seriam os elementos para articularmos o terço final da pirâmide. Nos fatores positivos e negativos da equação reside o espectro conhecido, obtido através do aparato de coleta de inteligência e catalogado de forma a compor os elementos descritivos básicos. Sua aglutinação, a partir da “clássica indução revelou a base da pirâmide, então agora poderemos chamar outras clássicas metodologias

⁴⁸ Força entendida num sentido amplo, podendo ser os recursos humanos, doutrina militar e meios econômicos civis que possam ser revertidos para a produção econômica de guerra.

⁴⁹ Custo também apresenta um conceito amplo, pois pode-se entender àqueles não quantificáveis financeiramente, mas psicologicamente, como por exemplo, a reação internacional diante de um ataque militar.

da dedução, e com sua ajuda vamos raciocinar sobre o caminho em direção ao topo” (KENT, 1994, p. 62, tradução nossa⁵⁰).

Verifica-se assim o quão amplo, ou melhor, enciclopédico, deveria ser o elemento básico descritivo de modo que uma possível generalização poderia ser feita através de suas partes pelo método da indução, como proposto por Bacon (1999) e Comte (2000).

Para a segunda ponderação, cabe citar o seguinte trecho:

Com uma pequena quantidade de manipulação você pode criar uma pirâmide diferente conceitualmente, cuja base ainda é a mesma, porém, o cume ainda reside numa zona muito mais perigosa para a segurança do seu trabalho ou muito mais apropriada às exigências de sua pré-concepção política (KENT, 1994, p. 63, tradução nossa⁵¹).

Infere-se então que Sherman Kent concebia que os elementos descritivos básicos e as informações correntes conteriam dados cuja verificação possui constatação e significado que possam ser compreendidos por todos e não haja dúvida a respeito de sua existência, ou sequer outra interpretação a respeito deles. Tanto que ele não abre a possibilidade na construção de sua pirâmide do conhecimento de um rearranjo dos próprios dados básicos descritivos, mas apenas da especulação sobre as prováveis linhas de ação. Esta posição é similar àquela tomada por Karl Popper na construção de sua metodologia científica o qual afasta crenças pessoais e fatores psicológicos da observação dos eventos e só admite como meio de prova fatos que possam ser compreendido por todos, ou seja, “intersubjetivamente submetidos a teste” (POPPER, 2007, p. 46). É chamada por Anthony Olcott (2009, p. 22) de visão platônica da realidade, quando, com pouquíssimas margens para levar em conta a incerteza, se teria a convicção de que para cada fenômeno, cada ocorrência, haveria uma única verdade. Toma-se desta forma que a experiência dos sentidos é fixa e neutra.

Feita esta consideração volta-se ao preenchimento do topo da pirâmide. Sherman Kent assume que a metodologia clássica para alcança-lo é a dedutiva, que consistiria em se mover do conhecido para o desconhecido arriscando certa dose de

⁵⁰ Just as classical induction revealed the base of the pyramid, so now we call upon the other classical methodologies of deduction, and with their help we reason our way up the pyramid toward the top.

⁵¹ With a small amount of tinkering you can create a somewhat different conceptual pyramid whose base is still the same, but whose apex will lie in a zone much less dangerous to your job security or much more appropriate to the requirements of your policy preconceptions.

“[...] incursão experimental enquanto novas hipóteses são criadas, testadas, e rejeitadas” (KENT, 1994, p. 62, tradução nossa⁵²). Este, segundo Sherman Kent, é o caminho mais respeitável. É importante notar que a dedução proposta é a formulação de hipóteses partindo-se dos dados. Tanto que Kent critica quem toma o caminho oposto:

O seguidor do método reverso primeiro decide que resposta ele deseja [formulação da hipótese]. Uma vez que ele tomou esta decisão, ele sabe o exato lugar do ápice da pirâmide, porém, nada mais que isso. Ela está lá boiando, numa simples asserção gritando por racionalidade. Esta, então, é trabalhada do alto para baixo. A dificuldade da manobra chega a um clímax quando no último estágio, a dedução numa queda perversa deve se juntar suave e naturalmente com a realidade da base. Esta operação requer uma considerável habilidade, particularmente quando há um rico suprimento de material-base factual. Sem uma habilidosa articulação artificial, toda estrutura pode ser feita para proclamar sua ilegitimidade, para o desgosto de seu progenitor (KENT, 1994, p. 62, tradução nossa⁵³).

Ou seja, o que Kent chama por método dedutivo, em consonância com a concepção de Comte e Bacon, seria então indutivo. Neste ponto, Popper confronta tal método de formulação de hipóteses, pois, para ele o correto seria o método hipotético-dedutivo que só admite prova empírica depois que a hipótese tenha sido previamente formulada (POPPER, 2007, p. 30).

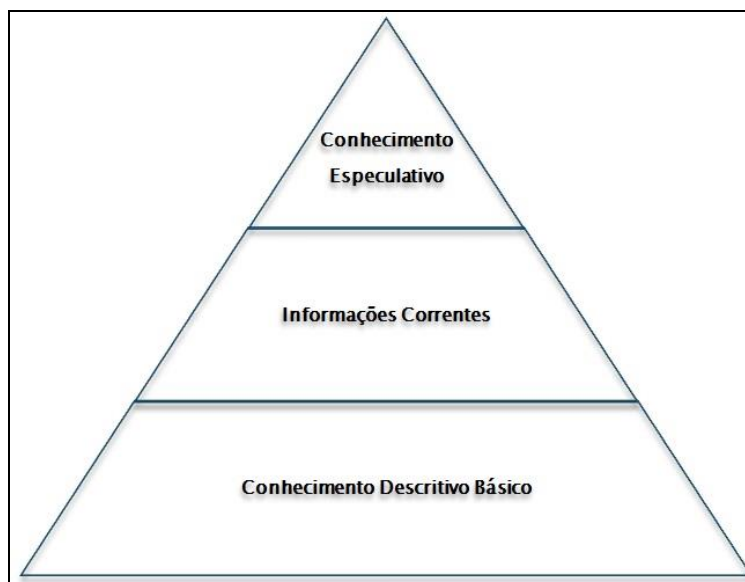
Por fim, segue citação na qual se observa a confiança de Sherman Kent no método proposto:

Pode-se dizer em resumo que, se as informações estiverem providas das várias espécies de conhecimentos que estudei neste capítulo, e se eles comandam o desenrolar dos fatos que jazem diante deles, as informações precisam estar em condições de fazer conjeturas com agudeza – estimativas, como em geral são chamadas – relativas ao que o Grande Frusina, ou qualquer outro país, fará em qualquer circunstância. Notem que as informações não proclamam suas profecias infalíveis. As informações apenas afirmam que sua resposta é a estimativa mais cuidadosamente considerada e fundada numa base profunda e objetiva (KENT, 1967, p. 69).

⁵² The procedure which moves from the know to the unknown with a certain amount of tentative foraying as new hypotheses are advanced, test, and rejected is merely the most respectable way.

⁵³ The follower of this reverse method first decides what answer he desires to get. Once he has made this decision, he knows the exact locus of the apex of his pyramid but nothing else. There it floats, a simple assertion screaming for a rationale. This, then, is worked out from the top down. The difficulty of the maneuver comes to a climax when the last stage in the perverse downward deduction must be joined up smoothly and naturally with the reality of the base. This operation requires a very considerable skill, particularly where there is a rich supply of factual base-material. Without an artfully contrived joint, the whole structure can be made to proclaim its bastardy, to the chagrin of its progenitor

Figura 7: Pirâmide do Conhecimento de Sherman Kent



FONTE: Elaborada pelo autor.

4.2.3 Dimensão cosmológica

Observa-se acima que o paradigma da inteligência ora estudado apresenta uma relação de neutralidade quanto à ação e formulação política. Não haveria questionamento de valores por parte da inteligência e os assuntos domésticos permaneceriam desconhecidos, já que seu papel estaria restrito ao estudo das relações empíricas que se sucederiam fora dos Estados Unidos.

É um entendimento que em seus aspectos teóricos possui paralelos com a questão da objetividade científica proposta por Max Weber (2006), o qual discute que avaliar a validade de valores não é uma tarefa científica, é “uma tarefa de observação e interpretação especulativas da vida e do mundo com referência ao seu significado” mesmo porque considerações político-sociais de um problema não envolveriam critérios estritamente técnicos, mas também concepções de mundo. Entretanto, mesmo tomando a posição da neutralidade axiológica, Weber não diz que os estudiosos de determinado assunto estão livres de quaisquer valores, pois, estes já estariam determinados quando da escolha pelo objeto de estudo.

Não existe nenhuma análise científica puramente objetiva da vida cultural [...] que seja independentemente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais essas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou

inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, como objeto de pesquisa (WEBER, 2006, p. 43)

Herbert Simon (1997) chega a uma conclusão similar abordando o processo da decisão. Para ele, uma separação poderia ser realizada entre o propósito do projeto, nos quais estariam incluídos julgamento de valores, e os procedimentos necessários para alcançá-lo que levariam em conta aspectos estritamente técnico-empíricos. Porém, assim como Max Weber imaginou valores mixados com a avaliação empírica de um pesquisador, Simon afirma que, por não poder lidar com toda a amplitude ambiental, o tomador de decisão se utiliza então de premissas factuais, que consistem nas crenças e valores as quais podem ou não ter suporte de evidência. Tal posição também é adotada por Knorr (1964):

Qualquer resolução de problemas vai envolver premissas, procedimentos analíticos, regras de ouro, e outras práticas intelectuais que são baseadas implicitamente, se não explicitamente, em hipóteses sobre a realidade e sobre os tipos de eventos e consequências que eles devem lidar (KNORR, 1964, p. 466, tradução nossa⁵⁴).

Dessa forma, ao se tomar a decisão de reconstruir a análise de inteligência a partir do olhar de um paradigma, tem-se que abordar a parte metafísica que fora compartilhada (implicitamente) pela comunidade de inteligência, mesmo que diante da concepção positivista de ciência adotada pelos profissionais da área ela não seja sequer reconhecida como elemento integrante da atividade. Caso não se tratasse das crenças metafísicas não seria possível então falar de um paradigma pela falta de um componente importante. E no que consistiria tal visão de mundo? Quais seriam as crenças e pré-concepções que implicitamente preencheram o paradigma da inteligência de conteúdo e serviram como um modelo preditivo sobre as ações dos atores externos?

Compilando os eventos que se seguiram logo após a Segunda Guerra Mundial e durante a situação de tensão que se sucedeu entre Estados Unidos e União Soviética durante a Guerra Fria, Mccgwire (2001, p. 777) estabelece os contornos do que ele chama de *paradigma da segurança nacional*, o qual consiste

⁵⁴ Any problem-solving organization will evolve premises, analytical procedures, rules of thumb, and other intellectual practices that are based implicitly, if not explicitly, on hypotheses about the reality and about the kinds of events and consequences they must cope with.

em “crenças, teorias, pré-concepções e preconceitos que moldam ideias de como o sistema internacional funciona, gerando expectativas e prescrevendo apropriado comportamento”. Tal paradigma se consolidou a partir de uma lógica de contenção (*deterrence*) que os Estados Unidos adotaram como a maneira eficaz de conter a expansão do bloco Soviético com a revolução comunista. Ou seja, o mandamento ético consistia em deter o avanço da União Soviética e o elemento factual para isso foi tomado a partir da força bélica e diplomacia ofensiva fortemente ancorada no viés ideológico. Tanto que Mccgwire (2001) intitula seu trabalho como “O paradigma que perdeu seu caminho” que seria amparado pelo menosprezo e desqualificação do oponente.

Neste sentido, com o argumento de que os soviéticos não estavam dispostos a negociar, os Estados Unidos passaram preventivamente a desqualificar qualquer uma de suas pretensões.

Requerimentos de segurança nacional dos EUA não foram, entretanto, abertos à negociação – em princípio ou na prática. Se negociação é descartada, também é a cooperação, como no caso da política aliada em relação à Alemanha. Similarmente, a imagem da política externa como um xadrez geopolítico foi mais aplicável para a América que para a Rússia. Foi Washington que definiu os interesses estadunidenses em termos globais extensivos e o Departamento de Estado estava jogando uma longa partida (MCCGWIRE, 2001, p. 788, tradução nossa⁵⁵).

Tal postura se deu início logo após a Segunda Guerra Mundial e marcou uma mudança dos Estados Unidos na sua política externa. Anteriormente, ancorada na Doutrina Monroe⁵⁶, o país adotava uma atitude não intervencionista junto ao resto do mundo, cuja finalidade principal era não se envolver no tumultuado cenário europeu. Valendo-se da sua posição geográfica, os Estados Unidos com fronteiras ao leste e ao oeste com grandes oceanos, acabava por obter a seguinte vantagem: uma guerra europeia demoraria a chegar a seu território o que lhe renderia tempo para mobilizar sua economia para fins bélicos. Uma característica dessa postura é que sua política externa estaria dividida em duas instâncias, a diplomática e a militar, sendo que a segunda tomaria parte quando a primeira falhasse em evitar um conflito

⁵⁵US national security requirements were not, however, open to negotiation – in principle or in practice. If negotiation is ruled out, so is cooperation, as in the case of Allied policy towards Germany. Similarly, the image of foreign policy as geopolitical chess was more applicable to America than to Russia. It was Washington that defined US interests in extensive global terms and the State Department that was playing a long game.

⁵⁶ Tal doutrina foi anunciada pelo então presidente dos Estados Unidos em 02 de dezembro de 1823 em mensagem ao Congresso.

bélico (KISSINGER, 1969). Porém, tal postura começou a mudar no curso da Segunda Guerra Mundial quando os Estados Unidos adentraram no conflito formando uma coalizão com Inglaterra e França.

Após essa guerra de grandes proporções, o cenário tornou-se vantajoso para os Estados Unidos em comparação aos demais beligerantes. Seu território continental ficou intocado pelo conflito, e com isso sua capacidade industrial. Bem diferente, por exemplo, da União Soviética que teve grande parte do seu território em poder dos alemães durante a guerra e teve que deslocar toda sua estrutura industrial para locais inacessíveis à Alemanha pelo oeste, e aos japoneses pelo leste.

Diante dessa posição vantajosa e com a mudança de mentalidade de não intervenção para a ação no campo externo, a política dos Estados Unidos passaria a ser de distensão sobre o globo. Como será tratado mais adiante, um dos pontos de vista para se observar a ação de um ator é a partir da perspectiva organizacional. Seus ativos, suas ferramentas, delimitam, e por vezes ditam, a possibilidade de ações. Sendo assim, os Estados Unidos passaram a utilizar sua capacidade industrial para reconstrução da Europa destruída, através do *Plano Marshal*, considerado por Pettee (1958, p. 08) como essencial para a “*sobrevivência da sociedade livre*”, e na alocação de recursos militares criados durante a Segunda Guerra por todo o globo.

Desse modo, em 1945 após um breve momento de otimismo no tocante ao futuro das relações internacionais, logo ocorreu um período de transição entre 1946 a 1950 no qual o governo e a opinião pública estadunidense passaram a tomar os soviéticos como antagonistas no cenário mundial (MCCGWIRE, 2001; PETTEE, 1967).

Tal mudança de postura possui em alguma medida argumentação metafísica. Para explicá-la, retomam-se os ensinamentos de Schopenhauer (2005) que discorreu que o mundo possuiria duas metades. A primeira seria a representação, e a outra a *Vontade*, força una e indivisível e causa de todos os fenômenos que se manifestariam no universo. A primeira porção que consistiria na existência física seria apenas efeito e manifestação da *Vontade* quando esta se desdobrasse na matéria através de seres e objetos individuais.

Sendo assim, por cada ser/objeto do mundo ser uma parcela de manifestação da *Vontade* o cenário não se torna muito harmonioso. A lógica do

Mundo como Vontade é justamente o incessante nascer e perecer, criar e destruir, entre as forças da natureza objetivadas como fenômeno da *Vontade*.

O cenário e o objeto dessa batalha é a matéria, que eles [entes do universo] se empenham por arrebataram uns dos outros, bem como o espaço e o tempo, cuja união, pela forma da causalidade, é propriamente a matéria (SCHOPENHAUER, 2005, p. 28).

Deste modo, o pano de fundo da filosofia Schopenhaueriana é o pessimismo metafísico, no qual a razão humana seria refém de uma *Vontade* promovedora da autodiscórdia.

Assim como no mundo de Schopenhauer, no marxismo-leninismo, haveria também uma essência que se esconderia atrás de suas representações. Deste modo, observa-se que Henry Kissinger (1969)⁵⁷ interpreta a porção transcendental da doutrina soviética da seguinte forma:

Teoria Marxista-Leninista afirma que eventos políticos são apenas manifestações de uma realidade oculta que é definida por fatores sociais e econômicos. Leninismo é dito aos seus discípulos para que separem aparência de realidade, e para evitar serem enganados pelo que são apenas sintomas, muitas vezes ilusórios, de profundos fatores econômicos e sociais. A “verdadeira” realidade reside não no que estadistas dizem, porém no processo produtivo que eles representam. Estes processos, em todas as sociedades, exceto na comunista, é caracterizado pelo conflito de classes entre a classe exploradora e o proletariado (KISSINGER, 1969, p. 51, tradução nossa⁵⁸).

De maneira similar, George Kennan (1946), um influente diplomata dos Estados Unidos durante a Guerra Fria escreveu de Moscou para o Secretário de Estado:

Não é coincidência que Marxismo, cuja chama arde sem queimar ineficientemente por metade de um século no oeste europeu, arde pela primeira vez na Rússia. Somente nesta terra que nunca tinha conhecido um vizinho amigável ou realmente qualquer equilíbrio tolerante de poderes separados, seja interno ou internacional, poderia prosperar uma doutrina que vê conflitos econômicos de uma

⁵⁷ Na data da publicação deste livro, Henry Kissinger era Assessor de Segurança Nacional do Presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon. Alcançou o título de Mestre e Doutor pela Universidade de Harvard onde era professor do Governo, diretor do programa de Estudos de Segurança Nacional e membro do Centro para Assuntos Internacionais. Serviu ainda como consultor para o Departamento de Estado e para o Conselho de Segurança Nacional.

⁵⁸ Marxist-Leninist theory asserts that political events are only manifestations of an underlying reality which is defined by economic and social factors. Leninism is said to enable its disciples to distinguish appearance from reality and to avoid being deceived by what are only symptoms, often misleading, of deep-seated economic and social factors. The “true” reality resides not in what statesmen say, but in the productive process they represent. This process in all societies, except a communist one, is characterized by a class struggle between the exploiting classes and the proletariat.

sociedade insolúveis por meios pacíficos. Depois do estabelecimento do regime Bolchevista, dogma Marxista se apresentou ainda mais truculento e intolerante pela interpretação de Lênin, tornando-se um perfeito veículo para o sentido de insegurança com o qual Bolcheviques, ainda mais que os governantes russos anteriores, foram afligidos. Neste dogma, com seu básico altruísmo de propósito, eles encontram justificação para o medo instintivo do mundo estrangeiro, para a ditadura sem a qual eles não sabem como governar, para as crueldades que eles não importam de infligir, para o sacrifício que eles se sentem obrigados a procurar. Em nome do Marxismo eles sacrificam cada valor ético individual em seus métodos e táticas (KENNAN, 1946, tradução nossa⁵⁹).

Lembrando que neste subtítulo está se reconstruindo a parte metafísica do paradigma da inteligência estadunidense. Desse modo, a doutrina marxista-leninista é trazida aqui pelo olhar próprio, e ideológico, de atores que influenciaram a formulação política dos Estados Unidos durante a Guerra Fria e que estariam assim moldando preceitos éticos que passariam a compor os valores da tomada de decisão e da opinião pública de todo o bloco ocidental. Dessa forma, a partir das referências acima e das que serão apresentadas a seguir, considera-se como dadas pelos atores dessa análise, de modo que isso não implica necessariamente na concordância, seja no sentido ético-valorativo, ou empírico-analítico. Ou seja, não se está avaliando respectivamente se determinada cosmologia seria correta ou incorreta para humanidade nem se os elementos empíricos trazidos por Henry Kissinger (e outros) que serviram de justificação para essa cosmologia estariam condizentes com a realidade empírica. Para isso, seria necessário avaliar tanto a doutrina marxista-leninista quanto a política externa da União Soviética, o que foge aos objetivos deste trabalho⁶⁰.

Depois dessas considerações, a construção da cosmologia terá prosseguimento. Na visão dos Estados Unidos, os objetivos doutrinários da União Soviética seriam o de espalhar a revolução comunista por todo o globo, sem objetivos intermediários. Paz e guerra seriam então situações transitórias que dependeriam da análise soviética se teria vantagem com uma ou com outra numa

⁵⁹ It was no coincidence that Marxism, which had smoldered ineffectively for half a century in Western Europe, caught hold and blazed for first time in Russia. Only in this land which had never known a friendly neighbor or indeed any tolerant equilibrium of separate powers, either internal or international, could a doctrine thrive which viewed economic conflicts of society as insoluble by peaceful means. After establishment of Bolshevik regime, Marxist dogma, rendered even more truculent and intolerant by Lenin's interpretation, became a perfect vehicle for sense of insecurity with which Bolsheviks, even more than previous Russian rulers, were afflicted. In this dogma, with its basic altruism of purpose, they found justification for their instinctive fear of outside world, for the dictatorship without which they did not know how to rule, for cruelties they did not dare not to inflict, for sacrifice they felt bound to demand. In the name of Marxism they sacrificed every single ethical value in their methods and tactics.

⁶⁰ Seguindo os preceitos de Weber (2003;2006), no sentido de que o pesquisador deve deixar claro onde está traçando relações empíricas e onde toma parte em opiniões avaliativas, esta última (sobre a parte metafísica do paradigma) será estabelecida na conclusão do trabalho.

dada situação, entretanto, enquanto houvesse o conflito de classes, toda a paz seria a consolidação de uma situação de injustiça, e toda a guerra justificada para romper tal situação.

Por isso também os constantes esforços para expandir a esfera soviética e preencher cada vácuo; qualquer território de posse de um estado não comunista é considerado, devido sua diferente estrutura social, um perigo para a paz do bloco soviético (KISSINGER, 1969, p. 55).

Diante desta perspectiva, argumentos a favor da negociação são esvaziados. De acordo com Kissinger (1969) países ocidentais que não pretendem mudar a estrutura internacional vigente, procurariam as relações diplomáticas para resolver as questões com real comprometimento. Os soviéticos, por sua vez, não veriam a negociação neste sentido e a tomariam como um acordo instável a ser aceito transitoriamente até o momento em que o balanço de forças estivesse ao seu favor e o ataque para romper com o mundo capitalista pudesse ser realizado.

Entretanto, se a União Soviética era movida pela dominação mundial, o que a teria impedido de avançar sobre a Europa após 1945? Tal questionamento, realizado por George Pettee, diz muito sobre o espelhamento da imagem dos Estados Unidos sobre as ações da União Soviética. Talvez, após aquela guerra, apenas os Estados Unidos tivesse capacidade para outro embate já que seu território continental não fora tocado pelo conflito, e a União Soviética tinha grande parte do seu território destruído e milhões de seus habitantes dizimados por causa da guerra. Para a questão George Pettee deu a seguinte resposta (1967, p. 42): a) monopólio nuclear e poder aéreo superior; e b) capacidade industrial superior para suportar uma guerra de grandes proporções e longa duração. Desta forma, unindo elementos valorativos e empíricos, a *lógica da contenção* foi tanto descoberta como inventada.

Com base nesse raciocínio, se seguiria a conclusão de George Kennan (1946) de que os Soviéticos, por não terem um plano fixado não tomariam riscos desnecessários, sendo impermeáveis à lógica da razão, já que sua metafísica procuraria incessantemente a dominação mundial, mas altamente sensíveis à lógica da força (KENNAN, 1946). A questão é que onde houvesse vácuo de poder ou militar, os soviéticos adentrariam com sua ideologia e força, porém, quando no lugar estivesse o poder do ocidente eles recuariam.

Deste modo, a crença que se sucedeu na comunidade política estadunidense foi a despersonalização do adversário, sem objetivos definidos, e cujas ações não eram passíveis de negociação e muito menos alteradas pelas iniciativas dos Estados Unidos (MCCGWIRE, 2001, p. 800-801).

Com o primeiro teste nuclear promovido pela União Soviética em 1947, novas estratégias deveriam ser levadas em conta e a lógica de contenção, embora permanecesse com os mesmos contornos gerais, sofreu algumas mudanças. Inicialmente, uma grande ansiedade foi gerada dentro do bloco ocidental com o pensamento que possuir capacidade nuclear pressupunha paridade de forças. Desta forma, grande ênfase foi dada para a possibilidade de um primeiro ataque que fosse decisivo para destruir todo o arsenal militar do inimigo (PETTEE, 1967, p. 43).

Tal doutrina foi sendo deixada de lado pelo fato que não obstante todo o desenvolvimento bélico, não havia chance de uma nação promover, em termos econômicos, uma capacidade de ataque capaz de aniquilar toda a área disponível ao inimigo em tempo tão curto para prevenir uma retaliação efetiva. A dificuldade se expande se se levar em conta ainda o território de outras nações aliadas (PETTEE, 1967, p. 57). Além do mais, um intenso combate nuclear entre as maiores potências as deixariam tão devastadas que ambas se tornariam vulneráveis diante de outras nações (KISSINGER, 1969).

Deste modo, a lógica de contenção sofreu alguns ajustes na forma da *contenção estável*, como proposta por Pettee (1967), ou na *guerra limitada* como concebida por Kissinger (1969). Embora a nomenclatura seja diferente, ambas possuem as mesmas características.

Primeiro, necessita-se que as forças estratégicas, àquelas voltadas para uma guerra total nuclear contra a União Soviética, seja superior. Não se trata apenas de superar ofensivamente, mas precisa ser de tal magnitude para suportar um ataque nuclear do adversário e ter força suficiente para retaliar. Parte destas forças estratégicas deve ter capacidade para rápida mobilização e emprego local com armas nucleares táticas. Isto dispensaria constantes recrutamentos militares o que não passaria a impressão para os soviéticos que estariam havendo uma escalada para uma guerra total. A diplomacia possui papel central neste processo. Levando-se em conta que os soviéticos seriam apenas suscetíveis à lógica da força, caberia à diplomacia deixar claro que a soberania deles não estava em jogo, caso contrário,

poderia haver um erro de cálculo que redundaria numa guerra nuclear total (KISSINGER, 1969; PETTEE, 1967).

Entretanto, não poderia haver dúvidas sobre “a determinação para alcançar objetivos intermediários e resistir pela força a qualquer movimento militar soviético” (KISSINGER, 1969, p. 168, tradução nossa⁶¹). Objetivos intermediários seriam os países, principalmente da Eurásia, que não poderiam passar para o controle soviético. Neste sentido, foi exposto em diretriz do *National Security Council* (NSC) de 1950 na qual assevera que a “dominação soviética de poderes potenciais da Eurásia, se alcançada por agressão armada ou por meios políticos ou subversivos, seria estratégica e politicamente inaceitável para os Estados Unidos” (NSC, 1950, tradução nossa⁶²).

Toma-se assim uma forma de *diplomacia ofensiva*, que sustentada por uma força militar na retaguarda e pela justificação metafísica que o inimigo não está disposto a negociar, estabelece seus próprios termos. Neste sentido, Mccgwire (2001, p. 788, tradução nossa⁶³) escreveu: “Os Estados Unidos estavam negociando de uma posição de força, que derivada dos inventários existentes e contínua evolução tecnológica, adicionou um corpo teórico para apoiar seus argumentos”.

Tal diplomacia pressupunha então a criação de situações de forças que vão “compelir o Governo Soviético a reconhecer a indesejabilidade prática de agir na base de seus conceitos atuais e a necessidade de se comportar de acordo com os preceitos da conduta internacional” (NSC, 1950, tradução nossa⁶⁴).

Desta forma, fecha-se a dimensão cosmológica do paradigma da inteligência estadunidense com a síntese apresentada por Mccgwire (2001, p. 787):

- a) Critério geopolítico especificado como de vital importância para a segurança dos Estados Unidos e seu modo de vida;
- b) A União Soviética, por sua localização geográfica e sistema econômico diferenciado, alcançou este critério e foi classificada como inimiga;
- c) Este inimigo não está aberto à lógica da razão podendo então ignorar seus interesses;

⁶¹ But equally, we must leave no doubt about our determination to achieve intermediary objectives and to resist by force any Soviet military move.

⁶² Soviet domination of the potential power of Eurasia, whether achieved by armed aggression or by political and subversive means, would be strategically and politically unacceptable to the United States.

⁶³ The United States was negotiating from a position of strength, which derived from existing inventories and continuing technological developments, plus a body of theory to support its arguments.

⁶⁴ To create situations which will compel the Soviet Government to recognize the practical undesirability of acting on the basis of its present concepts and the necessity of behaving in accordance with precepts of international conduct, as set forth in the purposes and principles of the UN Charter.

- d) Não aberto à razão, os Estados Unidos optou por uma lógica de coerção que requer situações de força, envolvendo diplomacia ofensiva.

Diante disso, espera-se ter traçado a parte metafísica do paradigma da inteligência o qual formaria a base interpretativa para os fenômenos do mundo exterior. Isso porque, não obstante a dimensão metódica clamar por uma atividade de pesquisa livre de valores e pré-concepções, o pesquisador está de acordo com Feyerabend (2011, p. 280) quando este diz que “os críticos de uma prática tomam a posição de um observador com respeito a ela, mas permanecem participantes da prática que lhes fornece suas objeções”. Ou seja, ao avaliar as intenções da União Soviética, os analistas de inteligência fizeram isso como cidadãos estadunidenses, e como tais, compartilharam dessa cosmologia.

4.3 Contraponto paradigmático de George Pettee

Pode-se dizer que em sua parte metódica, os ensinamentos de Sherman Kent (1967, 1994) constituem a visão paradigmática predominante na atividade de inteligência dos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial. Um sistema analítico de grande amplitude de coleta de informações tendo em vista a formulação de hipóteses preditivas. Tanto que, grande ênfase foi colocada na produção dos documentos chamados *National Intelligence Estimates*, que tinham como foco identificar ações específicas que poderiam ser tomadas por outros países.⁶⁵ Em consonância com isso, uma concepção de ciência positivista a delimitar uma estreita separação entre ação e especulação.

Neste tópico passar-se-á a expor a construção teórica formulada por George Pettee (1946a, 1946b, 1947, 1948, 1949, 1950). Diferente de Sherman Kent (1967, 1994), que ganhou grande prestígio na Segunda Guerra Mundial por seus trabalhos, Pettee, atuando na inteligência econômica, não obteve tamanho reconhecimento e sua influência na inteligência fora limitada. Isto provavelmente se deu pelo fato de que, grande parte das análises acerca da produção industrial da Alemanha nazista não se mostraram precisas após o final da guerra.

[⁶⁵] Existem inúmeras coleções de documentos deste tipo que foram tornados públicos. Apenas para exemplificar, conferir o endereço eletrônico <http://www.foia.cia.gov/collection/decclassified-national-intelligence-estimates-soviet-union-and-international-communism> no qual existem estimativas produzidas pela inteligência estadunidense sobre o comunismo e a União Soviética.

Antes de tratá-las diretamente, é preciso explanar sobre as influências teóricas sobre o pensamento de George Pettee. Em palestra no *Industrial College of the Armed Forces* (ICAF⁶⁶) no ano de 1950, após ser perguntado por um aluno qual seria o método para análise de inteligência, George Pettee (1950) responde:

Semântica é interpretada de cinco formas diferentes por cinco livros diferentes, e sua definição é completamente diferente em cada um destes. Estou inclinado a compartilhar a visão que apoia a mais ampla definição e que é a coisa mais próxima para uma sistemática e estabelecida ferramenta que trata da análise de premissas, do processo situado entre, o inacessível mundo externo objetivo, e o que passa através dos nossos sentidos para nossa mente, de modo a localizar os erros no pensamento, e aprender a evitar estes erros. Posso adicionar que Francis Bacon prenunciou tudo isso. Leia 'Linguagem em Ação' de Hayakawa e então leia Francis Bacon, e você encontrará que Bacon tinha isso bem claro em sua cabeça há 300 anos, e todos que o leram desde então não notaram isso (PETEE, 1950, p. 33, tradução nossa⁶⁷).

Francis Bacon (1999), em sua obra *Novum Organum*, expõe seu método científico baseado na experimentação e no raciocínio. Embora seja possível considerá-lo como positivista, já que o mundo empírico é quem adjudicará os conceitos abstratos, não se pode deixar de notar que Bacon traça alguns elementos existentes no ser humano que turvariam a percepção do fato realmente verdadeiro. Ou seja, ele nega que os sentidos ou o intelecto captariam os objetos como eles realmente existiam, de modo que sua metodologia busca escamar a empiria de forma a se chegar ao evento verdadeiro da natureza. Sendo assim, há que se levarem em conta elementos bloqueadores da razão.

Entre os eventos do mundo exterior e a formação dos axiomas mais gerais, há que se executar os passos da *verdadeira indução*. É ela que dita a simbiose entre experimento e intelecto. O primeiro serviria para auxiliar os sentidos de forma a confirmar ou negar uma instância acerca da natureza. Então, a partir da catalogação dos experimentos, ascenderia em nível de abstração de modo a

⁶⁶ Atualmente, se chama *Eisenhower School for National Security and Resource Strategy* e tem o objetivo de formar profissionais civis e militares para desenvolver a segurança nacional dos Estados Unidos. Sítio eletrônico disponível em <http://www.ndu.edu/es/>

⁶⁷ Semantics is interpreted about five different ways by five different books, and the definition of semantics is quite different in each of the books. I am inclined to share the view that it can support the broader definition and that it is the nearest thing to a systematic, established tool by which to approach the analysis of premises, of the intervening process between the unapproachable external objective world and what percolates through your senses to your mind, in order to locate errors in it, and to learn how to avoid these errors. I might add that Francis Bacon foreshadowed all this. Read Hayakawa's 'Language in Action' and then read Francis Bacon, and you will find Bacon had this all clear in his head 300 years ago, and everybody who has read him since has missed it.

recolher os axiomas, que serviriam como princípio de máxima generalidade. Os axiomas por sua vez, serviriam para a designação de novos fatos particulares, cuja validade, positiva ou negativa, somente se daria após também passar por um experimento (BACON, 1999). A ordem deve ser estreitamente seguida, não se pode subir para axiomas mais gerais sem delimitar antes aqueles que o pressupõem. Assim, a verdadeira indução “recolhe os axiomas dos dados dos sentidos e particulares, ascendendo contínua e gradualmente até alcançar, em último lugar, os princípios de máxima generalidade” (BACON, 1999, p. 36).

Por sua vez, os elementos bloqueadores da razão são chamados por Bacon de ídolos, são eles: *ídolos da tribo, caverna, do foro e do teatro*. Os primeiros tomam os sentidos do corpo humano como foco. Os *ídolos da tribo* estão fundados na própria natureza humana, que por sua vez dá origem a percepção dos sentidos, que guarda similaridade com ela e não com a essência do universo. Os sentidos não captam a verdadeira faceta dos objetos já que preconceitos existentes na mente humana ou a interferência das emoções turvam a verdadeira percepção das coisas (BACON, 1999, p. 44).

Já os *ídolos da caverna* guardam relação com a caverna individual de cada homem. São as questões que, sejam elas recebidas por outros, ou pelo seu estado de ânimo individual, interferem na percepção de um ser humano tomado individualmente (BACON, 1999, p. 40).

Os *ídolos do teatro* ou *da teoria*, numa crítica indireta a Platão (2005), que também elaborava peças de teatros, são compostos daquelas doutrinas filosóficas errôneas e os métodos experimentais dela decorrentes que baseiam suas generalizações “numa base de experiência e história natural excessivamente estreita e se decide a partir de um número de dados muito menor que o desejável” (BACON, 1999, p. 49).

Por último, e o mais importante para os propósitos desse estudo, tem como origem o fortalecimento das relações sociais entre os homens e a ferramenta principal neste processo: o discurso. Deste modo, os *ídolos do foro*, que considerados como sendo os mais perturbadores, residem no processo de comunicação verbal entre os humanos e advêm do mau uso da linguagem, atribuindo nomes a coisas que não existem ou então os determinando de forma inadequada. A questão importante proposta por Bacon é de que “os homens, com efeito, creem que a sua razão governa as palavras. Mas sucede também que as

palavras volem e refletem suas forças sobre o intelecto” (BACON, 1999, p. 46). Deste modo, na formulação dos axiomas, seria preciso atentar para a força da linguagem como instrumento não apenas descritivo, mas também modelador e criador do mundo exterior quando refletido no intelecto humano.

A influência teórica atribuída a Hayakawa e Hayakawa (1990) é compatível e suplementar aquilo proposto por Bacon (1999) no que tange aos *ídolos do foro*. Em sua obra *Language in Thought and Action* são traçadas algumas formas de como a linguagem afeta o modo de conhecimento do ser humano. Assim como Bacon, esses autores também pressupõem que pensamento e linguagem sofrem influências um do outro. Neste sentido, a figura abaixo é bastante ilustrativa.

Figura 8: Palavras formando pensamento e vice-versa



FONTE: Hayakawa; Hayakawa, 1990.

Desta forma, os autores tomam como ponto de partida a analogia dos mapas e territórios que leva em consideração uma separação inequívoca entre o símbolo e o objeto simbolizado. As palavras e expressões linguísticas não possuem sentido algum por si só, pois, são as convenções humanas, consolidadas pelo uso histórico dos signos que fazem com que elas tomem significado na vivência cotidiana. Nega-se assim qualquer relação natural entre fonemas e signos com o seu significado.

Partindo desta distinção, Hayakawa e Hayakawa (1990, p. 19) entendem que se vive em dois mundos. O primeiro é o mundo dos acontecimentos, fisicamente vivenciado por uma pessoa. O segundo advém daquilo que se conhece através de terceiros, sejam pessoas, meios de comunicação ou artigos científicos, ou seja,

aquilo que se recebe de maneira verbal. Conseqüentemente, o conhecimento que é obtido através do segundo mundo é muito maior do que aquele obtido através do primeiro já que não se pode vivenciar nem confirmar pela experiência direta tudo aquilo que é recebido através da comunicação. Cabe aqui a analogia das representações intuitivas e abstratas de Schopenhauer (2005) com o primeiro e segundo mundo respectivamente.

Deste modo, eles expõem que o mundo verbal deve guardar uma relação experimental com o mundo físico assim como o mapa faz com o território. Para saber se a representação de uma estrada contida num mapa é adequada com a estrada em si é preciso percorrê-la.

[...] por meios de imaginários ou falsos relatos, ou por falsas inferências de bons relatos, ou então por meros exercícios retóricos, podemos manufaturar a vontade com a linguagem, “mapas” que não possuem referência para o mundo extensional. [...] Nenhum dano pode ser ocasionado a menos que alguém cometa o engano de considerar tais “mapas” como representantes de territórios reais (HAYAKAWA; HAYAKAWA, 1990, p. 21, tradução nossa⁶⁸).

É preciso então trazer nesta analogia ainda as duas instâncias de significado. A extensional e intencional. A primeira diz respeito a um objeto específico existente no mundo físico e sobre o qual a pessoa que se comunica o tenha vivenciado e conhecido diretamente. Assim, quando se refere a uma determinada sala de aula de determinada escola e seus signos de localização, aponta-se um objeto específico localizado no mundo exterior e cuja existência se teve constatação direta. De outra forma, o significado intencional, se refere aquilo que é sugerido na mente de uma pessoa. No exemplo da sala, caso nunca se tivesse ido até lá, pensar-se-ia, e seria possível formular verbalmente, sobre as características específicas que diferenciam uma sala de aula de uma sala de estar residencial (HAYAKAWA; HAYAKAWA, 1990).

O outro bloco teórico formulado por Hayakawa e Hayakawa (1990) que é importante para entender o modelo teórico de George Petree, diz respeito ao processo de abstração obtido através da linguagem. De um lado, figura o mundo exterior, físico, vivenciado diretamente (extensional) e do outro o mundo verbal.

⁶⁸ “by means of imaginary or false reports or by false inferences from good reports or by mere rhetorical exercises, we can manufacture at will, with language, “maps” that have no reference to the extensional world. [...] no harm will be done unless someone makes the mistake of regarding such “maps” as representing real territories.”

Utilizando agora a analogia de uma escada, no nível mais baixo, existem concepções propriamente físicas sobre o objeto de acordo com o pensamento científico da ocasião. Com o exemplo dos próprios pensadores, tem-se o caso de uma vaca conhecida chamada Bessie. No mundo físico, Bessie, composta por átomos, moléculas ou células, é diferente da Vaca₁, Vaca₂ e assim por diante. Embora Bessie seja uma entidade única no universo, naturalmente sua classificação é como uma vaca, ou seja, realçam-se as funções, hábitos e formas que realçam as semelhanças com as demais vacas (chifres, quatro patas, mugido) e descartam-se aquelas que são irrelevantes para a classificação (cor e peso). Conforme a classificação vai sendo alterada, alcançando maiores níveis de abstração, mais características são deixadas de fora do processo. No mesmo exemplo citado, o mais alto nível de abstração é o de propriedade, no qual se selecionam apenas as características de Bessie que estejam relacionadas com o poder comercial que uma pessoa tem sobre ela. O nível de abstração é alto, pois não é fisicamente possível apontar o dedo para tal poder. Não é possível fotografar ou filmar este e apenas registrar formas de sua expressão, como um processo de venda ou de abate (HAYAKAWA, HAYAKAWA, 1990).

Por fim, como os autores afirmam: “textos e discursos interessantes, bem-estar psicológico e mental, requerem a constante ação combinada entre os níveis mais altos e mais baixos de abstração, e a constante interação entre níveis verbais com níveis não verbais (“objetos”)” (HAYAKAWA, HAYAKAWA, 1990, p. 95).

Estabelecidas as influências teóricas, pode-se agora passar para a formulação do modelo de análise de Inteligência proposto por George Pettee, mas para isso, é importante adicionar também o papel por ele exercido na Segunda Guerra Mundial.

George Pettee foi chefe da *European Enemy Division*, braço do *Foreign Economic Agency*, de 1943 até pouco após o fim da guerra. Foram quatro os objetivos da inteligência econômica: a) primeiro, saber como causar dano ao adversário mais efetivamente através de bloqueio econômico, ou seja, descobrir quais os principais países fornecedores de matéria prima da Alemanha nazista para os persuadirem a não mais negociar com ela; b) o segundo consistia em analisar a essencialidade de um item na cadeia de produção de guerra do inimigo de forma a verificar sua vulnerabilidade e oportunidade para figurarem como alvos de bombardeios aéreos; c) o terceiro tinha como objetivo julgar os efeitos econômicos

advindos de batalhas específicas como indicadores da estratégia inimiga. Acreditava-se que avaliar a significância da perda produtiva, caso um território fosse perdido pelo adversário, daria uma indicação de quão intensa poderia ser sua defesa; d) por fim, o quarto objetivo, procedia ao julgamento das capacidades e intenções da Alemanha nazista (PETTEE, 1946a, p. 02-03).

Logo após o fim da guerra, a Força Aérea dos Estados Unidos montou uma comissão para visitar a Alemanha com o objetivo de efetuar estudos que avaliassem a efetividade dos bombardeios aéreos. As conclusões foram sumarizadas no documento intitulado *The United States Strategic Bombing Surveys* não sendo condizentes com os julgamentos da inteligência dos Estados Unidos ao longo da guerra. Foi constatado que a economia da Alemanha nazista não estava em declínio e os alvos bombardeados continuaram em produção crescente ou estável a despeito dos constantes bombardeiros aéreos que tinham como alvo a indústria bélica nazista (*Center for Aerospace Doctrine Research and Education*, 1987). Desta forma, a construção do modelo teórico de George Pettee é fruto direto de sua reflexão sobre as falhas analíticas identificadas na ocasião. Neste sentido, ele afirma: “Nossa percepção na época sobre a economia de guerra alemã foi totalmente diferente da economia de guerra alemã que podemos ver agora” (PETTEE, 1946a, p. 04, tradução nossa⁶⁹).

O processo de análise se inicia então na entrada de dados brutos, quando estes tomam a forma de premissas originais⁷⁰. Tais premissas são manuseadas através de operações lógicas, cujos resultados são novas premissas, que servirão como material para outro estágio de formulações lógicas para alcançar novas premissas, ou por fim, julgamentos analíticos. Remonta-se expressamente a uma estrutura piramidal de milhões de dados factuais na base com algumas ou até mesmo uma conclusão no cume. Aqui se observam traços da verdadeira indução baconiana, pois, George Pettee alerta que caso a ordem lógica não seja seguida, pode-se: omitir etapas necessárias; incluir falsas etapas; e, realizar uma etapa em desordem lógica com outra (PETTEE, 1946b, p. 70-71).

Veja-se como isso se desdobraria a partir da análise da economia alemã na Segunda Guerra, quando uma premissa tomada pelos Estados Unidos era esta: a economia alemã é baseada no princípio de *canhão no lugar de manteiga*. Ou seja, a

[⁶⁹] Our contemporary consciousness of the German war economy, was altogether different from the German war economy as we can see it now.

⁷⁰ Significado similar ao de premissa factual anteriormente tratado.

produção militar ocorria em detrimento da economia civil. Além disso, pensava-se que sua economia era ineficiente (PETTEE, 1946a, 1947, 1948).

A queda da França em junho de 1940 mudou uma das premissas acima: a economia alemã passou de ineficiente para eficiente. Porém, por ser um Estado totalitário, e estarem com a política de *canhão no lugar de manteiga*, a inteligência estadunidense concluiu que eles estavam atuando no topo da capacidade produtiva. Tais premissas, segundo Pettee (1946a, 1946b, 1949, 1950), foram as principais razões pelos erros na análise econômica. Desta forma, ele afirma que “a questão mais importante, eu acho, em todos aqueles casos está na escolha das premissas; não na lógica” (PETTEE, 1950, p. 25).

No caso em questão, Pettee não está negando a lógica, ao contrário, a considera necessária. Entretanto, ele se preocupa com o risco de se ocorrerem saltos lógicos, dos níveis mais baixos de abstração para os mais altos, de forma que as conclusões advindas não tivessem amparo factual, pois as premissas de entrada de dados já estavam viciadas.

Atenção ao caso acima: após a tomada da França pelos alemães, embora a premissa original sobre a economia alemã tenha se alterado corretamente (de ineficiente para eficiente), segundo Pettee (1949), surgiu, indevidamente, a conclusão de que a Alemanha nazista estava operando no teto econômico por ser um estado totalitário.

[A premissa] O sistema totalitário não é tão ineficiente como nós pensamos, porém, infelizmente, é bastante eficiente. Porém, nós ainda pensamos dele como sendo total. [A conclusão] O julgamento padrão da inteligência americana, por toda a guerra e ainda antes dela, era que os alemães alcançaram seu pico no “último ano” e eles devem estar agora em declínio por causa da escassez de óleo e de mão de obra qualificada, sem formação de homens qualificados para o exército, o recrutamento de mulheres e estrangeiros sem experiência, e vários outros fatores daqueles tipos. O efeito do bloqueio mental foi alcançado muito atrás, nos primeiros estágios da guerra (PETTEE, 1949, p. 08, tradução nossa⁷¹).

O efeito do bloqueio mental é explicado por Hayakawa e Hayakawa (1990). Segundo eles, um julgamento é uma conclusão sobre a realidade a partir da

⁷¹ It was not until the Battle of France that the signs were reversed, and we decided: the totalitarian system is not so inefficient as we thought but, unfortunately, runs out to be pretty efficient. But we still thought of it as total. The standard American intelligence judgment, throughout the war and even before the war, was that the Germans reached their peak “last year” and they must now be in a decline because of the shortage of oil, the exhaustion of skilled manpower, the creaming off skilled manpower for the army, the recruitment of unskilled women and foreigners, and various others factors of that kind. The effect of the blockade was rated very highly back in the early stages of the war.

avaliação de diversos fatos anteriormente observáveis. Entretanto, julgamentos apressados induzem à cegueira temporária, pois, ao fazê-lo, todas as características individuais do objeto em questão são deixadas de lado para serem levadas em conta apenas aquelas que se conformam com o julgamento. Dessa forma, quando se classifica um indivíduo dizendo que ele é “um típico policial”, se delimitaria uma série de julgamentos e estereótipos gerais sobre a classe policial, armazenadas no mundo verbal, sem se deter ou procurar saber sobre as características particulares do indivíduo observado. E esta seria a tendência do intelecto humano, pois, conforme explicou Bacon (1990, p. 36), “a mente anseia por ascender aos princípios mais gerais para aí então se deter. A seguir, desdenha a experiência” (BACON, 1990, p. 36).

Do mesmo modo, a premissa *estado totalitário*, entre os analistas de inteligência, encerrava uma série de conclusões acerca do modo de produção econômica de um Estado deste tipo, sem levar em conta especificamente o sujeito extensional existente e que era objeto de análise.

Há que se indagar neste ponto se novas informações poderiam mudar o julgamento e as premissas. Pettee relativiza a questão da preponderância do acúmulo informacional como elemento que naturalmente retrataria a realidade. Relativizar não significa negar, apenas ele passa a impressão que o aparato de coleta de inteligência teria suprido todo o tipo de informações para se pensar diferente. A questão principal seria a seleção do que era ou não relevante, e esta seria determinada pelo mundo verbal existente, pelos axiomas mais gerais que já estavam incutidos nas agências de inteligência na ocasião.

Eu poderia dizer que tínhamos dez vezes mais informações básicas do que nossa capacidade de analisá-las. Isso significa que haveria um problema de seleção do que deveria ser analisado. Como resolver o problema da seleção? Nós resolvemos por convenções que estavam enraizadas em nossa mente. Maus hábitos decidiram sobre quais os dados disponíveis sobre a economia alemã deveríamos avaliar constantemente (PETTEE, 1948, p. 16, tradução nossa⁷²).

⁷² I would say we had ten times as much basic information as we could analyze. The ratio was about ten to one. That means there was a problem of selection, what should be analyzed. How did we solve the problem of selection? We solved it by conventions that were stuck in our minds. Bad habits decided what grindstone we should put our noses to in examining the available data on the German economy.

A inteligência entraria assim num círculo vicioso: o mundo verbal, altamente abstrato, discordante da realidade propriamente dita, selecionaria nesta apenas os dados que com ele fossem compatíveis. Isso evita a formulação de novas premissas bem como a revisão do próprio mundo verbal.

A exceção foram alguns jovens analistas que puderam constatar o “fato verdadeiro porque eles podiam olhar diretamente e ver a realidade, e não ficar cego pelo fato que era Nazista e totalitária e, portanto, estava no topo e impossível de ir para qualquer lugar, a não ser para baixo” (PETTEE, 1946a, p. 10, tradução nossa⁷³). George Pettee atribui ao modo de pensar destas pessoas, iniciantes na atividade de inteligência, como a questão principal. E o primeiro ponto foi a relativização de uma análise puramente cronológica.

No entendimento de Pettee, a construção de premissas e conclusões deveria levar em conta os eventos a partir de sua totalidade e não reagir em série conforme acontecessem. O historiador, segundo Pettee (1950) seria frequentemente superior devido ao fato de não pensar sobre os eventos em série, mas por tomá-los em conjunto, tendo uma visão sistêmica. O que aconteceria, é que um analista que viesse acompanhando o assunto por um longo tempo e reagindo aos eventos em série, tenderia a contextualizar os novos acontecimentos de acordo com sua impressão anterior de mundo, e como ela estaria errada em seu início, novas informações apenas reforçavam o erro. Seria este tipo de abordagem que explicaria o sucesso de alguns jovens analistas e o erro dos mais antigos. Ao reagir aos eventos em série, por exemplo, em setembro de 1944, especialistas estadunidenses contaram cerca de cinco ou seis mobilizações totais da Alemanha desde o início da Guerra, o que não seria possível, pois uma mobilização total da economia não daria margem para aumento de produção no ano seguinte. Desta forma, a cada ano, sucessivamente, avaliava-se que o pico de produção tinha sido alcançado no ano anterior. Não obstante, o número de tanques aumentou em seis vezes de 1942 para 1944 (*Center for Aerospace Doctrine Research and Education*, 1987; PETTEE, 1946a).

Sendo assim, novos analistas não estariam presos ao mundo verbal que era consenso entre a comunidade de inteligência. Para estes, a premissa estado totalitário não desencadeava a conclusão mobilização total. Esta haveria de ser

⁷³ These boys got the fact because they could look at it straight and see what it was and not be blinded by the fact that it was Nazi and totalitarian and therefore up to the ceiling and unable to go anywhere but down.

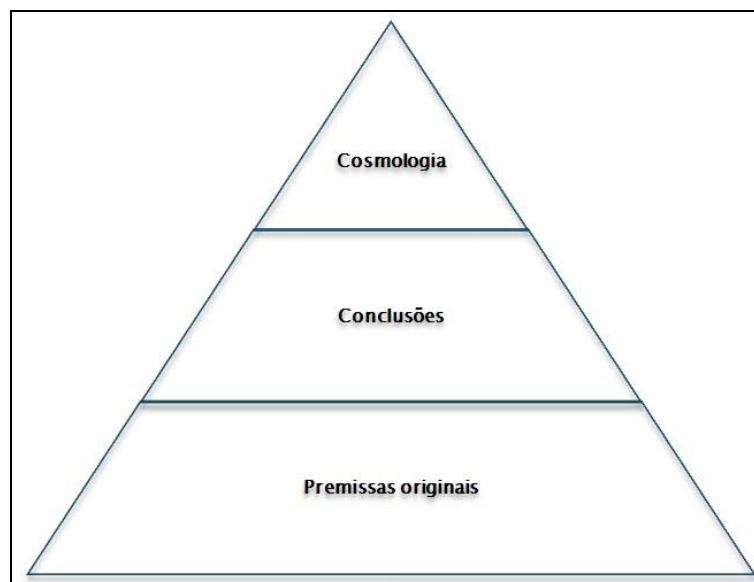
experimentada através da observação do mundo exterior, através de informações. E uma forma de experimentação apresenta-se na citação abaixo.

Agora, eu posso lembrar quando eu comecei a suspeitar sobre isso, porque eu comecei a prestar atenção no fato no verão de 1943 que os alemães tinham decidido proibir o uso de aço para fazer tachinhas e cliques de papel. Eu chamei alguém da Diretoria da Produção de Guerra e perguntei, “quando nós cortamos aço para tachinhas e cliques de papel?” Ele disse, “que foi na ordem revisada em junho de 1942.” Os alemães fizeram isso um ano depois que fizemos, não um ano antes, ou dois ou três antes, porém um ano depois. Ao longo de 1944 eles cortaram o aço para cabides, o que nós fizemos em 1942 (PETTEE, 1946a, p. 7, tradução nossa⁷⁴).

Deste modo, a pirâmide da construção de conhecimento de George Pettee apresenta uma maior ênfase na elaboração e revisão das premissas que os profissionais da inteligência tomam como pressuposto. Estas por sua vez, geram conclusões de níveis mais abstratos, que servirão como premissas para outras conclusões de maior nível de abstração e assim sucessivamente até se chegar ao topo numa cosmologia perfeita sobre o modo de funcionar de uma dada situação, conforme se ilustra a seguir (PETTEE, 1949).

⁷⁴ Now, I can remember when I first began to suspect this, because I ran into the fact in the summer of 1943 that the Germans had decided to cut out the allowance of steel for making thumb tacks and paper clips. I called someone in War Production and asked, “when did we cut out steel for thumb tacks and paper clips?” They said, “That was in M-umpteen revised in June, 1942.” The Germans got around to it a year after we did, not a year before or two or three years before, but a year after. Along in 1944 they cut out steel for coat hangers, which we had cut in 1942.

Figura 9: Pirâmide de construção de conhecimento de George Pettee.



FONTE: Elaborada pelo autor.

O processo, como foi dito anteriormente, possui uma ênfase maior no arranjo das informações do que acumulação propriamente dita. Neste sentido, finaliza-se a explanação do método de George Pettee com a seguinte citação:

[...] Inteligência tem menos a ver com a descoberta e mais com a retirada de água [que turva] para fora do nosso estoque de conhecimento. Você não tem que sair e descobrir novas informações. Quando você encontrar o verdadeiro conhecimento, você acha que todos os dados contidos nele já eram conhecidos antes de você começar. É apenas uma nova conclusão. É um novo arranjo, uma nova estruturação dos mesmos dados que estavam ali antes, suplantando uma antiga conclusão que foi baseada em uma série de dados, mas que incluía algumas coisas que você sabia, mas finalmente descobriu que não eram assim. Você formou uma conclusão em primeira instância. Você encontrou pela experiência que estava errado. Você redigiu uma nova. Se você já tiver sucesso em encontrar uma que, pela experiência mais tarde, parece ser boa na segunda-feira de manhã, a diferença é muito mais parecida com a de que você se livrou de algo do que você adicionou alguma coisa (PETTEE, 1949, p. 02, tradução nossa⁷⁵).

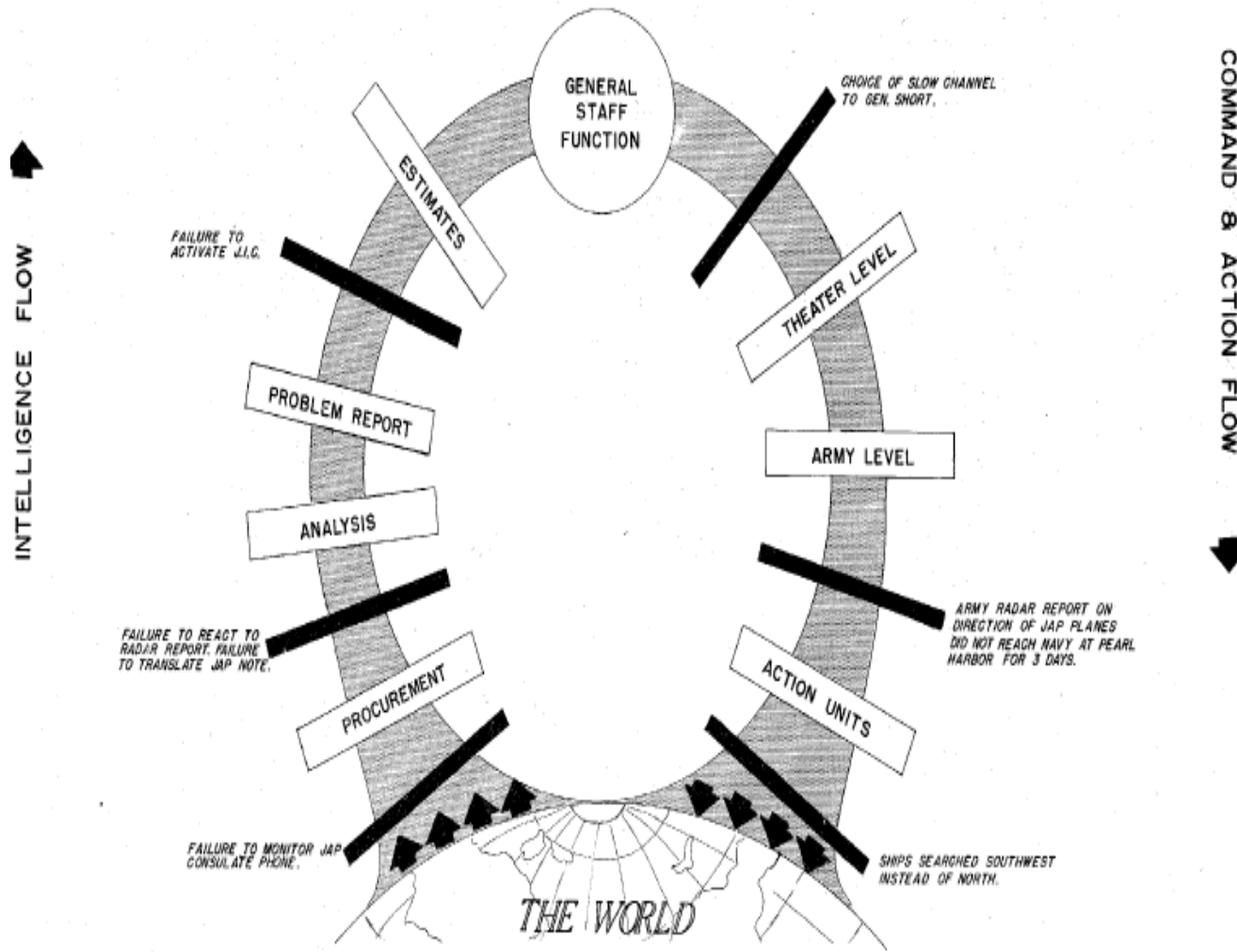
⁷⁵ [...] intelligence has less to do with discovery than it does with squeezing the water out of our stock of knowledge. You don't have to go out and find out something of added information. When you have found it, you find that all the data contained in it were known before you started. It is just a new conclusion. It is a new arrangement, a new structuring of the same data that were right there before, supplanting a former conclusion which was based on a lot of data but which included some things you know but finally found out were not so. You formed a conclusion in the first instance. You found by experience it was wrong. You worded out a new one. If you ever succeed in finding one that, by experience afterward, looks good on Monday morning, the difference is far more that you have got rid of something than that you have added something.

4.3.1 Concepção disciplinar e a relação com o tomador de decisão

Uma diferença fundamental entre Sherman Kent e George Pettee reside na maneira pela qual eles conceberam a relação entre os profissionais da inteligência e os tomadores de decisão. Entretanto, mais do que uma prescrição profissional da atividade, tal distinção apresenta reflexos nas diferentes concepções de ciência destes estudiosos.

George Pettee estabelece uma maior integração entre a inteligência e os tomadores de decisão. O que para Sherman Kent seriam duas atividades distintas, a inteligência responsável pela especulação e o corpo decisório pela ação, para George Pettee, haveria um ciclo informacional único envolvendo informação, decisão, comando e ação. Para melhor entendimento, segue abaixo figura elaborada por Pettee:

Figura 10: Ciclo de inteligência-comando-ação de Pettee



Fonte: PETTEE, 1950, p. 35

Tal ciclo abrange o fluxo de informação, decisão, comando e ação, como partes interdependentes. No ponto central, na parte superior da figura, está o Estado-Maior. O exemplo de Pettee estava pautado nas questões de guerra, entretanto, pode-se pensar nele como o tomador de decisão num aspecto geral.

Entre ele e o mundo externo há a atividade de inteligência cuja função é “escamar dados da face da terra, processá-los, e canalizá-los ao estado maior” (PETTEE, 1950, p. 01, tradução nossa⁷⁶). O fluxo aqui é de baixo para cima, consubstanciado no lado esquerdo da figura.

No lado direito, existe o fluxo inverso, que são as ordens e comandos oriundos do estado maior e direcionados para as unidades operacionais que estão agindo e mudando o ambiente exterior. Deste modo, George Pettee liga as duas atividades sem tomá-las de forma independentes, mas sim, como um contínuo processual.

Se aquele ciclo – o fluxo de informação, decisão, comando, e ação – é racional, então você está usando seus recursos para servir aos seus propósitos, e as consequências estão vindo de acordo com suas intenções. Se as consequências não estão vindo de acordo com suas intenções, há algum tipo de mosca na sopa, há uma falha de função em algum lugar naquele ciclo (PETTEE, 1950, p. 02, tradução nossa⁷⁷).

Esta aproximação entre processo decisório e atividade de inteligência está relacionada com uma nova concepção de ciência proposta pelo autor com características experimentais e com o auxílio da lógica.

Tal concepção que integra as atividades possui relação com a concepção de ciência imagina por George Pettee. Primeiramente, ele traça uma definição geral da ciência exata que é baseada em situações simples, investigadas em laboratório, com medidas avançadas e rígida objetividade, ou seja, com a separação do observador para com o objeto observado (PETTEE, 1967, p. 75).

Porém, avaliando o desenvolvimento tecnológico, Pettee afirma que existe a prática de uma nova ciência que embora compartilhe de alguns elementos descritos acima,

Simplesmente não separa o observador do observado através do controle experimental, com o cientista fora do tubo de ensaio; sua

⁷⁶ That is the intelligence function, peeling data off the face of the earth, processing it, and funneling it up to the general staff.

⁷⁷ If that cycle – the flow of information, decision, command, and action – is rational, then you are using your resources to suit your purposes, and the consequences are coming out in accordance with your intentions. If the consequences are not coming out in accordance with your intentions, there is some kind of fly in the ointment; there is a failure of function somewhere in that cycle.

característica de investigação é de uma atividade intencional envolvendo homens e valores. Se mantêm a comunidade científica, mas lança novas ligações do outro lado da fronteira com a sociedade (PETTEE, 1967, p. 76, tradução nossa⁷⁸).

Esta nova ciência rompe com a ciência exata no sentido de que não interromperá seu trabalho assim que dados exatos não sejam mais possíveis. George Pettee relativiza a questão da precisão da informação. Para ele, quando os dados forem precisos, será o reino das ciências exatas, entretanto, quando tais dados forem muitos volumosos, como é o caso nas inúmeras relações sociais, eles não poderão ser checados empiricamente com precisão.

Sendo assim, como o propósito desta nova ciência é guiar alguma ação real, a própria ação servirá como teste empírico, mas sem o isolamento de variáveis como é próprio de um teste de laboratório, pelo contrário, este teste empírico é “complexo, descontrolado, aberto a intrusões de novos fatores, e impossível para registrar com precisão” (PETTEE, 1967, p. 77). A avaliação dos resultados consistirá nas impressões mais ou menos objetivas daqueles que participaram da experiência, e não de um observador isento. Assim, a avaliação do assessoramento, será considerada boa ou ruim não em relação à informação prestada ao tomador de decisão, mas sim em relação à ação tomada e avaliação desta ação no mundo exterior. Segundo Pettee, esta nova ciência interdisciplinar seria a principal razão da inovação técnica ao mesmo tempo em que serve como intermediária das ciências exatas e a política.

É interessante notar que no trabalho em que discorre sobre esta nova ciência, George Pettee não cita diretamente a atividade de inteligência, não obstante as frequentes menções relativas a assessoramento da política. Ele prefere utilizar o termo semi-ciência (*semiscience*), entendendo que ela é o ponto de convergência das seguintes áreas cujo conhecimento é necessário para a formulação política:

- a) Semântica;
- b) Teoria da comunicação;
- c) Ciência comportamental;
- d) Análise de sistemas;
- e) Teoria dos jogos;

⁷⁸ But it simply does not separate the observer from the observed through experimental control, with the scientist outside the test tube; its characteristic investigation is of a purposive activity involving men and values. It maintains the community of science, but throws new linkages across the boundary with society.

- f) Cibernética;
- g) Teoria da decisão;
- h) Lógica simbólica;
- i) Pesquisas operacionais;
- j) Administração;
- k) Ciências da política.

Deste modo, observa-se que a concepção disciplinar de Pettee sobre o papel da ciência como mediadora informacional do processo decisório, pressupõe uma aproximação maior ao tomador de decisão do que a proposta de Sherman Kent. Da mesma forma, o critério de objetividade proposto relativiza o processo de acumulação informacional como o método capaz de resolução de um problema político. Enquanto Sherman Kent (1964, 1994) propõe um observador passivo e distante do mundo exterior para que fornecesse dados precisos ao tomador de decisão, George Pettee (1967) coloca a *semiscience* dentro deste mundo observando as interações da ação sobre ele.

Desta forma, apresentados os elementos do paradigma alternativo de George Pettee, passa-se no próximo título a tratar sobre o estudo de caso proposto, qual seja, a crise dos mísseis de Cuba de 1962, um momento tenso no cenário mundial quando as duas maiores potências da Guerra Fria chegaram bem próximo a uma confrontação nuclear.

5 ESTUDO DE CASO: A CRÍSE DOS MÍSSEIS DE CUBA EM 1962

Será abordado neste capítulo o estudo de caso proposto, qual seja, a crise dos mísseis de Cuba em 1962. Procurar-se-á perceber como as características do paradigma da inteligência reconstruído no capítulo anterior se desdobraram nas conclusões analíticas nesse evento. Antes, porém, será delimitado em linhas gerais o contexto político que ambientou a situação na qual a União Soviética instalou mísseis nucleares ofensivos em solo cubano com alcance para atingir grande parte do território estadunidense.

Em linhas gerais, o mundo encontrava-se dividido num período denominado de Guerra Fria. Tratou-se de uma geopolítica bipolarizada com disputa político-ideológica dos dois blocos que mantinham sistemas econômicos diferentes. Os Estados Unidos com o sistema capitalista e a União Soviética com o comunismo. Travaram-se batalhas nas arenas políticas, ideológicas e militares, com a ressalva que nesta, pelo motivo de ambas as potências possuírem considerável arsenal termonuclear, o confronto direto era evitado com o receio de uma devastação sem proporções na história da humanidade.

Um símbolo desta divisão era o próprio território alemão cuja ocupação se deu de maneira fracionada após o fim da Segunda Guerra nas porções ocidental e oriental, sendo a primeira administrada por Estados Unidos, Inglaterra e França, e a segunda pela União Soviética. Inicialmente, a capital Berlim, que estava do lado soviético, estava quadripartida com administração independentes por estes quatro países. Porém, em junho de 1949, o bloco ocidental decidiu criar um Estado sob o seu controle criando uma moeda unificada. A União Soviética reagiu com um bloqueio terrestre sobre as vias de acesso para Berlim Ocidental com a intenção de que os países do bloco ocidental abandonassem a administração da cidade, o que não aconteceu.

Foram então criadas alianças militares para o fortalecimento de cada bloco. Deste modo, em abril de 1949 foi criada a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que congregou os países capitalistas e liderados pelos Estados Unidos. O contraponto de mesma natureza, realizado pela União Soviética, foi a criação do Pacto de Varsóvia em 1955⁷⁹.

⁷⁹ Também conhecido como Tratado de Varsóvia foi uma aliança militar formada pela União Soviética e países socialistas do Leste Europeu e com objetivo de combater a ameaça proporcionada pela formação da OTAN que consolidava militarmente os países europeus do bloco capitalista e Estados Unidos.

No ano de 1959, Cuba passou por uma revolução liderada por Fidel Castro e Che Guevara, os quais tomaram o poder e possuíam tendências políticas inclinadas a União Soviética. Foi o primeiro país da América Latina que passou a ter o socialismo como sistema político e econômico, tendo posteriormente aderido ao bloco soviético. Tal fato ocasionou preocupação aos Estados Unidos tanto na questão militar, quanto no aspecto psicológico, pois se temia que o exemplo de Cuba se alastrasse pelo restante do continente.

Deste modo, no final do governo do presidente Dwight Eisenhower (1960) o setor de operações encobertas da CIA já tinha preparado e iniciado preparativos para fomentar uma insurgência em Cuba. Foram treinados centenas de refugiados na Guatemala e, no primeiro ano de seu governo, John Kennedy autorizou que fosse iniciada a operação de invasão e derrubada do governo de Fidel Castro. Não foram usadas tropas americanas, mesmo assim, a avaliação, altamente otimista, do setor responsável pela operação era de que assim que começasse a insurgência o povo cubano se rebelaria conjuntamente. O que não aconteceu e a invasão se tornou apenas uma tentativa fracassada em abril de 1961 (TURNER, 2008).

Já em 13 de agosto de 1961, na porção leste de Berlim, dominada pelos Soviéticos, foi construído um muro de concreto que estabeleceu uma rígida separação e estabeleceu um forte controle migratório de pessoas.

Em novembro de 1961 foi desencadeada a operação *Mongoose* cujo objetivo era ajudar Cuba a derrubar o regime comunista. Consistiu num conjunto de ações encobertas em solo cubano para recrutar informantes e identificar focos de dissidência do regime. Resultou ainda na tentativa de 32 assassinatos contra Fidel Castro (OSD, 1962; TURNER, 2008).

Nikita Khrushchev, então premiê da União Soviética, no dia 12 de abril de 1961 confirmou junto ao governo Cubano, em segredo, a entrega de aproximadamente 180 mísseis do tipo SA-2, também chamados de SAM (*surface-to-air*), do tipo terra-ar, eminentemente defensivos, além de bateria de mísseis para defesa costeira e um regimento de tropas soviéticas (ALISSON; ZELIKOW, 1999).

A decisão para instalar os mísseis ofensivos estratégicos, do tipo terra-terra, com alcance para atingir solo estadunidense, veio cerca de um mês depois, em meados de maio de 1962. A partir de então, foi montada uma operação de codinome ANADYR que envolvia tanto os procedimentos operacionais para o transporte dos artefatos, quanto às ações de desinformação para que os mísseis

não fossem descobertos até que estivessem plenamente operáveis. No dia vinte e nove de maio se dirigiu para Cuba a primeira delegação de oficiais soviéticos. Parte deles eram especialistas que iriam analisar a viabilidade técnica de instalação dos mísseis em segredo. A outra era composta por pessoas responsáveis em se encontrar com Fidel Castro para contar-lhe sobre o plano, o qual foi aprovado pelo líder comunista. Entre eles, havia também uma delegação de especialistas em agricultura para fins de dissimulação das intenções (HANSEN, 2007).

Para que a União Soviética alcançasse a vantagem pretendida, a qual discutida mais à frente, necessitava que os mísseis se tornassem operacionais antes que fossem descobertos. Não obstante, os engenheiros soviéticos que buscaram avaliar a viabilidade de tal ação, elaboraram análises pessimistas de que a construção dos mísseis fosse camuflada durante todo o processo (ALLISON, ZELIKOV, 1999; HANSEN, 2007; LINDGREN, 2000).

Os acordos finais foram alcançados ao longo de junho. No mês seguinte delegações de cubanos foram para a União Soviética. Para reforçar as medidas dissimulatórias e justificar o trânsito de soviéticos para o território cubano, e em dezessete de julho foi anunciado por Cuba a criação de uma rota aérea civil com voos regulares para a União Soviética (HANSEN, 2007).

A movimentação de desembarque de pessoal e equipamento militares na ilha cubana já era notada pela inteligência estadunidense desde 1960 (LEHMAN, 1962). Porém, uma maior preocupação, devido uma maior quantidade de desembarques aconteceu em de julho de 1962, o que se intensificou quando, na porção oeste de Cuba, por intermédio de fotografias tiradas pelo avião U2⁸⁰, foram identificados oito locais em construção para instalações de mísseis SAM em vinte e nove de agosto (LINDGREN, 2000, p. 70).

Diante da intensificação dos desembarques e com a identificação de mais locais de mísseis SAM, em 19 de setembro de 1962, o órgão responsável pela produção de estimativas disseminou para os agentes políticos a *Estimativa Nacional de Inteligência 85-3-62* intitulada *The Military Buildup in Cuba*, que em linhas gerais, especulou que era improvável a instalação de uma base ofensiva com mísseis nucleares soviéticos em solo cubano.

⁸⁰ Esta foi uma aeronave usada pelos Estados Unidos durante a guerra fria, chamado de avião espião. Voava tão alto que durante muito tempo nenhuma arma conseguiu abatê-lo. Na ocasião da crise dos mísseis, os mísseis soviéticos SA-2 já tinham alcance e precisão para atingi-lo.

Entretanto, no dia 14 de outubro, foram tiradas fotografias aéreas que identificaram duas regiões em Cuba que continham mísseis nucleares de médio alcance, com caráter ofensivo, em estágios iniciais de implantação.

5.1 Procedimentos metodológicos

Neste capítulo, serão explicados quais os caminhos propostos para a consecução dos objetivos desta pesquisa referentes ao estudo de caso em questão.

A crise dos mísseis de Cuba em 1962 será abordada a partir da perspectiva da inteligência. Resgatando os elementos do ciclo de inteligência, serão descritos os procedimentos relacionados com a coleta, processamento e análise de informações realizada pela comunidade de inteligência dos Estados Unidos, que no caso em questão, é a unidade de análise.

Entrelaçadas com a descrição dos eventos, análises qualitativas serão tecidas de modo a estabelecer ponderações sobre os procedimentos realizados, tendo como anteparo o referencial teórico apresentado até o momento. Nesse sentido, serão duas as categorias de análise:

- a) O método científico empregado para processamento de informações e formulação de hipóteses;
- b) Premissas factuais que permaneceram vinculadas às interpretações das informações.

Na análise da primeira categoria serão pontuados em que medida os procedimentos de coleta, processamento e análise de informação foram compatíveis com o paradigma de inteligência descrito no capítulo 4 e com a concepção positivista de ciência nele embutido. Sendo assim, a fonte de dados provém de levantamento bibliográfico e documental. Dentre as primeiras, destacam-se os estudos promovidos por Sherman Kent (1967; 1994) e Kenneth Absher (2009), pessoas que participaram diretamente na elaboração dos documentos analíticos. O primeiro era chefe do escritório nacional de estimativas e o segundo, que lá também trabalhava, era o analista responsável pela América Latina. Documentos oficiais produzidos na ocasião também foram consultados. Para Cellard (2008) os documentos podem apresentar riquezas de informações que ampliam o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Assim, o uso da pesquisa documental favorece a observação do processo de forma madura e

distante e revela a real evolução dos fatos que inserem indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas. Neste sentido, dentre as fontes documentais, utilizou-se a compilação realizada por McAuliffe (1992) na qual estão dispostos 112 documentos oficiais desclassificados que tratam especificamente da crise dos mísseis.

Para a verificação empírica da segunda categoria de análise, será tomada como unidade de observação as estimativas nacionais de inteligência (tradução nossa)⁸¹, documentos que comportam os julgamentos mais competentes da comunidade de inteligência, emitidos em nome do diretor nacional de inteligência, sendo sua publicação final condicionada à aprovação do *National Intelligence Board*⁸² (NIB), um conselho que congrega os diretores de todos os componentes analíticos da inteligência estadunidense⁸³. Ou seja, os julgamentos contidos numa *Estimativa Nacional de Inteligência* não representam uma visão de uma agência em específico, mas de toda a comunidade de inteligência (FINGAR, 2011). Deste modo, será analisado como se delineou o julgamento da inteligência em momento anterior à crise dos mísseis, e perceber como ele se manteve quando se percebeu a intensificação dos desembarques soviéticos em Cuba em julho, agosto e setembro de 1962. Sendo assim, o lapso temporal abrange as estimativas produzidas entre 1960 e 1962. A última será aquela disseminada em 19 de setembro de 1962, elaborada antes que os mísseis nucleares soviéticos tivessem sido descobertos pelos Estados Unidos. Segue abaixo um quadro com resumo desses tipos de documentos:

Quadro 1: estimativas nacionais de inteligência analisadas

Número	Título	Data
85-60	<i>Communist Influence in Cuba</i>	22 de março de 1960
85-2-60	<i>The Situation in Cuba</i>	15 de junho de 1960
Sem número	<i>The Military Buildup in Cuba</i>	07 de fevereiro de 1961

⁸¹ National Intelligence Estimates.

⁸² Conselho Nacional de Inteligência (tradução nossa).

⁸³ Além de representantes do diretor nacional de inteligência, o NIB conta com dirigentes das seguintes agências: *Central Intelligence Agency (CIA), Defense Intelligence Agency (DIA), National Geospatial-Intelligence Agency, National Security Agency, Assistant, Departamento of State, Federal Bureau of Investigation (FBI), Department of Treasury, Department of Homeland Security, Department of Energy, National Counterintelligence Executive, Secretary of Defense*. (ODNI, 2007b)

80-62	<i>The threat to security interests in the Caribbean Area</i>	17 de janeiro de 1962
85-62	<i>The situation and prospects in Cuba</i>	21 de março de 1962
85-2-62	<i>The situation and prospects in Cuba</i>	01 de agosto de 1962
85-3-62	<i>The military buildup in Cuba</i>	19 de setembro de 1962

Fonte: elaborado pelo autor

Com isso, serão tratadas as informações que na ocasião estavam disponíveis para a comunidade de inteligência bem como os julgamentos decorrentes. Porém, estabelecer uma ligação lógica entre as informações e as conclusões não permitirá extrapolar os aspectos conhecidos e apreender uma nova perspectiva sobre o caso. Dessa forma, será levada em consideração a sugestão de Feyerabend (2011, p. 224):

Em vez de buscar as causas psicológicas de um “estilo” deveríamos, portanto, de preferência tentar descobrir seus elementos, analisar sua função, compará-los com outros fenômenos da mesma cultura [...] e chegar assim a um delineamento da visão de mundo subjacente, inclusive uma explicação do modo pelo qual essa visão de mundo influencia a percepção, o pensamento, a argumentação e os limites que impõe ao devanear da imaginação.

Deste modo, tanto as conclusões analíticas como as interpretações advindas das informações, serão avaliadas em paralelo com a visão de mundo subjacente fornecida pela *dimensão cosmológica do paradigma* (explicado no subtítulo 4.2) para que se possa perceber se as premissas factuais fornecidas estavam presentes nos julgamentos elaborados pela inteligência.

Para finalizar a análise neste sentido, será tomado um passo adicional. Com a vantagem da retrospectiva, algo que os analistas na ocasião não tiveram, especular-se-á sobre as hipóteses acerca da intencionalidade dos soviéticos para instalar os mísseis em Cuba. A principal fonte bibliográfica para este objetivo é o livro *Essence of Decision* de Allison e Zelikow (1999). Porém, um conjunto de fontes documentais será tratado, neste caso, comunicações diplomáticas do alto escalão governamental dos Estados Unidos, que ajudarão a delinear os objetivos soviéticos no caso em questão. As fontes documentais são as seguintes:

Quadro 2: comunicações diplomáticas analisadas

Título	Data
<i>Telegram from the Department of State to Secretary of State Rusk at Geneva</i>	16 de maio de 1961
<i>Letter from Chairman Khrushchev to President Kennedy</i>	29 de setembro de 1961
<i>Letter from Chairman Khrushchev to President Kennedy</i>	09 de novembro de 1961
<i>Telegram from the embassy in the soviet Union to the Department of State</i>	25 de julho de 1962
<i>Memorandum of conversation between Secretary of the Interior Udall and Chairman Khrushchev</i>	06 de setembro de 1962
<i>Memorandum of conversation</i>	18 de outubro de 1962
<i>Circular Telegram from the Department of State to certain diplomatic missions</i>	24 de outubro de 1962

Fonte: Elaborado pelo autor

A partir do refinamento das hipóteses, será possível então comparar as discrepâncias existentes nos julgamentos da inteligência com a realidade que depois se apresentou. A intenção não se limita a apresentar as discrepâncias analíticas que existiram na questão, mas sim, a partir destas, perceber o hiato entre a concepção de mundo tomada como pressuposto pela análise de inteligência, consolidadas aqui na forma de premissas factuais, com aquela que se apresentou no estudo de caso em questão, para ao fim, entender como ela influenciou a percepção do conjunto informacional disponível.

5.2 O modo pelo qual a inteligência coletou e processou informações

Embora os níveis de aplicação da inteligência, táticos, operacionais e estratégicos se entrelacem, para fins didáticos eles serão tratados separadamente, limitando este ponto a abordar a maneira pela qual foram registradas as alterações do mundo exterior e como a inteligência as integrou para conseguir a identificação

precisa dos locais onde estavam sendo implantados mísseis nucleares ofensivos em solo cubano.

A crise dos mísseis é um bom exemplo para apontar o efeito sinérgico que resulta da coordenação de vários meios de coleta para se obter informações sobre uma questão, no caso, a identificação do que realmente se passava por detrás da grande movimentação de navios e militares soviéticos em Cuba.

Aqui, a preponderância está nos meios de coleção. Observar pela via direta que uma determinada capacidade está localizada em determinado território só é possível caso haja mecanismos tecnológicos, e/ou acesso a fontes humanas, que permitam a percepção do objeto. No caso em questão, a:

[...] descoberta só foi possível por causa das capacidades especiais da organização, rotinas e procedimentos da comunidade de inteligência dos Estados Unidos. As capacidades não foram desenvolvidas para o cenário cubano. Entretanto, se elas não tivessem sido criadas antes, nenhuma descoberta poderia ter ocorrido (ALLISON; ZELIKOW, 1999, p. 219).

Entretanto, a descoberta dos mísseis não se resumiu a uma simples observação direta dos eventos do mundo exterior. Foi preciso uma capacidade de coordenação dos elementos de coleção e análises táticas para avaliação e integração das informações para a montagem do cenário e direcionamento dos meios de coleta. Tal processo tem como fator intrínseco sua capacidade de multiplicar a efetividade de coleção do sistema de inteligência de tal forma que os meios combinados, numa relação sinérgica, produzam um efeito superior ao relatório de única fonte (CLARK, 1996; LOWENTHAL, 2009). Deste modo, foram criados procedimentos padronizados para que as informações coletadas e avaliadas ao longo de diversas organizações fluíssem em direção ao escritório nacional de estimativas, que era o órgão responsável para a elaboração de análise estratégica, e também aos agentes políticos.

Como Sherman Kent relata, tais procedimentos começam pela avaliação de fatos que percorrem uma linha de produção constituída por grande quantidade de informações. Porém cada ser humano tomado individualmente é incapaz de ler e avaliar todas, ou de guardá-las mentalmente. Deste modo, os fatos observáveis passam a ser usados na forma de produtos acabados, avaliados previamente por alguém ao longo da linha de produção (KENT, 1994). Como observado por Zegart

(2012), todo o processo é focado nos dados, com a máquina coletando evidência e produzindo julgamentos. Analisar-se-á como isso se sucedeu na crise dos mísseis.

O *input* informacional no sistema de inteligência estadunidense originou-se preponderantemente de três fontes: inteligência de embarque; fontes humanas e fotografias aéreas tiradas do U2. A inteligência de embarque foi obtida através do monitoramento e registro fotográfico dos navios soviéticos que chegavam a Cuba que seriam então interpretadas por analistas do *National Photographic Interpretation Center*. Eram catalogadas as características principais tais como nome e tamanho do navio além dos detalhes sobre o tipo de carga. Além disso, foram identificadas e catalogadas as medidas das caixas de modo a inferir que tipo de equipamento estava sendo transportado. As fotografias eram então anexadas a fichas específicas para cada embarcação de forma a criar um catálogo que foi distribuído para a inteligência da marinha realizar o monitoramento dos navios em alto mar (ABSHER, 2009; ALLISON, ZELIKOW, 1999). Observa-se por exemplo, que em memorando do dia 11 de outubro de 1962, Jonh McCone relata ter mostrado ao presidente fotos de caixas com tamanho para carregar bombardeiros soviéticos de médio alcance em um navio que chegaria à Havana em outubro (MCAULIFFE, 1992).

Houve também a coleta sistemática de fontes humanas (*humint*). Embora possa parecer simples a coleta por este meio, há que se ressaltar que também houve uma sistematização desta atividade envolvendo procedimentos consideráveis. Dentre estas fontes, os Estados Unidos contou com dois tipos: primeiro, a partir de pessoas que as conseguiam em maior quantidade, cujas informações fornecidas tinham um menor valor agregado e também apresentavam baixo risco de identificação e eliminação pelo adversário, consistindo esses nos refugiados cubanos que chegavam à Miami. Segundo, tratam-se das pessoas que estavam posicionadas perto do comando decisório de Cuba ou então estavam em território cubano e passavam informações para agentes de campo estadunidenses.

Sobre as fontes do primeiro tipo, embora não trouxessem grandes segredos sobre o adversário, porém, “*por sua abundância e informalidade, ajudam a montar o quebra-cabeça representado por um alvo ou problema*” (CEPIK, 2003, p. 37). Desde quando Castro tomou o poder, já existia um fluxo de centenas de refugiados em direção aos Estados Unidos. Entretanto, em 1962 tal migração se intensificou e com a escalada militar soviética em Cuba, foi criado um centro de interrogatório em Miami para coletar informações a respeito. Absher (2009) informa,

sem precisar exatamente o período, que foram entrevistados cerca de 1.500 a 2.000 refugiados cubanos por semana em 1962. No mesmo sentido, Thomas (2013) argumenta que no pico do programa estadunidense foram recebidos mais de 1.800 por semana, sendo que em outubro, quando os Estados Unidos efetuaram o bloqueio naval sobre a ilha, cerca de 155.000 refugiados tinham sido registrados no *Cuba Refugee Center in Miami*.

O outro tipo de fontes humanas são aquelas de maior sensibilidade, menor quantidade, mas que por terem acesso ao governo adversário, fornecem informação de maior valor agregado (CEPIK, 2003; HERMAN, 1996). Neste sentido, no *memorando para o encontro com o presidente* do dia 22 de agosto de 1962, McCone explica sobre “relato pessoal de (nome rasurado por motivos de segurança) referente à suas observações pessoais e observações de seus confidentes durante uma recente viagem para Cuba” (MCAULIFFE, 1992, p. 26, tradução nossa⁸⁴).

Parte delas consistia em pessoas contrárias ao regime de Fidel Castro, mas que continuavam na ilha para informar sobre movimentações suspeitas, delimitando a área de observação para direcionamento dos sobrevoos, recrutadas pela operação *Moongose*. Deste modo, os lugares onde se encontravam grande concentração de tropas soviéticas e rígida restrição de acesso à população, seria um alvo em potencial para vigilância por outros meios (LOWENTHAL, 2009). Em agosto, por exemplo, o diretor central de inteligência John McCone relata em memorando que a CIA “recebeu aproximadamente sessenta relatórios deste aumento de atividade”, se referindo à cerca de quarenta desembarques de navios soviéticos em portos cubanos (MCAULIFFE, 1992, p. 19, tradução nossa⁸⁵).

Verificou-se ainda a obtenção de informação de pessoa bem posicionada no processo decisório cubano. Neste caso, em comunicação diplomática do dia 07 de setembro de Carter, vice-diretor central de inteligência, para McCone no qual o primeiro afirma existir um relatório:

[...] de boa fonte citando embaixador cubano em Praga (que é filho de Raul Roa) que Cuba tem ‘foguetes’ do mesmo tipo dos que derrubam U2’ e que preparações têm sido feitas para ‘completa

⁸⁴ Personal report concerning his personal observations and the observations of his confidentes during a recent trip to Cuba.

⁸⁵ CIA has received approximately 60 reports on this increased activity.

destruição' da base de Guantánamo caso haja um ataque em Cuba (MCAULIFFE, 1992, p. 53, tradução nossa⁸⁶).

No *CIA Information Report* de 20 de setembro de 1962, é exibida a conversa entre Claudio Morinas, piloto pessoal de Fidel Castro, com uma fonte da CIA cujo nome não foi divulgado. Nesse sentido, Morina disse:

Nós temos mísseis guiados com alcance de 40 milhas, tanto terra-terra quanto terra-ar, e nós temos um sistema de radar que cobre, setor por setor, todo o espaço aéreo de Cuba e (bem além) da Flórida. Eles não sabem o que os aguarda (MCAULIFFE, 1992, p. 38).

Os Estados Unidos contaram ainda com informações de um *desertor no local*, de nome Oleg Penkovsky que era coronel da inteligência militar soviética e membro do *Committee for the Coordination of Scientific Research*, que na realidade, era uma cobertura diplomática da KGB para roubar tecnologias dos países ocidentais. Foi recrutado pelo *Secret Intelligence Service*, da Grã-Bretanha (mais conhecido por MI6). Seu serviço de espionagem foi detectado pelos soviéticos em 1962, sendo condenado e executado em 1963⁸⁷ (HERMAN, 1996; DAVIES, 2004). Penkovsky encontrou-se com oficiais da CIA e do MI6 quando de suas duas viagens para Londres e uma para Paris, totalizando 140 horas de reuniões que geraram cerca de 1.200 páginas de transcrições. O soviético entregou 111 rolos de filme dos quais 99% eram legíveis. A partir de suas informações foram produzidas aproximadamente 10.000 páginas de relatórios de inteligência que incluíam manuais de operação dos mísseis MRBM e ICBM, junto com diagrama de uma dessas instalações existentes na própria União Soviética (ABSHER, 2009; LINDGREN, 2000; LOWENTHAL, 2009).

Todas estas informações oriundas de fontes humanas, sejam de refugiados ou de informantes, passariam por um processo de racionalização no seu tratamento. Considere-se, por exemplo, a coleta de informações realizadas por um agente em campo atuando em território estrangeiro. A tarefa principal do coletor é o estabelecimento de laços de lealdade com seu informante para a obtenção de

⁸⁶ Have report from good source quoting Cuban amb in Prague (who is son of Raul Roa) that Cuba has "rockets" of same kind that shot down U2' and that preparations have been made for "complete destruction" of Guantánamo Base in event of attack on Cuba.

⁸⁷ Além da questão tática neste caso em específico, Michael Herman (1996) argumenta que as informações de Penkovsky esclareceram sobre o pensamento estratégico da União Soviética.

informações. Sobre o que tiver obtido, tecerá considerações sobre a credibilidade da fonte e com relação às circunstâncias do fornecimento da informação. Sobre o significado da informação em si, sua avaliação terá pouco valor.

A tarefa principal do coletor é coletar, e neste trabalho, análise e avaliação são meios para um fim. Seria insensato para o coletor gastar seu tempo escrevendo avaliações de cada item que ele coleta. Ele deveria tecer comentários avaliativos somente quando acredita que há algo para oferecer que o analista provavelmente não poderá suprir (PECHAN, 1995, p. 106, tradução nossa⁸⁸).

Após colher a informação, o agente em campo passará para um intermediário, os chamados *oficiais de informes (report officers)*, que estão na sede da CIA, cuja tarefa é oferecer orientação da coleção, recomendação de alvos, e requerimentos específicos de coleta de informações. São estes oficiais que servirão como intermediários entre coletores e analistas, estabelecendo os julgamentos anteriormente sugeridos pelos agentes de campo quanto à credibilidade da fonte. Além disso, passará a avaliar o conteúdo da informação (MCKEE, 1995).

Deste modo, depois de passar por estas camadas organizacionais, ou seja, dos agentes de campo para o diretório de operações na sede da CIA nos Estados Unidos, as informações oriundas das fontes humanas recebiam uma classificação padronizada. Assim, quanto sua credibilidade, eram atribuídas as letras A, B, C, D, e F sendo a primeira, o grau máximo de credibilidade. Quanto à informação em si, seriam classificadas pelos números 1, 2, 3, 4, 5 e 6⁸⁹. Assim que um relatório que receba classificação A1 estaria representando uma fonte confiável fornecendo informação verdadeira (KENT, 1967; PLATT, 1974). Não só para as informações das fontes de acesso privilegiado ao governo ou território estrangeiro, mas também os refugiados que chegavam à Miami também passavam por este processo de classificação (ABSHER, 2009).

Além destes procedimentos, a partir de maio de 1962, o diretor central de inteligência ordenou que os relatos de fontes humanas passassem a ser validadas por fotografias aéreas pelos analistas de imagem da *National Photographic Interpretation Center (NPIC)*. A finalidade era estabelecer de todas as formas a

⁸⁸ The primary job of the collector is to collect, and in this job analysis and evaluation are means to the end. It would be foolish for the collector to waste his time writing evaluations of every item he collects. He should make evaluative comments only when he believes he has something to offer that the analyst can probably not supply.

⁸⁹ A letra "F" significa que a fonte não pode ter sua idoneidade julgada. Da mesma maneira, o número "6" indica que a veracidade da informação não pode ser julgada.

autenticidade das informações fornecidas por informantes e refugiados, porém, isto operou como uma limitação da publicação já que os analistas interpretaram que informações de fontes humanas não pudessem ser disseminadas sem que antes passassem por este procedimento (MCAULIFFE, 1992).

Tal procedimento criou mais uma camada organizacional atrasando a disseminação da informação. Mas a precaução pode ser tomada como válida. Desde a tomada de Havana por Fidel Castro em 1959, a inteligência estadunidense recebeu centenas de relatórios dando conta do embarque e fornecimento de diversos tipos de armamentos, desde pequenas armas até mísseis ofensivos. Tais relatórios começaram a chegar antes de agosto de 1960, ou seja, antes de haver efetivamente qualquer fornecimento de arma por parte da União Soviética, de modo que até janeiro de 1962, a CIA continha em seus arquivos 211 relatórios que se mostraram totalmente falsos a partir de validação através de outras fontes e, naturalmente, passou a ver os relatos com um maior grau de suspeição (LEHMAN, 1962). Da mesma forma, entre 31 de maio e 05 de outubro, O NPIC analisou 138 relatos referentes a informações oriundas de refugiados, desertores e agentes em campo. Destes, somente três citavam atividades de mísseis que seriam de caráter ofensivo. A evidência obtida pelo NPIC negou estes três (LEHMAN, 1962). Ou seja, como os mísseis efetivamente entraram em território cubano no dia 08 de setembro (ALLISON; ZELIKOW, 1999) qualquer informação de um indivíduo que afirmasse ter visto um míssil ofensivo antes dessa data era falsa.

Desta forma, com o elevado nível de suspeição sobre as informações oriundas de fontes humanas e os procedimentos adicionais de validação, houve um atraso na disseminação dos relatórios para a comunidade de inteligência e para o Escritório Nacional de Estimativas.

Kenneth Absher (2009) que participou da *Estimativa Nacional De Inteligência* 85-3 de 19 de setembro de 1962, que será avaliado em profundidade mais à frente, afirma que teve acesso na época a três relatórios que seriam forte indicadores da instalação de mísseis ofensivos. O primeiro foi o relatório já citado, de um agente em Cuba que relata sobre uma fala do piloto de Fidel Castro que, embora tenha ocorrido em 09 de setembro de 1962, só foi disponibilizado para a comunidade de inteligência em 20 de setembro. Outro foi um relato de um agente em campo em 07 de setembro descrevendo uma ampla área militar com fortes regras de segurança na província de *Pinar del Rio*. Seu relatório só foi disseminado em 18 de setembro.

No terceiro relatório, um refugiado afirma ter visto no dia 17 de setembro comboio soviético carregando grandes tubos cuja parte final sobrava na traseira dos reboques em direção a província de *Pinar del Rio*. Este só fora distribuído em 1º de outubro (ABSHER, 2009).

A última destas informações também está relacionada por Lehman como indicadora do emprego de mísseis nucleares ofensivos ao afirmar que elas só passaram a figurar no referido cartão de alvo cerca de três semanas depois:

- a. Uma observação em Havana em 12 de setembro de um comboio carregando lonas compridas cobrindo objetos que a fonte interrogada identificou semelhante a SS-4s. Este relatório, que foi disseminado pela CIA em 21 de setembro, continha detalhe preciso suficiente para alertar analistas de inteligência.
- b. Uma observação em 17 de setembro de um comboio movimentando em direção a área de São Cristobal. Esta informação, recebida em 27 de setembro, se encaixa em muitos aspectos com o relato anterior (LEHMAN, 1962, p. 25).

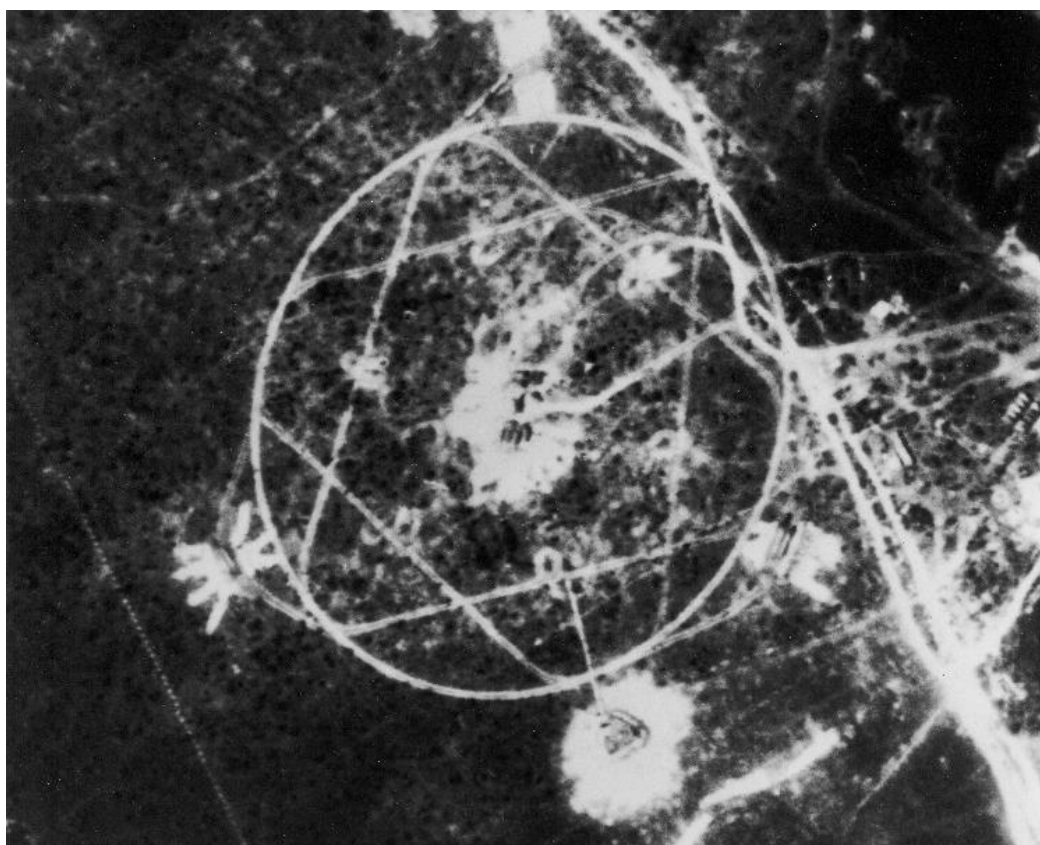
Finalizando a explicação sobre o processo de coleta e tratamento verifica-se que a partir da integração das informações oriundas de fontes humanas e desembarques de navios, confirmados a partir de fotografias aéreas, foram criados *cartões de alvo* de localizações na ilha de Cuba com as respectivas fotografias e características dos armamentos e tropas soviéticas presentes. A primeira data de agosto quando foram identificadas posições de construções de mísseis SA-2:

Em 20 de agosto, quando o *COMOR Targeting Working Group* (comandado e com pessoal em grande parte da CIA), criou o primeiro sistema de fichas para alvos terrestres cubanos. Um exemplo de seus procedimentos é a manipulação de alvos na área de Sagua La grande. Baseado em relatórios de refugiados, em 27 de agosto foram localizadas quatro fazendas nesta área como suspeitas de ser base de mísseis. Cobertura aérea do dia 29 de agosto mostrou uma base de SA-2 (míssil defensivo) perto de Sagua La Grande que aparentemente era a base relatada, e o cartão de alvo foi mudado para mostrar como confirmada uma construção de míssil terra-ar, modelo SA-2 (LEHMAN, 1962, p. 24, tradução nossa⁹⁰).

⁹⁰ On 20 August, the COMOR Targeting Working Group (chaired and staffed largely by CIA) set up the first comprehensive card file system for Cuban targets. An example of its procedures is the handling of targets in the Sagua La Grande area. Based on refugee reporting, the COMOR Targeting Working Group on 27 August pinpointed four farms in this area as suspect missile sites. Readout of the 29 August coverage showed an SA-2 site near Sagua La Grande which apparently was the. Basis for the reported activity there, and the target card was changed to show a confirmed SA-2 site. It should be noted that knowledge that this site was in the area could have led analysts to misinterpret any subsequent reports of MRBM activity as part of the SAM development, but in fact no such reports were received.

A identificação das posições de mísseis SAM's tornou-se menos problemática devido ao fornecimento de documentos técnicos por Penkovsky que mostravam a diagramação no terreno das bases existentes Soviéticas. No caso, elas seguiam um padrão do tipo “Estrela de David”, conforme podemos visualizar na foto abaixo em fotografia da região de *La Coloma*.

Figura 11: Posição de míssil SAM em construção em fotografia tirada pelo avião U2 em 29 de agosto de 2013.



Fonte: THE NATIONAL SECURITY ARCHIVE, 2013.

5.3 O sobrevoo e o descobrimento dos mísseis

Na crise dos mísseis de Cuba, outras questões, além do risco à segurança nacional, estavam envolvidas na situação que influenciavam a coleta e análise de inteligência. Desde a tentativa fracassada da invasão de Cuba promovida um ano antes, a imagem do governo estadunidense estava manchada, de maneira que o Partido Republicano, de oposição, questionava sobre a capacidade de John Kennedy em lidar com a questão. Desse modo, a preocupação mais imediata era

com o vazamento de informações sobre o assunto, já que as eleições congressuais estavam para acontecer em novembro daquele ano.

Isto se refletiu em restrições no fluxo informacional da atividade de inteligência. Como exemplo, cita-se o dia 31 de agosto, quando voos do U2 identificaram construção de mísseis SA-2 e John Kennedy chamou o General Carter e o avisou que deveria pegar aquela informação “colocá-la de volta na caixa e pregá-la bem apertada” (MCAULIFFE, 1992, p. 39, tradução nossa⁹¹). No mesmo sentido, observam-se as seguintes instruções do dia 01 de setembro de 1962:

General Carter [vice-diretor de Inteligência] chamou Sr. Cline para dizer que ele acabou de ter uma conversa pelo telefone com o presidente e que de acordo com as instruções deste as restrições eram para permanecer sobre a liberação de certa informação a respeito de Cuba exceto aqueles poucos que possuem necessidade de saber para o propósito de preparar um compreensivo relato ao presidente na manhã de terça-feira, 4 de setembro. [...] Todos os destinatários destas cópias devem ser alertados que não deve haver nenhuma disseminação adicional exceto àqueles que têm que ser informados por estarem envolvidos na preparação do relatório ao presidente. Eles foram também alertados que nenhuma ação deve ser tomada com base nessa informação (MCAULIFFE, 1992, p. 33, tradução nossa⁹²).

Questões políticas influenciariam também a disseminação da informação. Verifica-se que no dia 11 de outubro de 1962, McCone mostrou para John Kennedy fotos de caixas em um navio com tamanho e características próprias para o transporte de um bombardeiro soviético de médio alcance que chegaram em Havana nos primeiros dias de outubro (figura 11). Por sua vez, o presidente solicitou que:

[...] tal informação seja retida pelo menos até depois das eleições porque caso ela chegue à imprensa, de uma maneira nova e mais violenta a questão Cubana pode ser injetada dentro da campanha e isto poderia afetar seriamente sua independência na ação (MCAULIFFE, 1992, P. 123, tradução nossa⁹³).

⁹¹ Told General Carter that he wished it put back in the box and nailed tight.

⁹² General Carter called Mr. Cline to say that he had just completed a telephone conversation with the President and that according to the President's instructions the clamps were to remain on the release of certain information concerning Cuba except for the barest minimum access on a need-to-know basis for the purpose of preparing a comprehensive briefing for the President Tuesday morning, 4 September. [...] All recipients of these copies to be advised that there is to be no further dissemination except on a minimum need-to-know basis to those people who might need to become involved in the preparation of the briefing for the President. They were also to be advised that no actions were to be taken on the basis of the information.

⁹³ Such information be withheld at least until after elections as if the information go into the press, a new and more violent Cuban issue would be injected into the campaign and this would seriously affect his independence of action.

McCone argumentou que isso não seria possível, pois ela já tinha sido disseminada, ao que John Kennedy solicitou então que ela fosse tratada como uma “probabilidade ao invés de uma atualidade porque numa análise final nós vemos apenas caixas e não os bombardeiros” (MCAULIFFE, 1992, p. 123, tradução nossa⁹⁴).

Figura 12: Navio carregando caixas com dimensões para carregar fuselagem de bombardeiros soviéticos



Fonte: THE NATIONAL SECURITY ARCHIVE, 2013.

Isto também afetou a realização de voos do U2, que caso fossem descobertos, também causariam prejuízos políticos ao governo estadunidense, já que incidentes desta natureza tinham acontecido recentemente: A violação do espaço aéreo chinês e soviético em 1962, sem contar que em 1960 um U2 fora abatido quando sobrevoava o território soviético. Deste modo, no dia 08 de setembro Carter avisa McCone que diante das promessas públicas de revisar procedimentos, o presidente Kennedy aprovou proposta da Força Aérea de interromper operações do U2 até segunda ordem (MCAULIFFE, 1992).

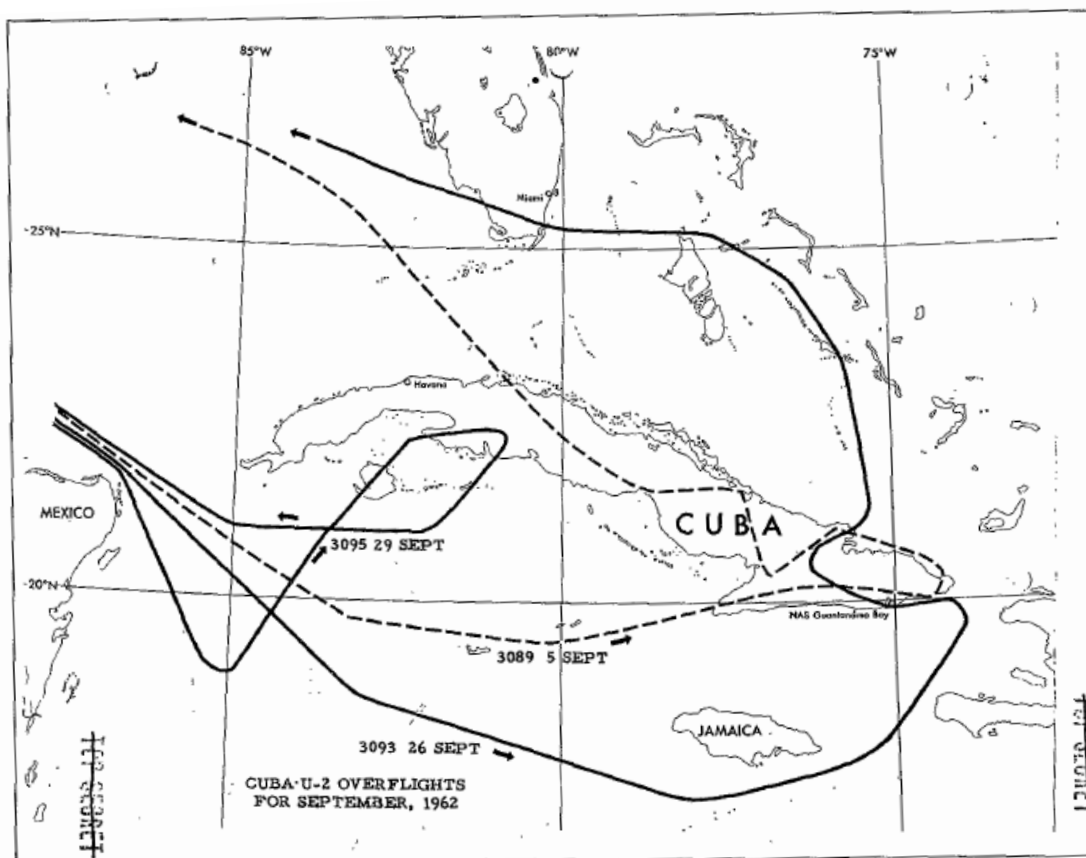
⁹⁴ The President then requested that the report be worded to indicate a probability rather than an actuality because in the final analysis we only saw crates, not the bomber themselves.

Até aquele momento, as estimativas produzidas pela inteligência avaliavam como muito improvável a instalação pelos soviéticos de mísseis ofensivos, opinião compartilhada pelos atores políticos. A exceção era o diretor central de inteligência, John McCone, cuja linha de pensamento será abordada, em profundidade, no subtítulo 5.4.2. Por agora, basta saber que ele discordava frontalmente desta posição e realizou esforços para que se realizassem mais missões de reconhecimento, antes que o espaço aéreo cubano estivesse protegido em decorrência de que os mísseis SAM estivessem prontos para operar.

Jonh McCone passou parte do mês de setembro em viagem de lua de mel pela Europa. Já de volta aos Estados Unidos, no dia 05 de outubro, McCone conversa com McGeorge Bundy, assistente especial do presidente para assuntos internacionais. Na ocasião, McCone reassegurou sua preocupação com a instalação de mísseis nucleares em Cuba e insistiu em sobrevoos do U2 para acompanhar a escalada militar em Cuba. Bundy argumentou que achava improvável tal ocorrência de forma que os sobrevoos seriam desnecessários (MCAULIFFE, 1992).

Ocorre que quando voltou de sua viagem no final de setembro, McCone analisou os mapas de sobrevoos e verificou que pouco se sabia sobre grande parte da porção oeste da ilha e todos os voos realizados desde o dia 05 de setembro tinham sido periféricos ou de capacidade de registro fotográfico limitada. Justamente no período que o desembarque de navios soviéticos haviam se intensificado (MCAULIFFE, 1992). Pode-se verificar como ele desenvolveu tal conclusão a partir da figura abaixo:

Figura 13: Rotas de sobrevoo do U2 em Cuba

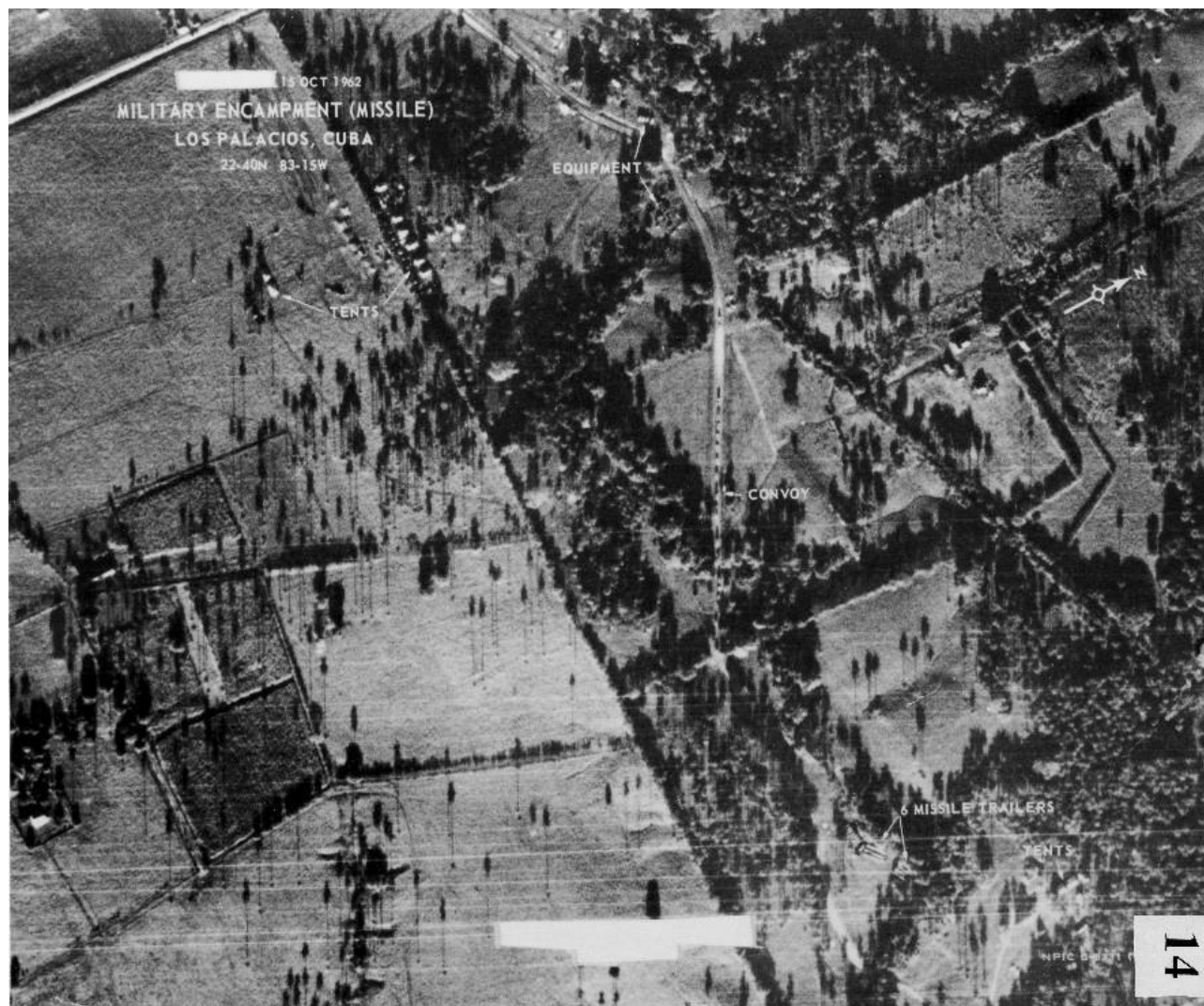


FONTE: MCAULIFFE, 1992, p. 02

Ocorre que além das restrições políticas impostas ao sobrevoo que passasse verticalmente acima do território cubano, a tentativa de realizar voos periféricos, a partir de águas internacionais, não apresentaram registros fotográficos satisfatórios devido às condições climáticas desfavoráveis. Mesmo assim, com o progresso dos sobrevoos ilustrados na figura acima, tornou-se aparente que um amplo sistema de defesa aéreo estava sendo implantado em Cuba (MCAULIFFE, 1992). Deste modo, a operação de reconhecimento aéreo foi autorizada pelo presidente dos Estados Unidos diante da insistência de McCone em realizá-la. Porém, havia um grande risco já que algumas posições de defesa antiaéreas soviéticas já estavam operacionais. Deste modo, o comando destas missões foram passadas da CIA para o *Strategic Air Command of the U.S. Air Force*. Assim, em 14 de outubro de 1962 uma aeronave U2 voou sobre território cubano tirando novecentos e vinte e oito fotografias em seis minutos (HERMAN, 1996). Analisar-se-á duas delas. A que vem abaixo foi a primeira fotografia cuja interpretação pelo NPIC

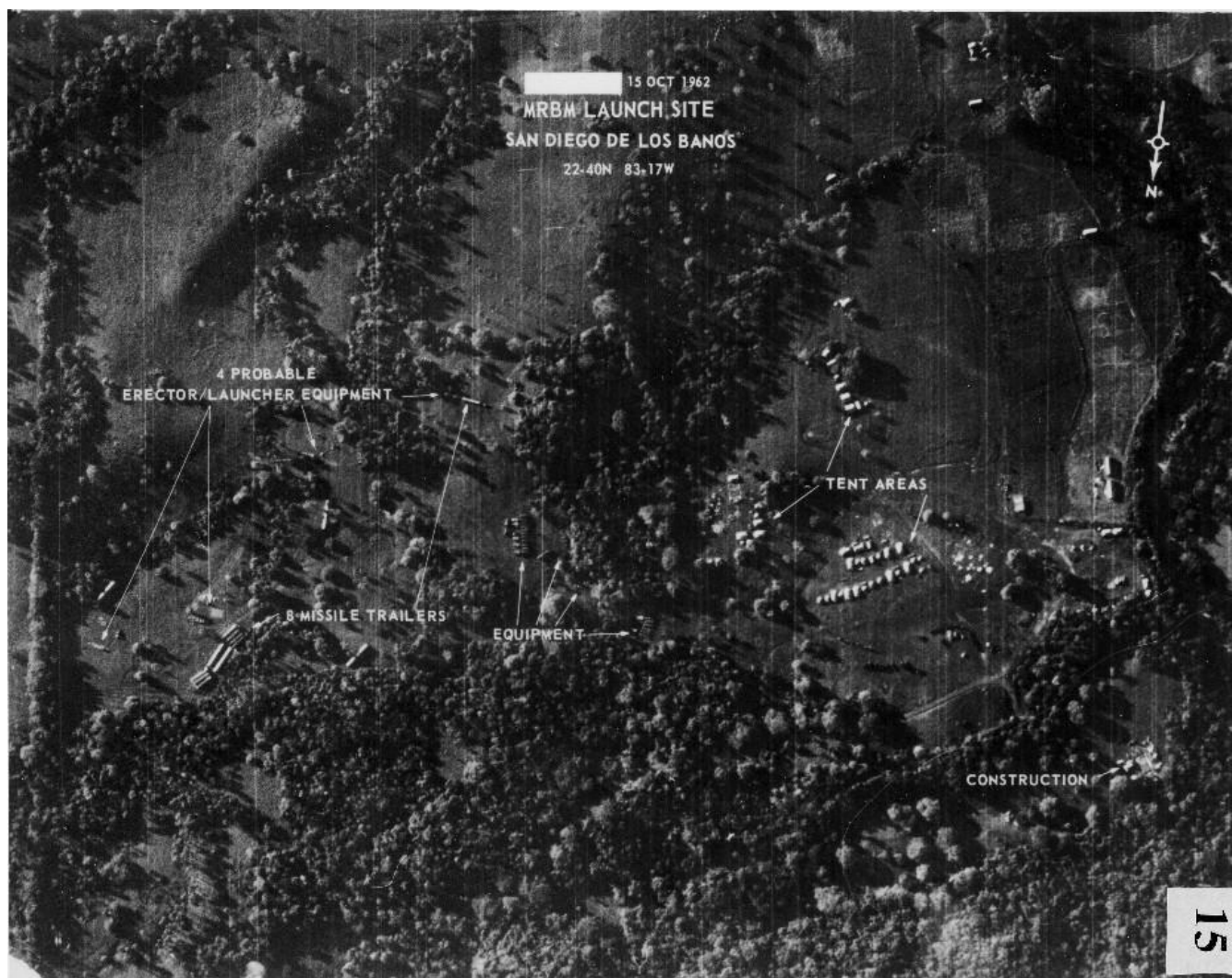
resultou na indicação de mísseis ofensivos em Cuba através da observação de um comboio carregando o artefato nuclear. A foto seguinte (figura 15) registra a área de *San Diego de Los Banos*, distante cerca de quatro quilômetros de *Los Palacios*, e mostra o segundo conjunto de mísseis nucleares de médio alcance (MRBM). Depois destas, seguem ainda uma terceira foto, registrada por outro voo do U2 no dia 17 de outubro de 1962, que mostra a instalação de mísseis de alcance intermediário (IRBM).

Figura 14: Fotografia do U2 do comboio perto de Los Palacios



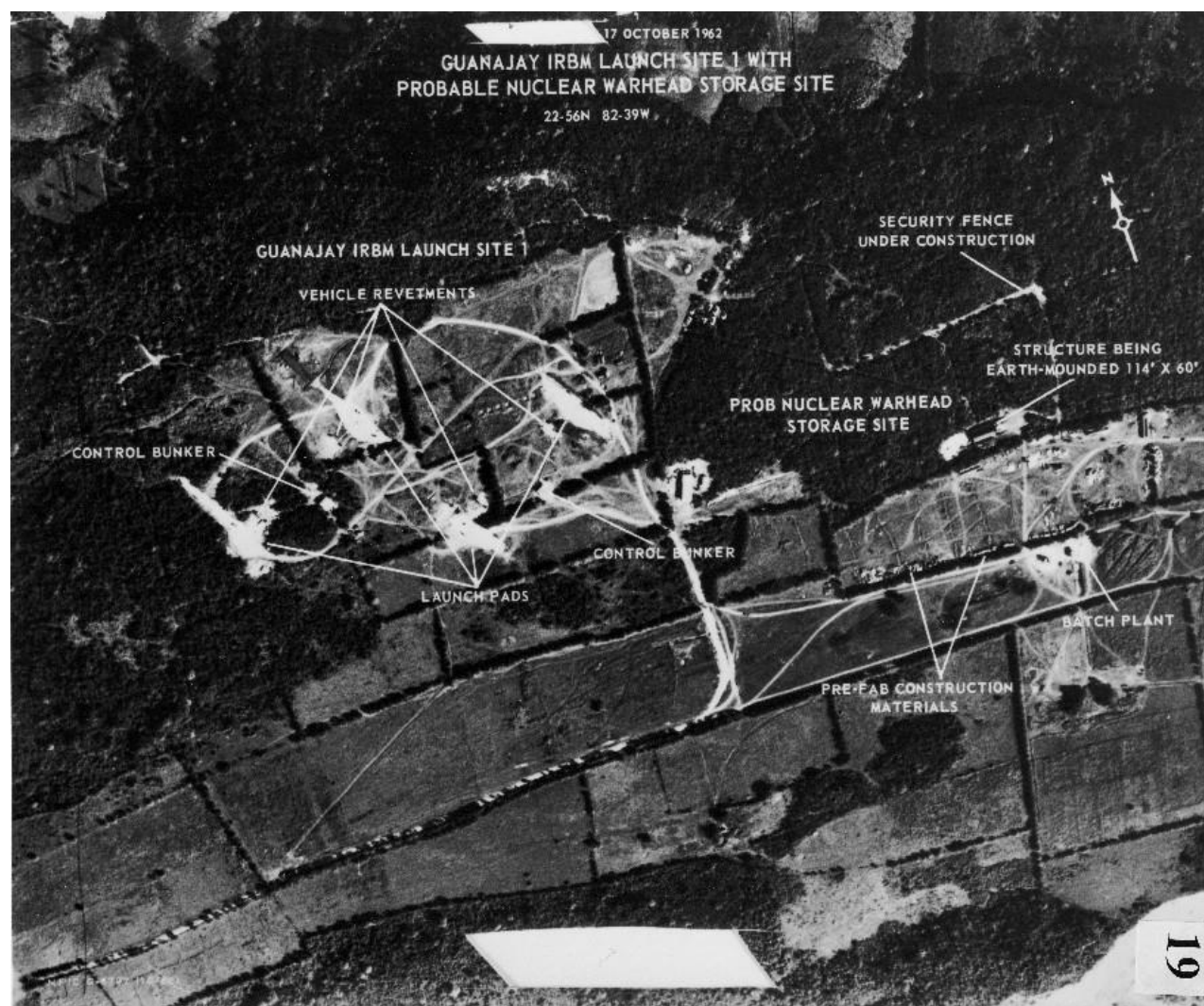
Fonte: THE NATIONAL SECURITY ARCHIVE, 2013

Figura 15: O segundo míssil nuclear ofensivo em Cuba



Fonte: THE NATIONAL SECURITY ARCHIVE, 2013.

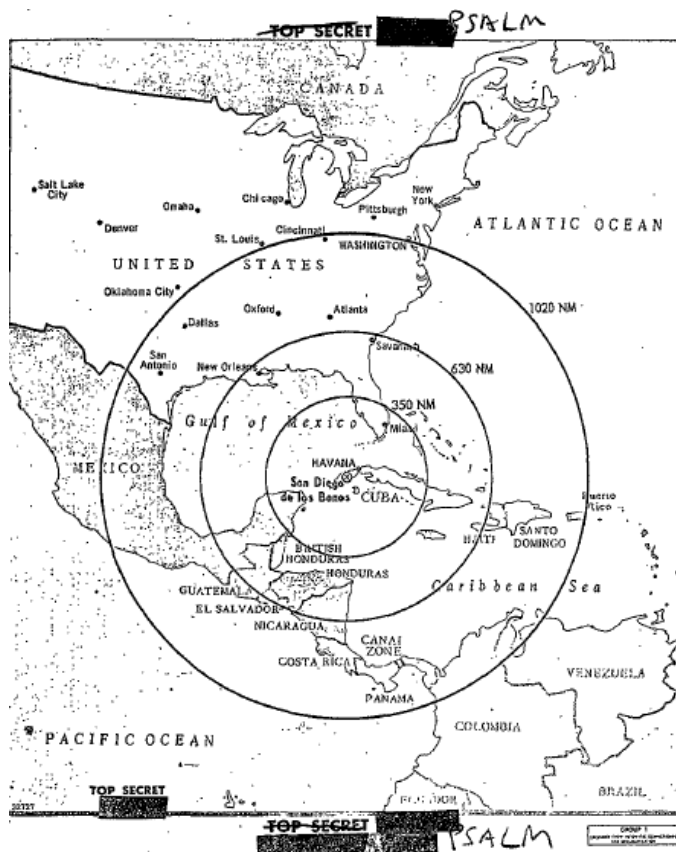
Figura 16: Local com míssil nuclear IRBM em processo de implementação.



Fonte: THE NATIONAL SECURITY ARCHIVE, 2013

Os dois tipos de mísseis nucleares, quando implementados, teriam alcance pra atingir grande parte do território estadunidense conforme ilustrado a seguir.

Figura 17: Alcance dos mísseis soviéticos instalados em Cuba



FONTE: MCAULIFFE (1992, p. 144)

5.4 A construção de conhecimento pela análise de inteligência

Como foi dito anteriormente, na crise dos mísseis de Cuba os níveis de aplicação da inteligência se entrelaçam em seus aspectos táticos e estratégicos. Assim como no solo eram monitorados os desembarques de equipamentos e tropas soviéticas, em paralelo, o setor responsável pela análise estratégica buscava atribuir significado e implicações sobre a questão cujos julgamentos analíticos eram consubstanciados em documentos formais. Esses são as estimativas nacionais de inteligência⁹⁵ (sigla NIE em inglês) as quais são produzidas pela comunidade de

⁹⁵ National Intelligence Estimate.

inteligência dos Estados Unidos comportando julgamentos acerca das capacidades e intenções dos atores adversos.

Foi concebida em meio às falhas de inteligência ocorridas na Guerra da Coreia (1950), quando tropas chinesas atravessaram o Rio Yalu (que estava congelado) e se juntaram ao exército da Coreia do Norte para combater os Estados Unidos sem que houvesse um alerta. Foi sentida então a necessidade de um documento analítico único que congregasse e sintetizasse as perspectivas das diversas agências de inteligência que pudesse assessorar os dirigentes dos mais altos níveis governamentais numa questão de segurança nacional.

Em 20 de outubro de 1950, o *Intelligence Advisory Committee*⁹⁶ (IAC), composto por chefes de agências de inteligência e pelo Diretor Central de Inteligência (DCI) entendeu que um escritório nacional de estimativa deveria ser estabelecido o quanto antes, o qual “deveria se tornar o coração da Agência Central de Inteligência e do mecanismo da inteligência nacional” (FORD, 1993, p. 65, tradução nossa⁹⁷).

Na mesma ocasião, foram estabelecidos procedimentos para a elaboração das Estimativas Nacionais de Inteligência (sigla NIE⁹⁸ em inglês) que, em seus contornos mais gerais, permanece inalterado até os dias de hoje. Tais procedimentos consistiram no seguinte:

- a) O escritório nacional de estimativas deveria preparar o primeiro rascunho de uma estimativa nacional o qual receberia comentários e modificações das outras agências de inteligência;
- b) Depois de aglutinar as alterações e sugestões, o rascunho seria enviado para o comitê dos chefes da comunidade de inteligência para a discussão final e aprovação;
- c) Neste processo, as diferenças de opiniões e julgamentos deverão ser resolvidas, caso negativo, a estimativa nacional deveria incluir dissensões e as razões da discordância;
- d) Situações de crise simplificariam o processo em benefício da resposta a uma questão em tempo oportuno e os chefes da comunidade de inteligência poderiam ser chamados em regime de urgência.

⁹⁶ Comitê Consultivo de Inteligência (tradução nossa)

⁹⁷ Become the heart of the Central Intelligence Agency and of the national intelligence machinery

⁹⁸ National Intelligence Estimate.

Um mês depois foi criado dentro da estrutura da CIA e subordinado diretamente ao vice-diretor central de inteligência, o Escritório de Estimativas Nacionais⁹⁹ (sigla ONE em inglês) com intuito de promover e coordenar a produção das NIEs (FORD, 1993). Em 1952, Sherman Kent passou a chefiar o escritório e lá ficou até sua aposentadoria em 1967.

5.4.1 Estimativas nacionais de inteligência de 1960 a agosto de 1962

Feita esta introdução, passar-se-á para a observação das estimativas produzidas pela inteligência estadunidense sobre o assunto em questão. Para isso, volta-se no tempo para perceber qual era a percepção da inteligência a partir de 1960.

Em estimativa do dia 22 de março de 1960, a inteligência estadunidense avaliou que Cuba ainda não estava sobre total controle do comunismo internacional, pois, “sobre as presentes circunstâncias o Comunismo Internacional não deseja ver uma situação surgir em que poderia ser claramente demonstrado que o regime em Cuba estava sobre sua dominação” (DCI, 1960a, p. 3, tradução nossa¹⁰⁰).

Tal conclusão é refinada em termos que apontam a hesitação da União Soviética em elevar o risco das relações com os Estados Unidos para proteger o regime de Fidel Castro.

Fosse o regime de Castro ameaçado, a URSS poderia provavelmente fazer algo para apoiá-lo. Entretanto, a URSS não hesitaria em desprezar o regime de Castro antes de se envolver diretamente numa confrontação militar direta com os EUA em Cuba, ou, pelo menos durante o estado presente da Política Soviética, numa maior crise diplomática com os Estados Unidos (DCI, 1960a, p. 3-4, tradução nossa¹⁰¹).

Cerca de três meses depois, em 14 de junho de 1960, uma nova estimativa foi elaborada com o objetivo de avaliar os prospectos da situação cubana para os seis meses seguintes. Em linhas gerais, conclui-se sobre a tendência de

⁹⁹ *Office of National Estimates.*

¹⁰⁰ Under present circumstances International Communism does not desire to see a situation arise in which it could be clearly demonstrated that the regime in Cuba was under its domination.

¹⁰¹ Should the Castro regime be threatened, the USSR would probably do what it could to support it. However, the USSR would not hesitate to write off the Castro regime before involving itself in a direct military confrontation with the US over Cuba, or, at least during the present state of Soviet Policy, in a major diplomatic crisis with the US.

Cuba se aproximar do bloco comunista, entretanto, nos mesmos moldes acima, afirma que parecia “improvável que os comunistas vão ter o desejo de fazer uma oferta aberta de poder ou a necessária força” (DCI, 1960b, p. 02, tradução nossa¹⁰²) para manter o regime cubano. A ajuda estaria restrita ao fornecimento de limitado material militar e apoio econômico (DCI, 1960b).

No segundo semestre de 1960 a União Soviética e a China passaram a fornecer suporte econômico e militar para Cuba, sendo que deste segundo tipo, se resumiu ao provimento de armas de pequeno porte e instrutores. Isto foi identificado pela estimativa de 07 de fevereiro de 1961 com a constatação de que o bloco comunista já tinha entregado cerca de 30.000 toneladas de material deste tipo, tais como armas de pequeno porte, trinta tanques, e material de artilharia. Entretanto, avaliava-se que dificilmente armamentos tecnologicamente avançados ou armas nucleares soviéticas seriam alocados em Cuba e também não se tinha a previsão de que tropas armadas estariam presentes. Na mesma linha de pensamento da estimativa anterior, afirmava-se que o bloco comunista não se comprometeria em defender Cuba com receio de elevar os riscos de um conflito militar com os Estados Unidos numa localização geográfica extremamente desvantajosa.

Nenhum país do bloco Sino-Soviético provavelmente concluirá um acordo formal de defesa mútua com Cuba se comprometendo para ativa participação em operações militares na defesa daquele país, ou para estabelecer bases militares lá. Discursos de Khrushchev implicando apoio militar Soviético para Cuba no caso um ataque militar dos EUA tem sido qualificado e foram calculados para criar a crença de intenções soviéticas mais que um atual comprometimento. Ao mesmo tempo, estes discursos abrem o caminho para a União Soviética chamar para si o crédito de conter um ataque das forças Anti-Castro. Nós acreditamos que é altamente improvável que a URSS poderia considerar a sobrevivência do regime de Castro tão importante de modo a requerer cursos de ação que poderiam levar ao risco da guerra com os EUA (DCI, 1961, p. 01-02, tradução nossa¹⁰³).

Diante desta consideração e analisando-a conjuntamente com o acirramento das medidas de controle político tomadas pelo Estado cubano, a

¹⁰² Unlikely that the Communists will have the desire to make a bid for overt power or the necessary strength to maintain it.

¹⁰³ No Sino-Soviet Bloc country is likely to conclude a formal mutual defense agreement with Cuba committing it to active participation in military operations in defense of that country, or to establish military bases there. Khrushchev's statements implying Soviet military support for Cuba in the event of a US attack have been qualified and were calculated to create a presumption of Soviet intentions rather than an actual Soviet commitment. At the same time, these statements opened the way for the Soviet Union to claim credit for deterring an attack by anti-Castro forces. We believe it highly unlikely that the USSR would consider the survival of the Castro regime so important as to require it to pursue courses of action that would risk war with the US (DCI, 1961, p. 01-02).

estimativa toma que o único objetivo do fornecimento de equipamento militar é a autodefesa de Cuba às guerrilhas contrárias ao regime (DCI, 1961).

Cerca de dois meses depois, em abril de 1961, os Estados Unidos fomentaram uma invasão, sem o comprometimento de suas tropas, de refugiados cubanos na tentativa de derrubar o regime de Fidel Castro. Neste sentido, a inteligência apontou corretamente o cenário já que não houve uma participação efetiva da União Soviética na defesa de Cuba, sendo que o regime de Castro conseguiu repelir o ataque com suas próprias forças.

A partir desses fatos narrados, passar-se-á a verificar as estimativas produzidas em 1962, ano da crise dos mísseis de Cuba. O primeiro documento produzido foi finalizado no dia 17 de janeiro de 1962 e tinha como título *A ameaça aos interesses de segurança dos EUA na área caribenha*¹⁰⁴ no qual o lapso temporal abrangia as próximas duas décadas. Sobre a instalação de uma base militar, o documento foi enfático:

Nós acreditamos que o estabelecimento de tais bases soviéticas é improvável por algum tempo. Seu valor militar e psicológico, aos olhos Soviéticos, poderia provavelmente não ser grande o suficiente para ultrapassar os riscos envolvidos (DCI, 1962a, p. 01, tradução nossa¹⁰⁵).

O documento avalia que isto poderia ser revertido, caso o comunismo se alastrasse por outras áreas, e o poder global dos Estados Unidos diminuísse, de forma que os soviéticos procurariam se aproveitar da situação para diminuir ainda mais o prestígio dos EUA.

Porém, na visão da comunidade de inteligência, este ainda não seria momento, de forma que três meses depois, na estimativa de 21 de março de 1962, foi concluído que o regime comunista estava alcançando os passos históricos necessários para o controle da nação, entretanto, o bloco “tem evitado qualquer explícito comprometimento militar para defender Cuba” (DCI, 1962b, p. 01, tradução nossa¹⁰⁶). Se o bloco comunista não desejava levantar os níveis de tensão, logo, a interpretação sobre o fornecimento de material para Cuba limitou-se a uma medida de contraguerrilha e para a defesa contra algum ataque externo.

¹⁰⁴ The Threat to US security interests in the Caribbean area.

¹⁰⁵ We believe the establishment of such Soviet bases is unlikely for some time to come. Their military and psychological value, in Soviet eyes, would probably not be great enough to override the risks involved.

¹⁰⁶ The Bloc, however, has avoided any explicit military commitment to defend Cuba.

As forças disponíveis ao regime para suprimir insurreição ou repelir invasão tem sido e continuam sendo enormemente melhoradas, com assistência substanciais do Bloco [comunista] através da provisão de material e instrução. [Premissa factual] Capacidades Militares Cubanas, entretanto, são essencialmente defensivas. [Conclusão 1] Nós acreditamos ser improvável que o Bloco vai fornecer Cuba com sistemas de armas estratégicas ou com capacidades navais e aéreas convenientes para maiores operações militares independentes em país estrangeiro. [Conclusão 2] Nós também acreditamos ser improvável que o Bloco vá estacionar em Cuba unidades de combate de qualquer descrição, pelo menos para o período desta estimativa. Esta atitude poderia não impedir o fornecimento de tais armas e equipamentos defensivos com mísseis terra-ar e radares, e melhoramento das facilidades de Cuba aéreas e navais que poderiam ser habilitadas para servir unidades Soviéticas (DCI, 1962b, p. 02, tradução nossa¹⁰⁷).

Segue abaixo figura que aponta a quantidade estimada de equipamentos recebidos por Cuba até aquele momento:

¹⁰⁷ The forces available to the regime to suppress insurrection or repel invasion have been and are being greatly improved, with substantial Bloc assistance through the provision of materiel and instruction. Cuban Military capabilities, however, are essentially defensive. We believe it unlikely that the Bloc will provide Cuba with strategic weapon systems or with air and naval capabilities suitable for major independent military operations overseas. We also believe it unlikely that the Bloc will station in Cuba combat units of any description, at least for the period of this estimate. This attitude would not preclude the liberal provision of such defensive weapons and equipment as surface-to-air missiles and radars, and such improvement of Cuban naval and air facilities as would enable them to service Soviet units.

Figura 18: Quantidade estimada de material entregue para Cuba

▼

BLOC ARMS AND MILITARY EQUIPMENT DELIVERED TO CUBA

CATEGORY	TYPE		ESTIMATED QUANTITY	
Land Armaments.....	Armored Vehicles.....	JS-2/3 Heavy Tanks.....	30	
		T-34/54 Medium Tanks.....	120	
		SU-100 Assault Guns.....	50	
	Artillery.....	152-mm Gun-Howitzer..... 130-mm, 32-Tube, Truck-mounted Rocket Launcher..... 122-mm Gun..... 122-mm Howitzer..... 85-mm Field Gun..... 76-mm Field Gun..... 57-mm Antitank Gun..... 57-mm Antiaircraft Gun..... 37-mm Antiaircraft Gun..... 30-mm Twin Antiaircraft Gun.....		48
				25
				36
				60
				108
				150
				270
				54
	Mortars and Machine Guns.....	120-mm Mortar.....	180	
		82-mm Mortar.....	600	
14.5-mm Quad Antiaircraft Gun.....		48		
12.7-mm Quad Antiaircraft Machine Gun..		350		
Small Arms.....	Rifles, Carbines, and Submachine Guns.....	300,000		
Transport Equipment.....	Prime Movers, Trucks, and Jeeps.....	5,000		
Aircraft.....	Jet Fighters.....	MIG-15/17.....	35	
		MIG-19.....	10-12	
	Prop Trainers.....	Zlin-326.....	12	
	Prop Transports.....	IL-14 *.....	12	
		An-2 (Utility) *.....	15	
	Helicopters.....	MI-1.....	10	
Naval Vessels.....	Patrol Craft.....	MI-4.....	12	
	Motor Torpedo Boats.....	Kronstadt-Class Submarine Chaser.....	5 ^b	
		P-6.....	8 ^b	

FONTE: DCI, 1962b, p. 13.

A estimativa reconhece que as preocupações defensivas advinham de um suposto ataque dos Estados Unidos, porém, interessante notar, que a invasão fracassada ocorrida cerca de um ano antes não é citada no documento. Por sua vez, seguindo a linha de pensamento do ano anterior, o apoio soviético estaria limitado pelos riscos do uso da força pelos Estados Unidos. Neste sentido, “se a queda do regime estivesse seriamente ameaçada por forças externas ou internas, a URSS poderia quase certamente não intervir diretamente com suas próprias forças” (DCI, 1962b, p. 4, tradução nossa¹⁰⁸), como ela realmente não fez nenhuma intervenção um ano antes. A ação da União Soviética, segundo a estimativa, ficaria restrita a vigorosas ações políticas, ameaças de retaliação, e referências ambíguas sobre o

¹⁰⁸ If the overthrow of the regime should be seriously threatened by either external or internal forces, the USSR would almost certainly not intervene directly with its own forces.

poder nuclear soviético. “Todavia, A URSS quase certamente nunca comprometeria sua própria segurança por causa de Cuba” (DCI, 1962b, p. 4-5, tradução nossa¹⁰⁹).

Em 1º de agosto de 1962, foi elaborada a última estimativa antes da intensificação dos embarques soviéticos e da instalação dos mísseis SA-2. As linhas gerais de suas conclusões permaneceram inalteradas em relação aos documentos anteriormente citados (DCI, 1962c; MCAULIFFE, 1992, p. 09-12)¹¹⁰.

Antes de avaliar especificamente a *Estimativa Nacional de Inteligência* de 19 de setembro de 1962, a última antes que os Estados Unidos descobrissem a existência dos mísseis ofensivos em Cuba, algumas considerações serão sintetizadas acerca das análises verificadas até o momento. Parte-se primeiramente da premissa factual: *O bloco comunista não estaria disposto a aumentar os riscos de tensão junto aos Estados Unidos.*

Tal premissa está contida na dimensão cosmológica do paradigma da inteligência que foi explicado no subtítulo 4.2. Segundo este, a União Soviética só avançaria quando houvesse vácuo de ação dos Estados Unidos ou estivesse superior militarmente no balanço de forças global. Para a inteligência este não seria o caso em Cuba. Militarmente, a posição geográfica era extremamente vantajosa para os Estados Unidos sendo isso também verdadeiro com relação ao seu poderio militar global.

Porém, ficou evidenciado ao longo de 1960 e 1961, que o bloco comunista apoiava limitadamente o governo cubano com armas e pessoal de instrução. Deste modo, a premissa factual permaneceu inalterada sendo apenas geradas novas conclusões em consonância com ela:

- a) As forças militares do regime eram aperfeiçoadas para fins defensivos e de contraguerrilha;
- b) O emprego de armas de caracteres mais ofensivos sofreria objeção por parte dos Estados Unidos, logo seria improvável o seu uso;
- c) As forças militares de Cuba não seriam capazes de deter um confronto direto com os Estados Unidos;
- d) A União Soviética não defenderia Cuba caso acontecesse um ataque dos Estados Unidos.

¹⁰⁹ Nevertheless, the USSR would almost certainly never intend to hazard its own safety for the sake of Cuba (DCI, 1962a, p. 4-5).

¹¹⁰ Cita-se este documento através de duas fontes devido a uma peculiaridade. A fonte advinda da desclassificação do governo estadunidense apresenta diversos trechos apagados com fins de manter, ainda hoje, sigilo com determinados assuntos. Porém, a versão descrita em McAuliffe não apresenta estas extrações.

5.4.2 Estimativa Nacional de Inteligência de 19 de setembro de 1962.

Foi com essa premissa factual e com as conclusões desdobradas a partir dela que a inteligência dos Estados Unidos abordou os acontecimentos de agosto e setembro, culminando então na elaboração da *Estimativa Nacional de Inteligência* 85-3-62 de 19 de setembro de 1962. Ao tratarmos dela neste subtítulo, avaliar-se-á em paralelo as considerações realizadas na época por John McCone, diretor central de inteligência, que contrariando o restante da comunidade de inteligência, avaliou que os soviéticos estavam instalando mísseis ofensivos em Cuba.

É interessante ressaltar que o exemplo de John McCone se enquadra na definição de *profeta isolado* descrito por Pettee (1950) como sendo um objeto de estudo interessante para a inteligência. Neste sentido, doze anos antes, Pettee afirmou:

Eu penso que um trabalho analítico pode ser feito nesta questão, comparando o profeta isolado, que ninguém poderia entender quando ele falava, com o julgamento dominante. São dois problemas, é claro. Não somente saber que estava ele certo quando ninguém mais estava, porém, também, porque quando ele bradou ninguém escutou, nem porque ninguém entendeu quando ele ouviu? Ninguém poderia entender, em 1937, que quando Churchill falou, ele estava falando com sentido e o outro homem não estava. O público pensava que o outro homem estava certo até os fatos se mostrarem. Isso merece exame e estudo, e eu penso que poderia haver alguns bons resultados se você realizar tal estudo (PETTEE, 1950, p. 25-26, tradução nossa¹¹¹).

McCone assumiu a direção da comunidade de inteligência, e conseqüentemente da CIA,¹¹² no fim de novembro de 1961. Ele era um homem de negócios, quando então foi nomeado por Harry Truman no escritório do secretário de defesa e mais tarde assumiu o cargo de subsecretário da Força Aérea. Então, em 1958, Eisenhower o nomeou como presidente da Comissão de Energia Atômica, último cargo antes de ser DCI. Era do partido republicano, de oposição ao presidente

¹¹¹ I think an analytic job could be done on this matter, comparing the isolated prophet, whom nobody could understand when he spoke up, with the prevailing judgment. There are two problems, of course. Not only was he right when nobody else was, but, also, why, when he shouted, did nobody listen, nor did anybody understand when he did listen? Nobody could understand, in 1937, that, when Churchill spoke up, he was talking sense and the other man was not talking sense. The audience thought the other man was talking sense until the facts came out. It deserves examination and study, and I think there would be some good results if you get such a study.

¹¹² Na ocasião, o diretor central de inteligência tinha como função a coordenação das atividades de inteligência gerenciando os esforços das demais agências na coleta e análise de informação, além de também exercer a direção da CIA. A partir de 2004, passou a ser vedado ao diretor central de inteligência comandar a CIA.

Kennedy, e um anticomunista declarado. Por este motivo, os analistas da CIA tinham ressalvas com relação a sua nomeação por ter uma posição política explícita, e desta forma, achavam que ele seria incapaz de fazer uma estimativa justa que não fosse tendenciosa. Importante ressaltar que McCone não tinha experiência na inteligência quando assumiu o cargo (TURNER, 2008).

Na Crise dos Mísseis, verificou-se nos documentos do dia 20 e 21 de agosto que McCone já alertava sobre um problema crítico que seria Cuba num futuro próximo diante do aumento de apoio soviético. Ele estava preocupado com o fortalecimento das medidas de segurança que proibiam acesso aos portos cubanos onde ocorriam os desembarques e reparou também numa mudança de padrão: “informação disponível para a Agência [CIA] desde 10 de agosto indica que a extensão das operações de suprimentos soviéticos era muito maior do que tinha sido reportado desde então” (MCAULIFFE, 1992, p. 19-21, tradução nossa¹¹³). Especificamente no dia 21, McNamara, Bundy e McCone já especulavam que a questão de Cuba estava entrelaçada com outros assuntos tais como Berlim e os mísseis estadunidenses posicionados na Itália e Turquia. O pensamento deles era de que, com o aumento do apoio soviético, qualquer ação em Cuba poderia gerar ação retaliatória da União Soviética em outras partes do mundo.

Fotografias aéreas do U2 realizadas no dia 29 de agosto confirmaram a existência de oito locais de construções para os mísseis SAM, que provavelmente se tornariam operacionais em uma ou duas semanas (figura 11 anteriormente mencionada). Esta informação só foi disseminada para o restante da comunidade de inteligência no dia 03 de setembro (MCAULIFFE, 1992). Na ocasião, McCone estava em viagem de lua de mel e foi avisado sobre esta descoberta no dia seguinte pelo vice-diretor de inteligência, general Marshall Carter (MCAULIFFE, 1992)¹¹⁴.

Diante desta constatação, no dia 07 de setembro McCone afirma:

Minha intuição é que podemos nos deparar com o prospecto de mísseis soviéticos portáteis, terra-terra, de curto alcance, em Cuba, que poderia atacar importantes alvos do sudeste dos Estados Unidos e possivelmente América Latina e ilhas caribenhas (MCAULIFFE, 1992, p. 51-52, tradução nossa¹¹⁵).

¹¹³ [...] information available to the Agency since August 10th indicated that the extent of the soviet supply operations was much greater than had been reported on August 10th.

¹¹⁴ A partir de então, foram várias as comunicações entre McCone e Carter as quais ficaram conhecidas como “telegramas da lua de mel” (honeymoon cable).

¹¹⁵ My hunch is we might face prospect of Soviet short-range surface-to-surface missiles of portable type in Cuba which could command important targets of Southeast United States and possibly Latin American Caribbean Areas.

No dia seguinte, Carter informa para McCone que tinham sido descobertos mais quatro locais de mísseis SAM, sendo o total de 12 até aquele momento. Em resposta, no dia 10 de setembro McCone agradece pelas informações e mais uma vez alerta:

Para mim, difícil racionalizar defesas extensivamente dispendiosas sendo estabelecidas em Cuba com tais extremas medidas dispendiosas para garantir segurança e segredo não consistente com outras políticas tais como refugiados, viagens legais, etc. Parece para mim completamente possível que as medidas agora sendo tomadas são para o propósito de assegurar segredo de alguma capacidade ofensiva tais como MRBM [míssil nuclear de médio alcance] a serem instalados pelos soviéticos depois que a presente fase se completar e o país ficar seguro de sobrevoos [MCAULIFFE, 1992, p. 59, tradução nossa¹¹⁶, grifo do autor].

Ou seja, quando se intensificaram a frequência de embarques junto com rigorosas medidas de segurança que negavam acesso a população em geral aos portos e locais de movimentação de pessoal e equipamento soviético, McCone passou a perceber uma diferença de escala, um rompimento com o padrão de apoio soviético que vinha sendo seguido desde o segundo semestre de 1961, época em que tinha começado o apoio a Cuba.

Aliado a isso, McCone visualizou a instalação de mísseis antiaéreos, com capacidade para derrubar o U2 que voava em grandes altitudes, como a primeira fase da instalação dos mísseis ofensivos que bloquearia o espaço aéreo cubano para sobrevoos de reconhecimento por parte dos Estados Unidos.

O seu argumento partiu da indagação: se os mísseis SAM não estão junto a campos de pouso, o que eles estariam protegendo? Foi aí então que ele deduziu que seriam instalados mísseis ofensivos em Cuba.

O propósito óbvio dos SAMs [mísseis antiaéreos] era nos cegar de forma que não poderíamos ver o que estava acontecendo lá. Lá estavam eles com 16.000 homens com todo o equipamento de artilharia e então veio os navios. Não havia mais nada para embarcar

¹¹⁶ Difficult for me to rationalize extensive costly defenses being established in Cuba as such extreme costly measures to accomplish security and secrecy not consistent with other policies such as refugees, legal travel, etc. Appears to me quite possible measures now being taken are for purpose of insuring secrecy of some offensive capability such as MRBM's to be installed by soviets after present phase completed and country secured from overflights.

em Cuba a não ser mísseis (SCHECTER; DERIABIN¹¹⁷ citados por ABSHER, 2009, p. 31, tradução nossa¹¹⁸).

Deste modo, McCone ordenou a Carter sugerir ao Escritório Nacional de Estimativas que estudassem os motivos por detrás das medidas de segurança que até aquele momento, não tinham parâmetros sequer com a atitude dos soviéticos em relação a satélites de captação de imagens (MCAULIFFE, 1992).

No dia 11 de setembro, Carter avisa McCone que o escritório nacional de estimativas estava analisando todas as questões envolvendo a questão cubana e seu rascunho passaria por avaliação da comunidade de inteligência na semana seguinte¹¹⁹. Carter ainda lhe adianta a seguinte conclusão preliminar:

BNE¹²⁰ ainda está persuadido que custosas e aceleradas operações para instalar SA-2s é mais razoavelmente explicado por outro motivo que o desejo de esconder posterior escalada militar, e que Soviéticos provavelmente consideram as vantagens de maior escalada ofensiva não igual para os perigos de intervenção dos EUA. Em Cuba vazam muitas informações de observadores de solo. Desta forma, [caso ocorresse] repentina repressão do fluxo de refugiados e imigração legal poderia ser um forte indicador do possível desejo para tornar adicional escalada militar em segredo (MCAULIFFE, 1992, p. 64, tradução nossa)¹²¹.

Diante disto, McCone insiste em comunicação do dia 16 de setembro de 1962:

[...] acredito que devemos estudar cuidadosamente o prospecto da importação e colocação secreta de vários MRBMs Soviéticos que poderiam não ser detectados por nós se defesas cubanas negarem o sobrevoo. [...] eu posso visualizar um plano soviético para embalar os mísseis, controlar e operar o equipamento de tal maneira que uma unidade pode tornar-se operacional poucas horas após um local seja aberto [provavelmente se refere a uma floresta] e seja apoiado em um modesto bloco de concreto. Não desejo ser alarmista nesta questão, porém acredito que CIA e a comunidade devem manter o governo informado do perigo de uma surpresa e também que detecção de passos preparatórios possivelmente estará além da

¹¹⁷ Jerrold L. Schecter and Peter Deriabin, *The Spy Who Saved the World* New York: Charles Scribner's Sons, 1992, p. 331

¹¹⁸ The obvious purpose of the SAMs was to blind us so we could not see what was going on there. There they were with 16,000 men with all their ordnance equipment and then came the ships. There was nothing else to ship to Cuba but missiles. That was my argument..

¹¹⁹ Se referindo a NIE do dia 19 de setembro de 1962 anteriormente citada.

¹²⁰ Sigla para *Board of National Estimate*, que consistia no núcleo diretor do escritório nacional de estimativas.

¹²¹ BNE still persuaded that costly crash operation to install SA-2s is more reasonably explained by other than desire to hide later buildup and that Sovs likely to regard advantages of major offensive buildup not equal to dangers of us intervention. Cuba leaking like sieve from ground observation alone. Thus sudden crackdown on refugee flow and legal traffic would be strong indicator of possible desire to undertake further military buildup in secret.

nossa capacidade uma vez que o sistema defensivo de Cuba esteja operativo (MCAULIFFE, 1992, p. 79, tradução nossa¹²²).

Cabe lembrar que até aquele momento não havia uma fotografia aérea que assegurasse a existência de mísseis nucleares ofensivos. Dino Brugioni, analista-chefe do NPIC, pessoalmente informou a Sherman Kent que não havia cobertura do interior de Cuba desde a missão do dia 05 de setembro. Porém, Kent imediatamente o interrompeu e disse: “Este é outro jogo que nós não queremos estar envolvidos.’ Ele provavelmente estava pensando sobre a contínua oposição de Rusk e Bundy para sobrevoar o interior” (ABSHER, 2009, p. 42, tradução nossa¹²³). Os mísseis adentraram o território cubano no dia 08 de setembro e as informações de fontes humanas que apontavam sua existência ainda estavam sendo processadas pelas camadas organizacionais.

Antes de finalizar a estimativa e passar para o conselho de representantes da comunidade de inteligência para aprovação final e disseminação para o presidente, Sherman Kent chamou todo o corpo diretor e analistas membros do escritório nacional de estimativas, incluindo os mais novos, e colocou a questão da seguinte forma:

O DCI acha que os Soviéticos estão colocando mísseis ofensivos em Cuba. Ele não tem qualquer informação, nós não temos, porém ele está convencido que os Soviéticos vão ou estão fazendo isso. A estimativa na mão diz que eles não estão e não vão. [...] não há evidência sólida que eles vão. Mais importante, não há fotografia aérea provando que eles vão (ABSHER, 2009, p. 40, tradução nossa¹²⁴).

Deste modo, Sherman Kent passou a conversar com todos para expressarem suas opiniões e saber se alguém apoiava a conclusão de McCone e por qual motivo. Absher (2009), que era um destes analistas na ocasião, argumenta que apoiou a visão de que a instalação de mísseis ofensivos viria na forma de

¹²² [...] believe we must carefully study the prospect of secret importation and placement of several soviet MRBMs which could not be detected by us if Cuban defense deny overflight. [...] I can envisage a soviet plan to package missile, control and operating equipment in such a way that unit could be made operational a few hours after a site cleared and a modest concrete pad poured. Do not wish to be overly alarming this matter but believe CIA and community must keep government informed of danger of surprise and also that detection of preparatory steps possibly beyond our capability once Cuban defense system operative.

¹²³ But Kent immediately interrupted and said “that’s another ball game that we are not to get involved in.” He was probably thinking about Rusk and Bundy’s continuing opposition to overhead coverage of the interior.

¹²⁴ The DCI thinks the Soviets are placing offensive missiles in Cuba. He doesn’t have any information we don’t have, but he is convinced that the Soviets will or are doing so. The estimate at hand says that we think they aren’t and that they won’t. (The estimate had already been worked over by the rest of the American IC, including the U.S. military.) There is no hard evidence that they will. Most importantly there was no overhead photography proving that they are.

etapas preliminares, ou seja, que antes a União Soviética estacionaria submarinos ofensivos para verificar a reação do governo dos Estados Unidos. Na reunião, um analista apoiou a decisão do DCI, porém, o consenso foi de que não havia evidência para suportar tal conclusão. Com sua típica exasperação, Sherman Kent disse: “Não podemos avisar o presidente que achamos que os Soviéticos colocarão mísseis em Cuba porque Khrushchev é um filho de uma cadela. O presidente sabe que ele é” (ABSHER, 2009, p. 41, tradução nossa¹²⁵).

Diante disso, a NIE 85-3-62, intitulada *The military buildup in Cuba*, aprovada pelo conselho de chefes das agências de inteligência dos Estados Unidos no dia 19 de setembro de 1962 realizou algumas conclusões que posteriormente se mostraram falsas. Transcrevemos três delas abaixo:

A. [...] Os soviéticos evidentemente esperam deter qualquer tentativa de invasão externa aumentando capacidades defensivas de Castro e pela ameaça de retaliação militar soviética. **[Premissa Factual] Ao mesmo tempo, eles evidentemente reconhecem que o desenvolvimento de uma base militar ofensiva em Cuba pode provocar intervenção militar dos EUA e dessa forma frustrar seu presente propósito.**

B. [...]

C. [...]

D. A União Soviética poderia obter considerável vantagem militar do estabelecimento de mísseis balísticos de alcance médio e intermediário em Cuba, ou do estabelecimento de uma base submarina soviética lá. Entre estes dois, o estabelecimento de uma base submarina seria mais provável. **[Conclusão] Cada desenvolvimento, entretanto, seria incompatível com a prática soviética até agora e com a política soviética como nós presentemente estimamos. Isso poderia indicar uma vontade bem maior para aumentar o nível de risco nas relações EUA-Soviéticos que URSS tem mostrado até agora, e conseqüentemente poderia ter importantes implicações com respeito para outras áreas e outros problemas nas relações Leste-Oeste (DCI, 1962d, p. 02, tradução nossa¹²⁶, grifos nossos).**

¹²⁵ We can't just tell the President that we think the Soviets will put missiles in Cuba because Khrushchev is a son-of-a-bitch. The President knows he's a son of a bitch.

¹²⁶ A. [...] The Soviets evidently hope to deter any such attempt by enhancing Castro's defensive capabilities and by threatening Soviet military retaliation. At the same time, they evidently recognize that the development of an offensive military base in Cuba might provoke US military intervention and thus defeat their present purpose.

B. [...] The threat inherent in these developments is that, to the extent that the Castro regime thereby gains a sense of security at home, it will be emboldened to become more aggressive in fomenting revolutionary activity in Latin America.

D. The USSR could derive considerable military advantage from the establishment of Soviet medium and intermediate range ballistic missiles in Cuba, or from the establishment of a Soviet submarine base there. As between these two, the establishment of a submarine base would be the more likely. Either development, however, would be incompatible with Soviet practice to date and with Soviet policy as we presently estimate it. It would indicate a far greater willingness to increase the level of risk in US-Soviet relations than the USSR has displayed thus far, and consequently would have important policy implications with respect to other areas and other problems in East-West relations [DCI, 1962, p. 01-02].

Até aquele momento, não havia sido identificado um grande segredo, como por exemplo, o plano formal do emprego de mísseis ofensivos soviéticos em Cuba. Da mesma forma, a análise conjunta de informações não resultou na observação direta dos referidos mísseis, limitando-se na ocasião a identificação de 12 posições de mísseis SA-2 no oeste da ilha. A estimativa especulou que a porção leste provavelmente receberia a mesma cobertura defensiva (DCI, 1962d).

Dessa forma, a análise de informações foi realizada a partir da dimensão metódica do paradigma da inteligência explicado no subtítulo 4.1.2, ou seja, a partir dos parâmetros positivistas de ciência. Comte (2000) já tinha dito que:

[...] em todos os casos fundamentais, só é realmente demonstrável pela observação, salvo a extensão pela analogia. Jamais comporta provas dedutivas, a não ser em relação a fenômenos evidentemente compostos por aqueles em que já foi constatado (COMTE, 2000, p. 85).

No caso em questão, a analogia consistia no comportamento soviético até aquele momento: nunca antes haviam instalado armas nucleares fora de seu território. Uma hipótese dedutiva não seria possível pelo mesmo motivo, já que nenhum outro fenômeno poderia ser composto por ela.

Disso se desdobra ainda os procedimentos de validação das informações que faziam com que todo o conjunto informacional fosse avaliado ao longo de uma cadeia produtiva antes de chegar aos analistas responsáveis pelas estimativas. No caso da crise dos mísseis, a relevância e veracidade dos relatórios de fontes humanas eram determinadas pelas imagens de satélite para só então serem disseminadas para o escritório nacional de estimativas. Tais procedimentos fizeram com que entre a data de um relato de uma fonte humana até a disseminação para o escritório nacional de estimativas se passassem em média cerca de três semanas (ABHSER, 2009; WOHLSTETTER, 1965). Além do mais, informação relevante como o relato do piloto de Fidel Castro, por ser muito genérica e não permitir a validação por fotografia aérea, não recebeu tanta importância.

Os atrasos na disseminação, no entendimento de Wohlstetter (1965), eram prudentes devido à ambiguidade das informações e os riscos envolvidos nas ações do Governo. Na linha de pensamento contrária, Zegart (2012) afirma que desta maneira pedaços relevantes de informação se perderam ao longo do fluxo informacional que perpassava diversas organizações, e relevantes fragmentos de

informação recebiam atenção de rotina quando não pudessem ser verificados por fotografia aérea.

Deste modo, a inteligência estava agindo como uma máquina processadora de informação para diminuição de incerteza, sendo seu *input*, a informação, que estabeleceria os critérios de avaliação dos julgamentos decorrentes. Este ponto é sintetizado por Zegart (2012) da seguinte forma:

[...] o processo de estimativa era todo sobre dados: coletá-los, interpretá-los, refiná-los, e analisar o que eles significam. A máquina começou com evidência e terminou em julgamentos. A abordagem do diretor da CIA não se ajustava dentro de seu procedimento padrão de operação. Realmente, McCone o tinha atrás. Ele não tinha evidência à procura de um julgamento. Ele tinha uma hipótese à procura de evidência. E não havia lugar nas estimativas nacionais de inteligência ou estimativas nacionais de inteligência especiais para tais coisas (ZEGART, 2009, *on-line*, tradução nossa¹²⁷).

Feyerabend (2011) chama tal modo de proceder como o *princípio da consistência*, no qual a “a única razão premente para mudar uma teoria é o desacordo com os fatos. A discussão de fatos incompatíveis com a teoria, portanto, conduzirá ao progresso. A discussão de hipóteses incompatíveis não o fará (FEYERABEND, 2011, p. 51)” O escritório nacional de estimativas já tinha sua hipótese, consolidada ao longo dos dois últimos anos, e que permanecia consistente com as evidências disponíveis, já que não existiam informações sobre os mísseis ofensivos que a contrariasse.

Um ano depois do evento, John McCone afirma ter analisado cerca de 3.500 relatórios de agentes e refugiados e destes, apenas 08 foram considerados como indicadores razoavelmente válidos do emprego de armas nucleares ofensivas em Cuba (MCAULIFFE, 1992). Para Kent (1994), apenas três poderiam “parar o relógio” numa alusão que a estimativa 85-3-62 poderia ter sido revista e apresentar um resultado diferente. Dois anos depois, ao analisar a situação, Kent (1994) discorre ainda que mesmo que estes três fragmentos de evidência, tomados entre as centenas que chegavam, não teriam apontado para a verdade já que numa massa de observação existem itens capazes de apoiar ou destruir qualquer hipótese. Deste

¹²⁷ [...] the estimating process was all about data: collecting it, interpreting it, distilling it, and assessing what it meant. The machine started with evidence and ended with judgments. The CIA director's approach never fit into this standard operating procedure. Indeed, McCone had it backwards. He did not have evidence in search of a judgment. He had a hypothesis in search of evidence. And there was no place in the National Intelligence Estimates or Special National Intelligence Estimates for such things.

modo, Kent nega que os analistas descartaram aquelas informações que não apoiavam uma hipótese preconcebida (KENT, 1994).

Esta explicação nos remete ao *princípio de autonomia* também explicitado por Feyerabend (2011, p. 52), a qual diz “que os fatos que fazem parte do conteúdo empírico de alguma teoria estão disponíveis, considerem-se ou não alternativas a essa teoria”, e por ele mesmo confrontado: “Não apenas é a descrição de cada fato individual dependente de alguma teoria [...] mas também existem fatos que não podem ser revelados, exceto com o auxílio de alternativas à teoria a ser testada (FEYERABEND, 2011, p. 52)”. De maneira similar, Weber (2006) subordinou o conhecimento da realidade a pontos de vistas particulares:

[...] todo conhecimento da realidade cultural é sempre um conhecimento subordinado a *pontos de vista* especificamente *particulares*. [...] E se é frequente a opinião de que tais pontos de vista poderão ser “deduzidos da própria matéria”, isso apenas se deve à ingênua ilusão do especialista que não se dá conta de que – desde o início e em virtude das ideias de valor com que inconscientemente abordou o tema – destacou da imensidade absoluta um fragmento ínfimo, e particularmente *aquele* cujo exame lhe *importa* (WEBER, 2006, p. 59, grifos do autor).

Assim como na comunidade científica, ao exercerem suas atividades os profissionais de inteligência lidam com um conjunto de expectativas baseadas no conhecimento profissional adquirido ao longo dos anos sobre seu objeto de estudo, no caso, as estruturas políticas, processos e personalidades dos países estrangeiros (KNORR, 1964). Seguindo a ideia de paradigma proposta por Thomas Kuhn (2001), esse conjunto de expectativas seria estabilizado e compartilhado ao longo da comunidade de inteligência e internalizado na forma de mapas mentais no intelecto de cada profissional, servindo então como conteúdo prévio para a interpretação dos novos eventos.

Deste modo, a questão a formação de uma nova hipótese não seria passar a uma busca de maior quantidade de informações, um plano da instalação de mísseis fornecidos por um espião russo ou uma fotografia aérea dos mísseis sendo implantados em Cuba, mas sim abordar as evidências a partir de uma nova pré-concepção de mundo, outro ponto de vista. E esta foi implicitamente dada por McCone.

Primeiramente, observou-se que McCone percebeu uma mudança de padrão nos desembarques. As estimativas de março de 1960 até agosto de 1962, anteriores a intensificação de desembarques soviéticos, mantiveram julgamentos estáveis afirmando que medidas defensivas em Cuba estavam sendo tomadas, mas que a União Soviética a manteria limitada para não levantar anseios dos Estados Unidos. De certa forma, esta também foi uma das conclusões da NIE 85-3-62: “Assim que a escalada militar continua a URSS pode se mostrar seduzida a estabelecer em Cuba outras armas representadas por um propósito defensivo, porém de uma característica ‘ofensiva’” (DCI, 1962d, p. 02, tradução nossa¹²⁸). A falta de percepção da mudança do ritmo de operações do adversário foi tratada por Lehman (1962, p. 15, tradução nossa¹²⁹):

O que a estimativa falhou para fazer, entretanto, foi dar o devido peso para o ritmo pelo qual as operações Soviéticas estavam se movendo e para a grande probabilidade que as novas instalações estavam sendo manipuladas por pessoal Soviético. A comunidade ainda estava pensando nos tempos do ritmo deliberadamente cadenciado dos programas de ajuda Soviética para o EAR [Emirados Árabes Unidos], Iraque, e Indonésia (e realmente para Cuba no período de 1960-62) quando já havia boa evidência que o programa Cubano tinha rompido com este padrão.

Avaliado a partir de seus termos psicológicos, esta falta de percepção da mudança do padrão, de poucos para muitos desembarques e equipamentos, coincide com a tendência psicológica da mente humana de assimilar novas informações para as imagens previamente existentes. Elucidativo neste sentido é o exemplo das cartas de baralhos anteriormente citado nas quais as cartas anômalas não são percebidas. Segundo Heuer (2006, p. 24-25), isso explica o fato de que analistas trabalhando pela primeira vez num tópico ou país específico podem gerar reflexões que passam despercebidas por outros profissionais que estão trabalhando no mesmo assunto há dez anos.

É interessante esta ponderação já que McCone tomou posse como diretor central de inteligência em novembro de 1961, e até então não tinha experiência na

¹²⁸ As the buildup continues, the USSR may be tempted to establish in Cuba other weapons represented to be defensive in purpose, but of a more “offensive” character.

¹²⁹ What the estimate failed to do, however, was to give adequate weight to the pace at which Soviet operations were moving and to the great probability that the new installations were manned by Soviet personnel. The community was still thinking in terms of the rather deliberately-paced Soviet military aid programs for the UAR, Iraq, and Indonesia (and indeed for Cuba in the 1960-62 period) when there was already good evidence that the Cuban program had departed from this pattern [LEHMAN, 1962, p. 15].

atividade, assim como não participou da elaboração dos produtos analíticos de 1960 e 1961. Por sua vez, ao se tomar como parâmetro Sherman Kent, este já estava na atividade desde a Segunda Guerra Mundial e chefiava o escritório nacional de estimativas desde 1952¹³⁰.

A percepção da mudança de padrão é um elemento importante, mas ainda não suficiente. Agora, em retrospectiva, a proposição de McCone torna-se muito coerente. Primeiro viria a instalação dos mísseis SAM, negando o espaço aéreo de Cuba para os voos do U2, para em seguida instalar os mísseis. Já a inteligência observava o mesmo evento factual como uma medida defensiva.

Porém, tendo como vantagem a retrospectiva, item que os analistas de inteligência não possuem em suas atividades, aborda-se a questão do seguinte ponto: os planos para instalação dos mísseis SA-2 eram fruto de um acordo secreto realizado entre União Soviética e Cuba em abril de 1962, cujos desembarques começaram em julho e agosto. Da mesma forma, Khrushchev decidiu pelo emprego de mísseis nucleares em maio e previa que o sistema de mísseis SAM já estivesse em operação quando fosse a fase de implementação, o que impediria a identificação dos mísseis nucleares por sobrevoos do U2 (ALLISON, ZELIKOW, 1999).

Deste modo, pode-se avaliar hoje que, mesmo com os mísseis nucleares entrando em território cubano apenas no dia 08 de setembro, os desembarques ocorridos a partir de agosto já eram evidências de sua implementação pois que advinham de atos preliminares planejados por Khrushchev.

Ocorre que a inteligência teria avaliado os embarques nos limites das premissas factuais dadas, e as hipóteses delas decorrentes, dados pelo elemento cosmológico do paradigma da inteligência: a) onde houvesse vácuo de poder a União Soviética adentraria com a força; e b) para o bloco comunista, sua vitória era uma questão de tempo e por isso não correriam riscos. Desta forma, Kissinger concluiu que: “os regimes Soviéticos e Chineses provavelmente não arriscarão tudo para evitar mudanças adversas contanto que suas sobrevivências nacionais não estejam diretamente afetadas” (KISSINGER, 1969, p. 79, tradução nossa¹³¹).

¹³⁰ Obviamente, o exemplo de Sherman Kent é um parâmetro, mas há que se considerar que as conclusões da estimativa abrangem a aprovação dos dirigentes das principais agências da comunidade de inteligência. Quando algum destes não concorda com os julgamentos contidos, eles podem registrar sua discordância na forma de notas de rodapé. Na estimativa da crise dos mísseis, não houve nenhuma dissensão.

¹³¹ The Soviet and Chinese regimes are not likely to risk everything to prevent changes adverse to them so long as their national survival is not directly affected.

Especificamente na crise dos mísseis, a avaliação situacional implicitamente inserida nas estimativas nacionais de inteligência era uma negativa para ambas as premissas: a) os Estados Unidos estavam com uma forte política na questão tendo como suporte seu poderio bélico superior; e b) a sobrevivência nacional dos soviéticos não estava em perigo. Logo, a União Soviética só poderia estar fornecendo equipamentos militares defensivos a Cuba.

Porém, a partir do pensamento de McCone, verifica-se a articulação de outro paradigma, trazendo a tona um novo conjunto de concepções e alterando as premissas existentes na dimensão cosmológica do paradigma da inteligência. Neste, a partir da percepção da mudança de padrão nos desembarques, a linha imaginária que a URSS não podia atravessar, pois, elevaria as tensões, já tinha sido ultrapassada e não estava mais em questão.

Quando foi elaborada esta NIE, Carter enviou as conclusões nela contida para McCone que ainda estava de lua de mel. Em resposta, McCone pede para uma cuidadosa consideração sobre a conclusão “D” e sugere a seguinte:

Como uma alternativa eu posso ver que uma base ofensiva soviética vai fornecer aos soviéticos com mais importante e efetiva posição de negociação em conexão com outras áreas críticas e desta forma eles podem tomar riscos inesperados de maneira a estabelecer tal posição (MCAULIFFE, 1992, p. 95, tradução nossa¹³²).

Deste modo, sintetiza-se e comparam-se os principais pontos propostos por McCone e aqueles da estimativa:

¹³² As an alternative I can see that as offensive Soviet Cuban Base will provide Soviets with most important and effective trading position in connection with all other critical areas and hence they might take an unexpected risk in order to establish such a position

Quadro 3: Pontos considerados pela NIE e por McCone

Pontos considerados sobre os objetivos de uma base ofensiva	
NIE 85-3-62	John McCone
a) Base ofensiva para vantagem militar.	a) Base ofensiva para uma vantajosa posição de negociação.
b) Elevação de riscos incompatível com a prática soviética.	b) Elevação de riscos para estabelecer tal posição.

FONTE: Elaborado pelo autor

Desta forma, verifica-se que a argumentação de McCone gira em torno da base soviética em Cuba como uma vantajosa posição política e não especificamente militar. Tal ponto é importante destacar porque demonstra outra diferença no pensamento de McCone que embora não fora expressamente dito por ele, pode-se especular como existente. Acreditar que a União Soviética não elevará riscos só faz sentido num contexto onde, segundo a interpretação estadunidense, ela aceitará um estado de conflito prolongado assumindo recuos sucessivos onde os Estados Unidos se apresentem com sua força. Caso existam percalços no presente, algumas medidas arriscadas podem ser tomadas e poder-se-ia então extrair uma nova premissa factual. Porém, para trabalhar essa questão, é necessária uma breve especulação sobre a intencionalidade da ação dos soviéticos.

5.5 A intenção para a instalação dos mísseis

Para elucidar a questão da intencionalidade e verificar ou não a viabilidade dos pontos apresentados por McCone articulados no quadro acima, tentar-se-á delinear a intenção da União Soviética para instalar os mísseis nucleares ofensivos em Cuba. Para isso, utilizar-se-á a vantagem da retrospectiva que traz com ela não apenas novas informações, mas, principalmente o resultado final da questão.

Allison e Zelikow (1999) publicaram um livro neste sentido utilizando três perspectivas diferentes para avaliar a questão: a) o modelo do ator racional; b) o

modelo do comportamento organizacional; e c) o modelo da política governamental. Cada um deles seria um paradigma que serviria para visualizar determinada faceta de um ator e tentar especular sobre suas ações futuras. Apresenta-se sucintamente cada uma delas:

O modelo do *ator racional* busca explicar ações de um dado país ou organização através da atribuição de objetivos e cálculos racionais que ele efetua numa dada situação. Os eventos são ditos como resultados de ações impessoais, como por exemplo, a URSS instalou mísseis em Cuba. Mesmo quando a ação é atribuída a um indivíduo específico, ele é visto como um representante unívoco do país analisado.

Simon (1997) delimitou o conceito de ator racional a partir de estudos sobre o processo decisório. Segundo ele, um ator age racionalmente quando estabelece os fins, seus propósitos, e a partir dele efetua os cálculos com relação aos meios mais eficientes, ou seja, menos custosos, para obtê-lo. Porém, levando-se em conta aspectos da psicologia humana, Simon (1997) diz que esta racionalidade não é ampla de forma que não são todos os conjuntos de meios disponíveis, ou todos os resultados possíveis, que são levados em consideração pelo ator racional, mas apenas aqueles mais próximos e que mais afetam sua decisão. Tais limitações cognitivas são engendradas na forma de simplificações empíricas gerando premissas factuais que o ator racional levará em conta como certas no seu processo de decisão. Como posto enfaticamente por Simon (1997, p. 119, tradução nossa¹³³): “simplificação pode levar ao erro, porém não há alternativa realista em face dos limites da razão e do conhecimento humano”.

Tais premissas podem ou não ter validade empírica, porém, mesmo que não tenham, “mais que rotular o ator que não percebe a situação como ‘irracional’, o modelo aceita os valores, crenças, e estereótipos do tomador de decisão, desconsiderando a falta de precisão de suas visões” (ALLISON; ZELIKOW, 1999, p. 20, tradução nossa¹³⁴).

Já o modelo do *comportamento organizacional* assume que o resultado das ações de um agente é fruto de sua capacidade e estrutura organizacional. Isto porque as capacidades de uma organização superam desproporcionalmente o

¹³³ Simplification may lead to error, but there is no realistic alternative in the face of the limits on human knowledge and reasoning.

¹³⁴ Rather than labeling actors who misperceive a situation as “irracional”, the model accepts the values, beliefs, and stereotypes of the decisionmaker, irrespective of the accuracy of the views.

desempenho de um indivíduo. Entretanto, seu aparato tecnológico e rotinas pré-definidas, ao mesmo tempo em que auxiliam no processo de racionalização das atividades, restringem o comportamento organizacional e a ação resultante. Neste modelo, os propósitos definidos pelo ator racional são executados de forma fracionada por diversas partes que muitas vezes interpretam por si mesmas, de acordo com a cultura organizacional própria, quais são estes propósitos e os meios que dispõem para obtê-lo (ALLISON; ZELIKOW, 1999).

A partir deste modelo se explicam algumas incongruências sobre a implantação dos mísseis ofensivos em Cuba. Por exemplo, o governo estadunidense se questionou na época porque as instalações em Cuba eram idênticas àquelas existentes na União Soviética e cujo diagrama foi fornecido por Penkovsky. Ocorre que as ordens de Khrushchev tinham aspecto genérico, como tende a ser uma ordem do alto escalão político, e a implementação parte de um conjunto de procedimentos organizacionais padrões. Deste modo, os regimentos dos mísseis estratégicos levaram para Cuba todo o seu equipamento bélico e material de construção e realizaram a tarefa como costumam fazer em solo soviético, mesmo porque, nunca antes tinham instalado mísseis no estrangeiro. Da mesma forma, havia pressa para que os mísseis fossem instalados de modo que a forma para executar a tarefa mais rápida era através de ações do tipo “execute o manual”, e o fizeram como de costume na União Soviética. Isto explica também a falta de camuflagem nos mísseis nucleares (ALLISON; ZELIKOW, 1999). Chegaram ainda a colocar bandeiras e insígnias dos batalhões como era feito em sua terra pátria:

Figura 19: Insígnias de unidades militares Soviéticas em Cuba



FONTE: THE NATIONAL SECURITY ARCHIVE, 2013

O último modelo analítico é o da *política governamental* que determina que ação de um dado organização advém das barganhas e concessões políticas de vários atores envolvido no processo decisório. Desta forma, assim como no *ator racional* existe uma entidade de ação, porém, neste, se observa as facções políticas e grupos de interesse que intervêm no processo decisório, com pontos de vistas diferentes e interesses específicos. Na crise dos mísseis Khrushchev teria um papel preponderante na ação (ALLISON; ZELIKOW, 1999).

A partir do primeiro modelo, os autores procuraram traçar hipóteses para a intenção dos soviéticos para a instalação dos mísseis de Cuba, considerando quatro alternativas: a) defesa de Cuba; b) política da Guerra Fria; c) poder dos mísseis; d) o caso de Berlim. Cada uma será discutida a seguir.

5.5.1 A defesa de Cuba

Desde quando a União Soviética começou a fornecer apoio militar a Cuba em 1961, a posição da inteligência estadunidense era de que se tratava de apoio defensivo e que um forte laço não seria estabelecido com receio de uma retaliação por parte dos Estados Unidos. Mesmo quando os embarques de equipamento e pessoal soviético atingiu uma maior escala, em julho e agosto de 1962, os julgamentos das estimativas continuaram assegurando que se tratava de apoio defensivo, embora com características “ofensivas”, pois do contrário, a URSS elevaria o risco das relações com os Estados Unidos o que não era compatível com seu histórico. Tomando isso como pressuposto, estimou-se que não seriam implantados mísseis nucleares.

Em discurso no dia 12 de dezembro de 1962, Khrushchev argumentou que o único objetivo de instalar armas nucleares em Cuba era para protegê-la de invasão por parte dos Estados Unidos, e com o comprometimento de John Kennedy em não fazê-lo, as armas que tinham cumprido seu propósito foram retiradas (HORELICK, 1963). Da mesma forma, em suas memórias Khrushchev reafirma tal posição.

Porém, Allison e Zelikow (1999) avaliam esta hipótese e apontam as seguintes incongruências. Primeiro, para dissuadir um ataque, seria suficiente o emprego de tropas soviéticas, as quais teriam aproximadamente o mesmo valor dissuasório que as tropas estadunidenses localizadas na Berlim Ocidental.

Em segundo lugar, havia um rascunho de tratado militar entre a Cuba e União Soviética para ser assinado em novembro de 1962. No final de agosto, políticos cubanos foram para União Soviética e queriam finalizar o tratado, o que garantiria o direito de possuir armas nucleares assim como aliados dos Estados Unidos já haviam obtido esse direito (Turquia e Itália). Porém, Khrushchev recusou.

A terceira objeção é centrada na questão nuclear. Se o sentimento de perigo de uma invasão era eminente, a União Soviética poderia enviar armas nucleares de cunho tático, cuja instalação seria muito mais rápida e com maior probabilidade de estarem operacionais antes da descoberta. Khrushchev somente tomou esta decisão em setembro após uma mobilização de reservistas pelos Estados Unidos realizada na ocasião.

Em quarto lugar, se por alguma razão estratégica seriam necessários mísseis ofensivos que tivessem alcance para atingir os Estados Unidos, seria suficiente o emprego de mísseis de médio alcance que também seriam menos detectáveis e de instalação mais rápida.

O quinto e mais importante ponto diz respeito a cronologias das ações de Khrushchev. Na decisão realizada em 12 de abril, o primeiro ministro da União Soviética já tinha tomado à medida própria para a defesa que consistia na entrega de armamento convencional e emprego de tropas soviéticas em Cuba. A decisão para enviar os mísseis nucleares só foi tomada cerca de um mês depois, quando no período entre 21 a 24 de maio Khrushchev iniciou um novo processo com o deslocamento de técnicos para Cuba com o objetivo de verificar a viabilidade da instalação das armas ofensivas. A inteligência não sabia destas duas decisões de modo que a parte visível se tornou um conjunto de desembarques oriundos de dois comandos diferentes.

5.5.2 Política da Guerra Fria

O contexto da guerra fria consistiu em na disputa de poder político entre dois blocos com sistemas econômicos distintos. Cada bloco buscava angariar prestígio no cenário mundial para que os demais países se sentissem atraídos e formasse coalizões nos campos militares e econômicos.

Na visão dos Estados Unidos, a União Soviética era o inimigo que pensava que tinha a história a seu favor, aceitaria um estado prolongado de conflito, e por isso não correria riscos desnecessários de entrar em embates com o ocidente. Porém, quando existisse vácuo de poder, ou os EUA não demonstrasse uma firme vontade de manter uma determinada posição, os soviéticos ocupariam aquele espaço.

Deste modo, surge a hipótese que a instalação dos mísseis ofensivos em Cuba seria uma ação soviética devida à percepção da fraqueza estadunidense no cenário mundial, o que teria sido reforçado pela tentativa fracassada de invasão de Cuba promovida pelos Estados Unidos quando lançou mão de refugiados cubanos, mas sem empregar suas próprias tropas.

A análise *post-mortem* de Kent vai neste sentido:

Em retrospectiva pode-se especular que, durante o inverno e início da primavera de 1962, quando os soviéticos estavam fazendo suas grandes decisões em Cuba, eles examinaram a postura dos Estados Unidos e perceberam uma mudança. É possível que eles observaram a nossa aceitação de contratempos em Cuba (Baía dos Porcos), em Berlim (o muro), e no Laos como evidência de um abrandamento da política dos EUA? Talvez assim fizeram e com base nisso estimaram os riscos de colocar mísseis em Cuba como aceitavelmente baixo. Talvez, quando eles contemplaram os grandes ganhos estratégicos que resultariam se a operação tivesse êxito, a sua estimativa do humor dos EUA foi ansiosamente empurrada nesta direção. E, talvez, mais uma vez, para fechar o circuito, eles não conseguiram estimar a todas as consequências de se verem em uma crise. Se todas essas especulações estão corretas - e não há argumento persuasivo para sustentá-los - mesmo em retrospectiva, é extremamente difícil para muitos de nós seguir sua lógica interna ou para nos culpar por não ter pensado em paralelo com eles (KENT, 1994, p. 205-206, tradução nossa¹³⁵).

A questão é colocada de maneira similar por Absher (2009):

Ele [Khrushchev] esperava que Kennedy aceitasse a situação, como os soviéticos haviam aceitado mísseis americanos na Turquia. Mikoyan duvidou que operação seria mantida em segredo, ele duvidava que Castro estaria de acordo, e ele duvidava de que os americanos aceitariam os mísseis. O Ministro das Relações Exteriores Andrei Gromyko avisou Khrushchev que "colocar mísseis em Cuba poderia causar uma explosão política nos Estados Unidos. Estou absolutamente certo disso, e isso deve ser levado em conta." Khrushchev não atendeu a estes avisos. Assim Khrushchev decidiu colocar mísseis ofensivos em Cuba, não somente desconsiderando as ações de Kennedy desde a Cúpula de Viena de Junho de 1961, mas também, apesar das advertências de dois conselheiros seniores. Em retrospecto, é difícil imaginar que, nestas circunstâncias, o que os Estados Unidos poderiam ter feito para Khrushchev mudar sua mente. Sua mentalidade abraçou a supremacia da ideologia comunista, apoiado pela fraqueza percebida de Kennedy, a tal ponto que até ignorou o conselho contundente tanto seu Ministro do Exterior e seu Primeiro Vice-Premiê (ABSHER, 2009, p. 23, tradução nossa¹³⁶).

¹³⁵ With hindsight one may speculate that during the winter and early spring of 1962, when the Soviets were making their big Cuba decisions, they examined the posture of the United States and thought they perceived a change in it. Is it possible that they viewed our acceptance of setbacks in Cuba (the Bay of Pigs), in Berlin (the Wall), and in Laos as evidence of a softening of US resolve? Perhaps they did, and on this basis they estimated the risks of putting missiles into Cuba as acceptably low. Perhaps, when they contemplated the large strategic gains which would accrue if the operation succeeded, their estimate of the US mood was wishfully nudged in this direction. And perhaps again, to close the circuit, they failed to estimate at all the consequences of being themselves faced down in a crisis. If all these speculations are correct--and there is persuasive argument to sustain them--even in hindsight, it is extremely difficult for many of us to follow their inner logic or to blame ourselves for not having thought in parallel with them.

¹³⁶ He expected Kennedy to accept the situation, as the Soviets had accepted U.S. missiles in Turkey. Mikoyan doubted the operation could be kept secret, he doubted that Castro would agree, and he doubted that the Americans would accept the missiles. Foreign Minister Andrei Gromyko told Khrushchev that "putting missiles into Cuba would cause a political explosion in the United States. I am absolutely certain of that, and this should be taken into account." Khrushchev did not heed these warnings. Thus Khrushchev decided to place offensive missiles in Cuba not only in spite of Kennedy's actions since the June 1961 Vienna summit, but also despite warnings from two senior advisors. In retrospect, it is difficult to imagine under these

Da mesma maneira, Horelick (1963) ao avaliar os cálculos da União Soviética, afirma que a “confiança de que sua ação não poderia causar uma guerra nuclear diretamente foi um pré-requisito para embarcar na aventura do míssil em Cuba (HORELICK, 1963, p. 37, tradução nossa).” E alega que tal confiança pode ter vindo de uma percepção da falta de firmeza dos Estados Unidos ao lidar com a questão de Cuba um ano antes.

Tal hipótese também é objetada por Allison e Zelikow (1999) pelos seguintes motivos: primeiro, como foi exclamado por Robert McNamara em várias ocasiões, qual o motivo para a União Soviética testar a firmeza das ações dos Estados Unidos depois da forte reação desse país na crise de Berlim em 1961? Por que outro teste?

Além do mais, para angariar prestígio perante o cenário internacional, algumas armas nucleares seriam suficientes, mesmo porque o tamanho da escalada militar, que incluiu mísseis MRBM e IRBM, tornou mais difícil a instalação rápida do aparato antes que eles fossem descobertos. Se o motivo era simbólico, armas nucleares de menor porte e de rápido emprego estavam disponíveis. Finalmente, porque escolher Cuba como território para demonstrar a falta de firmeza política dos Estados Unidos, já que lá era imensa a desvantagem dos soviéticos. Uma resposta bélica dos Estados Unidos teria maior probabilidade de ganho de forma que o grande perdedor no cenário mundial seria a União Soviética.

5.5.3 Poder dos mísseis

Enquanto a hipótese anterior coloca ênfase no poder simbólico dos mísseis e o prestígio que a URSS poderia angariar na implantação deles em Cuba, a terceira avalia o poder dos mísseis do ponto de vista militar e do balanço estratégico mundial para o caso de um conflito militar total.

A hipótese de Horelick (1963) é um misto das duas, pois argumenta que a implantação dos mísseis poderia contribuir em alguma medida para uma melhor posição nas arenas políticas e militares dos Soviéticos perante os Estados Unidos. Dentre as questões do primeiro tipo, envolvia o questionamento realizado pela China

circumstances what the United States could have done to cause Khrushchev to change his mind. His mind-set embraced the supremacy of communist ideology, supported by the perceived weakness of Kennedy to such an extent that he even ignored the blunt advice of both his Foreign Minister and his First Deputy Prime Minister.

sobre a liderança da União Soviética perante o Bloco Comunista que considerava Khrushchev um líder muito cuidadoso (HORELICK, 1963). Tal fato foi identificado e relatado pela inteligência estadunidense na NIE 11-5-62, cujo título é *Desenvolvimentos políticos na URSS e no mundo comunista*¹³⁷, quando conclui que as “relações sino-soviéticas estão numa fase crítica bem próxima de um reconhecido e definitivo racha. Já não há muita chance de uma fundamental resolução das diferenças” (DCI, 1962e, p. 02, tradução nossa¹³⁸).

Dentre as questões militares, a principal era o balanço estratégico que pendia para o lado estadunidense devido ao seu poderio bélico superior. Logo após os soviéticos obterem a capacidade de construir mísseis nucleares, sua preferência passou para o desenvolvimento de mísseis intercontinentais (ICBMs). Em junho de 1961, a inteligência estadunidense concluía que os soviéticos possuíam entre 50 a 100 ICBMs em lançadores, de modo que se pensava que os Estados Unidos estariam com uma capacidade inferior neste sentido (*missile gap*). Entretanto, com informações fornecidas por Penkovsky, e verificadas por fotografias aéreas, foi estimado que eles teriam de 25 a 50 mísseis em lançadores na metade de 1962. Ou seja, o *missile-gap* era um mito e fora superado (ABSHER, 2009).

Estes ICBMs ainda tinham uma precisão duvidosa sendo que um novo lote de produção com melhor tecnologia só ficaria pronto em 1964. Seu arsenal contava ainda com seis submarinos nucleares e aproximadamente 200 bombardeiros de longo alcance, entretanto, a ausência de bases aéreas de reabastecimento poderia fazer com que um ataque aos Estados Unidos fosse uma viagem sem retorno. Por outro lado, os Estados Unidos possuíam 180 ICBMs, 12 submarinos Polaris e 630 bombardeiros estratégicos estacionados no próprio país, na Europa e na Ásia (ALLISON; ZELIKOW, 1999).

Desta forma, até aquele momento a capacidade dos Estados Unidos atingir a URSS era bem maior do que o caso contrário e a instalação de mísseis nucleares ofensivos em Cuba aumentaria a capacidade dos Soviéticos de atacar o solo estadunidense. Deste modo, mesmo que a instalação dos mísseis MRBMs e IRBMs não redirecionasse totalmente o balanço estratégico, poderia ter complicado um primeiro ataque preventivo por parte dos Estados Unidos caso ocorresse uma agressão da União Soviética em outra parte do globo (HORELICK, 1963).

¹³⁷ Political Developments in the USSR and the Communist World (tradução nossa).

¹³⁸ Sino-Soviet relations are in a critical phase just short of an acknowledged and definitive split. There is no longer much a chance of a fundamental resolution of differences.

Ao considerar alternativas para a escalada militar que estava acontecendo, esta hipótese foi levada em consideração pela NIE 85-3-62 ao concluir que a URSS poderia considerar alguma vantagem em estabelecer em Cuba uma base de ataque nuclear, já que os “MRBMs ou IRBMs empregados em Cuba poderiam permitir ataques nucleares num maior número de alvos e poderiam aumentar o total do peso do ataque que poderia ser entregue contra os EUA no caso de uma guerra total (DCI, 1962d, p. 08)”. Porém, a inteligência achou pouco provável elevar o risco das relações com os Estados Unidos e por achar que o comunismo não pretendia se alastrar pela América Latina pela conquista militar, e sim, através de um processo político.

As objeções para esta hipótese são as seguintes: por que Khrushchev estaria tão ansioso para redirecionar o balanço estratégico logo naquele momento, e não esperaria a produção de seus novos modelos de mísseis ICBMs que lhe dariam maior capacidade de atacar os Estados Unidos e seriam tecnologicamente mais confiáveis? A outra consiste na pergunta sobre porque tão elevados riscos para resolver este problema (ALLISON, ZELIKOW, 1999). A NIE 85-3-62 levou em conta este ponto já que em termos militares o balanço estratégico ainda não se reverteria em vantagem para URSS. Ela ainda continuaria com menor capacidade bélica do que os Estados Unidos. Porém, os méritos da argumentação de McCone servem justamente para clarear a resposta: os soviéticos buscariam estabelecer uma forte posição de negociação para resolver alguma questão crítica e para isso correriam altos riscos.

5.5.4 A questão de Berlim

Ao analisar a motivação dos soviéticos para a instalação dos mísseis nucleares em Cuba, Knorr exclui a possibilidade de comportamento irracional ou emocional por parte de Khrushchev, pois, desde a ordem dos mísseis que ocorreu em abril de 1962 até sua entrada em território cubano em setembro, tempo suficiente se passou que são incongruentes com uma decisão desse tipo. Sendo assim, embora ele concorde com o pressuposto central tomado pela comunidade de inteligência, de que a União Soviética não iniciaria um movimento militar que aumentasse o risco de confrontação global, afirma que “o êxito na implantação dos mísseis soviéticos em Cuba teria conferido muitas vantagens indiretas

impressionantes na União Soviética” (KNORR, 1964, p. 464, tradução nossa¹³⁹). A argumentação de McCone anteriormente citada também toma este rumo, já que relativiza a questão militar e considera que os soviéticos estariam numa melhor posição de negociação caso os mísseis fossem implantados.

A hipótese apoiada por Allison e Zelikow (1999) é a de que a instalação dos mísseis ofensivos em Cuba seria um passo preliminar tomado pela URSS para estabelecer uma relação de força junto aos Estados Unidos para negociar a saída dos ocidentais da porção ocidental de Berlim. Tal questão não é aceita por Horelick (1963, p. 59, tradução nossa¹⁴⁰):

A lógica é estranha: a superioridade estratégica dos EUA e a determinação dos aliados ocidentais para preservar os seus direitos em Berlim Ocidental tornou arriscado demais para os soviéticos empregarem sua superioridade militar local, a fim de impor um acordo; ainda, o Ocidente deve proceder com grande cautela em outro lugar sob pena de dotar a União Soviética com um pretexto para impor a sua vontade em Berlim, ou obrigar os líderes soviéticos a fazê-lo, mesmo contra sua vontade, a fim de "livrar a cara" para uma derrota em alguma outra parte do mundo.

Porém, seguindo a argumentação de Allison e Zelikow (1999), juntamente com os documentos que serão apresentados a seguir, toma-se como pressuposto de que a intenção dos Soviéticos na implantação dos mísseis ofensivos visava o estabelecimento de uma vantajosa posição de negociação, ou, caso esta falhasse, marchar com suas tropas para Berlim ocidental de forma a expulsar as tropas dos Estados Unidos, França e Inglaterra que lá estavam ao mesmo tempo em que inibiria a utilização de armas nucleares ali. Isto porque os Estados Unidos passariam a recear um ataque nuclear vindo de Cuba.

Vejamos que em 16 de maio de 1961, Khrushchev envia uma correspondência diplomática para Kennedy comentando sobre um problema internacional que requer uma solução urgente sem demandar qualquer tipo de vantagens unilaterais aos Soviéticos (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 1961a, *online*).

¹³⁹ a successful outcome of Soviet missile deployment in Cuba would have conferred very striking indirect advantages on the Soviet Union

¹⁴⁰ The logic is strange: U.S. strategic superiority and the Western Allies' determination to preserve their rights in West Berlin made it too risky for the Soviets to employ their local military superiority in order to impose a settlement; yet the West must proceed with great caution elsewhere lest it provide the Soviet Union with a pretext for imposing its will in Berlin, or compel the Soviet leaders to do so, even against their better judgment, in order to "save face" for a defeat in some other part of the world.

Veio então em junho de 1961 o congresso de Geneve, quando Khrushchev propôs que fosse realizado um tratado de paz com a Alemanha Oriental, e que esta passasse a administrar geração de energia e água para a Berlim Oeste e os direitos de ocupação daquele território. A presença de tropas poderia ser aceita desde que negociadas diretamente com a Alemanha Oriental. Os Estados Unidos negaram veementemente tal consideração e não retiraram suas tropas de lá (ABSHER, 2009).

Em outra comunicação do dia 29 de setembro de 1961, Khrushchev volta a tratar do assunto com Kennedy e propõe que as tropas ocidentais deixem a cidade.

Essas alternativas também são possíveis como a implantação em Berlim Ocidental de tropas de países neutros ou tropas das Nações Unidas. Eu expressei várias vezes e agora reafirmamos o nosso acordo para uma solução deste tipo. Concordamos também com o estabelecimento de sede das Nações Unidas, em Berlim Ocidental, que, nesse caso, torna-se uma cidade internacional.

Não precisa dizer que o regime de ocupação em Berlim Ocidental deve ser eliminado. Com base nos acordos aliados, ocupação é uma medida temporária e, de fato, nunca na história houve um caso de ocupação tornar-se uma instituição permanente. Mas 16 anos já se passaram desde a rendição da Alemanha. Por quanto tempo é, então, o regime de ocupação a ser preservado? (U. S. DEPARTMENT OF STATE, 1961b, *on-line*, tradução nossa¹⁴¹).

Cerca de um mês e meio depois, em outra comunicação Khrushchev reitera sua posição argumentando que não se pode considerar a Alemanha Ocidental e a Berlim Ocidental como uma única entidade, e que a cidade estava sendo usada contra a União Soviética, a Alemanha Oriental e outros países socialistas. Neste caso, Khrushchev referia-se às ações de espionagens realizadas a partir da Berlim Ocidental. No fim, Khrushchev relata que se Kennedy “insistir na preservação da inviolabilidade de seus direitos de ocupação eu não vejo qualquer expectativa. Você tem que entender, eu não tenho nenhum terreno para recuar

¹⁴¹ Of course, such alternatives are also conceivable as the deployment in West Berlin of troops from neutral countries or United Nations troops. I have repeatedly expressed and now reaffirm our agreement to such a solution. We also agree to the establishment of the United Nations Headquarters in West Berlin which would in that case become an international city. It goes without saying that the occupation regime in West Berlin must be eliminated. Under the allied agreements occupation is a temporary measure and, indeed, never in history has there been a case of occupation becoming a permanent institution. But sixteen years have already elapsed since the surrender of Germany. For how long then is the occupation regime to be preserved?

ainda mais, existe um precipício atrás (U.S. DEPARTMENT, 1961c, *on-line*, tradução nossa¹⁴²)”.

Mesmo diante da insistência de Khrushchev, Kennedy permanecia irreduzível na questão de Berlim e não aceitou a retirada das tropas ocidentais da porção ocidental da cidade. Deste modo, em maio de 1962 Khrushchev ordenou a instalação dos mísseis nucleares ofensivos em Cuba. Em 25 de julho, ele enviou uma mensagem pessoal a Kennedy através de Thompson, embaixador dos Estados Unidos em Moscou, para que ele perguntasse ao Presidente se era melhor que a questão de Berlim fosse tratada antes ou depois das eleições congressuais, que ocorreria em novembro. “Ele não quer tornar as coisas mais difíceis para o Presidente – e de fato gostaria de ajudá-lo” (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 1962a, *on-line*, tradução nossa¹⁴³). Khrushchev colocou então que deixaria a questão em aberto por enquanto e não fixaria nenhuma data para sua resolução, já que uma questão polêmica como essa diminuiria a margem de ação de Kennedy diante das eleições.

Quando Khrushchev encontrou com o secretário do interior dos Estados Unidos, Stewart Udall, no dia 06 de setembro, seu discurso foi mais enfático: “Já foi o tempo que vocês poderiam nos espancar como um garotinho – agora nós podemos golpear seus traseiros. Então, não vamos falar de força, estamos igualmente fortes” (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 1962b, *on-line*, tradução nossa¹⁴⁴). Ressaltou novamente que não iria tratar sobre a questão de Berlim publicamente até que passasse as eleições congressuais. Cabe lembrar que dois dias depois desembarcou em território cubano o primeiro míssil nuclear soviético.

Em 18 de outubro de 1962, quando os Estados Unidos já tinham descoberto os mísseis nucleares e os soviéticos ainda não sabiam disso, Gromyko, Ministro do Exterior Soviético, encontrou-se com Kennedy nos Estados Unidos e relatou que não era a intenção do governo soviético discutir a questão de Berlim até que se passassem as eleições congressuais dos Estados Unidos, porém, que após, este ponto deveria alcançar resultados concretos, caso contrário “A União Soviética seria compelida, e Sr. Gromyko desejou enfatizar a palavra ‘compelida’, a assinar, junto com um número de outros estados, um tratado de paz” (U. S. DEPARTMENT

¹⁴² But if you insist on the preservation of inviolability of your occupation rights I do not see any prospect. You have to understand, I have no ground to retreat further, there is a precipice behind.

¹⁴³ He did not want to make things more difficult for President—and in fact would like to help him.

¹⁴⁴ It's been a long time since you could spank us like a little boy—now we can swat your ass. So let's not talk about force. We're equally strong.

OF STATE, 1962c, *on-line*, tradução nossa¹⁴⁵) com a Alemanha Oriental que formalmente liquidaria os direitos dos aliados ocidentais em Berlim. Gromyko adicionou também que em consonância com este tratado, a União Soviética também estaria compelida em tomar os passos previstos no tratado que os Estados Unidos já sabia quais eram, ou seja, a retirada pela força de suas tropas em Berlim Ocidental.

Ou seja, percebe-se que no começo das negociações com Kennedy, Khrushchev buscou negociar uma saída diplomática que envolvesse a retirada das tropas ocidentais de Berlim. Porém, conforme se passou o tempo e resultados não eram alcançados, ele pensaria sobre a possibilidade de empregar seu exército para promover a retirada do adversário. Numa guerra convencional, naquela parte do globo, os Estados Unidos e as forças militares da OTAN não conseguiriam deter os Soviéticos.

Porém, próximo a 12 maio de 1962, Kennedy tinha acabado de dar um discurso público onde assegurou que utilizaria armas nucleares para defender áreas de interesses vitais aos Estados Unidos. Estaria se referindo a Berlim e Khrushchev sabia disso. Logo depois, o premier soviético viajou para a Bulgária e por sua própria conta decidiu a implantação dos mísseis ofensivos em Cuba (ALLISON, ZELIKOW, 1999).

Para os Soviéticos, e especialmente para Khrushchev, Berlim era uma questão importante pelos seguintes motivos: a liderança do bloco já era questionada pela China que culpava os soviéticos de serem tímidos na política internacional, lembrando sempre que não apoiaram com tropas a Coreia do Norte em 1950. Na ocasião, a China apoiou os norte-coreanos. Da mesma maneira, as medidas internas na União Soviética não estavam surtindo os efeitos esperados por causa da restrição de capital para investimento que estava sendo aplicado em gastos militares. E por último, Berlim estava servindo como uma base de espionagem por parte do Ocidente o que acarretava pressões por parte dos governantes da Alemanha Oriental para que a questão fosse resolvida (ALLISON, ZELIKOW, 1999).

Logo após a descoberta dos mísseis, Llewellyn Thompson foi quem dentro do governo dos Estados Unidos levantou a questão de que os mísseis em Cuba estavam interligados com a questão de Berlim:

¹⁴⁵ the Soviet Government would be compelled, and Mr. Gromyko wished to emphasize the word "compelled", to sign, together with a number of other states, a peace treaty with the GDR without an understanding with the Western Powers.

A partir do meio do verão, existe um número de indicações de que Khrushchev e o governo Soviético concluíram que não havia possibilidade da União Soviética obter seus objetivos com respeito a Berlim através da negociação. Havia também indicações de que Khrushchev se sentia pessoalmente muito comprometido a conseguir seus objetivos em Berlim para recuar, bem como indicações de que fatores que estavam pressionando o governo Soviético para uma resolução destes problemas estavam aumentando (situação na Alemanha Oriental, pressão do governo comunista, etc.) e que União Soviética tinha decidido confrontar a questão de Berlim era inevitável dentro de alguns meses. Havia indicações também que o Governo Soviético e Khrushchev pessoalmente tinha desenvolvido dúvidas se eles poderiam vencer em o confronto e que as alternativas poderiam ser uma vergonhoso retirada ou a guerra nuclear (US DEPARTMENT OF STATE, 1962d, *on-line*, tradução nossa¹⁴⁶).

5.6 Conclusões analíticas sobre a Crise dos Mísseis de Cuba

Após utilizar-se a vantagem da retrospectiva histórica para delinear as hipóteses concernentes à intencionalidade soviética para instalar mísseis em Cuba, pode-se perceber o hiato existente entre a realidade e o que fora estimado pela inteligência e então realizar conclusões analíticas sobre o estudo de caso.

Richard Betts (2004) assume que as falhas de inteligência são inevitáveis devido a três características que envolvem a atividade: a) a ambiguidade da evidência coletada, que faz com que o analista procure julgamentos precisos a partir de informações discrepantes; b) disso se desdobra a ambivalência do julgamento, que consiste em conclusões genéricas sobre o país que é o objeto do estudo; c) e também pela atrofia das reformas corretivas, que tentam estimular medidas organizacionais para diminuir a probabilidade de erro. Porém, as falhas dramáticas ocorrem intermitentemente, e caso as reformas não tenham sido absorvidas nas atividades cotidianas, a tendência das organizações é voltar para seu padrão anterior de funcionamento.

A crise dos mísseis de Cuba pode ser considerada uma exceção em meio ao padrão de ação Soviético na Guerra Fria. Como o próprio Betts (2013) coloca em outro trabalho, levando em consideração as tensas crises de Berlim e Cuba, e os

¹⁴⁶ Beginning in middle of summer, there were a number of indications that Khrushchev and Soviet Government had concluded there was no possibility Soviet Union could obtain its objectives with respect to Berlin through negotiation. There were also indications that Khrushchev felt too personally committed to achievement of his objectives in Berlin to retreat, as well as indications that factors which were pushing Soviet Government to a resolution of this problem were increasing (situation in East Germany, Communist Chinese pressure, etc.) and that Soviet Union had decided showdown on Berlin problem was inevitable within some months. There were also indications that Soviet Government and Khrushchev personally had developed doubts as to whether they could win in a showdown and that alternatives might be either an ignominious retreat or nuclear war.

conflitos próximos na periferia dos blocos, a União Soviética não arriscou lançar suas forças diretamente contra o bloco ocidental. Tanto que na época, ninguém no governo estadunidense esperava tal ação, mesmo porque a preocupação premente era com o vazamento de informações e os danos políticos que poderiam advir já que as eleições congressuais estavam próximas. Da mesma forma, nas estimativas elaboradas e analisadas neste trabalho, nenhuma agência registrou dissensão sobre os julgamentos. Apenas McCone pensava o contrário.

Sendo assim, a questão perpassa pela indagação se tais surpresas podem ser evitadas. Utilizando o próprio estudo de caso, conclui-se que elas não poderão ser totalmente suprimidas, nem para a inteligência, nem para as pessoas em geral nas suas atividades cotidianas. Porém, as considerações realizadas abaixo podem clarear um pouco mais sobre o processo de análise de informações. Elas serão avaliadas tomando como parâmetro as categorias de análise.

A primeira diz respeito ao método científico empregado para o processamento de informações e formulação de hipóteses. O paradigma de inteligência é embasado numa concepção positivista. As hipóteses advêm dos fatos e por eles são adjudicadas. Com a centralidade da observação no processo, tornava-se necessário uma ampla coleta e processamento sistemático de todas as informações. Como se percebeu na crise dos mísseis, isso fez com que entre o relato de uma informação até a chegada dela na mesa do analista cerca de três semanas se passaram. Pode-se imaginar que a própria noção temporal do cenário, se era passado ou presente, perdia-se quando as informações passaram a ser analisadas intempestivamente.

Sobre o método científico em questão, Kendall (1949), em análise do livro de Sherman Kent (1967) estabeleceu algumas críticas. Para ele, Sherman Kent considerou o método científico a partir de uma indevida concepção empírica sobre o processo de pesquisa nas ciências sociais, sem estabelecer as devidas conexões com o construto teórico de suporte à atividade de pesquisa. Isso porque, não obstante as frequentes referências a cientistas sociais e ciências sociais, Kent não estabelece conexão alguma com os termos “teoria” e “teorista”, o que no entendimento de Kendall, seria negar uma concepção de ciência em detrimento de outra. Além disso, como a ênfase de Sherman Kent se pautava na predição, o trabalho da inteligência ficaria restrito a discernir futuras tendências empiricamente identificáveis (KENDALL, 1949).

Deste modo, para Kendall, atribuindo um maior peso para a formulação teórica, a análise de inteligência poderia funcionar de uma maneira diferente:

Recrutaria um percentual considerável de seu pessoal precisamente por sua formação e habilidade teórica. Os liberariam do maremoto de documentos; os habilitariam a trabalhar sobre condições calculadas para encorajar o pensamento. Poderia, acima de tudo, dar a eles acesso contínuo e instantâneo (por telefone internacional, por exemplo) para os dados que realmente importam, principalmente, os dados brutos da situação em desenvolvimento do mundo exterior (os documentos que vêm do estrangeiro são, em função do trajeto, desatualizados) (KENDALL, 1949, p. 551, tradução nossa¹⁴⁷).

Em consonância com a proposição de Kendall, pode-se trazer como contraponto o exemplo dado pela própria inteligência estadunidense na Segunda Guerra Mundial quando foram monitoradas as comunicações de massa dos países adversários. Tal tarefa foi levada a cabo pelo *Foreign Broadcast Intelligence Service* (FBIS), órgão da *Federal Communications Commission* (FCC). A análise de propaganda tinha dois objetivos: a) descrição seletiva do que estava sendo dito pelo propagandista; e b) interpretação das intenções e cálculos que estão por trás da propaganda (GEORGE, 1959).

Nos estágios iniciais os analistas do FCC procuraram trabalhar com métodos quantitativos de modo a estabelecer correlações entre os conteúdos com uma determinada intenção e expectativa do adversário. Procurava-se assim mapear todos os dados existentes para a, partir deles, descobrir uma hipótese. Porém, logo este método foi deixado de lado e grande porção do tempo foi gasto na formulação de novas hipóteses com a atividade de pesquisa apresentando contornos qualitativos. Isso se deu pelo seguinte motivo:

Provou-se imprudente, na experiência do FCC, investir pesadamente numa sistemática análise de conteúdo quantitativa. [...] a expedição de pesca de estudo quantitativo foi considerada particularmente improdutiva e dispendiosa como um meio de descobrir novas relações possíveis e hipóteses inferenciais úteis. Mais importante, estudos sistemáticos para testar hipóteses inferenciais foram muitas vezes impraticáveis. Dado o contínuo fluxo de relevante material de propaganda e a natureza dos problemas sobre investigação,

¹⁴⁷It would recruit a considerable percentage of its personnel precisely for its theoretical training and accomplishments. It would free them from the tidal wave of documents; it would enable them to work under conditions calculated to encourage thought; it would, above all, give them continuous and instantaneous access (e.g., by international telephone) to the data that really matter, namely the raw data of the developing situation in the outside world. (The documents having come from abroad, are as a matter of course out of date).

hipóteses inferenciais foi assunto para repetidas revisões. Consequentemente, o investigador estava muito mais interessado em revisar e refinar uma inferência com base no novo material e informação externa fresca que em fazer um pesado investimento de pesquisa num sistemático estudo designado para testar uma hipótese que poderia ser descartada ou revisada no meio do caminho através da análise (GEORGE, 1959, p. 84, tradução nossa¹⁴⁸).

Disso decorre que a análise quantitativa pressupunha estabelecer relações estatísticas entre os conteúdos para inferir diretamente uma intenção. Porém, a análise qualitativa pressupunha um modelo teórico, o qual fora seguido intuitivamente pelos analistas de propaganda, através do qual as informações seriam interpretadas e avaliadas. Trata-se do *método indireto* no qual se reconhece que:

[...] o comportamento do propagandista, ao selecionar objetivos, estratégias e meios para implementar a comunicação, constitui um passo intermediário entre as intenções da elite e o conteúdo da propaganda (GEORGE, 1959, p. 40, tradução nossa¹⁴⁹)

Figura 20: Método indireto para análise de propaganda



FONTE: GEORGE, 1959, p. 41

Apenas para exemplificar, a interpretação realizada pelo FCC num caso específico será utilizada. Em 1941 e 1942 o exército alemão lançou vigorosas ofensivas contra a Rússia ganhando milhares de quilômetros em território, chegando muito próximo de Moscou. Porém, após o desastre de Stalingrado em janeiro de 1943, havia dúvidas se a Alemanha lançaria uma nova ofensiva. A partir da análise de propaganda, foi verificada que a estratégia do propagandista passou a exortar as

¹⁴⁸ It also proved imprudent, in the FCC's experience, to invest heavily in systematic quantitative content analyses. As noted above, the fishing-expedition type of quantitative study was found to be particularly unproductive and wasteful as a means of discovering possible new relationships and useful inferential hypothesis. More importantly, systematic studies to test inferential hypotheses were often impractical. Given the continuous flow of relevant propaganda materials and the nature of the problems under investigation, inferential hypotheses were subject to repeated revision. Accordingly, the investigator was often more interested in revising and refining an inference on the basis of new material and fresh external information than in making a heavy research investment in a systematic study designed to test a hypothesis which might have to be discarded or revised midway through the analysis.

¹⁴⁹ The behavior of the propagandist, in selecting communication goals and strategies and in implementing them, constitutes an intermediate step between elite intentions and propaganda content.

virtudes defensivas do povo ao mesmo tempo em que cessaram as menções que prediziam vitória. Para o analista na época, este silêncio era um indicador ambíguo com relação às intenções dos alemães. Uma ofensiva poderia estar por vir, porém, era mantida em segredo para garantir a surpresa do ataque. Deste modo, o analista procurou o fator situacional para a questão – a moral do povo alemão que estaria abalada pelas recentes derrotas – e concluiu acertadamente:

O porta-voz continua a ajustar suas interpretações da guerra e seus prospectos para o papel defensivo no qual a Alemanha tem sido forçada. [...] A impressão é criada que a propaganda nazista quer preparar os alemães para uma longa guerra com a implicação contraditória que Alemanha não vai tomar a iniciativa em travar outra maior ofensiva e mesmo assim irá vencer (CEA, 1943, p. A-2 citado por GEORGE, 1959, p. 160, tradução nossa¹⁵⁰)

Este exemplo, e outros apresentados no trabalho de George (1959), tornam-se interessantes para apontar que o trabalho focado na construção e refinamento de hipóteses, a partir do recebimento de novas e atualizadas informações, aliados ao talento teórico de pesquisadores, pode apresentar melhoras significativas na análise de inteligência. Porém, no estudo de caso da crise dos mísseis de Cuba, o positivismo lógico embutido na atividade de inteligência não deu margens para este tipo de formulação hipotética sem que antes fossem convalidados todos os dados coletados o que atrasou a chegada de informações aos analistas. Além do mais, a importância estava concentrada no processamento dos dados empíricos, não no pensamento crítico e na formulação teórica, de modo que o histórico soviético de não implantar mísseis nucleares ofensivos em território estrangeiro foi levando em consideração como uma informação positiva de que não os instalaria em Cuba.

Passa-se então para a consideração de nossa segunda categoria de análise: as premissas factuais que permaneceram vinculadas às interpretações das informações. Isso pressupõe que numa determinada situação, além de inserir a formulação teórica na análise de inteligência, seria necessário a reavaliação paradigmática que leva em conta também conceitos e pressupostos mais abstratos que estão gravados no intelecto humano e afetam a interpretação das informações.

¹⁵⁰ Nazi spokesmen continue to adjust their interpretations of the war and its prospects to the defensive role into which Germany has been forced. ... The impression is created that Nazi propaganda wants to prepare the Germans for a long war with the paradoxical implication that Germany will not take the initiative in waging another major offensive and will yet win.

A posição da inteligência pressupunha uma interpretação neutra e objetiva dos fatos, considerando-os independente de qualquer hipótese prévia ou pré-concepção do analista. Porém, conforme entendimento de Feyerabend (2011), Kuhn (2001), Heuer (2006) e Weber (2003; 2006), apresentados neste trabalho e com o qual o pesquisador está de acordo, não existe interpretação livre, pois esta se apresenta condicionada a conteúdo previamente existente na mente humana. Ao adotar uma posição livre de valores, e nesses moldes sendo ela impossível, o paradigma da inteligência absorveu contornos cosmológicos dados pelos agentes políticos estadunidenses e com a desvantagem de não questionar se as premissas factuais por ele fornecidas se mantinham válidas para o caso em questão, já que elas não eram foram percebidas.

Esta dimensão cosmológica se assentava no poderio bélico e capacidade econômica superior e propiciou aos Estados Unidos conter a União Soviética através da força. Para não demonstrar fraqueza nas ações e não deixar o inimigo alastrar sua ideologia, pois se pensava que este era seu objetivo principal, não poderia haver concessões.

Conforme Kuhn (2001) ensinou a interpretação dos dados só pode articular um paradigma e traçar as hipóteses nele previstas. Para uma nova articulação dos dados e o surgimento de um conjunto diferente de hipóteses há que se considerar uma visão de mundo radicalmente diferente, alinhada a outro paradigma.

A inteligência assumiu que, por não buscar objetivos intermediários, a União Soviética só realizaria um movimento militar quando a confrontação estratégica estivesse a seu favor. Os soviéticos recuariam quando os Estados Unidos estivessem fortes e vice-versa. A premissa factual que envolve estas conclusões é a de que a União Soviética aceitaria um prolongado estado de conflito com o bloco capitalista e a interpretação natural subjacente é que não aumentaria as tensões. Sendo assim, diante das evidências disponíveis, ou seja, as posições de mísseis SAM, a articulação do paradigma consistiu em interpretar que isto era uma medida defensiva. Hipótese vigente desde dois anos antes de acordo com o lapso temporal abrangido por este trabalho.

McCone (ABSHER, 2009; MCAULIFFE, 1992) tinha uma interpretação diferente para a questão. Os mísseis SAM estavam sendo instalados para defender, mas não de uma invasão, mas de sobrevoos de reconhecimento do U2 o que

propiciaria a instalação de mísseis nucleares ofensivos sem que os Estados Unidos pudessem identificá-los.

Sobre a mesma evidência, diferentes interpretações, o que se pode inferir que consistem na realidade em visões de mundo conflituosas, cada uma articulando diferentes paradigmas. Para McCone, a motivação da instalação dos mísseis ofensivos visava a obtenção de uma posição vantajosa de negociação para os soviéticos, ou seja, um objetivo intermediário, algo impensado para a *dimensão cosmológica do paradigma*.

Desta forma, a premissa factual também deve ser alterada. Haveria uma situação na qual a URSS não aceitaria um estado prolongado de conflito. Para isso, seria necessário que questões presentes prevalecessem sobre assuntos de longo prazo.

A questão de Berlim acima explicada cumpriria este requisito. Berlim Ocidental era uma base militar e de espionagem do bloco capitalista no meio de um estado comunista. Os soviéticos recebiam pressão por parte dos governantes da Alemanha Oriental para que resolvessem a questão. Além disso, a liderança de Khrushchev era questionada pela China e suas políticas internas estavam com restrição de recursos devido aos pesados investimentos militares (ALLISON; ZELIKOW, 1999).

Caso a instalação dos mísseis tivesse sido realizada sem o descobrimento por parte dos Estados Unidos, Khrushchev poderia reforçar sua proposta da retirada de tropas ocidentais de Berlim Ocidental. Se os Estados Unidos negociassem, os termos poderiam ser uma troca de Berlim pela retirada dos mísseis de Cuba. Se os Estados Unidos realizassem um ataque ou um bloqueio em Cuba, a União Soviética poderia fazer o mesmo em Berlim. A URSS poderia ainda utilizar suas forças convencionais, que na região eram superiores as da OTAN, e o risco de que os Estados Unidos lançassem mão de armas nucleares no conflito seria menor já que grande parte do seu território estaria na mira das armas nucleares soviéticas. Os resultados poderiam ser proveitosos para a União Soviética que poderia manter estabilizada a situação militar, sua liderança no bloco comunista – com exceção de Cuba talvez – e voltar seus recursos para áreas de desenvolvimento interno (ALLISON; ZELIKOW, 1999).

Deste modo, ao se finalizar este estudo de caso articula-se as evidências existentes na ocasião a partir de cada um dos paradigmas conforme quadro abaixo.

Como síntese, à esquerda, está a interpretação realizada pela inteligência, e à direita do quadro, a partir da argumentação de McCone, resume-se o paradigma alternativo que comportaria uma nova articulação dos dados e criaria um novo sentido para a questão.

Quadro 4: Confrontação entre os paradigmas

Paradigma da Inteligência	Paradigma alternativo
Premissa factual: a USRR aceitaria um estado prolongado de conflito.	Premissa factual: pressões sobre o presente preocupam a URSS.
Interpretação natural: não arriscará aumentar a tensão.	Interpretação natural: elevará riscos para assumir uma posição vantajosa de negociação.
Mísseis antiaéreos provam: defesa de Cuba.	Mísseis antiaéreos provam: negação de espaço aéreo para instalação dos mísseis nucleares.

FONTE: Elaborado pelo autor

6 CONCLUSÃO

Neste trabalho procurou-se entender a análise de inteligência nos Estados Unidos a partir de alguns parâmetros da epistemologia científica, para então, pontuar de que forma se deu a construção de conhecimento na Crise dos Mísseis de Cuba de 1962. Optou-se por tal abordagem uma vez que a institucionalização da inteligência logo após a Segunda Guerra Mundial teve grande influência de cientistas sociais que migraram das universidades para as agências de inteligência desse país, levando consigo a metodologia científica na qual depositavam confiança como instrumento capaz de se alcançar a verdade.

Na filosofia, partiu-se da fenomenologia transcendental de Schopenhauer (2005), o qual escreveu que o mundo possui duas faces: a) representação, composta do mundo material; e b) coisa em si, a parte metafísica da doutrina, que consiste na síntese da existência numa única entidade chamada de Vontade (de vida). Schopenhauer (2005) colocou a ciência como a instância adequada para o conhecimento do mundo fenomênico, sendo ela inerte para alcançar a essência das coisas. Para isso, apenas o gênio, que ao invés de estudar os livros, atinge a essência diretamente no mundo por meio de sua intuição artística esboçada nas artes plásticas e na música. Sendo assim, o cientista conheceria o mundo físico e o artista o mundo transcendental.

Na faceta que foi trabalhada neste estudo, o mundo aparece como representação para um sujeito depois que seu entendimento aborda os estímulos dados pelo exterior. Este se torna um ponto primordial para os propósitos dessa pesquisa. Ainda que a realidade física exista independente de um sujeito, para o conhecimento humano, ela só toma forma depois que nosso intelecto age sobre ela. Ou seja, as representações sobre o mundo, ainda que subordinadas e determinadas pelo objeto, são construídas no intelecto. É deste ponto que se avaliou as duas concepções de ciência explicitadas neste trabalho.

Para a concepção positivista, é incompatível a representação do conhecimento da maneira formulada no parágrafo acima. Mesmo Bacon (1999) que discorreu sobre barreiras do conhecimento, tentou estabelecer um método de forma que as fraquezas do entendimento humano, oriundas das relações sociais e da natureza dos sentidos, fossem superadas através de uma indução sistematizada, partindo-se de uma ampla rede de experimentos cujos resultados seriam

devidamente catalogados. Realizando tais procedimentos seria possível alcançar o dado natural, verdadeiro, ou seja, como existente na natureza e independente do intelecto humano.

Comte (2000) agregou ainda a noção de evolução teleológica para a ciência. Ou seja, a finalidade era de se alcançar o conhecimento de todos os fatos de sucessão da matéria de forma positiva, de maneira que nenhum evento do mundo estaria fora do alcance da ciência. Esta ideia de acumulação factual e progressão evolutiva transparecem no entendimento de Comte sobre os tipos de conhecimento humano que tinham num extremo as explicações religiosas, baseadas na fé, seguida da metafísica, a qual seria o estágio intermediário para então se alcançar o conhecimento positivo de todas as coisas. Quando se chegasse a este último, os conhecimentos teológico e físico seriam descartados. A evolução também se apresenta nas disciplinas, sobre as quais, Comte (2000) explica que seriam desdobramentos naturais das próprias relações existentes no mundo. Desse modo, os conhecimentos das disciplinas sociais só se dariam depois de um estabelecimento firme, e positivo, de todos os fatos das ciências físicas.

Já a concepção paradigmática delineada por Kuhn (2001) torna-se compatível com o conceito de representação que foi trabalhado nesse estudo. Nesta, a atividade científica não envolve procedimentos metodológicos e epistemológicos puros. Existiria sim uma intrincada rede de acordos quanto às regras, instrumentos, conformação disciplinar e também acerca das interpretações dos estímulos do exterior. A partir de pesquisas na psicologia, Kuhn (2001) verificou que a observação humana acessa o conteúdo armazenado no intelecto, de maneira que aquilo que se observa será assimilado com base no que se sabe previamente. Desse modo, a observação não será um ato passivo de recebimento de estímulos, pelo contrário, consiste numa ação do homem sobre o mundo. Tais abordagens são então estabilizadas ao longo de uma dada comunidade científica de modo que as observações dos seus membros sejam sempre as mesmas entre si. Enquanto estivesse funcionando a partir desses parâmetros, consolidados nos compromissos do grupo, uma dada comunidade científica estaria trabalhando sob o manto de um paradigma.

Enquanto determinado paradigma científico estivesse vigente, a ciência funcionaria cumulativamente, numa sequência sistemática de recolhimento progressivo de fatos e observações, de certa forma, nos moldes propostos pela

concepção positivista. Porém, uma revolução científica, não se daria a partir da descoberta de um novo dado, uma nova observação até então desconhecida. O que ocorreria seria uma alteração na complexa rede de acordos da comunidade científica que mudariam a conformação dos objetos de estudo e o reconhecimento de um evento anômalo, incompatível com as teorias e até então desprezado, como importante para o estudo. Tais alterações também passam pelos aspectos psicológicos de forma que os cientistas passariam a ver outro mundo. Como resultado, ainda que a realidade exterior continue a mesma, o mundo passa a ser visto de uma nova maneira devido à inescapável subjetividade da abordagem.

Outro elemento que compõem esta rede de acordos é a parte metafísica do paradigma, chamado, ao longo do trabalho, de *dimensão cosmológica*. Tratam-se daqueles elementos mais abstratos, que conformam as interpretações mais gerais sobre a realidade de maneira a sintetizar uma visão holística para a comunidade científica, cuja conformação disciplinar e racionalidade humana limitada impõem uma abordagem finita sobre uma realidade infinita. Da mesma maneira, uma revolução científica impõe alterações na rede de acordos no tocante à dimensão cosmológica a qual pode existir apenas de maneira implícita.

Desta forma, o conceito de representação ora estudado torna-se compatível com a concepção paradigmática de ciência já que coloca o homem como o ponto central na criação das representações, ainda que mantenha a existência do mundo exterior objetivamente. Além do mais, tal concepção avalia o processo pelo qual as representações possam ser estabilizadas entre os indivíduos de determinada tradição de forma que eles assumam que as suas sejam as mesmas dos demais membros e vice e versa.

Foi com esse anteparo teórico, de uma atividade que busca conhecimento e que por sua vez também se estrutura em volta de uma rede de acordos, que se buscou reconstruir o *paradigma de inteligência* dos Estados Unidos logo após a Segunda Guerra Mundial. Para isso houve uma divisão em duas dimensões: a metódica e a cosmológica.

A dimensão metódica do *paradigma da inteligência* foi construída por profissionais da própria atividade os quais adotaram a visão positivista de ciência. Desta forma, partia-se do entendimento de que, através da observação objetiva e imparcial dos dados, poder-se-ia alcançar a verdade, ou uma aproximação dela, e para isso, o cientista deveria abandonar valores ou pré-concepções. Adiciona-se

ainda a grande ênfase na predição dos fenômenos do mundo cujas probabilidades de ocorrência seriam alcançadas a partir dos próprios dados, ou seja, indutivamente.

Do grande peso dado ao universo empírico, concebeu-se um sistema de grande amplitude informacional, o qual possuía procedimentos de validação de todas as informações disponíveis para que o dado verdadeiro, disposto dentro de um conjunto de sinais ambíguos, pudesse ser isolado e então, somente ele ser considerado pelos analistas responsáveis pela elaboração dos documentos formais chamados de *Estimativas Nacionais de Inteligência*. Com a informação “verdadeira” isolada, o papel da construção de hipóteses ou formulação teórica era deixado em segundo plano já que as linhas de ação futuras de um adversário, numa dada situação, seriam alcançadas naturalmente a partir do rigoroso processo de refinamento das informações. Na crise dos mísseis, este processo incluía a validação final das informações por fotografias aéreas.

Elementos cosmológicos ou regras abstratas na forma que aqui foram tratados não eram sequer considerados já que se acreditava que os eventos poderiam – e deveriam – ser afirmados positivamente. Porém, tomou-se como pressuposto neste trabalho de que as pré-concepções existiram quando da produção analítica. Caso contrário, não seria possível utilizar o termo paradigma, pois a existência de conteúdo prévio na mente do ser humano é um elemento essencial do conceito. No caso em questão, a dimensão cosmológica era compartilhada não somente pela comunidade de inteligência, mas também, com os agentes políticos estadunidenses ao longo da Guerra Fria partindo deles a conformação de tal visão a partir de uma construção ideológica do mundo.

Essa visão de mundo nasceu de uma mudança de postura dos Estados Unidos na sua política externa, saindo do isolacionismo de antes da Segunda Guerra Mundial, para uma distensão voluntária de sua influência por todo o globo, ancorada no potencial bélico e industrial praticamente intocado quando comparado com os demais beligerantes na ocasião. Diante disso, surgiu uma leitura ideológica própria de como o mundo comunista funcionaria e quais seus objetivos estratégicos que passariam então a justificar a expansão que estava em curso.

Uma de suas premissas era a de que a URSS buscava a dominação mundial e alastramento de sua doutrina, e para isso, aceitaria um estado prolongado de conflito enquanto houvesse a existência de algum país capitalista. Por não buscar objetivos intermediários e querer subverter a ordem vigente – ou seja, os Estados

Unidos considerava que o sistema capitalista seria uma situação natural – a União Soviética não buscava a negociação diplomática a não ser para verificar a fraqueza do ocidente e avançar.

Deste modo, nos moldes deste paradigma, tornava-se necessário uma diplomacia ofensiva que propiciasse situações de força, na qual os Estados Unidos, com seu poderio bélico e capacidade econômica superior, prevaleceriam. Isto porque a URSS recuava quando uma situação se mostrasse desfavorável e esperaria que as condições mudassem para avançar com sua doutrina ou com seu poder militar. Em resumo, o paradigma, ancorado numa perspectiva ideológica própria por parte dos Estados Unidos, delimitava que a União Soviética era impermeável à lógica da razão e suscetível a lógica da força.

Cabe nesse ponto retomar então o problema desse estudo: de que forma o paradigma da inteligência influenciou a construção de conhecimento na crise dos mísseis de Cuba de 1962?

Verificou-se que na ocasião, o processo de validação de todos os relatórios fez com que com que importantes informações recebessem tratamento de rotina dentro do aparato de inteligência. Sem uma hipótese previamente definida, pelo menos explicitamente, não havia motivo para que fragmentos relevantes de informação tivessem prioridade no tratamento. Isto fez com que entre a coleta de um dado e a chegada dele no escritório nacional de estimativa se passassem cerca de três semanas. Pode-se imaginar que a própria percepção dos analistas do que era presente e passado pode ter sido prejudicada e isto teria feito com que eles deixassem de perceber a diferença de escala dos intensos desembarques soviéticos que ocorreram em julho, agosto e setembro de 1962, em relação ao passo tímido dos anos de 1960 e 1961. Isto faz com que se confirme o primeiro dos pressupostos norteadores: um método científico específico determinaria os procedimentos de coleta e análise de informações, bem como a formulação e verificação de hipóteses sobre um dado evento futuro.

Em consonância com a busca do dado verdadeiro, o sistema prescrevia uma rígida objetividade científica no tratamento das informações. Não se levou em conta que valores ou pré-concepções poderiam influenciar a percepção do mundo exterior já que, implicitamente, se considerava que os sentidos ofereciam uma percepção fixa, imutável e comum a todos os indivíduos.

Ocorre que, ao se considerar que novas interpretações surgem a partir de conteúdo previamente existente no intelecto humano, pode-se verificar que a comunidade de inteligência tinha uma hipótese bem consolidada a respeito, e isto é percebido através da análise das *Estimativas Nacionais de Inteligência* disseminadas entre 1960 até agosto de 1962. Qual seja, a União Soviética apresentaria limitado fornecimento de material militar a Cuba devido aos riscos que de aumentar a tensão com os Estados Unidos sendo, portanto, baixa a probabilidade da instalação de mísseis nucleares.

Com a intensificação de desembarques em 1962 e com a instalação de mísseis antiaéreos SAM soviéticos em solo cubano, a hipótese de que não elevaria os riscos se mantinha estável de forma que a conclusão subsequente na estimativa de setembro de 1962 era de que se tratava do fortalecimento da defesa do território cubano. Ou seja, manteve-se inalterada a hipótese previamente aceita.

John McCone, diretor central de inteligência, tinha uma hipótese diferente e também coerente com as observações disponíveis. Para ele, os mísseis antiaéreos estavam sendo instalados para negar o espaço aéreo cubano para os voos de reconhecimento do U2 consistindo assim na fase preliminar para a instalação dos mísseis.

Entretanto, e talvez este seja o paradoxo primordial de uma concepção positiva de ciência, é que, por se basear num processo sistemático de acumulação dados, uma hipótese previamente aceita somente será descartada se novas informações a contrariarem, mas nunca, por uma nova hipótese, mesmo que esta também seja coerente com todas as informações disponíveis. Obviamente, a vantagem fica com a hipótese que chegar primeiro. Deste modo, a argumentação de McCone não foi considerada na *Estimativa Nacional de Inteligência* de setembro de 1962 por não apresentar evidências que apontassem positivamente a existência dos mísseis.

Abordando os fatos em retrospectiva, coisa que a análise de inteligência não dispõe quando aborda os eventos do mundo real, pode-se verificar que as informações disponíveis não eram conflitantes com a hipótese de McCone. Na realidade, ele percebeu uma mudança de padrão que os analistas de inteligência não perceberam. Os desembarques soviéticos em Cuba intensificaram-se em agosto e setembro de 1962, quando comparado com o fornecimento de material em período

anterior. Da mesma maneira, medidas de segurança foram reforçadas, o que também apontava para uma mudança de padrão.

Poder-se-ia dizer então que na ocasião da elaboração da NIE as duas hipóteses seriam compatíveis com as informações disponíveis. O elemento diferenciador recai sobre qual a finalidade dos soviéticos em instalar ou não os mísseis nucleares em Cuba, que invariavelmente alcançam pressupostos abstratos subjacentes nos julgamentos.

Para a inteligência, as características da intenção de Khrushchev eram dadas previamente pela dimensão cosmológica do paradigma. Deste modo, as premissas factuais delimitaram o alcance das interpretações das informações gerando conclusões que fossem com eles compatíveis. Assim, diante do pressuposto de que a União Soviética aceitaria indefinidamente um estado de conflito prolongado, desdobrou-se a conclusão de que ela não elevaria os riscos nas relações com os Estados Unidos. Sendo assim, os mísseis SAM só poderiam significar um esforço de defesa do território Cubano.

Ao verificar-se a argumentação de John McCone acerca da intencionalidade dos soviéticos observa-se que o quê se rebate não são as informações disponíveis, mas sim, todo o conjunto de pressupostos alterando assim o quadro cosmológico. Só assim faria sentido a instalação dos mísseis nucleares em Cuba. Ele tinha assumido o cargo de Diretor Central de Inteligência há pouco mais de um ano e até então não tinha experiência na atividade. Talvez por isso, não estava vinculado à formulação hipotética e pré-concepção de que a União Soviética não elevaria o risco das relações com os Estados Unidos. Nem estava preso ao entendimento de que ela não buscaria a mesa de negociação. A hipótese de McCone justamente confrontava estes dois pontos. Os soviéticos elevariam os riscos para estabelecer uma vantajosa posição de negociação em algum assunto que por ventura necessitasse de resolução imediata.

E de acordo com o construto teórico desta pesquisa, a questão de Berlim ocuparia uma preocupação central na política externa soviética, pois, ali se encerrava uma grande vulnerabilidade, já que Berlim Ocidental funcionava como uma base militar e de espionagem por parte dos Estados Unidos, Inglaterra e França. Como John Kennedy já tinha declarado que poderia usar armas nucleares para defender seus aliados, e em Berlim as forças convencionais da OTAN não seriam capazes de barrar o avanço militar soviético, Khrushchev esperava então que

com a instalação dos mísseis nucleares em Cuba, duplicando sua capacidade de atingir o solo estadunidense e propiciando menor tempo de resposta por parte dos Estados Unidos, poderia lhe gerar duas opções mais vantajosas: melhor poder de barganha, podendo realizar uma troca dos mísseis nucleares em Cuba com a retirada das tropas da OTAN de Berlim Ocidental. Caso esta opção falhasse, poderia lançar um ataque com suas forças convencionais em Berlim diminuindo em muito a chance de uso de armas nucleares por parte dos Estados Unidos, já que no cálculo de uma guerra nuclear total, o próximo passo seria o acionamento das armas nucleares soviéticas, incluindo as que estariam em Cuba.

Isso faz com que o segundo pressuposto seja confirmado: concepções de mundo abstratas ditariam o modo pelo qual fenômenos concretos seriam ordenados seletivamente, suas conectividades lógicas e como interpretá-los. Justifica-se tal assertiva a partir da constatação de que diante das mesmas informações, articulações cosmológicas diferentes geram diferentes conclusões acerca do que se passa no mundo exterior.

Isso não faz retomar tanto o conceito de representação quanto o de paradigma. Abordagens alternativas sobre o mundo fazem com que diferentes representações sejam construídas na mente. Tais abordagens são delineadas sim pelo objeto observado, entretanto, fatores humanos delimitam as características objetivas que serão realçadas. A visão humana consegue captar as cores do mundo exterior, diferente de outros animais, mas também diferente de alguns desses, o homem enxerga precariamente na escuridão. Além disso, a partir da capacidade racional, o ser humano cria e constrói inúmeros instrumentos mediadores da realidade. Assim é que se fossem registradas diferentes fotografias de uma mesma paisagem, ao mesmo tempo e do mesmo local (possível apenas na abstração, é claro), porém, utilizando filtros fotográficos diferentes, ter-se-iam imagens diferentes. Por exemplo, uma imagem seria preto e branco, outra colorida. Poder-se-ia ainda trabalhar o resultado através de computação gráfica de forma a alterar os tons de cinza e gerar uma nova imagem. E qual seria a imagem verdadeira? No entendimento do pesquisador todas seriam, pois o resultado das representações que são criadas depende da forma pela qual se manipula a realidade.

O conceito de paradigma inclui tal característica já que abrange como elementos de manipulação da realidade por uma dada comunidade científica, os sentidos humanos, os instrumentos e aparelhos de observação, as teorias científicas

e as crenças metafísicas que dão o sentido sintetizador do mundo. Abordar o mundo alterando algum desses elementos, ou todos eles (novo paradigma) criará diferentes representações da realidade, algumas aceitáveis e absorvidas pela comunidade científica, outras não aceitáveis e descartadas pela falta de conformidade com a rede de acordos.

No estudo de caso analisado neste trabalho, foi observado que com relação à intencionalidade dos soviéticos (paradigma do ator racional), sobre os mesmos dados, uma nova articulação cosmológica geraria novas conclusões.

A intenção de Khrushchev seria uma confrontação definitiva em Berlim, primeiro através da negociação e depois pela força militar convencional, e para isso, aguardaria as eleições congressuais dos Estados Unidos, para que a questão não entrasse no debate político, o que reduziria as margens de ação de John Kennedy. Desse modo, a instalação dos mísseis nucleares em segredo até que estivessem operáveis tornava-se importante, para que a própria União Soviética tivesse a iniciativa política e militar sobre Berlim.

Tomando isso como parte integrante da racionalidade de Khrushchev, por qual motivo os mísseis nucleares praticamente não tinham camuflagem? E por que as construções das instalações dos mísseis SAM (padrão “Estrela de David”) e dos mísseis nucleares foram feitas exatamente às existentes em solo soviético? Para responder estas perguntas é necessário um novo paradigma para realçar e dar significado a novos elementos do mundo exterior, ou seja, uma nova forma de abordagem para que possamos construir novas representações, até então inacessíveis pela outra forma de análise. Trata-se de avaliar a ação de um ator complexo como um “processo organizacional” conforme fizeram Allison e Zelikow (1999). Neste paradigma, as ações são explicadas pouco pela intencionalidade e muito mais pelos procedimentos operacionais padrão dos órgãos envolvidos na implementação da ação.

A operação de embarque dos mísseis em solo soviético, transporte, e desembarque em solo cubano, foi realizada sobre fortes medidas de segurança. Entretanto, a instalação dos artefatos em solo soviético ficou sob a responsabilidade do regimento de mísseis estratégicos, o mesmo que fazia a implementação em solo soviético. Diante da pressão para que os mísseis estivessem ativos o mais rápido possível, o regimento tomou ações do tipo “execute o manual” e realizou as etapas como fazia em sua terra pátria.

Da mesma maneira, este tenso momento em nossa história recente apresentou um maior risco de alcançar uma guerra nuclear devido aos diversos procedimentos automáticos de resposta que ambas as nações possuíam, e podiam ser acionados tanto por militares de alto e médio escalão, quanto por uma ordem direta de Kennedy ou Khrushchev.

Deste modo, considera-se que as representações são alcançadas com base num objeto transcendente ao sujeito. Entretanto, não se tratam de simples reflexo do primeiro, mas de uma construção realizada pelo segundo cujo resultado depende da maneira pela qual ele aborda a realidade. Caberia então à atividade de inteligência buscar diferentes paradigmas analíticos, composto de diferentes instrumentos de coletas e multiplicidades de cosmologia, para alcançar melhores resultados de entendimento sobre uma realidade analisada.

Porém, não se pode correr o risco de assumir que esta multiplicidade de abordagens garanta algo parecido com a predição perfeita, pois, para isso, teria-se que pressupor o determinismo. De certa forma, a inteligência dos Estados Unidos assumia essa postura. Com o futuro já traçado, caberia então descobrir todos os dados do presente para descobrir a ação que determinado ator estrangeiro tomará no amanhã. De fato, quando se assume as representações como produto da construção humana, dever-se-ia assumir o próprio futuro humano-social como fruto de um processo contínuo de elaboração.

Entretanto, fica uma questão que merece uma consideração mais cuidadosa. Uma das razões para que a inteligência estadunidense mantenha sua preponderância na observação das evidências seria devido a dois fatores. Primeiro, o processo de validação dos julgamentos entre diversas agências que muitas vezes são conflitantes entre si já que os atores que analisam também são aqueles que disputam fatias do orçamento. Por exemplo, o exército tende a superestimar o potencial das forças terrestres do adversário, pois isso pode lhe render maiores recursos orçamentários para modernização e ampliação de suas próprias forças. Desta forma, uma preponderância da evidência serve como um estabilizador de discrepâncias no processo de coordenação interagências. O segundo ponto trata de como articular novas interpretações paradigmáticas, nos moldes que foi mostrado no estudo de caso, e que vão contra todas as pré-concepções existentes, inclusive dos atores políticos. É possível que se na crise dos mísseis de Cuba, a argumentação de McCone constasse na *Estimativa Nacional de Inteligência*, não fosse bem recebida

pelo escalão político argumentando que ele não tinha evidência para afirmar aquilo. Além do mais, Kent e os procedimentos de análise de inteligência ora estabelecidos, já teriam passado pelo processo de consolidação institucional que teve início logo após a Segunda Guerra Mundial e contava com grande prestígio junto aos formuladores políticos.

Um horizonte neste sentido é dado pela construção de conhecimento, voltada para a inovação de produtos, explicada por Nonaka e Takeuchi (2008), quando eles promovem a articulação entre as facetas tácitas e explícitas do conhecimento humano, que possuem relação respectivamente com as representações intuitivas e abstratas criadas pela mente humana e explicadas no capítulo 3. Talvez, um processo de formulação de hipóteses embasado na explicitação de pré-concepções possa gerar insights sobre a especulação de eventos futuros que levem em conta visões de mundo diferentes, e não apenas diferentes interpretações para a mesma visão de mundo. Isto porque a fonte da surpresa advém na maioria das vezes de um novo elemento que a cosmologia reinante não abarca, mas sempre haverá alguns indivíduos que possuirão intuições a respeito e aparentemente serão taxados de irracionais. A questão então passaria a ser como explicitar tais intuições, tema interessante para futuras pesquisas.

Logicamente, são inúmeras as possibilidades de pesquisa que dizem respeito ao conhecimento na inteligência. Porém, no entendimento do pesquisador, elas deverão ter como parâmetro a seguinte afirmativa: o processo de observação também envolve a mente humana agindo sobre os dados e não somente absorvendo-os passivamente. Sendo assim, a atividade de inteligência deve levar em conta que o conhecimento envolve construção e não apenas produção através de ferramentas ou processos sistemáticos de manuseio da informação.

Por fim, não se pode fugir de algumas avaliações valorativas sobre a crise dos mísseis que dizem respeito à cosmologia adotada pelos Estados Unidos neste caso em específico. Ao se tomar especificamente a intencionalidade soviética aqui abordada, ou seja, a questão de Berlim, a intransigência diplomática, quem permaneceu impermeável à lógica da razão e não aceitou recuar espaço algum foram os Estados Unidos.

Nas tratativas iniciais sobre a ocupação da Alemanha logo após a Segunda Guerra Mundial, as propostas dos ingleses, motivadas por considerações práticas, era de estabelecer em uma pequena cidade, localizada na interseção de

três zonas de ocupação administradas pelos Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética. Entretanto, por motivos simbólicos, tal proposta foi rechaçada e se decidiu implantar o controle da ocupação, em Berlim, sendo a capital fracionada em quatro partes, adicionando a França além dos três acima (U. S. DEPARTMENT, 1962d, *online*).

Ou seja, o território alemão havia sido fracionado em duas partes. Ocidental e Oriental, e dentro desta última, situação que prevalecia desde a Segunda Guerra Mundial, havia a cidade de Berlim onde uma parte estava sob controle do bloco ocidental, lá existindo uma base militar da OTAN, antagonista do Pacto de Varsóvia, a qual servia ainda como ponta de lança para a espionagem do bloco ocidental dentro de um Estado comunista. Observa-se que os Estados Unidos considerava inadmissível uma base soviética em Cuba, quaisquer que fossem suas características, entretanto, achava normal que existisse uma base militar dentro de um território comunista.

O que se considera como intransigência diplomática se reforça ainda mais ao se levar em conta a proposta de Khrushchev. Embora ele exigisse a retirada das tropas da OTAN de Berlim, ele mesmo propunha que a cidade permanecesse ocupada por tropas das Organizações das Nações Unidas. Ou seja, ainda aceitaria que dentro do território da Alemanha Oriental estivessem estacionadas tropas estrangeiras, ainda que fossem consideradas neutras. Obviamente, a avaliação dessa questão pelo pesquisador recai em aspectos de maior peso valorativo, entretanto, não se pode deixar de registrar que alegando combater um adversário intransigente, os Estados Unidos, apoiado em sua força bélica e econômica, colocou-se ainda em posição mais rígida e pouco aberta a negociação. Neste sentido, observa-se como a dimensão cosmológica, justificada por uma interpretação ideológica de como a União Soviética agiria, apresentaria fortes incongruências na leitura sobre o comunismo, afinal, um Estado que não está disposto a negociar porque tem medo do estrangeiro, não passaria cerca de um ano e meio (período analisado por este trabalho) tentando negociar a existência de tropas das Nações Unidas no meio do território de um Estado comunista.

Por fim, a pesquisa se apresentou bastante interessante para o acúmulo teórico do pesquisador e também para questões práticas que envolvem a análise de inteligência. Neste sentido, achar uma concepção paradigmática diferente, dada por George Pettee, permitiu, por contraste, perceber os principais pontos do paradigma

vigente da inteligência. Desse modo, o pesquisador encontrou outros horizontes para a construção de conhecimento que não pressupõem apenas o acúmulo informacional, mas, principalmente, a busca de novas relações contextuais que podem gerar diferentes conectividades lógicas entre os eventos já conhecidos do mundo exterior. Para isso, é necessário abordar a realidade de um diferente ponto de vista, com uma nova visão de mundo.

.

7 REFERÊNCIAS

- ABSHER, Kenneth Michael. *Mind-sets and missiles: a first hand account of the Cuban Missile Crisis*. 2009. Disponível em: <<http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pubs/display.cfm?pubID=935>>. Acesso em 19 jul 2013.
- ALLISON, Graham T.; ZELIKOW, Philip D.. *Essence of decision: explaining the Cuban missile crisis*. New York: Longman, 1999.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, Marta (org). *Gestão da informação e do conhecimento*. São Paulo: Polis, 2008. Cap. 3, p. 41-54.
- BACON, Francis. *Novum Organum*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- BARRETO, Aldo de A.. A condição da informação. In: STAREC, Cláudio; GOMES, Elisabeth; BEZERRA, Jorge (org). *Gestão estratégica da informação e inteligência competitiva*. São Paulo: Editora Saraiva, 2006. Cap. 1, p. 03-16.
- BETTS, Richard K. Analysis, war, and decision: Why intelligence failures are inevitable. In: JOHNSON, Loch K.; WIRTZ, James J. (ed.). *Strategic intelligence: windows into a secret world*. Los Angeles: Roxbury Publishing, 2004. Cap. 8, p. 97-111.
- BETTS, Richard K. The lost logic of deterrence: what the strategy that won the Cold War can – and can't – do now. *Foreign Affairs* 92.2 (2013). Academic OneFile. Web. 12 July 2013.
- BRAMAN, Sandra. *Information, policy, and power*. Cambridge: MIT Press, 2006.
- BRITO, Vladimir de Paula. *O papel informacional dos serviços secretos*. (Belo Horizonte) 2011. (Mestrado em Ciência da Informação) Dissertação – Universidade Federal de Minas Gerais.
- BRITO, Vladimir de Paula. *Sistemas de Inteligência no Brasil e nos Estados Unidos*. (Belo Horizonte) 2009. (Especialização em inteligência de Estado e de Segurança Pública) Projeto final – Fundação Escola Superior do Ministério Público de Minas Gerais.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. *Journal of American Society for Information Science*. n. 42, v.5, p. 351-360, 1991.
- BUSH, V. *As we may may think*. Atlantic Monthly, v.176, n.1, p. 101-108, 1945.
- BUSH, V. Preface. In: STEWART, Irvin. *Organizing scientific research for war: the administrative history of the Office of Scientific Research and Development*. Boston: Little, Brown and Company, 1948. 1946.

CAPURRO, Rafael. Epistemología y ciencia de la información. Enlace [online]. 2007, vol.4, n.1 [citado 2012-12-12], pp. 11-29 . Disponível em: <http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1690-75152007000100002&lng=es&nrm=iso>. ISSN 1690-7515.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008.

CENTER FOR AEROSPACE DOCTRINE RESEARCH AND EDUCATION – CADRE. *The United States Strategic Bombing Surveys*. Alabama: Air University Press, 1987.

CENTER FOR THE STUDY OF INTELLIGENCE. *Structured analytic techniques for improving intelligence analysis*. Lexington: 2009.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY – CIA. *The Office of Strategic Services: America's First Intelligence Agency*. 2007. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/books-and-monographs/oss/index.htm>>. Acesso em 28 out 2009.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY – CIA. *CIA's analysis of the Soviet Union, 1947-1991*. 2007b. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/books-and-monographs/cias-analysis-of-the-soviet-union-1947-1991/index.html>>. Acesso em 29 out. 2011.

CEPIK, Marco. *Espionagem e democracia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CHOO, Chun W.. *A organização do conhecimento*. São Paulo: Editora Senac, 2003.

CHRISTIANS, Clifford G.. *A ética e a política na pesquisa qualitativa*. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed., Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 5, p. 141-162.

CLARK, Robert M.. *Intelligence analysis: estimation and prediction*. Maryland: American Literary Press, 1996.

CLARK, Robert M.. *Intelligence analysis: a target-centric approach*. 2nd ed. Washington: CQ Press, 2006. Nova Cultural, 2000. p. 19-68.

COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

CORNELIUS, Ian. Theorizing information for Information science. *Annual Review of Information science and Technology*, v. 36, p. 393-425, 2002.

DAVIES, Philip H. J.. *MI6 and the machinery of spying*. London: Frank Cass Publishers, 2004.

DAVIS, Jack. The Kent-Kendall debate of 1949. *Studies in intelligence*, v. 36, n. 5, p. 91-103, [Washington]. 1992.

DIRECTOR OF CENTRAL INTELLIGENCE – DCI. *Communist influence in Cuba*. 22 de março de 1960a. Disponível em: <http://www.foia.cia.gov/sites/default/files/document_conversions/89801/DOC_0000132455.pdf>. Acesso em 10 mai. 2013.

DIRECTOR OF CENTRAL INTELLIGENCE – DCI. *The Situation in Cuba*. 14 de junho de 1960b. Disponível em: <http://www.foia.cia.gov/sites/default/files/document_conversions/89801/DOC_0000132646.pdf>. Acesso em 10 mai. 2013.

DIRECTOR OF CENTRAL INTELLIGENCE – DCI. *Military buildup in Cuba: a reported prepared by an ad hoc committee of the United States Intelligence Board*. 1961. Disponível em: <http://www.foia.cia.gov/sites/default/files/document_conversions/89801/DOC_0000132651.pdf>. Acesso em 10 mai. 2013.

DIRECTOR OF CENTRAL INTELLIGENCE – DCI. *The threat to US security interests in the Caribbean Area*. 17 de janeiro de 1962a. Disponível em: <<http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v12/d91> >. Acesso em 20 jun. 2013.

DIRECTOR OF CENTRAL INTELLIGENCE – DCI. *The Situation and Prospects in Cuba*. 21 de março de 1962b. Disponível em: <http://www.foia.cia.gov/sites/default/files/document_conversions/89801/DOC_0000262093.pdf>. Acesso em 10 mai. 2013.

DIRECTOR OF CENTRAL INTELLIGENCE – DCI. *The Situation and Prospects in Cuba*. 01 de agosto de 1962c. Disponível em: <http://www.foia.cia.gov/sites/default/files/document_conversions/89801/DOC_0000028764.pdf>. Acesso em 10 mai. 2013.

DIRECTOR OF CENTRAL INTELLIGENCE – DCI. *The military buildup in Cuba*. 19 de setembro de 1962d. Disponível em: <http://www.foia.cia.gov/sites/default/files/document_conversions/89801/DOC_0000262091.pdf>. Acesso em 10 mai. 2013.

DIRECTOR OF CENTRAL INTELLIGENCE – DCI. *Political Developments in the USSR and the Communist World*. 21 de fevereiro de 1962e. Disponível em: <http://www.foia.cia.gov/sites/default/files/document_conversions/89801/DOC_0000262091.pdf>. Acesso em 10 mai. 2013.

DOMINGUES, Ivan. *Epistemologia das ciências humanas: positivismo e hermenêutica*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

Dwight D. Eisenhower School for National Security and Resource Strategy – *Eisenhower School*. Disponível em: < <http://www.ndu.edu/es/>>. Acesso em 27 jun 2013.

EUA. *National Security Act of 1947*. Washington, 26 de julho de 1947. Disponível em: <http://www.intelligence.gov/0-natsecact_1947.shtml>. Acesso em: 30 mar. 2009.

ELLIS, David. *Progress and problems in information retrieval*. London: Library Association Publishing, 1996.

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION – FBI. *The Intelligence Cycle*. Disponível em: <http://www.fbi.gov/intelligence/di_cycle.htm>. Acesso em: 08 dez. 2009.

FEYERABEND, Paul K.. *Contra o método*. Tradução Cezar Augusto Mortari. 2. ed.. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FROHMANN, Bernd. Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory. In: *CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION ANNUAL CONFERENCE*, 23., 1995. Disponível em: <http://www.cais-acsi.ca/proceedings/1995/frohmann_1995.pdf> Acesso em: 10 out. 2010.

FINGAR, Thomas. *Reducing uncertainty: intelligence analysis and national security*. California: Stanford University Press, 2011.

FORD, Harold P.. *Estimative intelligence: the purposes and problems of national intelligence estimating*. Maryland: University Press of America, Inc., 1993.

GALISON, Peter. *How experiments end*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

GEORGE, Alexander L.. *Propaganda Analysis: a study of inferences made from nazi propaganda in World War II*. Illinois: The Rand Corporation, 1959.

HALL, Wayne Michael; CITRENBAUM, Gary. *Intelligence Analysis: how to think in complex environments*. California: AUSA, 2010.

HANSEN, James H.. *Soviet Deception in the Cuban Missile Crisis*. 2007. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/kent-csi/vol46no1/html/v46i1a06p.htm>>. Acesso em 04 maio 2013.

HAYAKAWA, S. I.; HAYAKAWA, Alan R.. *Language in Thought and Action*. Harcourt: New York, 1990.

HAYEK, F. A. The use of knowledge in society. *The American Economic Review*. v. 35, n.4, p. 519-530, set. 1945.

HERMAN, MICHAEL. *Intelligence power in peace and war*. Cambridge: Cambridge University, 1996.

HESSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento*. Tradução João Vergílio Gallerani Curter; revisão técnica Sérgio Sérvulo da Cunha; 3ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HEUER, Richard J. *Psychology of intelligence analysis*. New York: Nova Science, 2006.

HORELICK, Arnold L. *The Cuban Missile Crisis: an analysis of soviet calculations and behavior*: 1963. Disponível em: <http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_memoranda/2008/RM3779.pdf>. Acesso em 05 ago 2013.

KEEGAN, John. *Inteligência na guerra: conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KENDALL, Willmoore. The function of intelligence. *World Politics*, New Haven, v. 1, n. 4, p. 542-552, jul. 1949.

KENNAN, George. *George Kennan's long telegram*. 1946. Disponível em: <<http://www.gwu.edu/~nsarchiv/coldwar/documents/episode-1/kennan.htm>>. Acesso em 22 abr. 2013.

KENT, Sherman. *Informações estratégicas*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1967.

KENT, Sherman. Sherman Kent and the Board of National Estimates. Edited by Donald P. Steury. Washington DC: Central Intelligence Agency, 1994.

KISSINGER, Henry A.. *Nuclear weapons and Foreign Policy*. New York: The Norton Library, 1969.

KNORR, Klaus. Failures in National Intelligence Estimates: the case of the Cuban Missiles. *World Politics*, New Haven, v. 16, n. 3, p. 455-467, apr. 1964

KUHN, Thomas S.. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

LEHMAN; Richard. *Memorandum for Director of Central Intelligence: CIA handling of the Soviet Buildup in Cuba*. 1962. Disponível em: <<http://jfk14thday.com/lehman-report-cia-soviet-buildup-cuba/>> Acesso em 01 jun. 2013.

LIBRARY OF CONGRESS - LOC. *The Office of Scientific Research and Development (OSRD) Collection*. 20 abr 2012. Disponível em: <<http://www.loc.gov/rr/scitech/trs/trsosrd.html>>. Acesso em 04 out 2012.

LINDGREN, David T.. *Trust but verify: imagery analysis in the cold war*. Maryland: Naval Institute Press, 2000.

LOWENTHAL, Mark M.. *Intelligence: from secrets to policy*. Washington, DC: CQ Press, 2009.

MACIEL, Rodrigo Fileto Cuerci. *Inteligência de Estimativa: a experiência estadunidense*. 2010. Monografia (Especialização em Inteligência de Estado e inteligência de Segurança Pública) Escola Superior do Ministério Público de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

McAuliffe, Mary S.. (editor). *Cuban Missile Crisis*. Washington: History Staff, 1992.

MCCGWIRE, Michael. The paradigm that lost its way. *International Affairs*, v. 77, n. 4, p. 777-803, London, 2001.

MASSACHUSETTS INSTITUTE OF TECHNOLOGY – MIT. *Inventor of the week archive: Vannevar Bush 2002*. Disponível em <<http://web.mit.edu/invent/iow/bush.html>>. Acesso em: 03/10/2012.

MCKEE, W. J.. The Reports Officer: issues of quality. In: WESTERFIELD, H. Bradford. *Inside CIA's private world: declassified articles from the agency's internal journal, 1955-1992*. New Haven: Yale University Press, 1995. Cap. 12, p. 108-117.

MIRANDA, Silvana V. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. *Ciência da Informação*, v. 35, n. 3, 2006. Disponível em <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/756>>. Acesso em 14 nov. 2011

MCLAUGHLIN, John. Serving the national policymaker. In: GEORGE, Roger Z.; BRUCE, James B. (ed.). *Analyzing intelligence: origins, obstacles, and innovations*. Washington, DC: Georgetown University Press, 2008. Cap. 4, p. 71-81.

NATIONAL DEFENSE RESEARCH COMMITTEE – NDRC. *Report of the National Defense Research Committee for the First Year Operation*. 1941. Disponível em <<http://docs.fdrlibrary.marist.edu/psf/box2/a13f01.html>>. Acesso em: 04 out. 2012.

NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL – NIC. *Global Trends 2030: Alternative Worlds*. 2012. Disponível em: <http://www.dni.gov/files/documents/GlobalTrends_2030.pdf>. Acesso em 10 dez. 2012.

NATIONAL SECURITY COUNCIL – NSC. *NSC 68: United States objectives and programs for national security*. 1950. Disponível em: <<http://www.fas.org/irp/offdocs/nsc-hst/nsc-68.htm>>. Acesso em 14 jul. 2013.

NYE, Joseph S. *O futuro do poder*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Benvirá, 2012.

OFFICE OF THE SECRETARY OF DEFENSE - OSD. *Memorandum for the special group*. 1962. Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nsa/cuba_mis_cri/620725%20Review%20of%20Op.%20Mongoose.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2013.

OFFICE OF THE DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE - ODNI. *National Intelligence Assessment on the National Security Implications of Global Climate Change to 2030: Statement for the Record of Dr. Thomasingar*. 2008. Disponível em <http://www.fas.org/irp/congress/2008_hr/062508fingar.pdf>. Acesso em: 13 out. 2012.

OFFICE OF THE DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE – ODNI. *DNI Releases Budget Figure for Fiscal Year 2012 Appropriations Requested for the National Intelligence Program*: 2011. Disponível em:

<<http://www.dni.gov/index.php/newsroom/press-releases/97-press-releases-2011/332-dni-releases-budget-figure-for-fiscal-year-2012-appropriations-requested-for-the-national-intelligence-program>>. Acesso em 27 out. 2012.

OFFICE OF DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE - ODNI. *Prospects for Iraq's Stability: a challenging road ahead*. 2007a. Disponível em:

<http://media.washingtonpost.com/wp-srv/nation/documents/iraq_dni_20070202_release.pdf> Acesso em 25 out. 2012.

OFFICE OF THE DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE – ODNI. *Intelligence community directive number 202*: National Intelligence Board. 2007b Disponível em:

<<http://www.fas.org/irp/dni/icd/icd-202.pdf>> Acesso em: 04 mar. 2010.

OFFICE OF THE DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE – ODNI. *Intelligence community legal reference book*. 2012. Disponível em: <www.fas.org/irp/dni/legal-2012.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2012.

OLCOTT, Anthony. *Revisiting the legacy*: Sherman Kent, Willmoore Kendall, and George Pettee – Strategic intelligence in the digital age. *Studies in intelligence*, v. 53, n. 2, p. 21-32, [Washington]. 2009.

PANNER, Morris. *Law Enforcement Intelligence in a Free Society: a Review of the “Attorney General’s Guidelines on General Crimes, Racketeering Enterprise and Domestic Security/Terrorism Investigations”*. Disponível em:

<<http://www.law.harvard.edu/programs/criminal-justice/ag-guidelines.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2012.

PECHAN, Bruce. The collector’s role in evaluation. In: WESTERFIELD, H. Bradford. *Inside CIA’s private world: declassified articles from the agency’s internal journal, 1955-1992*. New Haven: Yale University Press, 1995. Cap. 11, p. 99-107.

PETTEE, George S.. Economic Intelligence. In: *ICAF LECTURE*, 1946a. Disponível em:

<<https://digitalndulibrary.ndu.edu/cdm4/document.php?CISOROOT=/icafarchive&CISOPTR=15951&REC=1>>. Acesso em: 20 maio. 2013.

PETTEE, George S.. *The future of American secret intelligence*. Washington, DC: Infantry Journal Press, 1946b.

PETTEE, George S.. Economic Intelligence. In: *ICAF LECTURE*, 1947. Disponível em:

<<https://digitalndulibrary.ndu.edu/cdm4/document.php?CISOROOT=/icafarchive&CISOPTR=561&REC=4>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

PETTEE, George S.. What does “essential civilian” mean in economic intelligence. In: *ICAF LECTURE*, 1948. Disponível em:

<<https://digitalndulibrary.ndu.edu/cdm4/document.php?CISOROOT=/icafarchive&CISOPTR=948&REC=5>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

PETTEE, George S.. Economic Intelligence. In: *ICAF LECTURE*, 1949. Disponível em:

<<https://digitalndulibrary.ndu.edu/cdm4/document.php?CISOROOT=/icafarchive&CISOPTR=34748&REC=3>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

PETTEE, George S.. Economic Intelligence. In: *ICAF LECTURE*, 1950. Disponível em:

<<https://digitalndulibrary.ndu.edu/cdm4/document.php?CISOROOT=/icafarchive&CISOPTR=17222&REC=2>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

PETTEE, George S.. *Four papers on problems of strategy*. Virginia: Research Analysis Corporation, 1967.

PINKER, Steven. *Como a mente funciona*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PLATT, Washington. *A produção de informações estratégicas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1974.

POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira. São Paulo: Cultrix, 2007.

ROEDEL, Daniel. Estratégia e inteligência competitiva. In: STAREC, Cláudio; GOMES, Elisabeth; BEZERRA, Jorge (org). *Gestão estratégica da informação e inteligência competitiva*. São Paulo: Editora Saraiva, 2006. Cap. 5, p. 67-86.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução, relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SCHWARTZ, Peter. *A arte da visão de longo prazo: planejando o futuro em um mundo de incertezas*. 3ª ed. São Paulo: Editora Best Seller, 2004.

SCHMITT, Gary J.; SHULSKY, Abram N. *Silent warfare: understanding the world of intelligence*. 3 ed., Dulles: Potomac Books, 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. *The mathematical theory of communication*. Urbana: The University of Illinois Press, 1964

SIMON, Herbert A.. *Administrative Behavior: a study of decision-making processes in administrative organizations*. 4 ed. 1997. The Free Press.

SINGH, Simon. *O livro dos códigos*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA FILHO, Edison Benedito; MORAES, Rodrigo Fracalossi. Dos “dividendos da paz” à guerra contra o terror: gastos militares mundiais nas duas décadas após o fim da guerra fria – 1991-2009. In: SILVA FILHO, Edison Benedito; MORAES, Rodrigo Fracalossi (orgs.). *Defesa nacional para o século XXI: política internacional, estratégia e tecnologia militar*. Rio de Janeiro: Ipea, 2012. Cap. 3, p. 83-130.

SUN TZU. *A arte da Guerra*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

TAKEUCHI, H., NONAKA, T. *Gestão do conhecimento*. tradução Ana Thorell. Porto Alegre: Bookman, 2008.

THE AMERICAN PRESIDENCY PROJECT. *Executive Order 8807 Establishing the Office of Scientific Research and Development*. 28 jun 1941. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=16137#axzz1fUEcFSbb>>. Acesso em 04 nov 2011.

THE COMMISSION ON THE INTELLIGENCE CAPABILITIES OF THE UNITED STATES REGARDING WEAPONS OF MASS DESTRUCTION – WMD COMMISSION. *Report to the President of the United States*. 2005. Disponível em <http://www.fas.org/irp/offdocs/wmd_report.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2010

THE NATIONAL SECURITY ARCHIVE. *The Cuban Missile Crisis, 1962: The Photographs*. Disponível em: <http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/nsa/cuba_mis_cri/photos.htm>. Acesso em 01 ago. 2013.

THOMAS, John F.. *Cuban refugees in the United States*. Disponível em: <<http://latinamericanstudies.org/exile/refugees.pdf>>. Acesso em 19 ago 2013.

TURNER, Stansfield. *Queime antes de ler*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

U.S DEPARTMENT OF STATE. Telegram from the Department of State to Secretary of State Rusk at Geneva. In: _____. *Foreign Relations of the United States, 1961-1963: Volume VI, Kennedy-Khrushchev exchanges*. 16 de maio de 1961a. Disponível em: <<http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v06/d15>>. Acesso em 01 ago. 2013.

U.S DEPARTMENT OF STATE. Letter from Chairman Khrushchev to President Kennedy. In: _____. *Foreign Relations of the United States, 1961-1963: Volume VI, Kennedy-Khrushchev exchanges*. 29 de setembro de 1961b. Disponível em: <<http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v06/d21>>. Acesso em 01 ago. 2013.

U.S DEPARTMENT OF STATE. Letter from Chairman Khrushchev to President Kennedy. In: _____. *Foreign Relations of the United States, 1961-1963: Volume VI, Kennedy-Khrushchev exchanges*. 09 de novembro de 1961c. Disponível em: <

<http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v06/d23>>. Acesso em 01 ago. 2013.

U.S DEPARTMENT OF STATE. Telegram from the embassy in the soviet Union to the Department of State. In: _____. *Foreign Relations of the United States, 1961-1963*: Volume XV, Berlin Crisis, 1962-1963. 25 de julho de 1962a. Disponível em: < <http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v15/d87>>. Acesso em 01 ago. 2013.

U.S DEPARTMENT OF STATE. Memorandum of conversation between Secretary of the Interior Udall and Chairman Khushchev. In: _____. *Foreign Relations of the United States, 1961-1963*: Volume XV, Berlin Crisis, 1962-1963. 06 de setembro de 1962b. Disponível em: < <http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v15/d112>>. Acesso em 01 ago. 2013

U.S DEPARTMENT OF STATE. Memorandum of conversation. In: _____. *Foreign Relations of the United States, 1961-1963*: Volume XV, Berlin Crisis, 1962-1963. 18 de outubro de 1962c. Disponível em: < <http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v15/d135>>. Acesso em 01 ago. 2013.

U.S DEPARTMENT OF STATE. Circular Telegram from the Department of State to certain diplomatic missions. In: _____. *Foreign Relations of the United States, 1961-1963*: Volume XV, Berlin Crisis, 1962-1963. 24 de outubro de 1962d. Disponível em: <<http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v15/d141>>. Acesso em 01 ago. 2013.

U.S DEPARTMENT OF STATE. Letter from Chairman Khrushchev to President Kennedy. In: _____. *Foreign Relations of the United States, 1961-1963*: Volume VI, Kennedy-Khrushchev exchanges. 10 de março de 1962e. Disponível em: < <http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v06/d42>>. Acesso em 01 ago. 2013.

VALENTIM, Marta. Informação e conhecimento em organizações complexas. In: VALENTIM, Marta (org). *Gestão da informação e do conhecimento*. São Paulo: Polis, 2008. Cap. 1, p. 11-25.

Wersig, G. (1997). Information theory. In: J. Feather & P. Sturges (Eds.), *Encyclopaedic Dictionary of Library and Information Science*, pp. 220-227. London: Routledge.

WEBER, Max. *A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais*. Tradução Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 2006.

WEBER, Max. O sentido da neutralidade axiológica. In: WEBER, Max. *Ensaio sobre a teoria das ciências sociais*. São Paulo: Centauro, 2003. p. 75-132.

WILENSKY, Harold L. *Organizational Intelligence: knowledge and policy in government and industry*. Nova Iorque: Basic Books, 1967.

WIRTZ, James J.. The American approach to intelligence studies. In: JOHNSON, Loch. (ed.). *Handbook of intelligence studies*. New York: Routledge, 2009. Cap. 2, p. 28-38.

WOHLSTETTER, Roberta. *Cuba and Pearl Harbor: hindsight and foresight*. 1965. Disponível em: <http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_memoranda/2007/RM4328.pdf>. Acesso em 05 ago. 2013.

ZEGART, Amy. *The Cuban Missile Crisis as intelligence failure*. 2012. Disponível em: <<http://www.hoover.org/publications/policy-review/article/128991>>. Acesso em 01 mai. 2013.